

OS MÁRTIRES,  
OU  
TRIUNFO  
DA RELIGIÃO CRISTÃ;

POEMA

DE F. A. DE CHATEAUBRIAND,  
TRADUZIDO EM VERSOS PORTUGUESES  
POR FRANCISCO MANUEL:

*E por este dedicado*

Ao Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor ANTÓNIO DE ARAÚJO DE AZEVEDO,  
Conde da Barca, etc.

---

---

TOMO VII

---

Cesse tudo o que a Musa antiga canta;  
Que outro valor mais alto se levanta.

CAMÕES, Cant. I.

---

AO ILUSTRÍSSIMO

E

EXCELENTÍSSIMO SENHOR

ANTÓNIO DE ARAÚJO DE AZEVEDO;

CONDE DA BARCA,

*Grão-Cruz da Ordem de Cristo, da Ordem Militar da Torre e Espada,  
da Ordem de Isabel a Católica;*

DO CONSELHO DE ESTADO,

Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha,  
e ultramarinos de SUA MAJESTADE FIDELÍSSIMA, etc., etc.

~~~~~

*ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR:*

---

*Eu desta glória só fico contente,  
Que a minha terra amei, e a minha gente.*

---

SIRVA-ME este tema patriótico do nosso Ferreira, em o qual se qualificam os serviços literários e políticos por VOSSA EXCELÊNCIA feitos à Pátria e ao Soberano, como cultor das Musas e Ministro de Estado, para publicar, sob os auspícios de VOSSA EXCELÊNCIA, em verso português, o Poema dos Mártires composto pelo Visconde de Chateaubriand, Par de França, e um dos quarenta da Academia Francesa do Instituto Real de França.

O argumento do Poema, sobre ser religioso, foi tratado com muita elegância e enriquecimento de quanto há de mais relevante na Poesia sagrada e profana: não pode portanto deixar de fazer a impressão a mais profunda e agradável no ânimo dos leitores. Se o Autor menos

afortunado em escrevê-lo em prosa e numa língua pouco poética, do que eu, em trasladá-lo na do nosso Camões, não consegui algumas vezes dar-lhe o realce adequado aos seus pensamentos, VOSSA EXCELÊNCIA, como sagaz e competente juiz da literatura dos dous idiomas, saberá avaliar o trabalho acerbo desta versão que, segundo o conselho do Mestre Horácio, corriji outo vezes, com o fim de que saísse digna da aprovação de VOSSA EXCELÊNCIA, a quem a dedico, em testemunho da amizade a mais agradecida e respeitosa. Assim remato a minha carreira poética, oferecendo aos meus Compatriotas composição (e na verdade o é) em a qual esmerei-me a exprimir o triunfo do Cristianismo com os termos os mais grandiloquos e sonoros da nossa língua.

Para precaver não só as erratas, mas também as alterações que desfiguraram a minha tradução da História d'El Rei D. Manuel pelo Bispo D. Jerónimo Osório, fui obrigado a imprimir este Poema em Paris, e a ser o corrector da sua edição: se nela se encontrarem alguns erros, serão aqueles que em todas as obras humanas assinalam a sua natural falta de perfeição.

Lembrado de que a intervenção de VOSSA EXCELÊNCIA me alcançou da Munificência Real, há vinte anos, a minha reintegração nos foros de Cidadão português, perdidos por infelicidade não merecida, agora a imploro novamente, para que VOSSA EXCELÊNCIA obtenha d'El Rei Nosso Senhor, que esta edição possa correr livremente no Reino unido de Portugal, Brasil, e Algarves, e que não seja contrafeita em prejuízo dos Editores a que recorri, e que a estamparam de um modo que, espero me dará algum crédito; mormente por se achar em frente amparada com o nome de VOSSA EXCELÊNCIA, protector generoso do seu Autor, e das letras, como é notório entre Nacionais e Estrangeiros.

Os votos do meu coração agradecido pela conservação da saúde de VOSSA EXCELÊNCIA, tão valiosa para glória e prosperidade da nossa Monarquia, unem-se aos de toda a Nação Portuguesa, que com justiça repete do Patriotismo de VOSSA EXCELÊNCIA o que o nosso Camões, tão bom patriota como poeta, outrora disse:

Na quarta parte nova, os campos ara,  
E se mais mundo houvera, lá chegara.

---

---

## ODE

---

..... *Tu, sapientium*  
*Idem cultor et æmulus,*  
*Quem per scabra trahunt inopes Deæ*  
*Fessum, subsidiis bonus*  
*Non vanis recreas.....*

ANT. MATH. DE CURNIEU

---

OH Deusa da Amizade, oh vem do alcáçar  
Do Olimpo a mim descendo, de mãos dadas  
Co'a gratidão preciosa,  
Vem dar ao bom Filinto  
Mimosas influências, que o Deus Febo,  
Que as Piérides negam à Velhice.

Abre do seio o claustro ao raio puro,  
Oh gratidão amiga, ilustra os louros  
De ARAÚJO, e põe claro  
À presente, e à futura  
Prole de Luso, prole do Universo  
Esse padrão de ingenho, e de virtudes. <sup>(1)</sup>

Tu que em Cortes subtil, e sábio o hás visto  
Destramar os enredos cavilosos,  
Servindo o Rei e a Pátria;  
Tu que gostosa o ouviste  
Áureos avisos disferir sublime,  
No Conselho Real, com singeleza.

---

(1) *Ingenium cui sit, cui mens divinior.* — HORAT.

Que o viste, na prisão, sem sobressalto,  
Discorrer com amigos, novo Sócrates;  
    Quem no cortejar Damas  
    Moderno era Alcibíades;  
Dize quão larga a mão, quão presto aberta  
Lha viu sempre o infeliz necessitado.

Já providente (igual do Aio Menezes)  
Vislumbrava na Pátria asp'ro desastre;  
    Se imprudentes Pilotos,  
    Nos infaustos negrumes,  
Aplicam mão ao leme do Governo.  
Cauto, a Eolo em fúria arrosta, e o doma.

Mas amando o seu Rei, segui-lo soube  
Na borrasca igualmente, e na bonança.  
    Nos desastres confia,  
    Receia nas venturas,  
Coração bem fornido de experiência,  
Imbebido em saber e em probidade. <sup>(1)</sup>

---

(1) *Sperat infestis, metuit secundis*  
*Alteram sortem bene præparatum*  
*Pectus.* — HORAT. Lib. 2. Od. 10.

---

---

*Lettre de M. DE CHATEAUBRIAND, auteur des MARTYRS,  
à M. FRANCISCO MANOEL traducteur du même Ouvrage.*

Le 5 septembre 1812.

Monsieur,

Si j'avais reçu les lettres que vous avez bien voulu m'adresser, je me serais hâté d'y répondre. J'ignorais absolument l'honneur que vous m'avez fait, en traduisant *les Martyrs* dans la langue du Camoens. Veuillez agréer, Monsieur, tous les remerciements que je vous dois. J'ai un empressement extrême de voir mon faible ouvrage embelli de toutes les grâces que vous avez su lui donner. Je suis convaincu d'avance qu'Éudore et Cymodocée paraîtront beaucoup plus nobles et plus touchants sous les habits de Gama et d'Inès.

J'ai l'honneur d'être avec une haute considération,

Monsieur,

Votre très humble et très obéissant serviteur,  
DE CHATEAUBRIAND.

A Epístola seguinte que um Aluno das Musas me enviou, como primeiro ensaio do seu ingenho, era minha intenção recatá-la na mesma pasta em que dormem outras iguais lisonjarias *ultra modum*, com que os Jovens autores meditaram cativar-me a vontade. Ora succedeu que o meu fiel Amigo, Francisco José Maria de Brito a viu, e porfiou que ela impressa fosse à testa deste Poema. Lá vai a contra-gosto meu. Amo os louvores sinceros, quando me vêm de abonados Literatos mas enjoam-me as adulações hiperbólicas, de que abunda a Epístola.



---

---

Nimegue, 28 de Outubro de 1813.

EPÍSTOLA A FILINTO ELÍSIO,  
POR ALMIRO LACOBRICENSE

---

Monte decurrens, velut annis imbres  
Quem super notas aluere ripas,  
Fervet, imensusque ruit profundo  
Ore *Filintus*:  
Laurea. donandus Apollinari.

Horat. *Lib. 4. Od. 2.*

---

VATE maior que a fama, <sup>(1)</sup> e sorte adversa  
Horácio Luso, Almiro te saúda,  
Dos bons filhos de Elísia em nome, e em nome  
De quantos prezam Febo, que te ilustra.  
Longo há que anelo por pagar-te o voto;  
Mas não sabia ao certo onde habitavas.  
Perdoa a minha audácia: ardor ingente  
Me abrasa o coração de dar-te as graças  
Das lições, que bebi nos teus escritos.  
Que esp'rito honrado à gratidão resiste?  
Infeliz Prometeu roubei-te o fogo;  
Na estátua minha a vida só vislumbra:  
Na mente a tua luz se me escurece,  
Qual brilhante licor em vidro baço.  
Mas não perco o valor no afinco honroso,  
Constante trilhar-te-ei sempre os vestígios,  
Se o voo esfalfa, os trilharei co' a vista.

---

(1) Que antídotos contra tanto veneno de lisonjas não receitara eu, a não me tirarem a pena da mão!

De Camões imortal, da Glória ao Templo,  
Subiste intrépido a áspera ladeira,  
Co' os olhos fitos na Apolínea meta:  
Lá com loiro enramou, sempre viçoso,  
O Aónio Coro a tua nobre frente;  
No que entoas revive a Natureza.  
Se Jove pintas sacudindo o raio,  
Ígneas, hirto o cabelo, as farpas fervem  
Ante os medrosos olhos, e aos ouvidos  
Troa terrível um trovão tremendo.  
Inda co' a mesma força nos teus versos  
Albuquerque irascível a Ásia expugna,  
E brada às turmas o Africano torvo  
Do alto dos Alpes trovejando ameaças,  
E contra o Capitólio, e contra o Mundo.  
Se cantas de Delmira as graças meigas,  
Corre da tua boca o mel do Himeto,  
Que nos vai adoçar o âmago da alma.  
Se observo o teu dizer, Camões, Vieira,  
Barros, Andrada na imortal renascerem,  
Polida frase, com Romana lima.  
Fumo atro, que anuvia os ares puros,  
O louco Galicismo toldar pode  
Um' hora a língua Lusa rica, e suave;  
Mas tu hás fulminado a audaz caterva  
Co' os fortes passadores Venusinos,  
E em prémio lhe restou fuga, e vergonha,  
O velho Tejo ao canto teu sublime  
Do curso se esqueceu e de extasiado;  
As Ninfas, os Tritões, Sátiros, Faunos,  
Para um som não perder, não se buliam.  
Lá te vejo arrostar, cortando a chusma  
Dos Zoilos, co' a pobreza, e má ventura,  
Selo infalível dos mais altos génios.  
Valente Campeão barreiras saltas,  
Aqui combro empinado, além abismos,  
E às portas vás bater da Eternidade:  
«Abre (gritas) ou vou entrar de força;

Pois que a Eternidade é minha herança.»  
À tua voz o Guardião medroso,  
Mais que o tri-fauce Cão à voz Hercúlea,  
Descerra a porta aos ombros, que já pendem,  
Possantes a arrombar o quício eterno.  
Aceso, lá dos penetrais sagrados,  
Dardeja o teu furor torrentes de Estro,  
Que, inundando o Parnasso Lusitano,  
Os mais frígidos peitos acalenta.

O peçonhento dente da Calúnia  
Se embota em tua fama, e a deixa intacta,  
Qual seta deixa o elmo adamantino.

Tua alta voz, qual flama, os Céus demanda,  
Atraída pela alma, eterna origem;  
Não goza o chão do que é dado aos astros.  
E a Pátria, a ingrata Pátria... Ah! Não é ela;  
Conhece ela o seu filho que a abrilhanta:  
Queixa-te do Destino, que aos perversos  
Empesta o coração em mal dos probos!  
Prisca usança! Labéu da Humanidade!  
Caiu Séneca às mãos do Despotismo,  
Cipião vítima há sido, e Belisário  
Da Calúnia infernal; Camões famoso!  
A Penúria o afogou co' as mãos mirradas:  
E a Filinto, o exilou da amada Pátria,  
A mais odiosa dentre os filhos do Orco;  
Com a Erinis do zelo, a Deus ingrato,  
Fúria toucada de áspides raivosas,  
Punhal na dextra, na sinistra a flama.

Alongado, também da Pátria eu choro  
A dura ausência que me pesa na alma;  
O Wahal por ela ouve os meus suspiros,  
A luz ampla dos Céus, da noite às sombras.

Oh tu, que as intrincadas lá do Pindo  
Sendas conheces, mostra-me o caminho,

Que na Apolínea lida bater devo:  
Acena-me de lá co' os sacros loiros;  
Sê meu Aníbal, que eu serei teu Penó:  
Tu, que em outono de uma longa idade,  
Ombreias com o ancião Anacreonte,  
Que os versos divinais do seu inverno  
Co' o ardor do seu verão enxamejava.

Do doce rouxinol, que o bosque enleva  
Não pode o verme ouvir o aéreo canto;  
Mas eu que trepo humilde, e em vão, a encosta  
Do monte íngreme Aónio, e apenas bato,  
Tentando o adejo, a terra, em vez dos ares,  
Aí te cantarei, que o verme ignora  
O nome teu os sons da tua lira.  
Os sons da tua lira não rastejam.

Longo tempo, ai de mim! Febeia face  
Os lumes fracos meus fixar, radiante,  
Não podem de ofuscados; só a Olímpia  
Ave encarar se atreve impune a Febo...  
Viva FILINTO para glória Lusa.

ANTÓNIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO

---

---

(VALHA COMO PREFÁCIO)

*Dificuldades de uma Tradução elegante e genuína*

NUNCA a estima, e gabos, que recaem no Tradutor, se proporcionam c'ó trabalho, nem com o mérito duma aseada versão. E o Tradutor, que em tal reflecte, descorçoado recua. E ora bem fixo está, para uma tradução ser estimada, quanto talento se não requer! Que suficiente não é entender bem o Autor que se traduz; compete identificar-se com ele, embeber-se em seu espírito, e de seu génio se animar. Quanto à língua do Tradutor, releva que este saiba todos os primores dela, que os tenha sempre de sobre-mão, e aviados: e mais que tudo lhe importa ser Tradutor e Autor, ao mesmo passo que vai trabalhando: porque pintar ao vivo pensamentos de outrem, é como segunda criação dos mesmos pensamentos. Atendei ao que diz o Abade Bateux, que traduziu Horácio em francês, e, como tal Tradutor, tem neste ponto grande peso o seu parecer: — «Quand il s'agit de représenter dans une autre langue les choses, les pensées, les tours et les expressions d'un ouvrage, les choses telles qu'elles sont, sans rien ajouter, retrancher, ni déplacer; les pensées dans leurs degrés, leurs couleurs et leurs nuances; les tours qui donnent le feu, l'esprit et la vie au discours; les expressions naturelles, figurées, fortes, riches, gracieuses et délicates; le tout d'après un modèle qui commande durement, et qui veut qu'on lui obéisse d'un air aisé, il est évident qu'il faut, sinon autant de génie, du moins autant de goût pour bien traduire que pour composer; peut-être en faut-il davantage, car l'auteur conduit par son génie est maître absolu de ses pensées et de ses expressions; il peut abandonner ce qu'il ne peut rendre; mais le traducteur n'est maître de rien; il est forcé de se prêter à toutes les variations de son auteur avec une souplesse infinie.»

Concordam os inteligentes que uma boa tradução, nunca a produzirá medíocre talento. Que se não dão eles por satisfeitos com fide-

dade, elegância, e exactão. Embora cumpra o Tradutor com esses três deveres: lá está o ponto principal, que é dar o retrato do semblante e dos ademanes do estilo do Autor. Ali é o envidar as suas posses todas o Tradutor. Feliz e mui feliz se poderá bem chamar, se por tão amiga teve a fortuna, que lhe caiu em sorte verter Autor, com quem seu estilo próprio esteja em primeiro grau de parentesco!

Se acerca da linguagem em que esta versão é feita, me compete falar, direi: que vista a notável alteração, que hoje padece o nosso idioma, em razão dos bárbaros Galicismos, com que o têm transfigurado, grandes prémios (digo) se devem dar a quem rechaça de seus escritos essas sensaboronas novidades, e com limpa e castigada dicção, se modela nas formas consagradas pelos Clássicos, conservando à língua mais próxima parente da Latina, a sua pureza, e a sua nativa elegância.

Aos que têm de uso (com razão, ou sem ela) notarem-me as palavras, de que usaram com energia, e garbo os nossos Mestres, responderei com a nota, que a uma de suas Obras pôs um Autor moderno muito estimado, e a quem adamados ignorantes achavam igual defeito — «*Coloro poi che, per difetto di gusto, non giungono a capire come le parole che chiamano antiquate, accrescano, si con senno si adopriano, venerazione, dignità, e virilità allo stile: coloro chi torcono il naso alla vista d'un latinismo, e si dimenticono, che la lingua Italiana, siccome figlia ed erede dela Latina, ha tutto il diritto a giovarsi dela materna suppelletile, quando le torna a conto; coloro che ignorano il consiglio d'Aristotele, il quale raccomanda l'uso delle parole straniere com' uno dei tre mezzi da lui proposti per esaltare la locuzione; che perciò Virgilio, e più di lui, Orazio e Properzio sono pieni d'ellenismi, e che niuno da essi inpoi é salito a gran pregio di stile senza questo artificio coloro finalmente che incapaci de sollevarsi, beffano un Poeta quando abbandona le formule commune dell'espressione, e sono chiamati da Dryden, *i suoi critici in prosa*, noi gli avvisiamo tuti ch'Aristotele gli ha già giudicati nela persona di quel suo ridicolo Euclide, di cui deride certa insipida allegoria: e badino, che la censura ricade tutta in disonor del censore, scoprendolo ignorante e maligno.*» (VINCENZO MONTI)

P.S.: Quando eu me dava a perros, escrevinhando tanta nota, para dar cavaco a quem talvez se ria do meu trabalho, não tinha ainda lido o novo Poema do *Oriente*, e o do Gama em que o erudito A. com larga mão esparge, por todo ele, novos, antigos, compostos e latinos termos, sem lhe importar o que dirão os praguentos. Oh nunca a mão lhe doa! E continue sempre a desprezar censuras de leigos na matéria.





---

---

## ARGUMENTOS

### LIVRO I.º

Invocação à Musa sagrada, e à Musa pagã. Rege Diocleciano o Império Romano; e em seu Reinado começam os Templos do vero Deus a disputar o incenso aos Templos dos Ídolos. Apresta-se o Inferno a derrubar em derradeiro conflito os altares de Jesus Cristo. Permite o Eterno Padre, que os Demónios persigam a Igreja, para pôr os Fiéis em provação. Quais vítimas são as destinadas. Apóstrofe à Musa, que as há-de dar a conhecer. Família de Homero. Descrição de Messénia. Demódoco dedica ao Culto das Musas Cimódoce, sua única filha, por desviá-la das pretensões de Hierocles, Procônsul da Acaia. Cimódoce, acompanhada de sua ama, vai às Festas de Diana Linátide: e voltando de lá, de noite, se perde no caminho. Encontra, junto duma fonte, um Mancebo, que ali dorme, e que se chama Eudoro, o qual reconduz Cimódoce à casa de Demódoco, Pai dessa Donzela. Alegria do idoso Sacerdote Homéreo, quando a filha vê. Conta a série dos antepassados de Eudoro, célebre nos exércitos, e amigo de Constantino, filho de Constâncio. Demódoco vai com sua filha oferecer presentes a Eudoro, e agradecimentos à família de Lastenes.

### LIVRO II.º

Chega Demódoco, com Cimódoce, a Arcádia, onde encontra, na sepultura de Aglau de Psófis, com um ancião, que o conduz às searas em que fazem a ceifa os da família de Lastenes. Cimódoce reconhece Eudoro, e Demódoco descobre que é Cristã toda a família. Costumes dos Cristãos. Oração nocturna. Chega o Bispo de Lacedemónia Cirilo, Confessor, e Mártir, que pede a Eudoro, que seus casos conte. Ceia, depois da qual vai a família com os Estrangeiros sentar-se num vergel, que orla o Alfeu. Cimódoce, instada por seu Pai, canta ao som da Lira. Canta depois Eudoro. Vão as duas famílias recostar-se. Sonho de Cirilo e sua Oração.

## LIVRO III.º

Sobem ao trono do Omnipotente as rogativas de Cirilo. O Céu os Anjos, os Santos, o Tabernáculo da Mãe do Redentor, o Santuário de Jesus Cristo, e do Eterno Padre. O Espírito Santo, a Trindade. Apresenta-se ao Deus Eterno a Oração de Cirilo; o Eterno a aceita; declara porém, que não é o Bispo de Lacedemónia a Vítima, que tem de resgatar os Cristãos. Falas do Filho; discurso do Pai. Eudoro é a vítima escolhida. Por que motivos. Descobre o Filho por inteiro os desígnios do Pai. Cimódoce é a segunda vítima, que o Céu requer. Tomam armas as Celestes milícias. Cântico dos Santos, e dos Anjos.

## LIVRO IV.º

Cirilo e a família Cristã, Demódoco e Cimódoce se ajuntam numa Ilha onde o Ládou confluí com o Alfeu, para ouvirem Eudoro contar os seus acontecimentos. Começa Eudoro, dando a origem da Família dos Lasténes, que se opusera aos Romanos, quando invadiram a Grécia; motivo porque vinha em reféns a Roma o primogénito de Lasténes; cuja família abraça o Cristianismo. Infância de Eudoro, que a quinze anos parte a Roma, e fica em lugar de seu Pai. Tempestade. Descrição do Arquipélago. Chega Eudoro a Itália. Descrição de Roma. Contrain Eudoro amizade estreita com Jerónimo, Agostinho, e Constantino, filho de Constâncio. Diocleciano. Galério. Corte de Diocleciano em que é admitido Eudoro. Hierocles Sofista, Procônsul da Acaia, valido de Galério. Inimizade entre Hierocles e Eudoro. Eudoro cai em todos os desmanchos da mocidade, e até da Religião se esquece. Marcelino, Bispo de Roma, ameaça excomungar Eudoro, se não vem ao redil da Igreja. Excomunhão fulminada contra Eudoro. Anfiteatro de Tito. Presentimento.

## LIVRO V.º

Continua Eudoro a narrativa. Vai a Corte passar o Estio a Baías. Neápoli. Casas de Aglai. Passeios de Eudoro, Agostinho, e Jerónimo. Conversação que tiveram no moimento de Cipião. Tráseas, Eremita do Vesúvio. Sua História. Separam-se os três Amigos. Volta Eudoro, com

a Corte, a Roma. Acontecimento da Imperatriz Prisca, e de Valéria sua Filha. Eudoro banido da Corte, desterrado para o exército de Constâncio. Deixa Roma, atravessa a Itália, e as Gálias. Chega a Agripina, nas abas do Reno. Acha o exército Romano a ponto de ir guerrear c'os Francos. Serve como simples soldado entre os Besteiros Cretenses, que com os Galos compõem a vanguarda do exército de Constâncio.

#### LIVRO VI.º

Continua a narração. Marcha para a Batávia o exército Romano, e lá se encontra com o dos Francos. Campo de batalha. Ordem e recenseamento do exército Romano, e dos Francos. Faramundo, Clodião, Meroveu. Cânticos guerreiros. Barditos dos Francos. Trava-se a peleja. Acometida dos Galos contra os Francos. Combate da Cavalaria. Combate entre Vercingetórix, Caudilho dos Galos, e Meroveu, Filho de El-rei dos Francos. Vercingetórix é vencido. Fraquejam os Romanos. Desce da emposta a Legião Cristã, e restaura o Combate, então mais renhido. Retiram-se os Francos ao seu acampamento. Obtém Eudoro a coroa cívica, e Constâncio o nomeia Caudilho dos Gregos. Ao romper do dia se renova a batalha. Atacam os Romanos o campo dos Francos. Levantam-se ondas. Fogem dos mares os Romanos. Eudoro longamente pelejando, cai por fim cortado de feridas. Um Escravo dos Francos o socorre, e o leva a uma caverna.

#### LIVRO VII.º

Continua a narração. Eudoro escravo de Faramundo. Quem é o Escravo. Zacarias. Clotilde, mulher de Faramundo. Começam a ser Cristãos os Francos. Costumes seus. Volta a Primavera. Caça. Bárbaros setentrionais. Sepultura de Ovídio. Eudoro salva a vida a Meroveu, que lhe promete a liberdade. Voltam os Caçadores ao Campo de Faramundo. A Deusa Herta. Banquete dos Francos. Deliberam paz, ou guerra c'os Romanos. Disputa de Camulógenes com Cloderico. Assentam os Francos em pedir pazes. A Eudoro forro encarregam os Francos que vá requerer a Constâncio a paz. Zacarias conduz Eudoro até os confins da Gália. Despedida.

LIVRO VIII.º

Interrompe-se a narrativa. Começa Eudoro a amar Cimódoce, e esta a Eudoro. Lança mão desse amor o Demónio, para perturbar a Igreja. Inferno. Congresso dos Anjos réprobos. Falas do Demónio do Homicídio, e do da falsa Sapiência, do da Volúpia, e de Satã. Espargem-se os Demónios pelas Terras.

LIVRO IX.º

Ata Eudoro a interrupta narrativa. Entra na Corte de Constâncio. Passa à Ilha dos Britões. Obtém honras de triunfo. Volta às Gálias. Vai governar a Armórica. Gálias. Armórica. Episódio de Velede.

LIVRO X.º

Continua a narrativa. Fim do episódio de Velede.

LIVRO XI.º

Continua a narrativa. Arrependimento de Eudoro, e penitência pública. Despede-se do exército. Passa ao Egipto a pedir a Diocleciano que lhe dê baixa. Navegação. Alexandria. Nilo. Egipto. Consegue Eudoro que Diocleciano o desaliste. Tebaida. Volta Eudoro à casa de seu Pai, e finda a narrativa.

LIVRO XII.º

Invocação ao Espírito Santo. Conjuração dos Demónios contra a Igreja. Diocleciano ordena o recenseamento dos Cristãos. Parte Hierocles para a Achaia. Amor de Eudoro, e de Cimódoce.

## LIVRO XIII.º

Cimódoce diz ao Pai, que para ser de Eudoro Esposa pretende ser Cristã. Demódoco hesita. Sabe que chegou à Acaia Hierócles. Astarte acomete a Eudoro, e é vencida pelo Anjo dos Amores castos. Por evitar as vexações de Hierocles, consente Demódoco em dar a sua Filha a Eudoro. Ciúmes do Procônsul. Recenseamento dos Cristãos, na Arcádia. Hierocles acusa Eudoro a Diocleciano. Partem para Lacedemónia Demódoco, e Cimódoce.

## LIVRO XIV.º

Descrição da Lacónia. Chega Demódoco à Casa de Cirilo. Instrução de Cimódoce. Astarte manda a Hierocles o Demónio do Ciúme. Vai Cimódoce à Igreja para se desposar com Eudoro. Cerimónias da primitiva Igreja. São dispersos dela os Fiéis, pelos soldados, que lá manda Hierocles. Põe Eudoro em salvo a Cimódoce, e a defende o moimento de Leónidas. Vem-lhe ordem de comparecer em Roma. Resolvem as duas famílias enviar Cimódoce a Jerusalém, e entregá-la ao patrocínio de Santa Helena, Mãe de Constantino. Partem para Atenas Eudoro e Cimódoce, e lá se embarcam.

## LIVRO XV.º

Atenas. Despedida de Cimódoce, de Eudoro, e de Demódoco. Cimódoce se embarca com Doroteu para Jope, e Eudoro para Óstia. Manda Maria Virgem o Arcanjo Gabriel ao Anjo dos Mares. Chega Eudoro a Roma; acha convocada a Cúria, para julgar a causa dos Cristãos, e estes o escolhem por seu Orador. Chega também a Roma Hierocles, a quem os Sofistas encarregam de defender a sua Seita, e de acusar os Cristãos. Simaco, Pontífice de Júpiter, ora no senado pelos antigos Pátrios Numes.

LIVRO XVI.º

Arrazoados de Simaco, de Hierocles, e de Eudoro. Consente Diocleciano no Édito da perseguição; mas quer, que antes, se consulte a Sibila de Cumes.

LIVRO XVII.º

Vai Cimódoce navegando, e chega a Jope. Sobe a Jerusalém, onde, como a Filha sua, a recebe Helena. Semana Santa. Resposta da Sibila de Cumes. Manda Hierocles um Centúrio a reclamar Cimódoce. Profere Augusto o Édito de perseguição.

LIVRO XVIII.º

Alegria no Inferno. Galério, aconselhado por Hierocles, obriga Diocleciano a que abdique o Império. Preparam-se os Cristãos para o martírio. Ajudado de Eudoro, escapa de Roma Constantino, e foge para Constâncio. Lançam Eudoro na masmorra. Hierocles, primeiro Ministro de Galério. Perseguição geral, da qual leva a nova a Jerusalém o Demónio da Tirania. Põe fogo aos Lugares Santos o Centúrio que Hierocles enviara. Doroteu põe a Cimódoce em salvo. Encontro de Hierónimo na gruta de Belém.

LIVRO XIX.º

Volta Demódoco ao Templo de Homero. Mágoa que ali concebe. Dão-lhe novas da Perseguição. Parte a Roma, onde cuida que Hierocles mandou trazer Cimódoce, que Hierónimo baptizara no Jordão. Ela chega a Ptolomais, e se embarca para Grécia. Deus levanta uma tormenta, que a lança em Itália.

LIVRO XX.º

Prendem a Cimódoce os Satélites de Hierocles, e a conduzem a Roma. Alvorota-se o Povo. Livram Cimódoce das mãos de Hierocles; mas é encarcerada como Cristã. Des-privação de Hierocles, a quem dão ordem de partir para Alexandria. Carta de Eudoro a Cimódoce.

LIVRO XXI.º

Cirilo revela Eudoro de sua penitência. Demódoco se lastima de sua desventura. Cimódoce é encarcerada. Recebe, na prisão, Carta de Eudoro. Actas do Martírio de Eudoro. Purgatório.

LIVRO XXII.º

Fere o Anjo Exterminador a Galério, e a Hierocles. Este vai ter com o Juiz dos Cristãos. Volta o Mensageiro, que enviado fora a Diocleciano. Pesares de Eudoro, de Demódoco, e de Cimódoce. Livre Repasto. Tentação.

LIVRO XXIII.º

Satã aviventa o fanatismo do Povo. Festa de Baco. Explicação da Carta de Festo. Morte de Hierocles. Desce a Cimódoce o Anjo das Esperanças. Cimódoce recebe a veste do martírio. Vem Doroteu salvá-la do Cárcere. Contentamento de Eudoro, e dos outros Confessores. Cimódoce depara, com seu Pai. Anjo do Sono.

LIVRO XXIV.º

Despede-se da Musa o Vate. Doença de Galério. Anfiteatro de Vespasiano. Levam Eudoro ao Martírio. São Miguel submerge a Satã no Abismo. Às encobertas, se escapa de seu Pai, Cimódoce, e se acha com Eudoro, no Anfiteatro. Recebe Galério a nova, que proclamaram César a Constantino. Martírio de ambos os Esposos. Triunfo da Religião Cristã.





---



---

# OS MÁRTIRES

## LIVRO I.º

### ARGUMENTO

*Invocação à Musa sagrada, e à Musa pagã. Rege Diocleciano o Império Romano; e em seu Reinado começam os Templos do vero Deus a disputar o incenso aos Templos dos Ídolos. Apresta-se o Inferno a derrubar, em derradeiro conflito, os altares de Jesus Cristo. Permite o Eterno Padre, que os Demónios persigam a Igreja, para pôr os Fiéis em provação. Quais vítimas são as destinadas. Apóstrofe à Musa que as há-de dar a conhecer. Família de Homero. Descrição de Messénia. Demódoco dedica ao Culto das Musas Cimódoce, sua única filha, por desviá-la das pretensões de Hierocles, Procôn-sul de Acaia. Cimódoce, acompanhada de sua ama, vai às Festas de Diana Linátide; e voltando de lá, de noite, se perde no caminho. Encontra, junto de uma fonte, um Mancebo, que ali dorme, e que se chama Eudoro, o qual reconduz Cimódoce a casa de Demódoco, Pai dessa Donzela. Alegria do idoso Sacerdote de Homero, quando a filha vê. Conta a série dos antepassados de Eudoro, célebre nos exércitos, e amigo de Constantino, filho de Constâncio. Demódoco vai com sua filha oferecer presentes a Eudoro e agradecimentos à família de Lasténes.*

CANTAR quero os Combates, e a Vitória,  
 Que houveram os Cristãos dos Anjos réprobos,  
 Pela destimidez clara e magnânima  
 De dous Esposos Mártires. <sup>(1)</sup> Oh Musa

---

(1) O que me inclinou a exercitar a pena transmitindo a verso português a sublime prosa deste Poema, foi a grandeza da sua concepção; a bem tecida escolha dos acontecimentos; o carácter sempre constante do Herói; o maravilhoso vindo a propósito, qual o requer Horácio; os episódios, com grande arte, como nascidos do assunto principal, e, em nenhum modo insípidos, ou triviais; floridas, e (segundo o caso o pedir) terríveis, as descrições poéticas; a frase sempre cheia, elevada, e culta; valente

Celeste, que inspiraste o Cisne ilustre  
De Sorrento, <sup>(1)</sup> e o Britano cego Vate; <sup>(2)</sup>  
Tu, que, no ermo Tabor, sentaste o trono,  
E a quem severos pensamentos prazem,  
Prazem contemplanções sublimes graves,  
O teu auxílio neste assunto imploro.  
Fere Harpa de David, e entoa canto,  
Que, no Orbe soe; e dá-me aos olhos lágrimas,  
Sobre os desastres de Sion vertidas  
Por Jeremias Vate. As mágoas narro  
Da perseguida Igreja, sonoro.

E tu, Virgem do Pindo, tu da Grécia  
Filha engenhosa, desce do Helicónio;  
Que eu as florentes rosas não enjeito,  
Com que, oh risonho fabulado Númen,  
Té jazigos enfeitas. <sup>(3)</sup> Tu, que o grave  
Das Desditas, da Morte encobrir sabes,  
Vem, Musa enganadora, a luta enceta  
Co'a Musa da verdade. Se, em teu nome  
Já a padecer lhe deram penas cruas, <sup>(4)</sup>  
Orna-lhe hoje o triunfo. Digna a aclama  
(Pois te venceu) que, só, na lira impere.  
De Jesus Cristo a Igreja, vezes nove,

---

o estilo, e terso; bem guardado às pessoas, e aos lugares, o decoro; e (o que bem assinaladamente compete considerar) erudição vastíssima, e recôndita não colhida em óbvios florilégios, antes bebida em meditada, variíssima leitura.

(1) Torquato Tasso.

(2) Milton.

(3) Deparaís com centos de homens cevados na leitura da antiguidade, que muito se saboreiam com a Mitologia, se quando com ela acertam, nos Poemas, que vão lendo, os deleita o bem frisante; pelo mui persuadidos que são leitores tais, que desde que inventados fabulados Numes foram, deles, e de seus floreados acontecimentos, manou à poesia o seu mais enriquecido adorno.

Usados, para enfeite (desque os lapidaram) os diamantes foram: e ainda, até hoje, não envelheceu a moda. Igual série de séculos tem de volver, antes que os Numes, e alegorias do Paganismo hajam de envelhecer.

(4) Nas perseguições com que a atribulou o paganismo.

Os sp'ritos infernais contra ela vira  
Conjurados: e, vezes nove a Barca  
De Pedro se viu salva do naufrágio.  
Jazia o Mundo em paz. Diocleciano  
Empunhava, nessa Era, o ceptro augusto,  
Príncipe protector, que aos Cristãos dava,  
Nunca dado téli, sossego à Igreja.  
A pleitear incensos começavam  
Aras Cristãs às Aras dos Idólatras.  
D'hora em hora medrava a grei de Cristo:  
Nem de Jove os Cultores, sós logravam  
As honras, os troféus, pompas, riquezas.

Vendo o Tártaro aluir-se-lhe o Reinado,  
às vitórias do Céu quis pôr atalho:

E Deus, que afracar via nas virtudes  
Os seus Cristãos ao sopro amigo, e brando  
Do próspero Galerno, <sup>(1)</sup> afrouxou rédea  
Aos Demónios deixou que pendões novos  
Ergam, vexem Cristãos: mas seja hasteada,  
No sólio do Universo, a Cruz triunfante,  
Sejam Ídolos pó, <sup>(2)</sup> seus templos rasos.

Como instigou esse Adversário antigo  
Dos homens, a ser-lhe úteis paixões de homens,  
Nos ruins projectos seus? Como, mormente,  
O Amor, com a Ambição, o auxiliaram?  
Vós, que o sabeis, cantai-o ao Vate, oh Musas.  
Mas primeiro, influi, que a mim se ostentem  
O egrégio Penitente, a ingénua Virgem,  
Que em dia de tal dó, de tal triunfo,  
Foram cabais no brio. Ela de idólatras  
Filha eleita do Céu; ele renato <sup>(3)</sup>

---

(1) Quando começou a Igreja a enriquecer e ouviu-se uma voz do Céu que disse: *Grande nunc venenum in Ecclesia Dei effusum est.* — Fr. LUIZ DE SOUSA, na *Vida do Arcebispo.*

(2) *Elevabitur Dominus solus et idola conterentur.* — ISAY. cap. 2.

(3) Entre os meus leitores depararei com alguns a quem certas frases, por desabitadas do uso vulgar, motivem estranheza; essa a razão porque cito, e as abono com

No baptismo, a ambos ser piáveis hóstias  
 De afrouxados Cristãos, Gentios cegos.  
 Último garfo da progénie Homérica,  
 Que, outrora habitou Quio, era Demódoco  
 (Quio se ufana em ser de Homero pátria)  
 Deram-no os Pais em verde idade a Epícaris,  
 Progénie de Cléobulo Cretense.  
 Das Virgens, que no esmalte, e Campos <sup>(1)</sup> que ornam  
 O Taleu, monte amado por Mercúrio,  
 Dançavam, a mais bela era essa Epícaris.  
 Formosa Esposa a leva o amante Esposo  
 A Gortina, que, em ribas fundou, Léteas  
 De Radamanto o Filho; e que avizinha  
 C' o Plátano, que a Júpiter, e a Europa,  
 Em laço amante, sombreou c' os ramos.  
 Pela novena vez tinha argentado  
 A Lua alpestres alcantis dos Dáciles,  
 Quando Epícaris, que ia os seus rebanhos,  
 Sobre o Ida, visitar, se viu cingida  
 De dores Maternais; e, à luz a tenra  
 Cimódoce brotou, no sacro Bosque,  
 Onde Anciões Platónios se sentavam  
 A discutir as leis. Houve Agoureiros,

---

Autor Clássico. Outros leitores antevejo, que culparão o atrevido, o insólito, e ainda o obsoleto. Para desculpa desses defeitos tomo por valedores a Cícero, e a Quintiliano, e até a Horácio, que mo aconselham, e a Virgílio, que o pôs em prática. Pusera-lhes de bom grado aqui os conselhos, e os exemplos praticados, se já, pelo decurso das Obras que imprimi, os não tivesse estirado longamente. Aos que se enojam de alguns hipérbatos a que a contextura do verso me obrigou, direi que não sou eu o primeiro Português que deles se serviu mui de propósito, e às vezes, sem necessidade; quanto a mim, para esconder a prosa do Poema forçoso foi valer-me desse ardil, e de que, sem a precisão que eu tenho, e a seu bel-prazer, usava Horácio (por dessemelhar da prosa, os versos, que compunha). Faça-nos fé a última estrofe da Ode 5 de I.º livro, onde não há um termo que se ache junto ao termo que lhe compete. Tanto, de indústria os baralhou. Lede-a, e achareis verdade.

(1) Esmaltados campos; como Virgílio disse: *Pateris et auro, pro pateris aureis*. E bem o advertiu Sêrvio Mauro Honorato seu comentador.

Que, à Menina, louvor famigerado,  
Por seu siso, e recato, anunciaram.

Perdendo a aura dos Céus, mui breve, Epícaris,  
Léteas ondas vaguear viúvo, e triste <sup>(1)</sup>  
As via o Esposo; e só cobrava alívio  
Em ter no grémio seu, o penhor único  
Da amante união: Olhar, por entre lágrimas,  
Entre sorrisos, o Astro, que a de Epícaris  
Beldade, lhe transpunha à mente aflita.

Tempo então foi, que de Messénia os Povos  
A Homero erguiam Templo; e que a Demódoco  
Propunham, seja dele o Antiste sumo. <sup>(2)</sup>  
Contente na alma, aceita o Esposo o emprego,  
Que o põe longe dum sítio, que insofável  
Lho tornaram os Deuses iracundos.  
Feito aos Manes da Esposa, sacrifício,  
Outro aos Rios, progénitos de Jove,  
As Ninfas hospedeiras do Ida, aos Divos  
Fatores de Gortina, põe-se em viagem,  
Co'a Filha, c'os Penates, com Homero. <sup>(3)</sup>

Pôs-lhes mui breve à vista o vento próspero  
O Promontório Ténaro; e costeando  
O Etilos, e após Tálames, e Leuctres,  
Da Coéria selva, lançou ferro, à sombra.  
Qual se prole dum Deus fora Demódoco,  
Messénia, <sup>(4)</sup> (a quem Disgraça <sup>(5)</sup> instrui) o acolhe,  
E aos do Divino Avô <sup>(6)</sup> sacros altares,  
O vai guiando, em festival triunfo.

---

(1) Triste, porque viúvo.

(2) Colocado entre os Antístites dessa terra. — D. F. MANUEL DE MELO nos seus *Apólogos Dialogais*.

(2) C'uma imagem de Homero.

(4) Fundada por Epaminondas.

(5) *Vid.* Pausanias.

(6) Homero.

Estava, ali, o Poeta <sup>(1)</sup> afigurado  
Num Rio caudaloso, aonde vinham  
Suas urnas encher os outros Rios. <sup>(2)</sup>  
Sobranceiro à Cidade se aça o Templo:  
Em torno o abraça anífero Olivedo,  
No monte Itome, que disfere o cume,  
E, em copa azul, dos sócios se despega, <sup>(3)</sup>  
No equóreo plaino <sup>(4)</sup> dos confins Messénios.  
Tinha ordenado o Oráculo, que abrissem  
Do Templo os alicerces, no Jazigo,  
Que Aristómenes deu à urna aénea,  
Que a ventura da Pátria <sup>(5)</sup> em si continha.  
Os olhos, por campinas, se alongavam,  
Retalhadas de odores Aciprestes,  
De empostas, e corcovos: lá emborcam  
Balira, Anfiso as ondas, e o Pamiso,  
Onde a lira deixou Tamires cego  
Cair. O rosi-flor Loureiro <sup>(6)</sup> orlava  
Co' arbusto a Juno caro <sup>(7)</sup> o cavo leito  
Dos Mananciais, das Fontes, das Torrentes:  
Debuxando essas balsas odoríferas  
(Quando a linfa, nos álveos, <sup>(8)</sup> lhes falece,)  
Quais florejantes; e, co' sombra,  
Recordando das águas a frescura. <sup>(9)</sup>

---

(1) Homero.

(2) Significando que os bons Poetas, dele bebiam a boa Poesia.

(3) Dos montes de Messénia, companheiros seus.

(4) *Æquora campi*. —VIRG.

(5) Como o Paládio a ventura de Tróia.

(6) O Aloendro. Donde vem o nome à vila do Alendroal. Camões disse: Pero Rodrigues é do Alendroal.

(7) Agno-casto.

(8) Fundo dos Rios.

(9) Dando tanta fresquidão com a sombra, quanta davam dantes as águas correntias.

Nesse Campestre Quadro desparzidas  
Vês cidades, vês ruínas, lavor de artes,  
Andanias, que o lamento ouviu de Mérope,  
Trica, berço que fora de Esculápio,  
Gerena, de Macáon sepultura,  
Feres, onde aceitou o astuto Ulisses  
De Ifito, o arco fatal aos Amadores  
De Penélope casta: Steniclara,  
Onde, inda, de Tirteu os sons reclamam:  
País formoso, avassalado, outrora,  
Ao ceptro de Neleu: no Itómeo cume,  
E Dório peristilo da Ara Homérea,  
Se estendia uma faixa de verdura,  
De stádios, ampla em roda, centos outo.

Entre Austro, entre Poente, o mar Messénio  
Confim lhe era, co'as ondas brilhantadas,  
E o Taigete, e Liceu, com seus outeiros,  
Co'as penedias de Élide, a ávidas vistas  
Pelo Nascente, e Norte atalho punham.  
Horizonte sem par! Traz à memória  
Saudoso terno: 1.º Pastoris lhanezas,  
2.º Guerreira vida, 3.º Cultos duma Gente,  
Que históricos desastres computava,  
Pelas Eras iguais de seus festejos.

Quinze anos decorriam desque o templo  
Dicado foi. Demódoco vivia,  
Do Divo Homero à sombra, em paz ditoso.  
Cimódoce, ante os olhos, lhe medrava,  
Como avulta a Oliveira, que o Colono  
Curioso cria, à beira duma fonte,  
E em quem a Terra, e o Céu o amor esmeram.  
Nada o prazer turvara de Demódoco,  
Se, para a Filha, deparara Genro,  
Que, com mimos careada a aposentasse  
Em casa ornada, e rica. Mas, té à hora,  
Não ousara algum Genro oferecer-se,  
Com receio do Acaico Procônsul,

Hierocles, de Galério grão Valido,  
 Que pôs, na Homérea virge', affecto infausto,  
 E que Esposa a pediu. Porém Cimódoce  
 De seu Pai impetrou, não ser entregue  
 Ao descrido <sup>(1)</sup> Romano, a cuja vista,  
 Susto, e tremor sentia. Cedeu fácil  
 Demódoco, à mimosa, ansiada filha,  
 Cujos Fados confiar, nega constante  
 A um Bárbaro, suspeito de harto <sup>(2)</sup> crime,  
 E ter cum inumano trato, ao túmulo  
 A primeira consorte despenhado.

Rejeitado, se assanham nele, as iras,  
 E a soberba; e mais lhe arde o amor no peito.  
 Resolve de envidar quantos lhe aponte,  
 Meios (junta ao poder) impia Maldade,  
 Para a presa empolgar. Porque os ardores  
 De Hierocles desencontre, sagra às Musas  
 A sua Filha o Antiste; e lições dando-lhe  
 De imolações, de ritos, mostra o como  
 Deve escolher-se a Rês; como se corta,  
 Se lança ao fogo o Tauri-frônteo <sup>(3)</sup> pêlo,  
 Se esparge a fárrea mola; <sup>(4)</sup> e mais que tudo,  
 Na lira (encanto da ânsia, e dor!) a adestra.

Sentado, a miúdo, co'a prezada Filha  
 Numa alta rocha, pelo mar banhada,  
 Trechos cantam da Ilíada, e Odisseia;  
 De Penélope o aviso, o amor de Andrómaca  
 De Nausica a modéstia, modulando.  
 Ora os acerbos males memoravam,  
 Que foram dos terrígenas partilha:  
 Pela Esposa Agaménon dado à morte:

---

(1) Juram descridos ensopar os bigodes retorcidos. — CAMÕES.

(2) Palavra Espanhola, de que alguns dos nossos autores se servem.

(3) O pêlo cortado na frente do Touro.

(4) *Farre pio Vestam venerare*. — HORAT. Era um bolo de farinha amassado com água, e sal.



Pede esmola, em seu Paço, à porta Ulisses.  
Quanto dó se apossava de seu peito,  
Recordando os que além da Pátria morrem,  
Sem o fumo avistar <sup>(1)</sup> do lar paterno!  
Vós também, oh mancebos, que os rebanhos  
De vossos Pais Monarcas pastoreáveis,  
Não vos salva o inocente emprego vosso  
Das despiedosas mãos de Aquiles fero.

Cimódoce, na douta companhia  
Das Musas, refrescando altas lembranças  
De antigas eras, atractivos novos  
Desabrochava à luz, de dia em dia.  
Lido <sup>(2)</sup> em toda a ciência, ali Demódoco  
Moldava meigo a infância <sup>(3)</sup> sobre-humana,  
Nela inspirando amável singeleza.  
Era seu gosto ver, que pondo <sup>(4)</sup> a Lira,  
Corria à Fonte, enchia da Urna o bojo,  
Ou, na veia do Rio, aos véus do Templo  
Dava nítida alvura. A hiberna Quadra,  
Ao clarão de splendente viva flama,  
Junto a um pilar sentada, deduzia  
Delgado fio, em rodopiado <sup>(5)</sup> fuso.

#### DEMÓDOCO

Cara Filha, pus peito a ornar-te a infância,  
Com virtudes, com gratos dons das Musas:

---

(1) Allusion au pathétique vœu formé par Ulysse, de voir seulement de loin un peu de fumée s'élever d'Ithaque, et de mourir. — *Odyss.*

(2) Dizemos lido, homem que muito leu: sabido, homem que muito sabe.

(3) De Cimódoce.

(4) Com muita elegância usavam os Latinos do positivo em lugar do composto. Clássicos nossos os imitaram. Oxalá que outros os imitem!

(5) Num incessante rodopio disse Fernão Mendes Pinto, autor que só motejam ignorantes que o não leram.

Que ao descer-nos, ao corpo, Aura celeste <sup>(1)</sup>  
Cumpre tratá-la, qual tratamos o Hóspede  
Divino, <sup>(2)</sup> com grinaldas, com aromas.  
Fujamos do que excede o teor mediano,  
Oh de Epícaris prole; se Minerva  
Nega a Razão, enturva-se o bom senso;  
Razão, que é Companheira das Virtudes,  
Traz consigo, no seio a Temperança,  
Sem a qual, tudo em nós, é Engano, é Erro.

Com quadros tais de coloridas <sup>(3)</sup> vozes  
Cimódoce se instruía, e deleitava:  
Do coração, da voz, do lindo gesto  
Visos transluzem das mimosas Deias,  
A que era consagrada. Quando as pálpebras  
Bem fendidas, co'a sombra, debuxava  
Pelos pomos das faces, — É Minerva  
(Disseras) É Tália — quando os olhos,  
Cofres de riso, e graças demovia.  
À Hiacintina flor ciúmes dava  
A preta ondeada coma; em talhe esbelto  
Co'a Palmeira de Delos contendia.  
Díctamo indo buscar, co' Antiste, ao longe,  
Um dia, após o rasto duma Corça  
(Mal-ferida, por Caçador de Oecália)  
Avistados, no tope da montanha,  
Fama correu, que os Caçadores viram  
Nestor, nos bosques de Ira, co'a mais nova  
Das Filhas, a formosa Policasta.

A Festa da Limnátida Diana,  
Co'a pompa se aprestava do costume,  
Nos confins de Lacónia, e de Messénia.  
(Festa, que origem deu a guerras fúnebres,  
Entre Messénia, e Sparta. Então somente

---

(1) O espírito vital, a Alma.

(2) O Deus, que visitar-nos vem.

(3) Palavras, que poeticamente pintam os objectos.

Convidava tranquilos espectadores.)  
Nomeada por Anciões fora Cimódoce  
Para guia do Coro das Donzelas,  
Que à casta Irmã de Apolo os dons levassem;  
Honra, que ela aceitou, no ledó peito,  
Pela, que ao Pai, dali, glória provinha;  
Nele, o louvor da Filha revertendo,  
Quando a c'roa filial <sup>(1)</sup> honrado, <sup>(2)</sup> empunhe.  
Mais brasão, nem mais Dita a Filha anseia.

Demódoco, a quem prende um sacrifício,  
Que a Homero of'recer vinha um Forasteiro,  
Não poude a Limna acompanhar Cimódoce;  
Que, às Festas, só com a Ama Eurimedusa  
(De Alcimedon de Naxos Filha) parte;  
Deixando o Pai sem sustos, que era Hierocles  
Em Roma, então, ao lado de Galério.

Sobranceiro, e num morro do Taigete,  
Avistado do Golfão de Messénia,  
Cingido de Pinhais, de Diana o Templo,  
Nos ramos lhe penduram, lhe tremolam  
Despojos de Animais os Caçadores.  
Tinha o tempo incrustado, no Edifício,  
Cores de seca folha, que nas ruínas  
De Atenas, e de Roma, inda, nesta Era  
Contempla curioso, o Peregrino.  
Numa Ara, que é central, no Templo sacro,  
Se alçava em pé a filha de Latona,  
(Obra prima de insigne Statuário!)  
Co'a mão na flecha, que retrai do coldre  
Pendente do ombro esquerdo, o pé promove.  
A auri-cornea-bronzi-pede Cerina  
Corça se agacha sob a ponta do arco,

---

(1) Que a filha ganhará.

(2) Com o mérito da filha.

*Quæ sunt enim filiorum, ad Patrem referri æquissimum est.* — GREGOR.

Que Diana da sestra mão descera.

Quando a Lua, no meio da carreira,  
Pousava, sobre o Templo argênteos raios,  
Cimódoce, na frente das Donzelas  
(Às Ninfas Oceâneas computadas)  
Cantava Hino sagrado à Virgem Branca.  
Caçadores alternos respondiam.

Trançai ligeira dança: dobrai, Virgens.  
O Coro revirai, sagrado Coro.

Oh das selvas Rainha, aceita os votos,  
Que estremes Virgens, castas Filhas trazem,  
Por versos doutrinadas, sibilinos.  
Tu, em Delos flutuante, à luz vieste,  
À sombra da Palmeira. Cantam Cisnes,  
Sete vezes, em torno da ilha harmónica,  
Porque agras dores de Latona ameiguem.  
Apolo Febo, teu irmão Divino,  
Porque a memória desse canto dure,  
Abriu co' as sete cordas, voz à lira. <sup>(1)</sup>

Trançai ligeira dança: dobrai, Virgens.  
O Coro revirai, sagrado Coro.

Margens amas dos Rios, amas bosques  
Do verdejante Crago, frescas sombras  
De Álgido opaco, do Erimanto escuro.  
Mui temível Diana arci-tenente,  
Crescentígera Lua, Hécate armada  
De gládio, e serpe, dá que a Juventude  
Costumes puros logre, e Anciãos <sup>[1]</sup> sossego,

---

(1) Ornando a lira, (atéli muda) com as sete cordas, lhe deu voz que entoe.

[1] Como se pode ver na página 35, o plural de *Ancião* surge como *Anciões* o que demonstra a inexistência, à época, de uma norma padrão da escrita.

E de Nestor alcancem longas eras,  
Em riqueza, em progénie, em honra, e fama.

Trançai ligeira dança: dobrai, Virgens.  
O Coro revirai, sagrado Coro.

Cantado este Hino, as Virgens láureas c'roas,  
Nas Aras de Diana penduraram  
E os Caçadores Arcos. À Rainha  
Do silêncio imolaram Corço branco.  
Deslaçados os ranchos, pôs Cimódoce  
Pés ao caminho, que a seu Pai a guia,  
De sua Ama, somente, acompanhada.

Bem que era noite, as sombras transparentes  
Como que se receiam de encobrirem  
Da Grécia o puro Céu. Não eram trevas;  
Era ausência do Dia. Esse ar suave  
Bafeja <sup>(1)</sup> Leite, e Mel: tem tal encanto;  
Que enleva a quem o aspira. A Brillhantava  
Luz meiga o Mar Messénio, opostos cabos,  
Colónides, Taigéteo cume, e Acrita.  
As velas amainava a Iónia Frota,  
Para embocar a barra Coroneia,  
Qual de arribadas Pombas colhe as asas  
Bando, e na hospedeira praia, pouosa.  
Geme, em seu ninho Alcion, com brando arrulho;  
E a Cimódoce traz nocturno Zéfiro  
Dictâmio aroma: <sup>(2)</sup> e ao longe, a voz Neptúnia. <sup>(3)</sup>  
Lá, no vale, o Pastor contempla Febe,  
De fachos, cortejada, rutilantes,  
E se lhe embebe o coração em júbilo.

---

(1) Traz consigo, como um vapor de Leite, e de Mel.

(2) O cheiro, que o Dictamo exala.

(3) O rumor que as ondas fazem.

Calada vai os montes costeando  
Das Musas a Vestal: vagam-lhe os olhos  
Por tão donosos, arrobados <sup>(1)</sup> sítios.  
De Jove, e de Licurgo antigos berços <sup>(2)</sup>  
Anciões, (por fama) os cantam: daí tiram  
Que Leis, e Religião têm de andar juntas,  
E, unidas, ter congénita nascente.

Entrada <sup>(3)</sup> de temor religioso,  
Portento lhe era um ruído, um rumor leve;  
A vaga, que se empola, e remurmura,  
Crê, ser Leões, que rugem, quando desce  
Cibele ao Monte Oecálio; e o raro arrulho  
Do Trocaz, córneos <sup>(4)</sup> crê, sons de Diana,  
Que anda a caçar, no pedregoso Túria.

Passos adianta; e os medos despedindo,  
Refrescava, em dulcíssimas lembranças,  
Antigas tradições da Ilha famosa  
Em que viera à luz; o labirinto,  
Cujos enleios imitava a Dança  
Das Donzelas de Creta; o tão agudo  
Dédalo, e a des-cautela do seu Ícaro;  
De Ariadna, e Fedra os fados tão infestos;  
De Idomeneu o fero, e triste voto.

Dá tino, <sup>(5)</sup> que perdeu do Monte a senda,  
E que a Ama Eurimedusa a des-companha.  
Oh! como implora, em grito, agrestes Numes,

---

(1) Sítios tão aprazíveis, que enlevam a alma. O adjectivo passivo toma significação activa.

(2) Esses sítios.

(3) Cimódoce.

(4) Do Corno que toca a caçadora Diana.

(5) Cimódoce.

Napeias, Drias (mudas nesse transe!)  
Julga então, que essas Divas <sup>(1)</sup> se ausentaram,  
E juntas são, do Ménalo nas veigas,  
Onde Árcardes lhe expõem solenes vítimas.  
Ouve, ao longe, arrojarse águas ruidosas...  
Lá corre à Naia, súbito; a acolher-se,  
Em seu grémio, até que áurea surja a Aurora.

Dum penhasco alteroso sai, jorrando, <sup>(2)</sup>  
Clara espadana de água, que em despenhos  
Cobre alcantis, e fragas de alva spuma:  
Por guarda, em torno tem choupos gigantes,  
E altar, sagrado às Ninfas, tem no tope,  
Onde vítimas, votos acumulam  
Peregrinos. Cimódoce, indo aflita  
Abraçar-se co' altar, rogar aos Numes  
Que os disvelos do Pai inquieto aplaquem,  
Dá, co' a turbada vista, num Mancebo,  
Na penha recostado, adormecido.  
Descida, um tanto, ao peito, e debruçada,  
No ombro esquerdo, a cabeça, era sustida  
Na hástrea da lança; a mão, como a descuido,  
Palpava a trela dum Rafeiro, alerta  
Do mais leve rumor. Argentos raios  
Enfiava a lua, entre Álamos frondosos,  
Que ao Caçador <sup>(3)</sup> a face alumiam.

Tal, na Cidade eterna <sup>(4)</sup> insigne mármore  
Nos afigura Endimião, que dorme.  
Da trinomina <sup>(5)</sup> Deia, creu Cimódoce

---

(1) Os que lêem bons livros Portuguezes não estranham palavras que enfeitaram obras, com que se enriqueceu a nossa literatura. Os que os não lêem são leigos; não têm voto.

(2) Sebastião Lousado, nos *Apoftegmas*.

(3) Adormecido.

(4) *Æterna Civitas Roma*.

(5) Três nomes tem, Diana, Febe, e Hécate.

O amante ver, e suspirar Diana,  
No sussurro, que faz, no bosque, o Zéfiro.  
Toma um clarão, que escapa entre os arbustos  
Pela, do alvo brial, ondeante falda  
Da Deusa, que se oculta. Então medrosa,  
Que mistérios <sup>(1)</sup> rompeu, ajoelha, e exclama:  
«Febeia irmã temível, co' essas flechas  
Oh! não castigues a inocente Virgem.  
Outra prole não tem seu Pai Demódoco;  
Nem sua esposa se ufanou, Epícaris  
(Que a tiros teus caiu) <sup>(2)</sup> de haver-me filha.»  
Late, a tal prece, o Cão: desperta o Jovem,  
Que, ao vê-la ajoelhada, se ergue súbito.

CIMÓDOCE (*como alheia de si*)

«Não és Endimião, qual te imagino?»

O CAÇADOR (*como atónito*)

«E tu, Anjo não és?»

CIMÓDOCE

«Eu ser um Anjo?»

O CAÇADOR (*ainda perturbado*)

«Só a Deus se ajoelha. Ergue-te, oh Virgem.»

CIMÓDOCE (*erguendo-se, e após breve pausa*)

«Se, em mortal gesto, um Númen não encobres,  
Sátiros, como a mim, te hão transviado,  
Nestes matos alheio. Vens de Tiro,

---

(1) Entre a Deusa, e Endimião.

(2) Alude à fábula de Niobe.



Por seus ricos chatins, Empório ilustre?  
Ou colmado de amplíssimos presentes,  
Na donosa Corinto, por teus hóspedes?  
Mercadejaste, nas Colunas de Hércules?  
Ou segues Marte em sanguinosas lides?  
De ceprígeros Pais, em Reinos férteis  
Do Céu bem vistos, filho, acaso, foste?»

O CAÇADOR

«Mais Deus não há que um Deus sob'rano, e sumo  
Deste Mundo Senhor. Eu sou mero Homem,  
Vaso de turvação, e de fraqueza,  
Meu nome é Eudoro, filho de Lastenes;  
De Tálames saí, e a meu Pai volto.  
Colheu-me a Noite, junto desta fonte,  
Adormeci. Mas tu, só, e em tais sítios!  
Salve Deus teu recato; as almas justas  
A Deus só temem, nada mais receiam.»

Com tal dizer, no enleio está Cimódoce.  
Lidavam-lhe no peito atropelados  
Resguardos, Timidez, Amor, Confiança.  
O engraçado no gesto, o grave em ditos  
Contraste singular, na alma lhe punham.  
Homem de nova espécie o contemplava,  
Mais, que os homens, que vira, nobre e sério  
Por dar mais vulto à compassiva mágoa  
Que do infortúnio seu tomava a Eudoro:

CIMÓDOCE

«Filha de Homero sou, do imortal Vate.»

EUDORO

«Livro eu conheço de valor mais alto. »

CIMÓDOCE (*falando entre si*)

«Pela curta resposta, é Spartiata.»

EUDORO <sup>(1)</sup>

«De guiar-te ao lar paterno o empenho tomo.»  
Vai tímida, após ele, pela estrada  
Cimódoce, e lhe vai tremendo o anélito.  
Forceja em cobrar ânimo, e se arrisca a  
Contar da Noite, Esposa sacra do Érebo,  
A aventura; contar-lhe das Hespérides...  
Da Mãe do Amor... de Euménides... de Parcas...

EUDORO (*interrompendo-a*)

«Narram os Céus, do Altíssimo os poderes.»  
Novo enleio, no peito de Cimódoce!  
Do Mancebo, que além da sfera humana  
Exalçou, não sabe, ora, o que imagine;  
Em si revolve turvos pensamentos.  
«É Pirata, que aos Pais, os Filhos rouba,  
E em baixéis traz cativos?» Toda sustos  
Traçava de encobri-los... Mas que assombro  
Em Cimódoce entrou, quando o seu guia,  
Vendo na orla da estrada, ao desamparo,  
Um scravo nu, despe o seu manto, e o cobre,  
Piedoso o abriga, caro Irmão lhe chama.

CIMÓDOCE

«Vislumbras, Forasteiro, porventura,  
Nesse scravo, algum Deus, nele encoberto,  
Que, em forma de mendigo explorar venha  
Qual, de Homens seja o teor?

EUDORO

«Os homens trato  
Todos, como Irmãos meus.» Mas já do Oriente

---

(1) Atendendo ao azar e descaminho nocturno de Cimódoce.

Vinha Aura, e Fresquidão: já não-tardia  
 Rompia a Aurora. Dos Lacónios serros  
 Subindo, ares dourava, ermos, sem nuvens,  
 Magnífico em seu porte, o Sol singelo. <sup>(1)</sup>  
 Eis das vizinhas matas rompe súbita,  
 E se arroja em abraços, a Cimódoce,  
 Eurimedusa, e diz: «Que mágoas, Filha,  
 Não me hás custado! Os ares, com soluços,  
 Abalei. Cri, que Pan te houve roubada.  
 Deus arriscado! Pelas brenhas sempre  
 Vaga. E quando dançou co' ébrio Sileno,  
 Dobra de audácia. Ao meu Senhor mostrar-me  
 Como o ousara, sem ti! Brincava eu jovem,  
 Pela praia de Naxos, Pátria minha;  
 Eis bandos de Homens, que, por Tétios reinos,  
 Armados correm, que em riquezas medram,  
 (Com roubos) me arreatam, vão vender-me,  
 Num porto, que se alonga de Gortina,  
 Quanto pode vencer homem, que corre  
 Desde a terça vigília ao dia em meio.  
 Para trocar de Teodósia trigos,  
 Por tapetes Milésios, teu Pai veio,  
 E comprou-me aos Piratas, por dous Touros,  
 Que, inda, os sulcos de Ceres não rasgavam.  
 De quanto eu lhe era leal persuadido  
 As portas me confiou do nupcial quarto;  
 E em meus braços te pôs; quando Ilítias  
 (Cruas!) a tuna Mãe olhos cerraram.  
 Que de penas me não custaste, infante, <sup>(2)</sup>  
 Quando ele, a ti, me deu, por Mãe segunda!  
 Perdia, a te embalar, no colo, as noites,  
 Nem doutras mãos comeste, que das minhas  
 Se eu me ausentava, a gritos o ar rompias.»

---

(1) Dans une simplicité magnifique. Diz o original.

(2) Na tua infância.

Eurimedusa assim dizendo, a Virgem <sup>(1)</sup>  
Nos braços apertou; e em soltas lágrimas,  
Humedecia o Chão. Chorou Cimódoce,  
Entre as ternuras da Ama. Abraça-a, e diz-lhe:  
«É Eudoro, oh Mãe: é o Filho de Lastenes.»  
Encostado na lança, enternecido  
Sorria à cena o Jovem; <sup>(2)</sup> que à ternura  
Cedeu do rosto o sério. Mas, já grave:  
«Já tens tua Ama, oh filha de Demódoco,  
E a casa, e o Pai não longe. Deus te guarde.»  
Parte, veloz, sem que a resposta escute.  
Das Musas a Vestal, na Arte instruída  
Dos Áugures, evita olhar o Jovem;  
Que, como um Imortal o considera:  
Que olhar um Nume, é provocar a Morte. <sup>(3)</sup>

Dá-se pressa a transpor do Itome a cima,  
Passa as Fontes de Clepsidra, e de Arsínoe,  
E ei-la próxima ao umbral do Templo Homérico.  
Toda a noite vagara pelos bosques  
O disvelado Pai: mandara servos  
A Lina, Feres, Leuctres. Que não vale  
A assegurar-lhe a Paterna ternura,  
Saber ausente o Acaico Procônsul.  
Dado, que, em Roma fosse Hierocles, teme  
O ansiado Pai violenta acção desse ímpio,  
Teme infortúnio à filha tão prezada.  
Quando ela, co' a Ama entrou, o aflito Velho  
De encosto ao negro lar, sentado em terra,  
Involvidas, no manto, as cãs, e a fronte <sup>(1)</sup>  
Com pranto amargo humedecia as cinzas.  
Quasi o soçobra o gosto ao vê-la súbita,  
Correndo a arremessar-se-lhe nos braços.  
Largo espaço volveu, em que, a par, vertem

---

(1) Cimódoce.

(2) Eudoro,

(3) Tal era a opinião do paganismo.

Suspiros, ambos, tremem-lhes soluços.  
Tais, nos ninhos das Aves, vão em dobro  
Os pios, quando a Mãe traz o sustento  
À prole implume. Enfim, suspenso o pranto:

DEMÓDOCO

«Que Deus, oh filha, ao seio meu te volve?  
Como é que ir te deixei, sem mim ao templo?  
Quantos frios receios, quantos sustos  
Me deu Hierocles ímpio, e os seus Satélites?  
Mofa esse ímpio de Deus, de Pais que penam.  
Viras-me o Mar cortar; e aos pés de César:  
— Cimódoce me dá ou dá-me a morte. —  
Viras teu Pai, seus dós ao Sol contando,  
Buscar-te, no Orbe todo, como Ceres  
A Filha, que Plutão roubado tinha.  
Dolente é a sorte dum Ancião, que morre,  
Sem Filhos! Fogem dele; e vão mofando  
Leves Moços: Foi ímpio: e os Deuses justos  
Lhe cercearam prole, e lhe sobnegam  
Filho seu que lhe acuda, co' a mortalha.»

Com a mimosa dextra, ali Cimódoce  
Ameiga o Pai, lhe anedeia a argêntea barba.  
«Oh Pai, Cantor Divino de altos Numes,  
Perdida eu pelos matos, um Mancebo  
(Di-lo-ei um Deus?) nos guiou aos teus Penates...»

DEMÓDOCO (*afastando de si, com ira, a Filha*)

«Tu, das Musas Vestal, de Homero prole,  
Não guias a teu Pai, ao pátrio hospício  
O, que a mim te recobra, Jovem fausto?  
Do teu Divino Avô qual fora a sina,  
Se, com ele, mais brandos não cumprissem  
Deveres hospedais? Já toda a Grécia

---

(1) A fronte encanecida.

Queres que diga: *O Homérico Demódoco*  
*Sua porta negou ao Viandante?*

Ah que eu dor mais pungente não sentira,  
Quando a ser Pai cessara de Cimódoce.»  
A Ama, que o viu tão remontado, inventa  
Traça de à filha obter pronta desculpa.

EURIMEDUSA

«Oh! não culpes, senhor prezado, a Filha:  
De meu singelo peito escuta as vozes.  
Não convidámos, não o Forasteiro  
vir connosco, e ver a face tua,  
Por atalhar rumor, e ruins suspeitas:  
Que é gentil, como um Deus, que desce aos homens.  
Lavra a suspeita, a miúdo, em peito humano.»

DEMÓDOCO

«Que discurso hás vertido, Eurimedusa,  
Dos lábios teus? Nunca, atégóra, [ii] em falas  
O siso teu faliu. Tem por mui certo,  
Que algum Deus a Razão te há transtornado.  
Tens de saber que eu nunca abri minha alma  
A arriscada suspeita. Alto abomino  
Suspeita, ainda a mais leve, de home' a homem.»

Porque aplaque seu Pai iroso, a Filha:  
«Sacro Antiste (lhe diz) refreia os ímpetos  
Dessa ira: que equivale à Fome a Cólera,  
Sendo ambas Mães de pérfidos conselhos. (1)  
Pode, inda esse erro nosso reparar-se.  
Seu nome é Eudoro, e filho é de Lastenes:  
Notícia hás ter de sua stirpe ilustre.»

---

(1) *Et male suada fames.* — VIRGIL.

[ii] *Sic.*

Persuasão meiga ao Pai calou no seio.  
Já aperta a filha ao peito, e lhe diz brando:  
«Não pus de balde o meu maior disvelo  
Em doutrinar-te a infância, nem há virgem  
De teus anos, que em solidez, <sup>(1)</sup> não venças,  
E no bem recamar véus primorosos.  
Somente as Graças, no lavor, te excedem.  
Mas quem iguala as Graças? Pasiteia  
Mormente, que é das Graças a mais nova?»

Muito, oh Filha, conheço a antiga origem  
De Lastenes, nem cedo a alguém, no alcance  
Das prosápias dos Deuses, das dos homens.  
Outrora, sós Orfeu, Homero, e Lino,  
Ou o velho Ascreu, <sup>(2)</sup> vantagens me levavam.  
Valiam mais, que os de hoje outrora os Homens!  
Homem de prole, sangue de Heróis, de Númens,  
Na Arcádia, hoje é Lastenes; vem, por linha,  
Do Rio Alfeu, e entre avoengos conta  
O grande Filopoemen, e a Políbio,  
Caro à filha <sup>(3)</sup> de Astreia, e de Saturno.  
Nas lides sanguinárias de Mavorte,  
Prezado Eudoro foi dos nossos Príncipes.  
Mal que amanhã Irene, Dice, e Eunómia  
(Amáveis Horas) abram porta ao Dia,  
Presentes of'recer, num carro, iremos  
Gratos a Eudoro, cujo esforço, e brios,  
Cujo saber tanto apregoa a Fama.»

Disse: e, seguindo-o a Filha, e Eurimedusa,  
Entram na vastidão do Templo, onde âmbar,  
Mosqueada concha <sup>(4)</sup> e bronze reluziam.  
Logo, dum gomil de ouro, em vaso argênteo,  
Verte às mãos de Demódoco, um Escravo

---

(1) De juízo, e de instrução.

(2) Hesíodo.

(3) Calíope.

(4) Tartaruga.

Límpida linfa. Já o Homéreo Antiste  
A taça ao fogo depurada, empunha;  
Dentro, água, e vinho esposa, <sup>(1)</sup> e esparge em terra  
A sacra libação, que abranda os Lares.

Apenas a Alba branqueava o Oriente  
Que as vozes retiniam de Demódoco,  
Seus indústrios Escravos reclamando.  
Logo Evemon de Boetoo Filho,  
Portas abre onde arreios, carros moram. <sup>(2)</sup>  
Nas saxífragas rodas de outo raios,  
Chapeadas de bronze, embebe o eixo;  
Em balançante couro, o ebúrneo carro  
Suspende, crava a lança, prende o jugo  
Rutilante. Hestioneu de Epiro, destro  
No ensino dos Corcéis, traz as possantes  
Alvi-nitentes Mulas. Vêm, aos pulos,  
Entono dando às frentes e se ufanam  
Com o ouro que cintila dos jaezes.  
De experiência abastada, e de anos, a Ama  
Traz Baco, e Ceres (do homem força, e júbilo)  
Põe, no carro, os presentes decretados  
Ao Filho de Lastenes, brônzea Taça  
De dous fundos, lavor de mão Divina:  
Gravou nela Vulcano a Alcides, quando  
Do orco retrai a Alcestes: prêmio digno  
De quão bem o hospedara o sposo Admeto.  
Taça que a Tíquio Hileu, armeiro insigne,  
Em troco dum broquel septi-Taurino, <sup>(3)</sup>  
Deu Ajax, que o levou ao Troico assédio,  
Tíquia prole, acolhendo o Cantor de Ilion,

---

(1) Grande parte da formosura poética consiste, por alto privilégio da arte, nas atrevidas translações, como quando dá atributos corpóreos a puros espíritos ou quando spiritualiza o que é simples matéria.

(2) Aplique-se a este *moram* a nota antecedente.

(3) Formado de sete peles de touros.



Dessa preciosa taça lhe fez prenda. <sup>(1)</sup>  
Indo a Samos Homero, e de Creófilo  
Nos Lares acolhido, os seus Poemas,  
Por morte lhe legou, e a egrégia Taça.  
Licurgo, Rei de Sparta, pesquisando  
Sapiência (Eras depois) aos de Creófilo  
Progénie visitou, que lhe of'receram  
De Homero a Taça, e os ritmos, que ditara  
Ao Poeta imortal Febo Divino. <sup>(2)</sup>  
Morto Licurgo, herdámos venturosos  
De Homero os cantos: mas entregue a Taça  
Aos Homérides foi; veio a Demódoco,  
Dessa Árvore sagrada último ramo,  
Que, hoje, a destina ao Filho de Lastenes.  
Cimódoce entra, então, num casto asilo,  
Deixa cair-lhe, aos pés, nocturna veste,  
Lavor misterioso do Recato.  
Uma opa (em cor, nevado Lírio) a cobre:  
Cingem-lha airosas Graças sob o peito.  
Logo os pés, com listões, recruza trémulos,  
E odoras tranças, c'uma agulha de ouro,  
Discrimina: traz-lhe a Ama Eurimedusa  
O branco véu das Musas, que resplende  
Como um Sol vinte véus, sobre si tendo,  
Em cofre odoro jaz. Cendal virgíneo  
Lhe é rara nuve' ao rosto. Desse instante  
Vai-se encontrar, co' Pai, que já trajava  
A toga roçagante, em que as purpúreas  
Franjas ondeiam (preço de Hecatombes!)  
Papírea fota <sup>(3)</sup> as cãs lhe adorna argêntneas:  
Tem, na dextra o de Apolo sacro ramo.  
Sobe, co'a filha, ao carro, e ao lado a assenta;

---

(1) Prendeu com essa taça a Homero.

(2) Alude a um epigrama da Antologia, que diz em latim: *Cantabam quidem ego, scribebat autem Ditus Homerus.*

(3) Ornato acostumado dos Poetas.

As rédeas Evemon, a si recolhe  
Da sem-senão parelha, e estende o estalo  
Do açoute às Mulas, que a corrida arrancam,  
E, mal, no pó sinalam rodas rápidas,  
Qual Nau veloz, no mar a esteira <sup>(1)</sup> alisa.  
Enquanto o carro voa, diz Demódoco:  
«Deus atalhe, que à gratidão faltemos.  
Tartáreas portas menos abomina,  
Que ingratos, Jove. Vivem pouco. Às Fúrias  
Os comete, no ponto, em que almo Númen  
Prospera os que recordam benefícios.  
Entre Egípcios, que, mais que os outros homens  
Graças rendem, nascer Deuses quiseram.

FIM DO LIVRO I.º

---

(1) Esteira chamam os nautas o largo, liso rego, que a Nau descreve na carreira.

---

---

NOTAS DO LIVRO I.º

Pág. 25, verso 4.

O Musa, tu, che di caduchi alori  
Non circondi la fronte in Elicona, etc.

Pág. 27, verso 15. E Deus que afracar via, etc.

Essa mesma razão é a que dá Eusébio à perseguição de Diocleciano.

Pág. 28, verso 9. Taleu, monte amado por Mercúrio, etc.

Monte de Creta, onde Mercúrio era adorado. Talvez que Taleu venha de Talus companheiro de Radamanto, em seus trabalhos. Dele fabularam os Poetas ser um Gigante de bronze, que pelejou com os Argonautas, e a quem deu Medeia a morte com seus encantamentos. Vid. PLAT. e APUL.

*Ibid.*, verso 12. A Gortina, etc.

Gortina, uma das Cidades de Creta. Radamanto, fabulado pelos Poetas, é um dos três Juizes do Inferno. Letes pequeno rio de Creta chamado assim, porque à beira dele Hermione olvidara a Cadmo. Atentando os Gregos ao longo das ribas do Letes, num sempre verde Plátano, publicaram que o frondejara Jove porque encobrisse os seus Amores com Europa.

*Ibid.*, verso 17. Dáciles, etc.

Foi opinião de alguns, que os Dáciles Ideus foram sacerdotes de Cibele: e a de outros, que foram uma espécie de Religiosos, primeiros povoadores de Creta. Moravam nas concavidades das Montanhas do Ida.

*Ibid.*, verso 18. Rebanhos, etc.

Imitação de Homero no liv. 4.º da *Iliada* onde falando no filho de Antemião, que Ajax Telamónio matou, traz à memória, que à borda do Simoente o parira a Mãe, indo ver os seus Rebanhos.

Pág. 29, verso 11. A Homero erguiam Templo, etc.

Quase todas as Cidades, que se pleiteavam a glória de ter dado Homero à luz, lhe levantaram Templos. O que Ptolomeu Filopator lhe fabricou, era magnífico; Quio celebrava Ludos, em honra do máximo Poeta; Argos invocava Apolo, e Homero, etc.

*Ibid.*, verso 22. O Promontório Ténaro, etc.

Último Promontório da Lacónia. Hoje o chamamos Cabo de Matapan. Havia nele um Templo de Neptuno, e no Templo, um respiradouro, que guiava aos Infernos. Oetilos, Tálames, Leuctres, etc., são Cidades situadas no longo da Lacónia, no reverso do monte Taigete, e Golfão de Messénia. Cidades tais, que nelas não deparas com assunto, que digno seja de anotar-se. Talvez que Tálames é a Calamata, dado que esta moderna, seja com maior probabilidade, a Célame dos Antigos. Não confundamos Leuctres do Golfão de Messénia, Leuctres da Arcádia, e muito menos com a Leuctres famosa pela vitória de Epaminondas.

Pág. 30, verso 2. Num Rio caudaloso, etc.

Ingenhoso emblema! dos antigos invento foi. Já falando dos que imitavam Platão, dizia Longino, no seu Tratado do Sublime: «Em Homero, como em vivo manancial, hauria (Platão) e dele derivava infinitos arroyos.» Quão venturoso fora eu, se alguns tragos, também, dele haurir pudesse?

*Ibid.*, verso 8. Confins Messénios, etc.

Messénia, Epaminondas a edificou havendo derrotado os Spartiatas, à qual revocou os Messénios foragidos.

*Ibid.*, verso 11. Urna aénia, etc.

Sabidas são as guerras dos Messénios, e Spartiatas. A ponto de serem subjogados, recorreram os Messénios à Religião. «Guardaram (diz Pausanias) um monumento, a que era anexa a salvação do Estado, perdido o qual, destruídos eram; salvos, e levantados de suas ruínas, se o conservassem... Tomou Aristómenes, de noite, o monumento, e soterrá-lo foi, no mais ermo lugar do monte Itome.» Era esse monumento uma Urna de bronze, que continha lâminas de chumbo esculpidas com quanto dizia respeito ao culto dos Deuses. Deparou Epaminondas com ela, e edificou Messénia.

*Ibid.*, verso 16. Pamiso, etc.

Tinha o Pamiso a nomeada de ser o rio mais caudaloso do Peloponeso. O Anfiso entra (ao que diz Pausanias) no Balira. O Poeta Tamiris atrevendo-se a desafiar as Musas, em combate de Canto, e sendo por elas vencido, e castigado com cegueira, deixou cair, ou (como outros dizem), arremessou o seu alaúde, no rio Balira. Quer Platão, que a Alma de Tamiris entrara no Corpo do rouxinol.

*Ibid.*, verso 19. A Juno caro, etc.

O Agno Casto, a cuja sombra dizem que nascera Juno.

*Ibid.*, verso 24. Das águas a frescura, etc.

Quasi todos os rios (antes riachos) de Grécia, secam no estio. Então se lhe arvorejam os álveos de Aloendros, Agnos-Castos, e odoríferas Giestas: esses arbustos que rompem da quebrada dos arroios, só disferem à face do plaino, a florejante coma; e como vão costeando a tortuosa via das secas ribeiras, assim também debuxam como serpeando, arremedados arroios de flores. Vid. *Itinerário de Chateaubriand*.

Pág. 31, verso 3. Mérope, etc.

Cresfonte casou com Mérope (diz Pausanias). Os Reis antigos de Messénia residiam em Andanias.

*Ibid.*, verso 7. Ifito, etc.

Diz Homero, no 21.º Canto da *Odisseia*: «Esse arco dádiva foi de Ifito filho de Eurito, parecido com os Imortais; e Ifito era vindo de Messénia; e encontrou-se com Ulisses, em casa de generoso Orosloco.»

*Ibid.*, verso 8. Steniclara, etc.

*Eufonia causa* pus Steniclara por Steniclere. Sabe-se que na guerra dos Messénios, pediram os Lacedemónios aos Atenienses um General, e que estes lhe mandaram o Tirteu, mestre de Meninos, coxo, e feio. Avistaram-se as Hostes inimigas, junto dum sítio, que se dizia: Monumento do Javali, nos plainos de Steniclara. Tirteu assistiu à acção animando os Lacedemónios, com guerreiras elegias, de que nos ficaram fragmentos.

*Ibid.*, verso 11. Neleu, etc.

Expulso Neleu de Iolcos, Cidade da Tessália, se foi a casa de Afereu seu Primo com Irmão, que reinava em Messénia, e que lhe fez dom de Pilos, e de toda a costa marítima. Teve Afereu dous filhos, Linceu, e Ida, que guerrearam com os Dioscures, e nessa guerra morreram. Por sua morte, passou Messénia ao domínio de Nestor filho de Neleu.

*Ibid.*, verso 29. Oliveira, etc.

Imitação duns versos de Homero:

Qual o Colono, a flórida Oliveira  
Alimenta, em terreno solitário,  
Que em mananciais abunde; ela formosa  
Veceja, e d'alvas flores enfeitada  
Balança a coma, ao vário Eólio sopra.

Tanto admirava Pitágoras estes versos, em Homero, que lhes compôs uma toada, que ele cantava ao som da Lira.

Pág. 32, verso 31. Agaménon, etc.

Alusão a alguns passos da *Iliada*, e da *Odisseia*. Como Ulisses lastimando-se de que morreria, sem tornar a ver o fumo que de seus lares vai subindo. Os irmãos de Andrómaca, pastoreavam os rebanhos, quando Aquiles os matou, etc.

Pág. 33, verso 21. Deduzia, etc.

Imitação do livro 6, da *Odisseia*.

Sentada ao lar, é maravilha vê-la,  
E junto dela escravas; encostada  
Ao pilar, volve um fuso purpurino.

Pág. 34, verso 22. Díctamo, etc.

Non illa feris incognita Capris  
Gramina, cum tergo volueres, hoesere sagit. — *Eneid.* 12.

*Ibid.*, verso 28. Policasta, etc.

Guiou Telémaco ao banho, quando este veio pedir notícias de seu Pai a el-Rei Nestor (*Odiss.*, liv. 3). Houve na Messénia, Ira Cidade, Ira Monte, Ira Rio.

A Cidade Ira, sitiada onze anos pelos Lacedemónios, se rendeu por fim, e, ela cativa, foram dispersos os Messénios. (Vid. Pausanias).

*Ibid.*, verso 29. Limnátida Diana, etc.

Tinha nas fronteiras da Messénia, e da Lacónia, um Templo; ao qual, como viessem festejar a Deusa Virgens da Lacónia, as violaram os Messénios. Donde derivaram as infaustas guerras de Messénia.

Pág. 35, verso 27. A filha de Latona, etc.

Cuja estátua é a própria, que hoje se vê no Museu, com o nome de Diana Antiga. Viu-se.

Pág. 36, verso 5. Ninfas Oceâneas, etc.

Sessenta eram as Oceâneas Ninfas, que compunham o cortejo de Diana.

*Ibid.*, verso 10. Das selvas Rainha, etc.

*Phœbe, silvarumque potens Diana.* — HORAT. Carm. sæculare.

Pág. 37, verso 8. Corço branco, etc.

A Diana se ofereciam Frutos, Bois, Carneiros, Veados brancos.

Pág. 38, verso 4. De Jove, e de Licurgo antigos berços.

Sabia-se, que fora Júpiter criado em Creta, no Monte Ida: mas diz outra tradição, que o fora, no Monte Itome.

*Ibid.*, verso 12. Monte Oecálio, etc.

Oecália na Messénia, era consagrada, em razão dos mistérios das grandes Deusas.

*Ibid.*, verso 14. Túria, etc.

«A seis stádios do mar depararás com Feres; e outenta stádios mais alto, pela terra dentro, jaz a Cidade Túria.» (Pausanias in Messeniis). *Æpeia nunc Thuria vocatur:* (diz Strabo) *vox celsam significat, quod nomen inde habet, quod in sublimi colle est sita.* (Lib. 8.)

*Ibid.*, verso 19. Imitava a Dança etc.

Dá-se a crer, que a dança Cretense, dita Ariadna, era uma imitação do encruzilhado Labirinto. Homero a inseriu insculpida no Broquel de Aquiles.

Pág. 39, verso 11. Choupos gigantes.

Lá de aquáticos Choupos jaz em círculo  
Um bosque, donde manam frias Linfas,  
D'alto penhasco, e às Ninfas Ara no alto  
Em que todo o viandante sacrifica. — *Odisseia*. Liv. 17.

Pág. 40, verso 11. A tiros teus caiu, etc.

Faz alusão à desventura de Niobe, e de seus filhos.

Pág. 42, verso 7.

Alegoria que diz ser o Amor filho da Noite, e mais recôndita, do que a que o nomeia, filho de Vénus.

*Ibid.*, verso 8. Narram os Céus.

*Cæli enarrant gloriam Dei.*

Pág. 43, verso 21. Teodósia.

*Distat ab Africo mari, et Lebene navali portu ad stadia* (xc. STRAB. liv. 10).  
*Post montana ista urbs sequitur Theodosia campo prædicta fertili, et portu vel centum  
navibus recipiendis apto.*

*Ibid.*, verso 27. Ilítias.

Deusas filhas de Juno, que presidiam aos partos. Chama-lhe Eurimedusa cruéis, porque do parto de Cimódoce morreu Epícaris. Com o nome de Ilítia invoca Horácio a Diana, no *Carmen sæculare*.

*Rite maturos aperire partus,  
Lenis Illythia, tuere Matres.*

*Ibid.*, verso 31. Perdia a te embalar no colo, as noites,

Imitação do que Fénix diz a Aquiles na Ilíada:

Nem com outro ir quiseras a convites,  
Nem em Casa comer, sem que em meu colo



Sentado te eu saciasse d'iguarias,  
Por mim partidas; e t'eu desse o vinho,  
Que em vestido, e no seio, arrebeçavas-me.  
Mui difícil infante: — *Ilíada*, Liv. 9.

Pág. 44, verso 15. Provocar a Morte.

Criam que a súbita manifestação dum Nume causava morte. Assim o creram também os Pais de Sansão. (Judic.) *Vide annotationem Dacerii supra* Lib. 16. *Odyss.*

*Ibid.*, verso 28. Ao negro lar.

Costume foi dos desditosos e suplicantes, sentar-se ao lar, e entre as cinzas, (*Odyss.* Liv. 16, e PLUTARCO).

Pág. 45, verso 1. Tremem-lhe soluços.

Imitação duns versos da *Odisseia*, Liv. 16.

*Ibid.*, verso 12. Ao Sol contando.

Usança antiga, que se encontra nos trágicos Gregos. Jocasta, nas *Fenícias*, abre a cena com um monólogo endereçado ao Sol; o que deu lança a Virgílio de compor tão lindamente, *Solem quis dicere falsum audeat?* Quem de falsário, oh Sol, tratar-te ousara!

*Ibid.*, verso 22. Cantor Divino.

Imitação de Sólon, que era ao mesmo passo grande Legislador, e Poeta. Dele restam fragmentos duma como Elegia Política.

Pág. 46, verso 4. Ser Pai cessara.

Terníssima fórmula havida dos Gregos. Semelhante é a que vem na *Ilíada*, quando Ulisses fala de Telémaco.

Pág. 47, verso 8. Pasiteia.

Aglais ou (Aglauro) Tália, e Eufrosina. À mais moça porém chama Homero Pasiteia, em que também o seguiu Stácio.

*Ibid.*, verso 14. O Velho Ascreu.

Hesíodo, de quem Virgílio diz: *Ascræum cano, Romana per oppida Carmen.* (*Georg.* 2.)

*Ibid.*, verso 19. Filopoemen.

*Græcorum ultimus* era como Políbio historiador, ambos de Megalópolis na Arcádia. Calíope (como Deusa da História) era filha de Saturno e Astreia, sc. do Tempo, e da Justiça. Eudoro se chamava um companheiro de Aquiles, de quem assume o nome o Eudoro de Poema.

Pág. 48, verso 2.

Imitação dos versos 172, e 173 do liv. 7 da *Odisseia*.

*Ibid.*, verso 8. Evemon.

Imitação do lugar da *Iliada*, liv. 5, quando Hebe aparelha o Carro para Juno, e Minerva.

*Ibid.*, verso 27. Armeiro insigne.

Vida de Homero atribuída à Heródoto.

Pág. 50, verso 12. Egípcios.

Assim o diz Platão. Perdeu-se a lei que os Egípcios tinham contra a Ingratidão.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO I.º

---

---

## OS MÁRTIRES

### LIVRO II.º

#### ARGUMENTO

*Chega Demódoco, com Cimódoce, a Arcádia, onde encontra, na sepultura de Aglau de Psófis, com um ancião, que o conduz às searas em que fazem a ceifa os da família de Lastenes. Cimódoce reconhece Eudoro, e Demódoco descobre que é Cristã toda a família. Costumes dos Cristãos. Oração nocturna. Chega o Bispo de Lacedemónia Cirilo, Confessor, e Mártir, que pede a Eudoro, que seus casos conte. Ceia, depois da qual vai a família com os Estrangeiros sentar-se num vergel, que orla o Alfeu. Cimódoce, instada por seu Pai, canta ao som da Lira. Canta depois Eudoro. Vão as duas famílias recostar-se. Sonho de Cirilo, e sua Oração.*

COMO o Sol foi subindo à suma sfera,  
Fogosas vão rodando o Carro as Mulas;  
E, ao prazo, em que com gosto, o Foro deixa  
Cansado o Juiz, e a refeição o chama,  
Chega aos confins da Arcádia, o Homéreo Antiste.  
Repousa em Figaleia, tão famosa,  
Pelos seus devotados Orestásios.  
O nobre Anceu progénie de Agapénor  
(Arcádio General, no Cerco de Ilion)  
Deu amiga hospedagem a Demódoco.  
Filhos de Anceu, as Mulas disjungindo,  
Fumegantes de afã, em linfa pura  
Vão lavar-lhe os ilhais de poeira sórdidos;  
E erva tenra, fouçada nas ribeiras  
Do Neda, lhe ante-stendem Frígias Moças,  
Que a doce liberdade (em mal!) perderam.  
Dão Cimódoce ao banho; e entanto, ao Hóspede

Lança Anceu fina veste, e rico manto.  
O seu mais velho filho (entre os da Terra,  
Da Juventude Príncipe, chamado)  
C'roda a frente, com frondoso Choupo,  
Um Javali, das brenhas do Erimanto,  
A Alcides sacrifica; e as dedicadas  
Porções da Rês à of'renda, <sup>(1)</sup> em torno envolve  
Com grossura; <sup>(2)</sup> e por brasas, consumidas  
Foram co' as libações. Co' as cinco pontas  
Duma hástea férrea, às crepitantes chamas,  
Das carnes, que imolou, afronta o resto.  
O succulento dorso, as regaladas  
Postas do Javali dão pasto aos Hóspedes.  
Tres-dobrada porção cabe a Demódoco.  
Baco oloroso, que anos dez sinala, <sup>(3)</sup>  
Em áurea copa verte ondas purpúreas;  
E os dons de Ceres, (que a semear instruiu  
Triptolemo ao bom Arcas caro aos Numes)  
A Glande substituem, que nutrirá  
Pelasgos aborígenes de Arcádia.

Ansioso de ir às Casas de Lastenes,  
São pode desfrutar, com prazer pleno,  
Demódoco o bom trato da hospedagem.  
Já com sombras a estrada se enoitava,  
Quando a língua da vítima aquinhoam,  
E, por último, à Mãe dos sonhos, libam.  
Ao Homereo Antiste, co' a Vestal das Musas,  
Servos são guia a um pórtico sonoro,  
Onde aprestados, estendidos tinham  
De velos <sup>(4)</sup> estremados, brandos leitos.

---

(1) Que fazia a Hércules.

(2) Cada vez que os nossos autores de bom século traduzem o *adeps* da Bíblia, o vertem por *grossura*, e Frei Luís de Sousa (*Vida do Arceb.*) por *banha*.

(3) Pelo lembrete, que assinala o ano em que foi engarrafado.

(4) De peles de farto pêlo.

Indócil, que lhe esquive <sup>(1)</sup> a Aurora a face,  
Diz Demódoco à filha a quem, do sono  
Fraudava algum Poder desconhecido:  
«Ai! de quem nunca às posses de Morfeu  
Nem gratidão, nem tenção pia arranca!  
Como é vedado entrar, nos sacros Templos,  
Com ferro; assim, aos corações de bronze,  
Se tolhe entrar, no Elísio venturoso.»

Co'a prima luz saudava a Aurora a Júpiter,  
Na Ara, que é adorno à Licea penha. O Antiste  
Manda o carro aprestar. De Anceu grandioso  
O ilustre filho, em vão, retém os Hóspedes;  
Tanto o Antiste partir, c'a filha anela!  
Os gradados sagões, c'o rodar rápido  
Do Carro, retroavam. Trilha a senda,  
Que vai seguida ao Templo de Eurinome,  
Transpõe o Elaio serro salva as grutas,  
Em que Pan deu com Ceres, que às lavouras  
Os benefícios seus negava esquiva;  
Mas, que enfim, se deixou dobrar das Parcas,  
(Única vez!) aos homens, favoráveis!

Atravessam o Alfeu, junto ao declívio,  
Onde o Gortínio o alcança, decorrendo  
Até à veia límpida do Ládon. <sup>(2)</sup>  
Lá se lhe of'rece o Monumento antigo  
Que de Olmos circundaram as Oreadas.  
Sepultura de Aglau virtuoso, e pobre,

---

(1) Tardando-lhe, à vontade que ele tinha de partir.

(2) Escrevo as vezes Ládon e outras vezes Ladon, segundo mo requer o verso. Virgílio me deu o exemplo, quando fez breves as penúltimas dos infinitivos de *ferveu* e de *efulgeu* no verso seguinte:

*Feruere Leucaten, auroque effulgere fluctus..*

Deu-mo Camões, quando disse Próteu, em vez de Proteu. Lembra-me mais, que dous versos de Virgílio cita Voltaire: num dos quais o Poeta fez longa a palavra *hic* e noutro a fez breve.

Que à voz do Orác'lo, é mais feliz, que o Creso.  
Dispartiam, da Campa, dous caminhos,  
(Campa, que Mausoléus vence, em renome!)  
Um, que costeando o Alfeu co' Alfeu serpeia,  
Outro, que pela encosta, ao serro envia.

Em tanto que Evemon, consigo alterca  
Qual das estradas siga, — Um home' idoso  
Sentado, avista no de Aglau jazigo.  
Quasi imita, no traje, o dos filósofos.  
Comedida a roupagem; só difere  
Em ser branca, e de estofa assaz grosseiro.  
Creras, que em tal desvio stá aguardando  
Novas de estrada: bem que ares não demostre  
De vã curiosidade, ou de alvoroço.  
Quando o Carro parou, disse a Demódoco;  
«Se de Lastenes vens buscando o alvergue, [iii]  
Lastenes grato o of'rece, e grato acolhe.»

#### DEMÓDOCO

«Nunca a Príamo, que ia ao campo (1) Grego  
Lhe veio ao encontro, mais feliz, Mercúrio.  
Tu, nesse teu trajar, tu, nessas falas,  
Refeitas de bom senso, um sábio inculcas.  
Busco o rico Lastenes, venturoso,  
Que habita (é mui de crer) esse palácio,  
Que à beira do Ladón, daqui diviso,  
E que ares dá do templo de Cilénio.»

#### O CAMPONÊS

«Nesse Palácio, o Arcaico Procônsul,  
Hierocles mora, e aqui é a Cerca de Lastenes,  
Nesse tectos de colmo, que, na encosta,

---

(1) Acampamento.

[iii] *Sic.*

Da serra descortinas, vive o Dono.»  
Disse: e a barreira abrindo, pelos freios,  
Toma as mulas, na Cerca emboca o Carro.

CAMPONÊS

«Leve o teu scravo as Mulas à pousada;  
Qu'eu te guio à família de Lastenes.»

Apeados, toma ele atalho, e os leva  
Por vinhas, em ladeira, que se arreiam  
De agigantadas Faias tremedoras.  
Dão num plaino. Era ceifa: em longa fila,  
Se aprumam feixes: Homens, e Mulheres,  
A qual mais, segam uns, as outras atam;  
Alguns nos carros, feixes acumulam.  
Mal chega o Camponês aos segadores  
— «Convosco seja Deus.» E eles respondem:  
«Deus com sua bênção te cubra, e guarde.»

Vão ceifando, e cantando graves hinos:  
Vão mulheres, trás eles, que respigam  
As paveias que adrede, os homens deixam;  
Que assim o amo lho ordena, porque os pobres  
Algun pão, sem mor pejo, vão colhendo.  
Mas já, de longe, conheceu Cimódoce  
Sentado Eudoro, e a Mãe, e Irmãs à sombra  
Dum Andracne <sup>(1)</sup> do bosque, em louros feixes;  
Que vendo <sup>(2)</sup> vir-lhe em frente os estrangeiros,  
Se ergue a saudá-los, se ergue a mais família.

CAMPONÊS

«Cara Esposa, rendamos a Deus graças.  
Olha quanto é connosco providente,  
Que nos manda estes Hóspedes honrados.»

---

(1) Árvore, ou arbusto mui frondoso, em Grécia.

(2) Eudoro.

DEMÓDOCO

«E eu, que o não conheci, Lastenes rico!  
Como os Céus da agudeza humana mofam!  
Servo te imaginei, por ordens tuas,  
Dos hospedais deveres incumbido.»  
Lastenes se inclinou, c'os olhos baixos;  
Eudoro a Mãe seguia respeitoso,  
Da mão travando a Irmã de anos mais tenros.

DEMÓDOCO

«Hóspede meu prudente, e digna Esposa,  
Que eu à Mãe bem comparo de Telémaco,  
Informados, por certo estais de Eudoro  
De quanto, em pró de minha Filha, em selvas  
Transviada, por Faunos, prefizera.  
Mostrai-mo: e que eu o abrace, como a Filho.»

LASTENES

«Co' a Mãe se encobre, e o que prefez, é oculto.»  
Confuso, então o Antiste, e em si, pensando:  
«Esse ingénuo Zagal <sup>(1)</sup> triunfou guerreiro  
Do Tribuno da Legião Britana, <sup>(2)</sup>  
Constantino o nomeia, caro amigo....»

DEMÓDOCO (*recobrado já do primeiro assombro*)

«Bem que aos Pais, nunca em talhe iguaem Filhos,  
E ao Pai ceda em vigor, e em talhe Eudoro  
Pelo talhe de Herói o eu conhecera.  
Todos desejos teus os Deuses cumpram.  
A ter eu viril prole (dos céus dádiva!)  
Tu, dos meus Filhos o mais jovem foras.

---

(1) Em razão de o ver em traje camponês.

(2) Carráusio.



De valia sem par te eu trago uma urna,  
(Do Carro, um scravo meu vem já trazer-ma)  
Recebê-la, das minhas mãos, te cabe.  
Jovem Eudoro, intrépido guerreiro,  
Quando encantou os olhos de Atalanta,  
Tão gentil, qual tu és, não foi Meleagro.  
Ditoso Pai, ditosa Mãe é a tua;  
Mas mais ditosa a Virgem, que dignares  
Dar-lhe, em tálamo parte! Ah! se não fosse  
A que, no Bosque viste, às castas Musas....»

Sentiram turbação, no ouvir tais vozes,  
O Guerreiro, e a Vestal. Diz logo Eudoro:  
«Com gosto aceito o dom, com que me brindas,  
Se, nos teus sacrifícios não teve uso.»  
Como termo, inda o Sol não punha ao dia,  
Convidou a família a ambos os Hóspedes,  
Ao recosto da clara e fresca Fonte.  
Lá, de Eudoro as Irmãs, aos pés sentadas  
Dos Pais, para uma festa, entrançam, próxima,  
Grinaldas de áurea flor, azul, e roxa;  
Um tanto ao longe as urnas dos ceifeiros  
E os tarros stão; além adormecido  
Um Menino, no berço, à Cercal sombra  
Da enfeixada paveia, posta a prumo.

#### DEMÓDOCO

«De Nestor logras vida, feliz Hóspede: <sup>(1)</sup>  
Nem quadro igual recordo havê-lo eu visto,  
Se não é, no broquel de Aquiles. Nele  
Gravou Vulcano um Rei, entre os Ceifeiros.  
E esse Pastor dos povos ledo e tácito,  
O ceptro seu hasteava, sobre os sulcos.  
Só falta, aqui, do Touro o sacrifício,  
Sob a Enzinha de Jove. Óptima Ceifa!  
Diligentes, na lida, escravos fidos...»

---

(1) Dizemos *hóspede* o que hospeda, e *hóspede* o que é hospedado.

LASTENES

«Escravos não, que a minha crença o veda.  
Livres são todos, quantos vês ceifando.»

DEMÓDOCO

«Comprendo, agora, que assoalhou verdades  
A fama (voz de Júpiter); sem dúvida  
Que a nova seita abraças, e que adoras  
Um Deus, ignoto aos nossos bons passados.  
O meu franco falar desculpa, oh Hóspede:  
À das virtudes Mãe, Verdade santa,  
À de Saturno Filha atentei sempre;  
E os Deuses justos são! Como é que eu possa  
Congraçar vida próspera, que vives,  
Co'as, que aos Cristãos assacam, impiedades?»

LASTENES

«Cristãos: — mas ímpios, não. Nem vossos Deuses  
São justos, nem injustos. Se os meus campos  
Prosperam, entre as mãos desta família,  
Se os meus rebanhos medram, vem de que anda  
(Simples de coração) ela sujeita  
À bondade dum Deus supremo, e único.  
Desta, que o Céu me deu, prudente Esposa,  
Quis, nunca, eu mais, que da amizade os laços  
Humildade de Esposa, e casta vida.  
Deus às minhas tenções lançou a bênção,  
Com dar-me filhos, a seus Pais submissos,  
São coroa dos Velhos, Filhos, que amam  
A quem os procriou; e lhes é Dita,  
Seus Pais amar, amar o Lar paterno.  
Comigo envelheceu a Esposa minha.  
Se a teia de meus anos não foi sempre  
Feliz, nunca, em seis lustros, que adormece  
Junto a mim, revelou a minha Séfora  
Os nocturnos cuidados, e amarguras,

Que lavravam, no arcano de meu peito.  
Deus lhe outorgue, em séptuplos benefícios,  
A paz, que ela me deu; nem tão ditosa,  
Será jamais, quanto eu ansiara vê-la.»

Assim disse o Cristão da primitiva;  
E no falar na Esposa, a alma espriava-se-lhe.  
Cimódoce o escutava enternecida.  
No seio à Pagã meiga, os tão mimosos  
Costumes deslizavam: seu Pai mesmo  
Orava a Homero, a infindo Nume orava,  
Que da verdade a força o não subjugue.

DEMÓDOCO

«Semelhas aos Varões de heróicas Eras.  
Se eu, em Homero, não deparo falas,  
Que, co'as tuas confrontem, teu silêncio  
Do silêncio dos sábios me dá visos,  
No quanto é digno. Vão erguendo o voo  
Tão altos, majestosos pensamentos,  
Nas asas, não, de Eurípides, douradas;  
Sim, de Platão nas sobre-humanas plumas.  
No grémio, logras de áureas abastanças,  
Delícias da Amizade, arbítrio franco  
Reina, enquanto hás em torno, spira tudo  
Amor, Persuasão, Contentamento.  
Conserve, oxalá! prolixos anos,  
Ventura tanta, e tão caudais riquezas.»

LASTENES

«Nunca riquezas tais tomei por minhas.  
Para todo o irmão meu, contente, as colho,  
A Gentio, a Pagão, a Peregrino;  
Que Irmão contemplo a todo o Disgraçado.  
Deus quis, que as minhas mãos as feitorizem;  
Deus mas pode tirar. Bendito seja.»

Enquanto essas razões do peito solta  
Lastenes, para o rútilo horizonte

Olímpio, desce o Sol, de Fóloe aos cumes.  
Como imóvel, ali, suspenso pára,  
Qual broquel de ouro fosse, e cresce em vulto.  
Longes selvas, trajando nívea alvura,  
Telfussa, Alfeu, Ladon, se apavonavam  
De auri-rosada cor. Cala-se o Vento;  
Pelos vales da Arcádia, se devolve  
Brando, aprazível, perenal remanso.  
Cessam lida os Ceifeiros; toma a casa  
Trilho a família, e o tomam, co'ela os Hóspedes.  
De envolta co'amo vêm criados; trazem  
Da lavra os tão variados instrumentos.  
Vêm logo os mulos de pegada firme,  
Co'a lenha decotada em altos serros;  
Co' a relha inversa os bois, a lento passo;  
Co's cereais dons, tremendo, os carros, chiam.  
Entram em casa. A ponto o sino toa.

LASTENES (*a Demódoco*)

«Às preces vesperais o som nos chama.  
Vem connosco; ou permite, espaço curto,  
De teu lado ausentar-nos.»

DEMÓDOCO

«Oh! não queira  
Jamais o Céu, que eu menospreze as Preces:  
As Preces, coxas <sup>(1)</sup> Filhas do alto Jove,  
Que iras de Ate amansar, únicas sabem.»  
Já, num pátio se ajuntam, que é cercado  
De redis ovelhuns, e de Celeiros.  
Lá colmeias recendem, seu aroma  
Desposando, co' odoro níveo Leite,  
Que, das vacas, ao vir dos pastos, mana.

---

(1) Epíteto imitado de Homero.

No aprico pátio, um poço o centro ocupa,  
 Dele, altos postes sobem, abraçados  
 De trepadoras heras, e sustentam  
 Dous amplos vasos de Álois salutífera.  
 Cobre o bocal com sombras, a Nogueira  
 Pelo avô de Lastenes, lá plantada.

Junto dela, olhos fitos, no Oriente,  
 O Amo descobre a fronte, adorabundo,  
 Rodeado dos Ceifeiros, dos Pastores,  
 Que, no recente colmo, os joelhos curvam.  
 Logo entoa, em voz alta, habituais preces,  
 A Deus, por toda a Grei: preces repetem  
 A boa Mãe, os Filhos, os Criados.  
 «Durante a noite, oh Deus, visita, e ampara  
 Esta morada nossa, e ruins sonhos  
 Dela afasta; despida a diária veste,  
 Tu nos cobre co'as roupas da Inocência,  
 Co'as roupas imortais, que hemos perdido,  
 Quando os primeiros Pais a lei quebraram.  
 E quando adormecermos, no jazigo,  
 Traslada nossas almas ao repouso,  
 Que, para os Bons, nos Céus aparelhaste.»

Finda a humilde oração, entram, na sala,  
 Em que hospedal repasto os aguardava.  
 Logo um servo, e uma serva, ali, traziam  
 Dous grandes, brônzeos vasos transbordando  
 De linfa; que aquecera activa flama.  
 A Demódoco os pés banhava o servo,  
 E a Cimódoce a serva oleoso aroma  
 Lhe verte que alvo linho embebe e enxuga.  
 Ergue-se a Primogénita, <sup>(1)</sup> que em anos  
 Parelhas corre, c'ó a Vestal das Musas:  
 Desce à subtérrea abóbada fresquíssima,  
 Onde o que alenta a vida, é lá de sobra,  
 E em stantes de Carvalho orna a Despensa.

---

(1) Filha mais velha de Lastenes.

Licor de oliva entufa plenas peles,  
(Suave, quanto o de Ática); ali pousam  
Marmóreas talhas, que arremedam piras;  
Carrancas de Leões têm por adorno,  
E, no bojo, contêm farinha estreme.  
Urnas de Mel Cretense: que, se ao de Hibla  
Cede, na alvura, em cheiro o sobreleva:  
Jarras de Vinhos, que espremera Quio,  
Que em Bálsamo tornou o andar dos anos.  
Benéfico licor, que a alma alegre,  
Na franqueza amigável dum Banquete,  
Da Lasténia Donzela abundam a Urna.

Altercavam os Servos, se a comida,  
(Qual dia festival) sob' a Figueira,  
Ou já no Parreiral, se endereçasse;  
Vão o Amo consultar: este lhe ordena,  
Que, na Sala dos Ágapes concertem  
Longa Cedrina mesa, e que a bem lustrem;  
Que a sponja a purifique (e com colmados  
Çafates de asmos Pães abastem, provam. <sup>(1)</sup>  
Logo, em discos terreaís, <sup>(2)</sup> lhanas raízes  
(Sustento da família) e vêm as Aves,  
E os peixes da Stinfálida alagoa;  
Aos hóspedes, cabrito, que de Alífera  
Apenas há mordido o Medronheiro,  
Ou codeço dos Meneleios vales.

Já à mesa os convidados se avizinham:  
Eis dá nova a Lastenes uma serva,  
Que, igual no gesto, ao Sposo de Maria,  
Vira um Ancião, dos cedros na alameda,  
Jumento humilde cavalgando a passo.

---

(1) A provam com abastança.

(2) Pratos de terra. Pus discos terrais, na versão, por não desmentir do Original, que pôs *discos*.

Entra o Varão de face veneranda,  
Pastor no traje, em bedém branco envolto.  
A Idade o calvejou; pasto das chamas  
Gran parte foi das cãs; inda as costuras  
Na fronte assinalavam seu martírio,  
Padecido, nas Iras Valerianas. <sup>(1)</sup>  
Desce-lhe ao cinto, em ondas, branca abarba;  
No bago, que um cajado imita, e fora  
Mimo que (à usança dos antigos Padres)  
Lhe fez o Bispo de Solima santa,  
E insígnia de Viador, vinha encostado,  
De paternais funções indício dando.

De Sparta era Pastor, mártir Cirilo,  
Deixado, e tido morto por verdugos,  
Numa, contra os Cristãos, pagã tormenta.  
Mau grado seu, alçado ao Sacerdócio,  
Por furtar-se ao sublime grau de Bispo,  
Scondeu-se humilde. Inútil humildade!  
Que esse longo scondrijo de seu servo  
Deus o pôs aos Fiéis patente, e claro.  
Lastenes, e a família o receberam  
Com sinais de respeito o mais profundo:  
Prostram-se ante ele, os sacros pés lhe beijam,  
Cantam Hossana, e unidos o saúdam:  
«Santo, mui Santo, e a Deus prezado, e caro.»

O Láureo ramo, com listões ornado  
Demódoco meneando: «Voto a Apolo,  
Que nunca os olhos meus presente viram  
Mais venerando Ancião. De Rei tens ceptro  
Homem curvado c'ó pendor dos anos?  
Ou sumo Antiste és tu de excelsos Numes?  
Ir-lhe-ei (qual Deus seja) imolar vítimas.»  
Suspenso o olhou, e lhe sorriu Cirilo.

---

(1) Na perseguição desse Tirano.

«Co'este ceptro <sup>(1)</sup> (antes báculo) o Rebanho  
Rejo Pastor, não Rei: remonta aceito,  
Meu sacrifício a Deus, que entre os Pastores,  
Num presepe nasceu. Com prazer sumo,  
Se assim desejas, to darei sabido.  
É Deus, que corações quer só por vítimas.»  
Logo, voltando as vozes a Lastenes:  
«Por qual motivo eu venha, bem te é claro.  
Nossos irmãos, a pública, de Eudoro,  
Penitência admirando, saber querem  
Todos dela a razão. Teu filho os casos  
Contar-me requereu da sua vida:  
E eu dous sóis <sup>(2)</sup> me estremeci, para escutar-lhos.»  
Cercam servos a mesa, com assentos;  
Junto ao Bispo Cristão, o Antiste Homéreo  
Sentar-se vai; a mais família ocupa  
Os restantes lugares. Já Demódoco,  
Co'a Copa que alça, aos Lares de Lastenes  
Quer libar. Mas Cirilo, brando <sup>(3)</sup> o atalha.  
«Teor de ilolatria a Fé nos tolhe;  
Nem de mágoas nos dar te colho intento.»

Foi sincera, e cordial, foi mansa a prática; <sup>(41)</sup>  
E, durante uma parte da comida,  
Leu Eudoro (colhidas no Evangelho,  
Epístolas de Apóstolos) doutrinas,  
Que Cirilo explanou, suave; e quanto  
Sobre sponsais deveres, Paulo disse.  
Cimódoce tremia; e lhe iam lágrimas  
Rodando airosas, no virgíneo rosto.

---

(1) Resposta de Cirilo.

(2) De *sóis* por dias à maneira de Virgílio, Horácio, etc., me dá Camões exemplo, quando diz: *já cinco sóis eram passados*. Cant. 5.

(3) *Brando* (adverbialmente) por brandamente, como usavam os Latinos, e à imitação deles Garção *que doce ri, que doce fala* por docemente ri, docemente fala.

(4) Conversação à mesa.



Com dar graças, a Ceia concluindo,  
 Dispõem de irem sentar-se em longo mármore,  
 Que, à porta do vergel, serve a Lastenes  
 De Tribunal, nos pleitos dos Domésticos.

Qual o simples Pastor, que os Fados criam  
 Para glória e troféus, o Alfeu resvala  
 Às abas do Vergel sombreadas ondas,  
 Que irão c'roadas ser, co' as palmas de Élide.  
 Debruçado das selvas de Ericina  
 Da Campa, que a ama encerra de Esculápio,  
 Trilha o Ládón, serpeando, amenas veigas,  
 Té que o paro cristal, no Alfeu, confunde.  
 Por dous Rios banhado o vale esconso,  
 Murtas, olmos, sicómoros o enfeitam.  
 Dão-lhe, pelo horizonte Anfiteatro,  
 Empinadas montanhas pedregosas,  
 Cujos cumes embrenham broncos matos,  
 Covis de Onagros, Corços, Leões, Ursos,  
 Tartarugas enormes, que matéria,  
 Da Concha, às Liras dão. Guiam Pastores,  
 De Javalis, nas couras, enroupados,  
 Fatos <sup>(1)</sup> de Cabras, por alpestres penhas,  
 Por Pinheirais. Ao Númen de Epidauro  
 Seus velos são sagrados pela goma,  
 Que, em tosar o sargaço, se lhe apega,  
 Lá, nesses alcantis inacessíveis.

Sublime quadro, simples, grave, e alegre! <sup>(2)</sup>  
 Minguava a Lua, e no Zénite, brilhava,  
 Quais brilham semi-círculas alâmpadas  
 Acesas, por Cristãos, na Campa, aos Mártires.

---

(1) Na *Corte na Aldeia*, diz Lobo, fato de Cabras, alcateia de Lobos.

(2) Estes quatro epítetos vêm na prosa do Original; noutra prosa (*Vida do Arcebispo*, por Fr. Luís de Sousa) vêm outros quatro epítetos: *Traziam consigo um Urso grande e corpulento, feio, e feroz*. Bastante desculpa para quem traduz em verso.

Contemplava Lastenes, e a família  
 Tão quieta, soidosa perspectiva;  
 Deslembrando as, da Grécia curiosa,  
 Vãs ufanias. Dava olhos humildes  
 O bom Bispo ao poder, que nas entranhas  
 Dos penhascos, torrentes entesoura,  
 E a cujo andar, os Montes estremecem,  
 E quais Cordeiros tímidos subsultam.  
 Admirava a sapiência, que qual Plátano,  
 Frondeja orlas dum Lago; ou que qual Cedro,  
 No Líbano se exalça. Eis que Demódoco  
 Ansioso de alardear da Filha as prendas,  
 Contemplações interrompeu tão graves.

## DEMÓDOCO

«Das Piérides aluna, os seios da Alma  
 Destes, encanta, veneráveis Hóspedes;  
 Brando comprazimento enfeita a vida.  
 Seus dons retrai Apolo ao que é soberbo.  
 Que descendes de Homero ostenta agora.  
 Os Poetas aos Homens legislaram,  
 E a Sapiência deram. Agaménon  
 A Clitemnestra, quando se ia a Tróia,  
 Um Cantor lhe deixou, que na virtude,  
 Divino a roborasse; e, se a lembrança  
 Riscou do seu dever, foi quando Egisto  
 Pôs, numa Ilha deserta, o Aónio Aluno.»

Eudoro a Lira traz, e a entrega à Virgem,  
 Que tímida, uns sons meigos, que mal se ouvem  
 Solta. Eis se ergue, eis preludia, em tons diversos,  
 Franqueza dando à voz melodiosa,  
 Já o Canto enceta, c'um encómio às Musas.

«Vós Musas, tudo aos Homens ensinastes;  
 Vós alívio da vida fosteis sempre;  
 Suaves suspiros dais às mágoas nossas,  
 Canoros sons às nossas alegrias.  
 A Divina Poesia, única prenda,  
 (Que dos Céus nos desceu,) porque tal mimo

Nos coubesse, de Vós fez Jove escolha.  
 Oh filhas de Mnemósine, que as selvas  
 Do Olimpo amais de Tempe os Vales,  
 E as águas de Hipocrene, esteio às vozes  
 Da Virgem, dar, sagrada ao vosso culto.»

Invocadas as Musas, logo canta  
 Dos Deuses o princípio, e o como Júpiter  
 Se esquivou dos furores de Saturno;  
 Como a Jove estalou Palas, do cérebro.  
 Hebe é filha de Juno; e surge a Cípria <sup>(1)</sup>  
 Da undosa spuma, e são sua <sup>(2)</sup> prole as Graças.  
 Logo, na Lira entoa a humana Origem,  
 Que animou Prometeu, com luz roubada.  
 Canta a fatal Boceta de Pandora;  
 Pirra, e Deucalion, que de Homens o Orbe  
 Repovoou. Mudados canta os Numes,  
 Varões mudados, em répteis, em aves,  
 Helíades em olmos, e seus prantos  
 Condensados em âmbar, que nas ondas,  
 Vai revolvendo o Pó. <sup>(3)</sup> Já canta Dafne,  
 Filomena, Atalanta, Baucis, Clicie;  
 Das lágrimas da Aurora o rócio, o aljofre,  
 E, a que os Céus orna, <sup>(4)</sup> Cr'oa de Ariadna.  
 Nem de vós se esqueceu, ribeiros, fontes,  
 Com que as frondentes sombras se alimentavam.  
 Honrou o Ancião Peneu, com sons suaves  
 E Erimanto, e o volti-vago Meandro;  
 E a ti, Scamandro ilustre em fama, e o Ismeno  
 C'o Spérquio tão prezado dos Poetas;  
 Da Tindárida <sup>(5)</sup> o tão querido, Eurotas,

---

(1) Vénus.

(2) Se necessário fora, mil exemplos apontara de Poetas nossos, que de *sua* fazem uma sílaba só.

(3) O Erídano.

(4) *Additum stelis honorem.* — HORAT. Lib. 2. Od. 12.

(5) Leda.

E da Meónia o Rio, a quem os Cisnes,  
Tanto, c'os doces quebros, celebraram.

Nem passou, em silêncio, os Heróis ínclitos,  
Que Homero discantou. Já ardente flama  
A alma a trovejar iras de Aquiles  
Aos Gregos perniciosas! Canta Ulisses  
E Fénix, e Ajax, na orgulhosa Tenda  
Do amigo de Patróclo; canta Andrómaca  
À porta Sceia, e de joelhos, Príamo  
Ante o que a Heitor matou; as penas canta  
De Penélope; e em casa de Eumeu fido  
Conhece a Ulisses, por seu Pai, Telémaco.  
Vê o Amo <sup>(1)</sup> o Cão fiel; e o gosto o mata.  
Cimódoce, do Avô de imortal nome  
Cantar não pode os versos, sem que exalte,  
Com saudoso plectro, essa memória.  
Virtuosa, e pobre, a Mãe de Melegísenes, <sup>(2)</sup>  
Na profundez da noite, a luz acende,  
Meneia o fuso a fim que as lãs vendidas  
Sejam preço do pão, que ao filho alente.

Canta depois, que cego Homero <sup>(3)</sup> o chamam.  
Que agasalho pedia a povo e povo.  
Cego, os Poemas seus, à sombra do Álamo  
De Hile, com estro, ressoou, Divino.  
Cego, em Quio, passou, na praia, a noite,  
E azar lhe aconteceu, c'os Cães de Glauco.  
Quanto peregrinou, por longes Terras!  
Vagou, do Rei de Eubeia, aos ludos fúnebres,  
Onde Hesíodo ousou pleitear a Homero,  
A Palma da Poesia. Mas Cimódoce  
Escureceu, que Anciãos c'a c'roa ornaram  
O canto — Obras, e Dias <sup>(5)</sup> —; conceituando

---

(2) Depois de tão longa ausência.

(3) Homero.

(4) A palavra Homero quer dizer cego.

(5) De Hesíodo.

Ser tais lições de mor proveito ao mundo.

Põe fim ao Canto, a Lira lhe emudece.

Zéfiro, que do Alfeu, do Ládon vinha

Soltas madeixas de ébano espraiano

Lhas ondeia, em anéis lhas entretece

Pelas cordas da Lira. <sup>(1)</sup> À luz de Febe

Rutilante, trajada <sup>(2)</sup> em opa alvíssima,

Deusa, dos Céus descida, a publicáreis.

Taça, em vão pede o extático Demódoco,

Com que ao metríflo Deus libe, e agradeça.

Como viu, que os Cristãos não despendiam

Merecidos encómios à Cantora:

#### DEMÓDOCO

«Hóspedes meus, disgosta-vos o canto?

Aos Deuses e aos Heróis ameiga a Música,

Orfeu dobrou a Dite ilacrimável; <sup>(3)</sup>

E as próprias Parcas que alvas roupas cingem, <sup>(4)</sup>

Sentadas no eixo de ouro do Universo,

Escutam das esferas a harmonia.

Grão Privado do Olimpo, assim Pitágoras

No-lo afirma, e os Varões de antigas Eras

Egrégios no saber, tanto co'a Música

Se enlevavam que o nome *Lei* lhe deram.

De mim digo, — e a afirmá-lo me insta um Númen,

Que a ser outra, e não minha, a Aónia Virgem,

Eu Pomba a crera, que levava a Júpiter

Suave ambrósia, nas Cretenses selvas.»

---

(1) Que ela ainda sustinha nos braços.

(2) Cimódoce.

(3) *Illacrimabilem Orphea Ditem.* — HORAT.

(4) *Catulo*, nas bodas de Pleu, dá às Parcas alvas roupas.

## CIRILO

«O assunto afoga e não o canto, o aplauso.  
 Dias virão, enfim, que essas antigas  
 Ingenhosas ficções, sejam singelas  
 Meras fábulas, ricas louçanias  
 Dos cantos dos Poetas, essas, que hoje  
 Vos enturvam o Ingenho; e, em vida, a um jugo  
 Deslustroso a Razão dos Homens prendem,  
 E, em morte, entregam a alma a crus tormentos.  
 Livra esta Religião que professamos,  
 No Amor e na Harmonia. Oh quão terníssimos,  
 Essa Virgem, que à Pomba comparaste,  
 Quebro tem de entoar, quando responda  
 A seus sinceros sons, pudico assunto!  
 «Vai-te, oh Rola saudosa, à Serra; vai-te  
 Onde à spera da Sposa, o Sposo insiste.  
 Vai-te aos míticos Bosques, onde o arrulho  
 Te ouçam ternas, as Filhas de Solima. <sup>(1)</sup>  
 Mostra <sup>(2)</sup> que injusto nos arguiu Demódoco;  
 Canta alguns lanços <sup>(3)</sup> dos sagrados Hinos,  
 Que Irmãos nossos, os bons Apolinários <sup>(4)</sup>  
 Consonaram na Lira; e que não somos  
 Da alta Poesia, aos santos sons, esquivos.  
 De grado anuiu Deus aos nossos Cânticos,  
 E Pagãos corações moveu, com eles.»

Dos ramos dum Salgueiro, <sup>(5)</sup> não distante,  
 Frouxas as cordas, c'o nocturno orvalho,  
 Pendia Hebreu Cinor, <sup>(6)</sup> mais bem fornido

---

(1) Jerusalém.

(2) Encaminhando a voz a Eudoro.

(3) Por tractos ou trechos das estrofes dos Hinos.

(4) Cristãos, que versificaram parte da Bíblia.

(5) *In salicibus suspendimus organa nostra.*

(6) Instrumento mais encorpado que a Lira.

Em corpo, e voz, que a Lira de Cimódoce.  
 Desprende-o Eudoro, atesa as frouxas cordas,  
 Toma posto, no centro do Congresso.  
 Assim David se apresta a, c'os sons da Harpa,  
 O sprito afugentar, que entrara em posse  
 Do Monarca Saúl. Junto a Demódoco  
 Cimódoce se assenta. Eudoro crava  
 Os olhos do stelante firmamento,  
 E logo a voz franqueia ao Canto Augusto.  
 Entoa o Caos nascido, a Luz criada,  
 C'um *Fiat* Divirial. A terra brota  
 As Plantas, e Animais. Sopro de vida  
 Deus, no home'imagem sua, inspira ao rosto. <sup>(1)</sup>  
 Duma costa de Adão lhe plasma uma Eva;  
 Seu prazer, sua dor, no primo parto.  
 De Abel, do Irmão memora os sacrificios;  
 De Abel, o Justo, a morte, e o sangue humano  
 Alçando aos Céus o seu clamor primeiro.  
 Já adoça a Lira <sup>(2)</sup> e dá de Abraão as Eras;  
 Canta a Palmeira, <sup>(3)</sup> o Onagro alpestre, <sup>(4)</sup> e o Poço  
 E Rebeca esposada, <sup>(5)</sup> e o Peregrino <sup>(6)</sup>  
 Patriarca, <sup>(7)</sup> sentado ao rés da Tenda. <sup>(8)</sup>  
 Canta picos de Hermon, do Oreb, do Sinai  
 Rebanhos de Galaad, vales do Líbano,  
 Rosais de Jericó, Palmas de Idume,  
 Ciprestes de Cadés; Sion, Solima,  
 E Efraim, e Siquem; Cedron torrente

---

(1) *Spiravit in faciem ejus Spiraculum vitæ. — Génesis.*

(2) Tinha o Cinor feittio de Lira.

(3) Génesis.

(4) *Ibid.*

(5) *Ibid.*

(6) Montada num Camelo, diz o Original.

(7) Isaac.

(8) Habitação coberta com peles, à feição das Tendias de Campanha.

Discanta, e as do Jordão sagradas águas.  
Julga às portas das vilas <sup>(1)</sup> o Conselho;  
Booz ceifa; Gedeão bate na eira o trigo;  
Visita de Anjo acolhe; o Ancião Tobias,  
Pelo latir do cão, ao Filho accorre.

Por não ver Ismael, que está morrendo,  
Desvia o rosto Agar. Antes que entoe <sup>(2)</sup>  
Prodígios de Moisés, Pastores canta,  
E a Madian, por Irmãos, José vendido,  
José reconhecido. A Faraó prostra-se  
Jacob; e jaz c'os seus, no val de Mambre.

Muda, na Lira o modo, <sup>(3)</sup> e de Ezequias  
As Endechas entoa, e as que cativo  
Israel cantou, nos Rios Babilónios. <sup>(4)</sup>

A formosa Raquel, em Rama, geme,  
E lamentam, na Lira <sup>(5)</sup> os Filhos de Amos.

Chorai, oh portas ermas de Solima:  
Os teus Filhos, Sion, teus Sacerdotes  
São levados a duro cativo.

Cantou a infinda humana vaidade,  
Vãs riquezas, vãs glórias, vãs ciências;  
Inda a Amizade é vã, é vã a vida;

Posteridade é vã. Expôs o quadro  
Do ímpio, que vida próspera blasona.

Mais vale a morte (se a prefere o Justo)  
Que ver-se o ímpio superste. <sup>(6)</sup> Louva, e exalça  
(Quando virtuoso) o pobre. A lã, e o linho  
Lavra a forte Mulher, com engenhosa

---

(1) Era uso entre os Hebreus pôr às portas das Cidades o tribunal dos Juizes.

(2) Eudoro.

(3) *Modos fecit*, diz Terêncio, falando do que fez a música para a sua comédia.

(4) *Super flumina Babylonis*. Salm. 136.

(5) De Eudoro.

(6) É corrente entre os melhores Poetas quebrar os versos para imitar o tumulto das ideias.



Destra mão, distribui na alta noite  
 Aos servos o labor; a formosura  
 Como um vestido a adorna: levantaram-se  
 Os filhos, e a aclamaram venturosa,  
 Ergueu-se o Sposo, e deu-lhe encómio egrégio.

Quadros são, com que Eudoro mais se inflama.  
 «Oh Deus celeste, oh tu, meu Deus supremo,  
 Tu a pousada assinalaste à Aurora;  
 À tua voz, lá se alça, o Sol, no Oriente;  
 Qual soberbo Gigante enceta o giro  
 Qual se ergue o Sposo em grão splendor, do tálamo:  
 Se o Trovão chamas, o Trovão responde:  
 — *Eis-me, Senhor.* — Dos Céus a altura abaixas.  
 O teu sp'rito, nos torvelinos, voa,  
 E ao sopro da Ira tua treme a Terra;  
 Fogem Mortos, da Campa, espavoridos.  
 Quão grande, que és; meu Deus, nas Obras tuas!  
 E o homem que val? Que, nele, a afeição ponhas!  
 E, nada menos, <sup>(1)</sup> no Homem vinculaste  
 Teu eterno, teu gran comprazimento.  
 Deus forte, Deus piedoso, Ente increado,  
 Ao teu Poder, a Ti, Ancião dos dias, <sup>(2)</sup>  
 Se dê, e a ti Clemente, Amor, e Glória.»

Eudoro assim cantou. Foi ressoando  
 Seu canto, pelos côncavos de Arcádia,  
 Que, a tão viris conceitos Ecos dobram;  
 Sentem Divina voz de ardentes Salmos. <sup>(3)</sup>  
 De quanto a Avena, e a Pan tal canto vence  
 Os Ecos se assombraram. Tão suspensos  
 Demódoco, e Cimódoce ali ficam,  
 Que é negado dar senhas do que sentem.  
 Os que, rompem, clarões, da sacra Páginas

---

(1) *Quid est homo, quoniam reputas eum.* — Ps.

(2) *Antiquus dierum.* — DANIEL. 7.

(3) *Et sacro Psalms calentes lumine.* — Hym. Dominic.

As mentes lhes delumbram, entretidas  
Em frouxa, escassa luz, por entre sombras.

Contemplando o Cantor qual Febo Apolo,  
Querem-lhe consagrar uma áurea Trípede,  
Que a flama não manchou. Mormente a Filha  
Se entranhou do louvor da Mulher forte,  
Louvor, que ensaiar quer na ebúrnea Lira.  
Em mais graves conceitos se engolfava,  
Em si absorta, a mui Cristã família;  
E o que era alta Poesia, para estranhos,  
Verdade eterna, a meditou, profunda.  
No Congresso, a mudez mais se alongara,  
A não virem rompê-la aplausos súbitos,  
Aplausos pastoris, lhanos, sinceros.  
Nas asas, aos Zagais, levara o Zéfiro  
De Cimódoce a voz, e a voz de Eudoro:  
Pastores, de rondão descem da Serra,  
Por, de mais perto, ouvir: certos, seguros  
Que as Musas, e as Sereias renovavam,  
Junto do Alfeu, o antigo, árduo certame,  
Que de asas <sup>(1)</sup> desfalcou as Aqueloas, <sup>(2)</sup>  
Dando às Musas o lauro do triunfo.  
Já, nos Céus, mais de meia estrada, o Carro  
Da Noite decorrera. Então Cirilo  
A descansar do Dia inclina os Hóspedes.  
Assim, afadigado, o vinhateiro  
Se ajoelha, vezes três quando o Sol cai, <sup>(3)</sup>  
E três vezes invoca a Essência Trina. <sup>(4)</sup>  
Dado o ósculo de Paz, vai-se a Família  
Em casa recostar, tranquila e pura.  
Vai um Servo guiando o Antiste Homéreo  
Ao Quarto, que lhe estava apercebido,  
Não longe de Cimódoce. As palavras

---

(1) Variante. Que as asas arrancou às Aqueloas.

(2) As sereias, Filhas do Rio Aqueloo.

(3) *Cadente Sole*.

(4) Avé Marias, ou Trindades.

De vida meditadas por Cirilo,  
Sobre steiras de Cana se repousa.  
Olhos cerra... Eis que um sonho lhe afigura  
Rotas de novo as Chagas do martírio!  
Sentiu, com gosto, o sangue, ir-lhe vertendo,  
Pela Fé, em vermelho, solto fio.  
Logo um Mancebo, logo a tenra Esposa  
Que, trajados de luz, pelos Céus rompem,  
Que, co' a palma que empunham, lhe dão senhas,  
Que, no trilho os alcance. Só <sup>(1)</sup> não pode  
Bruxulhear-lhe as faces: — cobre-as nuvem.  
Acordou, santamente alvoroçado;  
Que lhe deu luz o sonho misterioso  
De alto aviso aos Cristãos. A orar se prostra,  
Debulhando-se em lágrimas. Ouviram-no  
Na nocturna mudez, clamar a miúdo:  
«Se, vítima, Senhor, pedes irado,  
Resgata o Povo teu, com esta minha.»

FIM DO LIVRO II.º

---

(1) Por somente.

---

---

## NOTAS DO LIVRO II.º

Pág. 59, versos 3-4.

Imitação dos versos 439, e 440 do livro 12 da *Odisseia*.

*Ibid.*, verso 6. Figaleia.

Cidade da Arcádia, fundada num rochedo, e atravessada por um regato chamado Limas, que desembocava em o Neda. Os Figaleus expulsos da sua terra pelos Lacedemónios, consultaram o Oráculo de Delfos, que lhes respondeu: «Tomem consigo os Figaleus cem mancebos da Cidade de Orestásio, que perecerão no Combate contra os Spartanos, e então os Figaleus tornarão a entrar na sua Cidade». Os Orestásios valorosamente se devotaram (PAUSANIAS).

Pág. 60, verso 12. O dorso.

Era a porção, que por maior honraria se dava no convite. Assim o fez Ulisses no Livro 8 da *Odisseia* a Demódoco, em prémio do que havia cantado.

*Ibid.*, verso 20. Pelasgos.

Pelasgo Rei da Arcádia deu o seu nome aos seus Vassalos. Filho de Pelasgo foi Licaon, convertido em Lobo. Calixto Mãe de Arcas, era filha de Licaon. Arcas doutrinado por Triptolemo ensinou a seus Vassalos a semear trigo, e a se alimentar com ele em vez de Glande (PAUSANIAS).

Pág. 61, verso 17. Elaio.

Monte que distava de Figaleia trinta estádios. [IV] No monte Elaio demorava a gruta negra de Ceres, que carpindo o roubo de Proserpina, nela se ocultou a chorar, vestida de luto. Esmoreciam os frutos, e as sementeiras; morria de fome a gente; nem sabiam os Deuses onde com Ceres deparassem. Monte-

---

[IV] Medida itinerária dos antigos Gregos.

ando na Arcádia Pan, acertou de vê-la. Acorre com a nova a Júpiter, que a Ceres envia as Parcas, que aplacaram a inexorável Deusa, à força de rogos, e os humanos conseguiram medrarem-lhe as Searas (PAUSANIAS).

*Ibid.*, versos 22 e 24. Alfeu, e Ládon.

De ambos estes Rios é clara a fama. A do Alfeu, pelos seus amores com Aretusa, e pelos ludos Olímpicos, a do Ládon, pela formosura de suas águas. Dos Rios todos o mais célebre pela fresquidão da sua Corrente é o Gortínio.

*Ibid.*, verso 25. Lá se lhe of'rece.

Imitação de Homero do Livro 6 da *Iliada*.

*Ibid.*, verso 27. Aglau.

Mostraram-nos um Casalzinho, e uma mesquinha Choça. Lá nos disseram que vivia, algumas eras há, um Cidadão virtuoso, mas pobre, que Aglau se nomeava. Sem apetecer cousa alguma, cultivava o seu acanhado prédio; ignorado de todos, todos os acontecimentos ignorava. Nunca do seu Casal saíu. Na quadra da mais longa velhice de Aglau, como a Delfos Embaixadores fossem d'El Rei de Lídia (Creso ou Giges) perguntar ao Oráculo, se no mundo universo havia mais afortunado varão que esse Monarca, respondeu-lhes a Pítia: «Aglau de Psófis». Vide *Peregrinações de Anacharsis Júnior*.

Pág. 62, verso 11. Em ser branca.

Vide FLEURI, *Mœurs des Chrétiens*. Rejeitavam os Cristãos, em seu vestir, cores vistosas. Mas S. Clemente de Alexandria recomenda a cor branca, como símbolo da pureza... Severos no exterior, simples, e sérios, e como a descuido o conservavam os Cristãos, depunham alguns o traje ordinário, e se vestiam à filosófica. Tal o fez Tertuliano, e Heraclas discípulo de Orígenes.

Pág. 63, verso 14. Convosco seja Deus.

*Dixit que messoribus: Dominus vobiscam. Qui responderunt, benedicat tibi Dominus* (RUTH.).

*Ibid.*, verso 18. Adrede.

*Præcepit autem Booz pueris suis dicens: et de vestris quoque manipulis projicite de industria, et remanere permittite, et absque rubore colligat* (RUTH.).

Pág. 64, verso 17. Tribuno.

No livro 9 deste Poema, e notas dele, se verá quem era.

Pág. 65, verso 6. Meleagro.

Vid. *Metamor.* Ov. liv. 8, verso 324.

*Ibid.*, verso 7. Ditoso Pai.

Imitação da *Odiss.* liv. 6, verso 154.

*Ibid.*, verso 14. Não teve uso.

Quanto houvesse servido ao sacrifício dos Ídolos, era abominável aos Cristãos.

*Ibid.*, verso 27. Broquel de Aquiles.

*Iliad.* liv. 17.

Pág. 67, verso 2. Em séptuplos benefícios.

Locução Hebraica. Os Gregos, e os Romanos a exprimiam pelo *Trismacary*, e pelo *terque, quaterque beati*.

*Ibid.*, verso 31. Bendito seja.

*Dominus dedit, Dominus abstulit... Sit nomen Domini benedictum* (JOB).

Pág. 68, verso 1. De Foloe aos cumes.

Situada era a morada de Lastenes de maneira, que lhe ficava Foloe ao Ocidente (tirando para o Norte) a cidade de Olímpia ao Oeste fixo; Telfussa e o Liceu que lhe faziam costas ao Oriente, e se coravam com os luzeiros do sol, que se ia pondo. Foloe é uma alta montanha na Arcádia, onde Hércules foi hospedado pelo Centauro Folo, que o seu Nome a essa Montanha deu. Telfussa também é montanha, ou antes Morro de terras altas, e pedregosas. Sobre elas se assentava a Cidade de Telfussa (PAUSANIAS).

*Ibid.*, verso 17. O sino toa, etc.

Dado, que só na idade média do Cristianismo começasse a Igreja a usar de sinos, muito havia já que de sinos, ou campainhas se servia a Grécia para domésticos usos.

*Ibid.*, verso 23. Coxas Filhas.

Bem sabida é a gentil alegoria de Homero, quanto às rogativas ou preces. Ele na boca as põe de Fénix Aio de Aquiles. Ate (o Mal ou a Injustiça) era irmã das Lites ou Preces.

Pág. 69, verso 28. Os pés banhava.

A primeira acção da hospitalidade era lavar os pés dos hóspedes... Se o hóspede era em plena Comunhão da Igreja, a ele se dedicavam as honras todas da pousada. Ele dirigia as Rezas, tinha à mesa o mais honrado posto, doutrinava a família... Hospitalidade, até com os mesmos infiéis a exerciam os Cristãos (FLEURY, *Mœurs des Crhét.*)

Pág. 70, verso 17. Sala dos Ágapes.

Ágapes se chamavam, na primitiva, as refeições dos Cristãos; que, ou se faziam em comum nas Igrejas, ou separados nas Casas particulares.

*Ibid.*, verso 21. Lhanas raízes.

Comiam os Cristãos raízes, legumes, e antes pescado ou volátil, que carne grosseira... Outros viviam só de lacticínios, fruta, etc. (FLEURY, *Ibidem*).

Pág. 71, verso 2. Bedém branco.

Estando em minha Casa, e finda a Reza, me assentei no leito. Eis que vejo entrar um homem de aspecto venerável, em trajos de Pastor, com branco manto, surrão às costas, e na mão Cajado (Her. liv. 2).

*Ibid.*, verso 23. Os sacros pés lhe beijam.

Usavam os Cristãos prostrarem-se ante os Bispos, darem-lhes os sagrados nomes, com que a família de Lastenes trata aqui a Cirilo.

Pág. 72, verso 24. Leu Eudoro.

Mandavam os Cristãos ler a Escritura sagrada, e entoavam cantos espirituais, ou algumas modinhas graves, em vez de cantigas profanas, e chocarrices com que os Pagãos acompanhavam seus banquetes. Não condenavam os Cristãos a Música, nem a jovialidade, com tanto que santa fosse.

Pág. 73, verso 2. Em longo mármore.

Costume antigo com que acertamos na Bíblia e em Homero. Nestor senta-se à sua porta numa polida pedra. Os Juizes Hebreus vão sentar-se às Portas da Cidade. Alguns vestígios desses costumes se encontram ainda no Reinado de S. Luís. Era de singeleza, Religião, e heroicidade!

*Ibid.*, verso 6. O Alfeu resvala.

Alfeu, que entre Pastores decorria na Arcádia, vinha de descer da Elide entre triunfadores. Cousa é sabida que da concha de uma tartaruga compôs Mercúrio a Lira. Enquanto ao como as Cabras colhem a goma do sargaço, vid. TOURNEFORT, *Voyage du Levant*.

Pág. 74, verso 8. Tímidos subsultam.

*Montes exultastis sicut arietes. Quasi Cedrus exaltata sum in Libano. Quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis.*

*Ibid.*, verso 19. Legislaram.

*Odiss.*, liv. 4.

Pág. 75, verso 2. Oh filhas de Mnemósine.

Todas as fábulas que entram no Canto de Cimódoce vêm nas *Metamorfoses* de Ovídio, na *Ilíada*, na *Odisseia*, e na vida de Homero por diferentes Autores. Quanto ao combate de Homero, e Hesíodo, dado que esses Poetas vivessem em eras diferentes, anacronismos são, que o poema Épico comporta. Foi Júpiter alimentado no Mote Ida, com a Ambrósia que uma pomba lhe trazia.

Pág. 79, verso 10. Caos nascido.

Da Bíblia é tirado quanto Eudoro Canta.

Pág. 82, verso 20. As Aqueloas.

Filhas de Aqueloo, e de Calíope foram as Sereias. Estas desafiaram as Musas a combate. Vencidas no Canto, as asas lhe arrancaram as Musas, e delas se compuseram Coroas.



---

---

## OS MÁRTIRES

### LIVRO III.º

#### ARGUMENTO

*Sobem ao trono do Omnipotente as rogativas de Cirilo. O Céu, os Anjos, os Santos, o Tabernáculo da Mãe do Redentor, o Santuário de Jesus Cristo, e do Eterno Padre. O Espírito Santo, a Trindade. Apresenta-se ao Deus Eterno a Oração de Cirilo; o Eterno a aceita; declara porém, que não é o Bispo de Lacedemónia a Vítima, que tem de resgatar os Cristãos. Falas do Filho; discurso do Pai. Eudoro é a vítima escolhida. Por que motivos. Descobre o Filho por inteiro os desígnios do Pai. Cimódoce é a segunda vítima, que o Céu requer. Tomam armas as Celestes milícias. Cântico dos Santos, e dos Anjos.*

**S**OBEM, do Bispo, ao trono eterno, os rogos;  
O holocausto aceitou o Omnipotente;  
Bem que não fosse a decretada Vítima,  
Cirilo, antigo Mártir, com que apague  
Os erros dos Cristãos desfervorosos,  
Clemente, co'eles Deus, ou Deus irado.

Entre os Criados Orbes, entre os Astros  
Sem conto, que lhe servem de limites,  
De muros, de caminhos, de alamedas,  
A Cidade de Deus flutua imensa.  
Língua não há, que os seus prodígios conte;  
Fundou-te os alicerces mão eterna,  
E com muros de Jaspe lhe pôs cinto.  
Discíp'lo amado, João, <sup>(1)</sup> viu Anjo, em Patmos  
Medindo-lhe a amplidão, com braça de ouro.

---

(1) Vid. Apocalipse.

Jerusalém, da glória de Deus sumo  
 É vestida, e adornada, qual, em bodas,  
 Esposa, para o Esposo se adereça.  
 Maravilhas terrenas arredai-vos,  
 Nada sois, se nos portentos vos afronto  
 Dessa Sião sagrada. Ali, pleiteia  
 O rico da matéria, com a forma  
 De perfeição Divina. Ali, pensíles  
 De Safira e Diamante as Galarias,  
 Muito aquém o mortal esmero deixam  
 Dos Jardins Babilónios de tanta arte.  
 Triunfais Arcos, que Astros rutilantes  
 Têm por fábrica, as altas frentes erguem.  
 Encadeados Pórticos, lavrados  
 De mil Sóis, extra-alcance, se prolongam  
 Do firmamento na amplidão vastíssima;  
 Qual, no sertão areento de Palmira  
 Passa, além de olhos, fila de Colunas.  
 Deu-lhe Deus vida, deu-lhe inteligência  
 À Sião, que fundou. Mansões do Espírito  
 Não consentem matéria: nada morre  
 Onde mora a Existência Sempiterna.  
 As, que é força, que a Musa empregue, toscas  
 Palavras, quanto (oh quanto!) nos iludem!  
 Dão corpo, ao que, em feição dum sono ameno,  
 Só visos dera de Divino Sonho.

Deleitosos jardins amplo-rodeiam  
 A radiante Sião. Do Omnipotente,  
 Trono, mana caudal um Rio, o Éden  
 Celeste banha, e na corrente volve  
 Sapiência de Deus, e Amor puríssimo.  
 Rasgada vai a misteriosa veia  
 Em diversos arroios, que se prendem,  
 Se dividem, se enlaçam, se desunem.  
 Medra a vinha imortal, <sup>(1)</sup> e medra o Lírio

---

(1) Co'as águas desse Rio.

Que se assemelha à Esposa; as Flores crescem,  
 Com que recende o Tálamo do Esposo.  
 Do turífero Outeiro, <sup>(1)</sup> alça a, da Vida  
 Árvore, o tope; um tanto, ao longe, os ramos  
 A <sup>(2)</sup> da ciência sparge, e discrimina  
 As profundas raízes; de ouro folhas,  
 Com que encerra segredos mil Divinos,  
 Cobrem do Bem, do Mal fixos Ditames,  
 Morais, intelectuais realidades,  
 Da oculta Natureza as Leis. Atonta-nos  
 Esse saber, que alenta os Escolhidos.  
 Nos Reinos da sob'rana sapiência,  
 Não dá nímio saber fruto de morte.  
 À sombra desse tronco misterioso  
 Vêm seus prantos verter (prantos de Justos!)  
 Da humana prole os dous Progenitores.

A luz, que esses retiros esclarece  
 Felizes, dão-na as rosas matutinas,  
 Dão-na as merídias flamas, c'os da Tarde  
 Purpúreos arrebóis, sem que um só splenda  
 Sol, nem Estrela, no âmbito do Empíreo.  
 Astro ocaso não tem, nem Astro oriente:  
 Nada finda, nos Céus, nada começa.  
 Inefáveis clarões vêm, como rócio,  
 Descendo, e desparzindo luz perene,  
 Por toda a deleitosa Eternidade.

Nos átrios de Sião, nos circunfusos  
 Campos sacros, se enrançam, partem coros  
 De Anjos, Querubins, de Serafins, de Arcanjos,  
 Tronos, Dominações e todos Ministros  
 Dos arbítrios do Eterno, e eternas Obras.  
 Da Água, no Fogo, no Ar, na Terra, dado  
 Lhes foi todo o poder, e lhes incumbe  
 Governar Estações, Ventos, Tormentas,

---

(1) *Ad colem thuris*. — Cantic. Cantico.

(2) Árvore.

Boninas matizar, madurar messes,  
 Para o Chão acurvar troncos pomíferos.  
 Eles são, quem suspira, nas Florestas,  
 São quem debruça, de alta serra, os Rios.  
 Uns de Eloé, de Sabaot, resguardam  
 Carroças vinte mil (guerreiro apresto!)  
 Outros a Aljava do Senhor vigiam;  
 E o inevitável Raio, e os Corcéis hórridos  
 Que a Fome, e a Guerra, e a Peste, e a Morte <sup>(1)</sup> levam.  
 Milhões de ardentes Génios stão regrando  
 Movimentos dos Astros: no magnífico  
 Emprego se revezam, quais no Exército  
 Copioso, tomam posto os Atalaias.  
 Pelo hálito de Deus, criados Anjos,  
 Em várias Eras, tempo igual não contam  
 De eterna Criação. Imensa cópia  
 Criada, co' Homem foi, porque às Virtudes  
 Lhe fosse esteio, e lhe as Paixões regesse,  
 E de infernais assaltos o amparasse.

Também lá vão juntar-se (e para sempre!)  
 Mortais, que uso às Virtudes, no Orbe deram.  
 Junto a Palmeiras de ouro, os Patriarcas  
 Se recostam, recostam-se os Profetas,  
 Raios de luz, dos rostos, despartindo;  
 Têm Apóst'los nos peitos, o Evangelho,  
 E os Doutores, <sup>(2)</sup> na dextra, imortal pluma.  
 Pejam celestes grutas, Eremitas;  
 Rútilas, rubras togas rojam Mártires;  
 Com rosas do Éden se engrinaldam Virgens,  
 Com longos véus Viúvas se aformosam;  
 E as pacíficas Sposas, que, singelas,  
 Trajando humilde linho, consolavam  
 Nossa dor, dando a míseros socorro.

Homem fraco, e infeliz, quem te deu vozes,

---

(1) Vid. Apocalipse.

(2) Doutores da Igreja.

Com que a Dita suprema, ao claro explanes?  
 Fugaz, mesquinha sombra, como alcanças  
 Do Bem celeste as luzes? Quando o Corpo  
 De si desata, a Alma Cristã, e o deixa,  
 Ao Piloto a comparo exp'rimetado,  
 Que deixa Baixel frágil, que no undoso  
 Pego o Oceano sorveu. Essa alma avista  
 Qual Bem-aventurança o Bem Sob'rano  
 Aos Escolhidos seus, benigno outorga;  
 Colhe, que ela é sem fim, que é sem medida,  
 E que incessantes gozam o grato júbilo  
 Do que obra heróica acção, virtuoso feito;  
 Ou do Ingenho sublime, que procria  
 Grandioso pensamento; ou quando o enlevam  
 (Homem feliz!) legítimas carícias; <sup>(1)</sup>  
 Ou afagos do Amigo, que o infortúnio  
 Pôs em longo crisol. Assim, não perdem  
 Nobres Paixões o ardor, nas santas almas;  
 Mas, defecadas do terreno lodo.  
 Se Esposas, mais amor: se irmãos, se amigos,  
 Mais laços os apertam, mais, no seio  
 Se entranham da suprema Divindade,  
 Onde vivem, onde ares os revestem  
 Da Grandeza eternal, da Essência pura.

Contentes essas Almas, satisfeitas  
 Se juntam no recosto, ou já nas ribas  
 Das nascentes do Amor, da Sapiência: <sup>(2)</sup>  
 Se estendem, por sem fim, em santa prática  
 Sobre o Todo-Poder, e Formosura  
 Eterna de Deus vivo. — Oh Deus (exclamam  
 Quão grande que és! Quão bom! Quanto hás criado  
 Tudo abarca, e em balizas colhe, o Tempo,  
 O Tempo, que Homens cegos afiguram  
 Como alto Mar, sem praia: e é ténue lágrima

---

(1) Dum consórcio Santo.

(2) Vid. verso 45 e 46 deste mesmo livro 3.

Mal distinta, no Mar da Eternidade.

Para dar glória ao Rei dos Reis, sucede  
Ir santos ver da Criação prodígios,  
Notar varias porções do vasto Mundo.  
Que quadro de alto assombro! Que espectáculo!  
Se é dado comparar Obras grandiosas  
Com mesquinhos objectos, tais aos olhos,  
Se of'recem, do Viandante as do Indo veigas,  
Cachemira, e Deli, com férteis vales;  
E alastrados, de pérolas, seus rios,  
Coalhadas de Âmbar de suave cheiro  
Mansas ondas, que espraiam, que amortecem,  
No caneleiro em flor, e a raiz beijam-lhe.

Fonte inexausta de arrobado assombro  
Lhes são dos Céus a cor; ordem, dos Orbes  
Em grandeza, em distância, em giro vários.  
Folgam de compreender, quão leves rodam  
Na Etérea fluidez, tão vastos Mundos!  
Encaminham-se a ver a mansa Lua, <sup>(1)</sup>  
Que amigáveis lhanezas, <sup>(2)</sup> rogos fervidos, <sup>(3)</sup>  
Nas Terras lhe argentou nocturna, e tácita.  
Essa Estrela orvalhosa de luz trémula,  
Que antecede o planeta matutino,  
E no crinito Sol, diamante raia;  
Esse globo ani-longo, que caminha  
Ao desmaiado albor de quatro luas; <sup>(4)</sup>  
E, inda a lutuosa Terra, a quem é escassa  
A luz solar, e qual carpida <sup>(5)</sup> viúva

---

(1) Essa mudez, e mansidão da Lua só bem a sente quem, no retiro dos Campos, a passa em noite estiva, de Lua Cheia.

(2) Lhanezas amigáveis eram por certo as conversações, que os Anacoretas à noite, travavam entre si.

(3) Meditações, e jaculatórias dos Justos, no silêncio da noite, e à luz da argêntea Lua.

(4) Satélites de Júpiter.

(5) Adjectivo passivo com significação activa.

Remove o térreo anel; <sup>(1)</sup> e as tochas que ardem  
Vagas, e engaste são do Pólo <sup>(2)</sup> eterno,  
Convidam, que as contemplem os Celícolas.  
Vêm, por fim, no seu voo (Almas ditosas!)  
Mundos, que têm, por sóis, nossas Estrelas. <sup>(3)</sup>  
Na sfera celestial, com gosto escutam  
Ao Cisne, à Lira os nunca ouvidos cantos.  
Deus, de quem flui, nunca interrompida  
A Criação toda, descansar não deixa  
Tão curioso olhar, disvelo santo.  
Ora, do espaço, nos confins remotos,  
Alui um Mundo anoso; ou já seguido  
De Anjos sem número, introduz sob'rano,  
No turvo Caos, regrada formosura.

Mas, quem mais prende os Santos, que o contemplam  
É o Homem, cujas penas, cujos gostos  
Inda os movem, no Céu; inda ouvem ternos  
Nossos votos, por nós inda suplicam;  
Nossos Patronos são, conselho nosso.  
Em séptuplo se alegram, se, perdida,  
Torna a Ovelha ao redil; com pio susto  
Estremecem, quando a Alma espavorida,  
Aos pés do Juiz a põe o Anjo da Morte.  
Vêm (tirado o rebuço) as Paixões nossas;  
A Arte, porém, que, em nosso peito, mescla  
Tanto elemento oposto, Deus lha oculta.  
Deixa aos Santos colher as Leis dos Orbes;  
Mas a si só, reserva o exame, a vista,  
O arcano impenetral do peito humano.

Nesse enlevo de assombro, e amor, extáticos  
Em grão júbilo, em mágoa terna, exclamam

---

(1) O planeta Saturno.

(2) Várias vezes tomou Camões *Pólo*, pelo Firmamento; já Virgílio assim tinha usado.

(3) As que para nós estrelas são, e para outros Mundos são centro de Sistema solar.

Três vezes Santo <sup>(1)</sup> com que os Céus se enlevam.  
Regra o Vate Real <sup>(2)</sup> Divinos Cânticos;  
Asaf, que, as de David suspirou mágoas, <sup>(3)</sup>  
Rege instrumentos, que alma obtêm do sopro;  
Soam, de Anjos nas mãos, Saltérios, Cítaras,  
No Império incorruptível, reclamando  
Dias de Criação, Divino Sábado. <sup>(4)</sup>  
Em grandioso splendor Festas sublimes  
Da antiga, e nova Lei, anuais celebram.  
E o repouso de Deus, repouso de Homens. <sup>(5)</sup>  
Eis se c'roão de mais luzida auréola.  
Do eterno Sólio as Cúpulas sagradas.  
Dessa luz, que devolve, e que se espraia  
Pelas mansões intelectuais, ressurtam  
Tão donosos concertos, tão suaves,  
Quais, de os ouvir, se morre, e se revive.

Musa, onde hás-de estremar tão vivas cores,  
Que essas Festas angélicas retratem?  
Não, de áureas Tendas desses Reis do Eoo,  
Quando, em trono, sentados, refulgente  
De rica pedraria, alarde fazem  
Da pompa de suas Cortes. Nem me influas,  
Terrena Jerusalém, quando dedica  
Do fiel Povo, Salomão, o Templo.  
Rebrame o clangor ríspido das Tubas <sup>(6)</sup>  
Nos montes de Sião; cantem Levitas  
Os Hinos dos Degraus; <sup>(7)</sup> Anciãos estremes

---

(1) O Triságio.

(2) David.

(3) Compôs Cânticos à maneira de David.

(4) Repouso de Deus, depois de criado este Universo.

(5) Que Deus manda repousar no sétimo dia.

(6) *Clangorque tubarum.* — VIRGIL.

(7) Graduais lhes chama a Igreja.



Ante as Tábuas da Lei, vão c' o Rei Sábio; <sup>(1)</sup>  
Sem conto, o Antiste sumo, imole Vítimas;  
As Filhas de Judá, em torno da Arca,  
Teçam Danças, que tanto iguaem Cânticos,  
Quanto, em louvor do Eterno as pias preces...

Da Sião Celeste os vence a toada harmónica <sup>(2)</sup>  
Reboando, <sup>(3)</sup> no puro Tabernáculo,  
Em que de Cristo a Mãe os Céus adoram.  
Coros de Virgens, Coros de Viúvas  
E de Mulheres fortes lhe rodeiam  
O trono <sup>(4)</sup> de Candura onde se exalça.  
Por senda oculta, os terreaus suspiros  
Sobem ao trono, da que aflitos ouve:  
Ouve, e consola; da que as mais recônditas  
Mágoas ouve dos míseros humanos.  
Aos pés do Filho, sobre o altar do incenso,  
A of' renda vai depor dos prantos nossos:  
Por que suba em valor esse holocausto,  
Suas, lhe verte, lágrimas Divinas.  
À Clemente Rainha, a cada instante,  
Vão, custódios dos Homens, Santos Anjos  
Pelos seus <sup>(5)</sup> implorar, com rogo activo.  
Da Caridade os Serafins, da Graça <sup>(6)</sup>  
De joelhos a servem: junto à Virgem  
Stão do presepe os lhanos Assistentes,  
Gabriel, Ana, <sup>(7)</sup> e José, Magos, Pastores.  
Lá se apinham também, tenros infantes,

---

(1) Salomão.

(2) Angélica a *toada*, diz Camões.

(3) Um de nós tem de cansar; ou os ignorantes de criticar na língua que não sabem; ou eu de citar Clássicos, que me abonem. — Serei eu.

(4) *Eccheggia d'alto il Tempio*, diz Maffei na Tragédia Mérope.

(5) Pelos que à sua guarda são entregues.

(6) Serafins da Graça.

(7) Ana a profetiza.

Que, na Aurora da Vida, o Ocaso viram.  
Mas, logo, em anjos lúcidos mudados,  
C'os que ao berço assistiram, se assemelham.  
Ante a Celeste Mãe, áureos turíbulos  
Com inculpadas mãos balanceando,  
Semicírculo aroma harmonioso  
De inocência, e de Amor, ondeando, exalam

Dos tronos de Maria, ao santuário  
Do Redentor (que c'um olhar, conserva  
Orbes, que o Pai criou) decorre via.  
Sentado à mesa mística, o circundam  
Os vinte e quatro anciãos, em veste cândida,  
Auri-c'roados, nos gemantes sólios.  
Tem perto o vivo Carro, que relâmpagos,  
Das rodas, e fuzis rubentes vibra.

Quando em visão completa, em visão íntima  
Bem se digna o das Gentes Desejado  
Manifestar-se (face em terra) prostram-se-lhe,  
Cortados de temor, os Escolhidos.  
Mas logo, a mão lhe of'rece, e, brando, fala:  
«Erguei-vos: não temais. Do Deus eterno  
Tendes plena bênção, olhai-me, oh justos,  
Vede o primeiro, em mim, o último vede.» <sup>(1)</sup>  
Detrás do trono, intérminos alongam-se  
De contornos fogo e luz amplíssimos,  
Toma em Golfãos de vida, o Padre o centro.  
Do que é, do que há-de ser, ou foi, Princípio, <sup>(2)</sup>  
Contêm Presente, em si, Porvir, Passado.  
Ocultos jazem lá, nas fontes puras  
Livre Arbítrio, e de Deus a Presciência.  
(Arcano, aos próprios (Céus, incompreensível!)  
Ente lá jaz, que se reduz ao nada,  
Nada, que em Ente avulta. Lá, mormente  
Longe de olhos Angélicos, se cumpre

---

(1) Apocalipse. *Ego sum alfa et omega.*

(2) Deus princípio de tudo o que é criado.

Da Trindade o mistério. Desce, e sobe  
Do Filho ao Pai, do Pai ao Filho, o Spírito,  
E os une, em profundeza impenetrável.

Eis, do *Sancta Sanctorum*, no prospecto,  
Se manifesta o Trígono Luzeiro,  
Ante o qual, de temor, venerabundos,  
Os Orbes param, e emudece o Hosana  
Angélico: a Milícia eterna ignora  
Do Vivente Uno e Trino o arbítrio sumo;  
Ignora, se mudar Divinas formas,  
Nos céus; se materiais formas Terrestres  
O Altíssimo dispõe: se, revocando  
A si, dos Entes os princípios, força  
A entrar, no Eterno seio seu, os Mundos.

As Essências primevas separando-se,  
Logo o Luzeiro Trígono se eclipsa;  
Desencerra-se o Oráculo, e descobrem-se  
Potências três. Levado sobre nuvens,  
(Como em seu Sólido) tem, na dextra o Padre  
Compasso de ouro, aos pés Círculo: o Filho  
Trissulco raio, em mãos sopesa, à dextra. <sup>(1)</sup>  
Qual Coluna de luz se alça da esquerda  
O Spr'ito. Jeová, c'um mover de olhos  
Faz, que o seu curso os Tempos, com franqueza,  
Vão prosseguir. O Caos colhe as raias!  
Seu harmónico giro os Astros seguem,  
Atento ouvido os Céus, à Voz inclinam  
Do Omnipotente, que intenções descobre  
De obras, que hão-de ter cabe, no Universo.

Ao trono eterno, os rogos de Cirilo  
Chegam, quando o Uno e Trino está patente  
Aos deslumbrados olhos de Anjos puros;  
Deus quer c'roar virtudes de Cirilo;  
Mas, não é ele a predilecta Vítima,  
Para a Perseguição (que assoma) eleita.

---

(1) Do Padre.

Pelo seu Redentor sofreu, foi Mártir;  
Mas declina, por ora o Árbitro sumo  
Hóstia encetada: of'renda requer sólida. <sup>(1)</sup>  
Cristo, aos rogos do Mártir venerável,  
Se inclina ao Criador de Anjos, e de Homens.  
Nos espaços imensos, treme, e infia,  
Quanto de Deus não era supedâneo.  
Solta a voz, <sup>(2)</sup> que Piedade, e Amor recende,  
E o sacrifício of'rece de Cirilo  
Ante o Antigo dos dias Soberano.  
É mais suave o som de suas falas,  
Que esse Óleo de Justiça, com que fora  
Sagrado Salomão; é, mais que a Fonte  
De Samaria, puro, é mais amável,  
Que de Oliveira o florido murmúrio,  
Ao que, vernal, lhe dá, balanço, o Zéfiro, <sup>(3)</sup>  
Nos vales do Tabor, Nazáreos hortos.

Nos Céus fez manifesto Deus temível  
Quanta, em pró dos Fiéis, tenção concebe,  
Quando o implora da Paz a Divindade. <sup>(4)</sup>  
Dos, que dão ser ao Nada, um verbo disse,  
Verbo, que da Sapiência o arcano inculca,  
Às turmas de Anjos, às Legiões de Mártires,  
De Justos, Reis, e Virgens. Virão todos,  
Como, num raio splêndido do Dia,  
Nessa palavra do Juiz Superno,  
Concertos do Presente, e do Passado,  
Aprestos, e sucessos do Futuro.

---

(1) *Partem solido demere de die*, diz Horácio, por cercar porção do dia inteiro. *Põe die solido*, por dia inteiro.

(2) Cristo.

(3) Por duas razões usei aqui de hipérbato. A primeira por imitar com o balanço do Verso, o balanço dos ramos da Oliveira, com os sopros do Zéfiro na Primavera. A segunda... Sabe-a Deus.

(4) Jesus Cristo, Deus de Mansidão, e Deus de Paz.

Eis o Tempo, em que os Povos obedientes  
Às do Messias Leis, sem travo, gostem  
Dessas propícias Leis toda a doçura.  
Sobejo tempo ergueu a Idolatria  
Junto de aras Cristãs, Gentias aras.  
Tempo é, que, já, do Mundo, evadam, <sup>(1)</sup> fujam: <sup>(2)</sup>  
Que é nado o novo Ciro, <sup>(3)</sup> que derrote  
Os de sp'ritos do Inferno últimos cultos;  
E, à sombra dos Divinos tabernáculos,  
Segure o trono dos bem vindos <sup>(4)</sup> Césares.  
Como os Cristãos, no fogo, e ferro, invictos, <sup>(5)</sup>  
Co' as delícias da Paz embrandeceram,  
Por dar-lhes mais crisol, Deus Providente  
Deu-lhe honras, deu riqueza. Aos Bens, à Dita,  
Que os soçobra, insólitos fraquejam.  
Antes, que esse Orbe se lhe incline ao jugo,  
Ao louro que os espera adquiram foros.  
Das iras do Senhor o incêndio atearam,  
Sofram crisol, mercê granjeiem puros.  
Ver-se-á Satã desgrilhado, no Orbe:  
Presto, em Martírio, a prova derradeira  
Começará, na frouxa <sup>(6)</sup> Grei de Cristo.  
E, a que tem de expiar, Hóstia espontânea,  
Tais culpas, de longo evo, assinalada,  
Na Mente, jaz, da Altíssima Sapiência.  
Primeiros rastream os Celícolas  
No verbo <sup>(7)</sup> de Deus sumo tais conceitos.  
Oh palavra Divina, quanto à nossa,

---

(1) *Abiit, excessit, evasit erupit*, diz Cícero, na segunda Catilinária.

(2) As Cerimónias e Templos do Paganismo.

(3) Constantino Magno.

(4) Que, para bem da Igreja, tinham de vir.

(5) Nunca vencidos em quantos tormentos inventou a tirania dos Pagãos.

(6) Que afrouxara no vigor da Lei Cristã.

(7) Palavra.

Tão fraca em te exprimir a narrar lhe custa  
Longo fio de ideias, longo de Eras!  
Tudo decifras, tudo manifestas,  
Num átomo aos Eleitos! <sup>(1)</sup> E eu indigno  
Teu intérprete, ansiado desentranho  
Em linguagem mortal, árduos mistérios,  
Em linguagem de vida conteúdos?  
Com que sublime assombro, e atenção pia,  
Hão compreendido os Justos o holocausto,  
E o teor, com que é grato à Essência pura!

Escolhida, entre Reis, não foi, nem Príncipes;  
A vítima, a vencer o inferno, eleita,  
(Pela Cruz, pelos méritos de Cristo)  
Que em frente, marchará, de outras mil vítimas,  
Porque melhor c'ó Redentor, confronte,  
Nasceu na escura Classe, bem que venha  
De Heróis pagãos, de Avós ilustres, sábios,  
Esse ínclito Varão, dos Céus querido.  
Deslembrada, na História, a stirpe honrada,  
De idólatra é Cristã, pelo Herói Mártir,  
E o laurel que obterá, será sublime.  
Pobres, que em pouco apreço os teve o Mundo <sup>(2)</sup>  
Sofreram, pela Fé, os Confessores,  
Humildes, que, na morte, preferindo  
De Cristo o nome, os seus, no escuro, deixem.  
Cumpre, que esse Cristão, que Deus escolhe,  
(Depois, de como Pedro, chorar culpas,  
E o scândalo delir, que à Igreja dera,  
E avivar os Cristãos a arrepender-se)  
Alma seja de quanto os Fiéis tracem:  
Que o Príncipe <sup>(3)</sup> sustenha, que há-de os ídolos  
Dos falsos Numes derrubar por terra.

---

(1) Escolhida para a Bem-aventurança.

(2) *Quibus dignus non erat Mundus. Facti sumus omnium peripsema.* — Epist. S. Paul.

(3) Constantino.

Já a fim, que ele consiga, para a luta  
Necessárias virtudes, pela dextra,  
Um Anjo do Senhor o toma, e o guia  
Pelas Nações do mundo, a ver fundado  
(Na derrota, que trilhe, Peregrino)  
Nessas Terras, e Povos o Evangelho.  
Antes de ele encetar do Céu a estrada  
Tinha o Inferno, em feia, enorme culpa  
(Culpa, que tem de ao Tártaro roubá-lo;  
Salvando-o desse lôbrego infortúnio!)  
Lançado a quem por seu o Empíreo o escolhe.  
Caudais lhe corram penitentes lágrimas;  
Da mão de Deus, o inspire um Eremita,  
Que lhe há-de revelar porção não ténue  
Do fim, que o aguarda, e tem de ser, quanto antes,  
Digno da palma, com que os Céus premeiam.  
Assim releva, que se imole a Vítima  
Que, de iras desarmando ao Deus superno,  
A Satã, nos abismos, reprofunde.

Enquanto o senso colhem santos anjos  
Desse Verbo, <sup>(1)</sup> que Deus há proferido,  
Novo portento, nele <sup>(2)</sup> se descobre.  
Nas faldas do Calvário, têm de unir-se  
Gentios, com Cristãos; para o holocausto  
Ao Virgíneo redil hão roubar vítima,  
Que o culto dos Pagãos, expie, impuro.  
Filha das boas Artes, que cativam  
Os mesquinhos mortais, fará, que ao jugo  
Da Cruz, o Ingenho Grego, e as prendas passem.  
Decreto imediato, irrevogável  
Não a designa; não lhe cai o mérito,  
Não primazia, ou lustre do holocausto:  
Mas, do Mártir já Sposa instituída,  
E, por ele arrancada aos Templos de Ídolos,

---

(1) Palavra Divina.

(2) Nesse Verbo, ou palavra.

Multiplicando provas, dará vulto,  
E eficácia ao prestante sacrifício.  
Não, que Deus desampare então, seus Servos,  
Ao raivoso Satã: mas quer que vistam  
Legiões de Cristãos valentes armas, <sup>(1)</sup>  
E, ao vexado Fiel <sup>(2)</sup> valham, consolem.  
Incumbe-os de apiedarem-se do Mártir,  
Ao cargar, nele, Deus justiça crua.  
Quer Cristo confortar, com dons Celestes  
O novo Décio, <sup>(3)</sup> que se vota a algozes.  
Aceita equúleos, chamas, e as dedica,  
À salvação comum. A Virgem tímida  
Se, do sposo ela a pena, e angústia aumenta,  
Também lhe há-de aumentar prémio, e triunfo.  
Divulgados da Igreja a sorte, e os transes,  
Numa única palavra, <sup>(4)</sup> aos Escolhidos,  
Os concertos, do Céu, cessam, harmónicos;  
Suspendem-se os, dos Anjos, ministérios,  
Mediante uma hora, o Céu emudeceu.  
Já assim emudeceu, no prazo insólito,  
Quando ao místico livro o selo sétimo  
Abrir Joane viu. <sup>(5)</sup> Espavorida  
C'ó som que escuta da Palavra Eterna,  
Muda se assombra a Célica Milícia.  
Assim, quando os Trovões sobre-retumbam,  
Nas apinhadas hostes, no encetarem  
A renhida peleja, o sinal sustam.  
Meios, na luz do sol, meios, na treva,  
Que vêm medrando, imóveis, mudos, ficam.  
Nenhum sopro as bandeiras lhes tremola;

---

(1) *Arma militiæ Dei.*

(2) Nos transes da Perseguição.

(3) Que se votou pela Pátria como Eudoro pela Fé.

(4) Que Deus disse.

(5) Já, por evitar o ão desagradável disse Camões nos *Lusíadas Joane.*



Nas mãos de Alferes, com desleixo, caiem.  
Acesos os murrões, baldos, fumegam  
Junto do bronze tácito; os soldados  
Serpeados, c o lume dos relâmpagos,  
O estalo, os roncoss ouvem, quedos, torvos. <sup>(1)</sup>  
O Sp'rito que da Cruz guarda o Estandarte,  
Alto, em triunfo, o arvora: a ponto as hostes  
De Sabaot abala, firmes de ânimo.  
Os olhos, todo o Céu, ao Mundo, volve;  
E, a vez primeira, à que ora é seu disvelo,  
Tenra vítima, <sup>(2)</sup> lá da sfera Empírea,  
Desce a vista em amor banhada, a Virgem. <sup>(3)</sup>

Nas mãos lhes reverdece a palma, aos Mártires;  
Hoste ardente, que a estrada enceta, em fila,  
Abrindo posto aos Mártires Consortes <sup>(4)</sup>  
Entre Estêvão sem par, Macabeus ínclitos;  
Entre Felicidade, entre Perpétua;  
Miguel, triunfador do antigo Drago,  
A formidável lança aceso empunha,  
Rodeiam-no, imortais (faiscantes peitos <sup>(5)</sup>  
Vestindo os sócios seus) os broquéis de ouro,  
Os fulgurantes gládios de diamante,  
E as, do senhor, aljavas, se desprendem  
Dos Pórticos eternos; do Deus forte  
Roda já o Carro, e no eixo, que corisca,  
Violentas asas, Querubins rodeiam,  
Lampejando furor, dos ígneos olhos.  
Torna à mesa de Anciãos a descer Cristo;  
Duas vestes lhe of'recem, que abençoe,  
Recente-alvas no sangue do Cordeiro, <sup>(6)</sup>

---

(1) *Torvus humi posuisse vultum.* — HORAT.

(2) Cimódoce.

(3) Mãe de Deus.

(4) Eudoro, e Cimódoce.

(5) Peitos de prova, ou couraças.

(6) *In sanguini Agni.* — Apocalipse.

Na profundez da sua Eternidade  
Se concentra a do Padre Omnipotência.  
Vagas súbito sparge o Santo Spírito  
De luz tão clara, e viva, que denotam  
Volver-se a Criação <sup>(1)</sup> à antiga treva. <sup>(2)</sup>  
Coros de Anjos, de Justos, o Hino entoam:  
«Glória a Deus seja dada, nas alturas;  
Paz, na terra, aos que santa estrada seguem  
Da Verdade e Brandura. Anho Divino,  
Tu do Orbe, apagas culpas; tu concedes  
A vítimas que a luz, tiras, do Nada,  
(Portento de modéstia, e de Candura!)  
Te imitem, e a salvar os Réus <sup>(3)</sup> se votem.  
Oh nunca enturve a Dita dos malvados  
De Cristo os Servos, que persegue o Mundo. <sup>(4)</sup>  
Certo é, que os Maus não sentem languidezes  
Causadoras de morte, e ignorar mostram  
Quantas, aos homens, penas atribulam.  
Cinge-lhe Orgulho, ao colo, áurea golilha; <sup>(5)</sup>  
Em sacrílegas mesas, se embriagam;  
Nem que inculpadados fossem, riem, dormem;  
Tranquilos morrem, no roubado leito  
Da Viúva, do Órfão. Vão: sim, vão. Mas onde?  
No seu ânimo diz, esse insensato <sup>(6)</sup>  
*Não há Deus.* — Surge, oh Deus, destrui, arrasa  
Os inimigos teus. — Eis Deus em campo!  
As Colunas dos céus se abalam, tremem,  
Os Abismos do Mar, da terra entranhas  
Ante os olhos de Deus, se of'recem nuas.

---

(1) Tudo o que foi criado.

(2) Ao Caos escuro.

(3) Os pecadores.

(4) *Cum vos oderint homines, et persecuti vos fuerint*, disse Cristo aos Apóstolos.

(5) Golilha se chama também a volta de que os Desembargadores usam.

(6) *Dixit insipiens in corde suo.* — Salm. 52.

Rompe lume voraz da boca ao Eterno:  
Sentado em Querubins, desprega o voo,  
Despede labaredas, flechas vibra.

Já sete gerações se vão volvendo,  
Desde o crime dos Pais; e Deus os Filhos  
Visita em seu furor. No fixo tempo  
O Povo Réu flagela a golpes duros.  
Deus, às portas, lhes bate, atroa, esperta  
Os ruins, nos Paços seus de Cedro, e de Aloés.  
De suas Ditas (Ditas fugitivas!)  
Vem derrubar os fúteis simulacros.

Feliz, o que, nos vales vive, em prantos!  
Que, a Deus, manancial de bênçãos, busca!  
Feliz, quem viu seus erros perdoados,  
E, em dura penitência, a Glória encontra!  
Feliz, quem, no silêncio, ergue o Edifício  
De boas Obras (Salomónio Templo,  
Onde os golpes do scopro, ou do Machado  
Não se ouviam, em quanto, respeitoso,  
A casa do Senhor <sup>(1)</sup> lavrava o Obreiro).  
Vós todos, que comeis, na Terra ingrata,  
Das lágrimas o pão, a Deus altíssimo  
Louvores repeti, neste hino Sacro:  
Glória a Deus seja dada, nas alturas.

FIM DO LIVRO III.º

---

(1) O Templo de Salomão.

---

---

NOTAS DO LIVRO III.º

Pág. 89, verso 15. Braça de ouro.

Apocalipse.

Pág. 90, verso 6. Sião sagrada.

Apocalipse, e Cantica Canticorum.

Pág. 96, verso 3. Asaf.

Precentor (Vigário do Coro) dos que ante a Arca haviam de Cantar Salmos de David. Compunha também Cânticos. Dá-lhe também a Bíblia nome de Profeta.

*Ibid.*, verso 4. Que alma obtém do sopro.

Fala aqui o Original Poema dos filhos de Coré, sem nos dizer que o são desse Coré que contra Moisés se rebelou, ou se de outro algum Levita desse nome. Esses filhos de Coré vêm nomeados na cabeceira de alguns Salmos que se haviam cantar diante do Tabernáculo: e até os instrumentos a que se haviam cantar.

*Ibid.*, verso 8. Festas sublimes.

Diz positivamente Santo Hilário, *in Psalm.*, que celebram no Céu os Anjos diversas solenidades: e afirma Teodoreto que prefazem os Anjos várias funções nesses Mistérios santos. Opinião que Milton seguiu.

Pág. 98, verso 14. Tem perto o vivo Carro.

Carro de Ezequiel que Milton imitou no carro do Messias.

*Ibid.*, verso 18. Prostram-se-lhe.

Apocalipse, Cap. 1.

Pág. 105, verso 26. Querubins rodeiam.

Ezequiel, Cap. 10.

Houve quem, lendo na primeira edição a Dedicatória deste Poema na achacasse a quem a compôs que se enganara acerca do nome do latiníssimo Bispo de Silves Jerónimo Osório, que na Dedicatória vem *Diogo*. Ignorância não foi por certo; foi descuido. Quem dirá que o tradutor da vida d'El Rei D. Manuel não sabia o nome do Autor que traduzira? — *Nota do Editor*.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO III.º



---

---

## OS MÁRTIRES

### LIVRO IV.º

#### ARGUMENTO

*Cirilo e a família Cristã, Demódoco e Cimódoce se ajuntam numa Ilha onde o Ládon conflui com o Alfeu, para ouvirem Eudoro contar os seus acontecimentos. Começa Eudoro, dando a origem da Família dos Lastenes, que se opusera aos Romanos, quando invadiram a Grécia; motivo porque vinha em reféns a Roma o primogénito de Lastenes; cuja família abraça o Cristianismo. Infância de Eudoro, que a quinze anos parte a Roma, e fica em lugar de seu Pai. Tempestade. Descrição do Arquipélago. Chega Eudoro a Itália. Descrição de Roma. Contraindo Eudoro amizade estreita com Hierónimo, Agostinho, e Constantino, filho de Constâncio. Diocleciano. Galério. Corte de Diocleciano em que é admitido Eudoro. Hierocles Sofista, Procônsul da Achaia, valido de Galério. Inimizade entre Hierocles e Eudoro. Eudoro cai em todos os desmanchos da mocidade, e até da Religião se esquece. Marcelino, Bispo de Roma, ameaça excomungar Eudoro, se não vem ao redil da Igreja. Excomunhão fulminada contra Eudoro. Anfiteatro de Tito. Pressentimento.*

LÁ, num absconso vale, espesso obscuro,  
Das florestas da Arcádia, não aventam <sup>(1)</sup>  
Eudoro, nem Cimódoce, que neles  
A vista, Anjos, e Santos empregavam;  
Que insinuava Deus <sup>(2)</sup> a sorte sua.  
Tais foram visitados (feliz Era!),  
Pelo Deus de Nacor, Zagais humildes

---

(1) Do verbo *aventar* com a significação d' *avoir vent* usa Fr. Luís de Sousa na *Vida do Arcebispo*.

(2) Aos Coros Celestes.

De Canaan, entre, os que ao ocíduo lado  
De Betel seus rebanhos pastoreavam;

Logo, que as Andorinhas, com gorjeios,  
Deram parte a Lastenes, que era Dia,  
Dá-se pressa a deixar o leito, e envolve-se,  
Num, que a Sposa fiou, forrado manto  
De fina lã de idosa gente amiga,  
E, para o conchegar, lho acomodara.  
Sua guarda fiel, dous cães Lacónios  
Lhe antecedem o passo, que endereça,  
Para o sítio, em que o Bispo se agasalha.  
Mas, já no campo aprico o Antiste Santo  
Of'recia a Deus sumo, pias preces,  
Quando o avistou Lastenes. Os cães correm,  
Baixa a fronte, alta a cauda; com carícias  
Dão culto ao santo Mártir, quais, por ordem,  
Do Amo por obedientes se lhe inculquem  
Os dous, de Cristo muito dignos servos,  
Depois de Cristãmente saudar-se;  
Tomam, do monte, em seu passeio, a encosta,  
Da antiga Sapiência praticando.  
Tal a Anquises guiou ao Féneo Bosque  
Evandro; quando, então ditoso Príamo  
Vinha buscar Hesione <sup>(1)</sup> a Salamina  
Esse Evandro, na marge, exul, do Tibre  
Colheu do Hóspede antigo <sup>(2)</sup> o Filho Ilustre, <sup>(3)</sup>  
Quando soube que houvera ao Rei Troiano <sup>(4)</sup>  
Cumulado, a Fortuna, de Desditas.

Não tarda o Antiste, e a filha, <sup>(5)</sup> a unir-se a eles.  
E vinha então Cimódoce mais linda

---

(1) *Nam memini Hesionis.* — VIRG. *Æneid.*

(2) Anquises.

(3) Eneias.

(4) Príamo.

(5) Cimódoce.



Que a luz Febeia, quando aos altos cumes  
 Do Eoo, vem mostrar, formoso a face  
 No recosto do pico sobranceiro  
 Às casas de Lastenes, se profunda  
 Lapa, que é de Pardais, e que é de Pombas  
 Retiro habitual. Nela, à maneira  
 De Eremitas Tebaidos, se retrai  
 Eudoro, a verter prantos penitentes.  
 Na bronca penha pende a Cruz Sagrada:  
 Co'as armas, jaz-lhe, em baixo, a C'roa Cívica;  
 Honras, Troféus, ganhados, nos conflitos,  
 Por sua intrepidez. Mas sente Eudoro  
 Mui no âmago do peito, certo abalo,  
 Mais que muito, já dele conhecido.  
 Treme, ao novo rebate; ao Céu recorre,  
 Com arrancado grito, implora amparo.

Quando a Aurora rasgou o manto à Treva  
 Lava os traços, em linfa pura, às lágrimas,  
 E se apresta a deixar a tosca gruta.  
 Lida em minguar da gentileza o garbo,  
 Co'a singelez do traje; os pés embebe  
 Em galos borzeguins; silvestre cabra  
 A pele deu, que em fabricá-los, se usa.  
 Parda guarina <sup>(1)</sup> encobre asp'ro Gilício. <sup>(2)</sup>  
 Lança aos ombros despojos <sup>(3)</sup> de alva Corça,  
 Que, com seguro nó, ao peito aperta.  
 Rainha dessas matas, um Vaqueiro,  
 Rodeando a funda, o seixo voando silva,  
 E a derruba, quando ela ia, c'os filhos,  
 Matar a sede, na água do Aqueloo.

Toma Eudoro, na esquerda, dous Venablos  
 De Freixo, e na direita, uma das C'roas  
 De contas de cristal, que, nas madeixas,

---

(1) Trajado de Caçador (*almilha*).

(2) O vestido penitente era o saco e cilício.

(3) A pele do animal despojado.

Indo ao martírio, as virgens entrançavam.  
Então servíeis, c'roas inocentes,  
A contar preces, que as sinceras almas  
Repetiam a Deus. Armado a ponto  
Contra as Feras, contra o Anjo tenebroso,  
Da rocha desce, qual Cristão soldado,  
Que atalaiou de noite. <sup>(1)</sup> O vau transpondo  
Da Torrente, se junta ao ténue rancho, <sup>(2)</sup>  
Que, em baixo, no vergel, por ele espera.  
Na orla do manto de Cirilo, o ósculo  
Estampa, e a paternal bênção recebe;  
Inclina-se a Demódoco, e a Cimódoce,  
Olhos baixos. A Rosa matutina  
Tinge à Vestal <sup>(3)</sup> as lindas faces puras. <sup>(4)</sup>  
Logo do Gineceu <sup>(5)</sup> modestas vinham,  
Com Séfora, as três filhas.

CIRILO

« És, Eudoro,  
À Cristã Grécia mui curioso assunto.  
Que Grego há hi, que já não tenha ouvido  
E os erros teus, e a penitência tua?  
Teus hóspedes Messénios (me persuado)  
Hão-de os sucessos teus ouvir atentos.»

DEMÓDOCO

«Cordato Ancião, que de Pastor dos Povos  
Tens o teor, dissera eu, por Minerva,

---

(1) Passou a noite sendo atalaia.

(2) Do Bispo, de Lastenes, de Demódoco e de Cimódoce.

(3) *Vestal* era nome próprio, que só competia às Sacerdotisas de Vesta, mas que depois se divulgou às Sacerdotisas de outros Ídolos. O Autor o dá em vários lugares a Cimódoce.

(4) Sem postura alguma.

(5) Quartos em que viviam as mulheres.

Quantos, teces, discursos, influídos.  
 Dera eu, (certo!) de grado, anos sobejos,  
 Qual dera o meu Avó, <sup>(1)</sup> Vate Divino,  
 A sucessos contar, a ouvir sucessos:  
 Que nada me é mais grato, que ouvir Contos,  
 De quem peregrinou, de quem, sentado  
 De seu Hóspede à mesa, enquanto ronca  
 De fora o vento, e se desaba a chuva,  
 Conta, abrigado, eventos desastrosos.  
 Folga-me, ao pôr estanca à taça de Hércules, <sup>(2)</sup>  
 Sentir meus olhos húmidos de pranto;  
 E, então, as libações são mais sagradas,  
 Se lágrimas lhes mesclas. Quem reconta  
 Pesares, com que Jove a prole humana  
 Atribula, esse atalha embriagueses,  
 Num convite, e lembrar-nos faz dos Numes.  
 Caro Eudoro, a ti mesmo será grato  
 Memorar as tormentas aparadas  
 Num peito varonil. <sup>(3)</sup> Tornando aos Campos  
 De seus Avós, contempla o Navegante,  
 Com prazer interior, o leme, os remos  
 Suspensos, todo o inverno, nas tranquilas  
 Paredes do que a Terra, em sulcos, rasga.»  
 Ao descer do Vergel, o Alfeu, e o Ládón,  
 Suas ondas juntando, uma Ilha abarcam:  
 Dessa undosa união, creras, que surge.  
 Vestem-na idosos troncos, que em memória  
 De Avoengos seus, conserva, Arcádia Gente. <sup>(4)</sup>  
 Ali cortava Alcimedon, <sup>(5)</sup> as Faias

---

(1) Homero.

(2) Com que se brindava Hércules.

(3) *Meminisse juvabit.* — Virgil.

(4) *Duro robore natis; Nemorum quos stirpe rigenti, fama natos.* — STATIUS.

(5) VIRGIL. *Eclog.* 3.

Para os, que ele scultou, tarros <sup>(1)</sup> insignes.  
Aretusa <sup>(2)</sup> ali vês, vês o Loureiro,  
Que encerra Dafne, nele convertida.

Dessa Ilha a solidão buscar resolvem,  
Por mais quedos ouvir de Eudoro os casos.  
Desprendem logo os Servos de Lastenes  
A que nada, no Alfeu, longa Canoa,  
Cavada num Pinheiro. Leva o Rio,  
Na ampla veia, a Família, leva os Hóspedes,  
Admirando dos Nautas a destreza.

DEMÓDOCO (*um tanto carregado*)

«Que foi do tempo, em que, Árcades, para irdes  
A Tróia, os dous Atrides Naus vos deram!  
Que o Ulisseu remo crêsteis pá de Ceres!  
E que hoje, ao pego imenso enfurecido  
Sem descorar, vos arrojais incautos?  
Quer Jove, que, nos p'rigos se alucinem  
Os Homens; e de herdado uso primevo  
Abracem p'rigos, como abraçam Numes.» <sup>(3)</sup>

Eis que à ponta oriental, abicam, da Ilha:  
Nela se alçam duas Aras derrocadas,  
Uma sacra ao Remanso, outra à Tormenta;  
Esta, em ribas do Alfeu, essa, do Ládón.  
Entre essas Aras, de Aretusa a Fonte  
Golfa da Terra, e foge ao Rio trépida. <sup>(4)</sup>  
Na ânsia de ouvir Eudoro, param, sentam-se  
Junto aos Choupos, que o Sol, nas cimas doura.

Pede Eudoro favor aos Céus, e narra:  
«Força é dar-vos notícia (eu serei breve)

---

(1) Vasos pelos quais os Pastores usam beber.

(2) A Fonte Aretusa.

(3) Corram aos p'rigos como aos Templos correm.

(4) *Lympha fugax trepidare rivo.* — HORAT.

De Avós meus: — deles brotam meus trabalhos.  
Por minha Mãe, descendo da piedosa  
Megarense Mulher, <sup>(1)</sup> que deu jazigo  
Aos ossos de Focion, dizendo aos Lares <sup>(2)</sup>  
Guardai caseiros Divos, fielmente  
Despojos dum Varão honesto, e justo.  
Foi meu Avô paterno Filopœmen,  
Que único, ousou opor-se a Roma, quando,  
(Vós o sabeis) Romano Povo livre  
Roubou à Grécia, os dons da Liberdade.  
Mas Desastres que valem, que val Morte,  
Quando, por Eras mil vai nome ilustre  
Dar vivo abalo, em generosos peitos,  
E ressoar grandioso, nos vindouros!  
    Porque não possa desmentir a Pátria  
Da usada ingravidão, ao derradeiro  
De seus Varões de prol deu a cicuta.  
Políbio (moço então) lutuosa pompa  
Traçou, com que se vão, de Filopœmen  
As cinzas de Messénia, a Megalópolis.  
Disseras, que de C'roas cumulada,  
Tremulando listões, continha essa Urna  
Da livre Grécia as cinzas! Desse instante  
Nossa Terra natal, qual Terra exausta,  
Cessou de Cidadãos criar magnânimos:  
Blasona, inda, alto nome; e ela semelha  
De Temístocles státua, decepada  
Por baixeza dos Áticos <sup>(3)</sup> hodiernos. <sup>(4)</sup>  
Que c'ò vulto dum scravo, o Herói reintegram.

---

(1) Plutarch. *in Vita Phocionis*.

(2) Em cujas cinzas os enterrou.

(3) Cidadãos de Atenas.

(4) Hodiernos diz mais, neste caso, que modernos. Quem sabe a história dos Tiranos de Roma aprovará a eleição que fiz desse termo latino. Os perluxos que mo censurarem, lembrem-se do cento de palavras Latinas, que Camões meteu no seu Poema, onde não era forçado como eu a traduzir de prosa em verso, um Poema tão arredado de vulgares assuntos.

Nem manso repousou, no monumento,  
 O Cabo dos Aqueus. Passados anos,  
 Acusam-no, que fora adverso a Roma,  
 E como Réu, ante o Procônsul Múmio,  
 (Destruidor de Corinto) o processaram.  
 Valendo-lhe Cipião, <sup>(1)</sup> Políbio obteve  
 As státuas conservar de Filopœmen.  
 Mas despertou a delação sacrílega  
 O ciúme de Roma, contra o sangue  
 Do derradeiro dos Heróis da Grécia.  
 Requerem, que mal conte, doravante,  
 Ano sobre três lustros, venha a Roma  
 De Filopœmen prole primogénita,  
 Fique em reféns, sob a Romana Cúria.

Acurvada c' o peso das Disgraças,  
 Órfão do Cabo seu, de Megalópolis  
 Minha Família sai, retiro busca  
 Já, nestes Montes, já, numa outra herdade  
 Às abas do Taigete, e Mar Messénio.  
 Contra quanta há hi mágoa, trouxe alívio  
 Paulo <sup>(2)</sup> a Corinto presto. Apenas lavra  
 Pelo Império Romano a Fé Divina,  
 A Esperança do Céu, o Alívio do Orbe,  
 Do Orbe abundante em Reis baldos de ceptro,  
 Do Orbe, Romano Escravo; os meus Maiores  
 Cevados nas lições da Adversidade,  
 E em singelos Arcádicos costumes,  
 Inclinando à Cordura, submeteram-se  
 À Lei Cristã, na Grécia, primitivos.

Eu, nas margens do Alfeu, Taigéteos Bosques  
 Curvei infantis anos ao seu jugo;  
 Co'as asas me amparou, me pôs obstáculo  
 A que eu (flor tenra) em despontar madrugue.

---

(1) Cipião Násica.

(2) S. Paulo Apóstolo.

Põe fito, a Lei Cristã, a que ignorante, <sup>(1)</sup>  
C'uma Inocência, alongue outra Inocência.  
Primogénito, e entrado em quarto lustro,  
Se m'avizinha o prazo do desterro.  
Messénio prédio, hospício, então, nos dava.  
Antes que eu parta, a lhe tomar o posto, <sup>(2)</sup>  
(Por mercê não comum) meu Pai obteve  
Voltar à Grécia, e a affectos de Família:  
Dele a bênção tomei, tomei conselhos.  
Séfora, amante Mãe, ao Porto, e embarque  
Companheira me foi, e me foi Guia.  
Aos Céus as mãos, ao desfraldar das velas,  
Seu sacrifício <sup>(3)</sup> a Deus, envolve em lágrimas.  
Rasga-se-lhe a alma ao ver desamparado,  
E entregue o Filho ao Mar revoltado, e tredo: <sup>(4)</sup>  
Ao Mundo, ainda, Mar mais tormentoso,  
Que eu entrava a surcar, Moço inexperto.  
    Já rompia o Baixel as salsas ondas,  
Que, inda tardava Séfora comigo,  
Coragem dando à minha adolescência;  
Qual Pomba, que a voar, Pombinho instrui,  
Que o ninho Maternal, noviço, deixa.  
Forçoso lhe é deixar-me: desce ao esquite,  
Que, a bordo da Trireme a espera. Enquanto  
Não poja em Terra, acenos faz saudosos,  
Quando já a terna Mãe, longes ma ocultam  
(Adversos!) vê-la, em viva dor reclamo.  
Rastreado os tectos onde fui criado,  
Os olhos derramei, dando-os de longe,  
A arbóreos topes do paterno prédio.

---

(1) Da malícia do Mundo.

(2) De o substituir como reféns em Roma.

(3) O grande sacrifício de apartar de si o Filho que muito ama.

(4) *Tredo*, por traidor é comum nos nossos Clássicos.

Longa a navegação, apenas tínhamos  
Passado Teganusa, que impetuoso  
Um Vento Ocidental leva a Trireme  
Em fuga, às praias, onde a Aurora nasce.  
Sete sóis, Vendaval enfurecido,  
(Entrados no Helesponto) nos oculta  
Senhas de alguma Terra: assaz felizes,  
Que embocamos a foz do Simoente,  
E nos abriga a Aquileia sepultura.

Já, Mar-bonança, no Austro a proa pomos;  
Franco Zéfiro as velas nos enfuna,  
(Que o <sup>(1)</sup> traz sempre consigo Áries Celeste)  
E desvia o Baixel da Hespéria praia,  
Quando às Eólias costas nos remessa:  
Já à Trácia, já à Tessália nos encosta.  
Da Grécia perpassamos o Arquipélago,  
Onde prestante luz, amenas ribas  
Ar meigo, todo aromas, anda em pleito  
C'o encanto das lembranças, <sup>(2)</sup> e dos nomes.  
Com templos se assinalam, com Jazigos  
Esses Cabos. <sup>(3)</sup> Surgimos nalguns Portos  
De Cidades, ufanas co' apelido  
De Flor louçã, Jacinto, Viola, Rosa. <sup>(4)</sup>  
Fecundadas de germinante Povo,  
Pela beira do Mar, se desabrocham,  
Do Sol ao raio puro. Da puerícia  
Sabido apenas e atentado, e agudo  
Imaginava eu já; já no meu ânimo  
Meditações profundas me cabiam.  
No Baixel vinha um Grego entusiasta

---

(1) O vento Zéfiro.

(2) Lembranças de celebérrimos acontecimentos, nomes de lugares, cuja significação diz muito.

(3) Apenas se avistará um Promontório da Grécia, que com algum Monumento aformoseado não seja.

(4) Tanto significam os nomes Gregos de várias Cidades.



(Como os Gregos são todos) do Chão Pátrio,  
Que os sítios, que ia vendo, me ensinava.»

GREGO

«Aos sons da Lira, Orfeu trazia os Robres  
Destas selvas, e o Monte que agiganta  
Ao longe a sombra, a ideia deu a Artífice  
De o lavrar em státua de Alexandre. <sup>(1)</sup>  
Lá vês o Olimpo; e são seus vales, Tempe;  
Vês Delos, que, no Mar, flutuava, outrora,  
Naxos, onde Teseu deixou a Ariadna:  
Nesta praia aportou, há eras, Cécrops.  
Platão, na ponta desse Cabo, <sup>(2)</sup> instruía;  
Demóstenes orava, ante essas ondas;  
E, nessa linfa se banhava Prine.  
E essa das Artes, da Beleza, e Numes  
Pátria, se curva a tão iníquos Bárbaros!» <sup>(3)</sup>

De raiva, assim bramou, chorando, o Grego.  
Desadorou, em dobro, quando o Golfão  
Cortámos de Megara; havia em face  
Egina, e de Pireu o porto à dextra;  
Demorando-lhe à esquerda a hábil <sup>(4)</sup> Corinto.  
Que Cidades, outrora tão florentes!  
Hoje estrago, e ruína! Mágoa, aos olhos  
Do Passageiro, ou Nauta, ao pôr-lhe a vista!  
Os, que, em bandos, à tolda, ávidos sobem,  
Vêm Templos derrocados, e emudecem.  
No íntimo peito desafogo, quando  
Confronto um mal, com outro mal, e julgo

---

(1) Propôs um Statuário talhar de maneira o Monte Atos, que figurasse Alexandre Magno, sustendo na dextra uma Cidade.

(2) *Sunium*.

(3) Os Romanos, que os Gregos consideravam como a Bárbaros.

(4) Em razão dos mui hábeis Artífices, que de Státuas, Edifícios, Vasos, etc., a adornaram.

Esses flagelos, que as Nações se infligem,  
E, as que Cidades eram, ser Cadáveres.

Parecer podem tais lições mais altas,  
Que a, do juízo meu, infante alçada;  
Contudo, eu compreendia-as. Noutros Jovens  
Que vinham, no Baixel, baldadas eram.  
Na Religião librava essa dif'rença.  
Eu Cristão, Pagãos eles. Afervora  
Paganismo as Paixões, antes da idade,  
Quando as açaima em nós o Cristão Culto;  
Desviando esses clarões do ânimo infante  
Lhe dá senso varonil; na Alva da vida,  
Pensamentos mais sólidos lhe influi.  
Dá-lhe, em mantilhas, dignidade de Homem;  
Desde então, nos mantém sublimes, graves.  
Mesmo, aos peitos da Mãe, que o alimenta  
Conta já cada Infante, como um Anjo.  
Pagãos, que em Jove crêem mudado em Touro  
De estragos tais não caem no sentido.  
Eu, que já me sentara c'ó Profeta  
Nos destroços da trágica Gomorra  
Babilónia avistei desde Corinto.

Nem menos notarei, o como iluso  
Dei, para o abismo, o passo meu primeiro  
Nem, que escondiam visos tão singelos  
O laço, em que caí. Enquanto Impérios  
Revoltos <sup>(1)</sup> consid'ramos, sai das ruínas  
De Corinto resplendida Teória. <sup>(2)</sup>  
Génio da Grécia, de risonho vulto,  
Que desastre nenhum consumir pode,  
Toda a lição, em doutrinar-te, falha!  
Colgada Ítaca Nau de fitas, flores,  
Leva a Delos, de Atenas Deputados.  
Os arrebóis da Aurora purpureavam

---

(1) Revoluções acontecidas nos Impérios.

(2) Pompa religiosa. Vid. *Voyage du Jeune Anacharsis*.

As, que o Zéfiro enfuna, brancas velas;  
E o Mar varrendo vai, no leve alcance,  
Por plainos de cristal, com remos de ouro.  
A Neptuno os Teores debruçados,  
Libações vertem, juncam-no de flores;  
Na proa as Virgens, com airoas Danças  
Os de Latona erros afiguram: <sup>(1)</sup>  
Vão discantando alternos, os Mancebos  
As Canções de Simónides, de Píndaro.  
Os seios da alma, em júbilos, banhavam-se-me.  
Vísteis fugir a Nuvem matutina,  
Pela face do Sol? Vísteis um Nume,  
Voando, em Carro azul, sobre asas de Éolo?  
Tal foi a prima cena, <sup>(2)</sup> em que à Gentílica  
Cerimónia atentei, com gozo incauto.

Peloponésios Montes se descobrem.  
Saúdo, ao longe, o Chão natal. Já súbitas  
Entram, da água a subir Italias Costas,  
E Brundúσιο avistar, me é assombro extremo.  
Ordens, que o Mundo regem, dali, partem.  
Fico alheio de mim, mal pojo em terra,  
Notando o, que me é estranho, ar de Grandeza.  
Aos de Grécia elegantes edifícios  
Suceder vejo Fábricas <sup>(3)</sup> amplíssimas,  
Com cunho de outro Génio assinaladas.  
Quanto o passo mais venço, na Ápia via,  
Mais cresce a suspensão ao ver gradado,  
Com quadrados penhascos, o Caminho.  
Cri, que para aturar trilho perpétuo

---

(1) Perseguida Latona pela ciosa Juno, corria, na sua prenhez pelo Orbe vagabunda.

(2) Sem dela conceber todo o horror, que a um Cristão compete.

(3) A Edifícios vastos dão os nossos bons Autores o nome de Fábricas; nome que hoje só damos às Manufacturas. O Convento da Batalha chama-o F. Luís de Sousa, fábrica de Príncipe; o Palácio de Alhambra, em Granada, Fábrica digna dos Reis Mouros, etc.

Da humana prole, abriu longa avenida,  
Três milhas cento, por Apúlios Montes,  
Costeando o Golfão Neápoli, e paugagens <sup>(1)</sup>  
De Anxur, de Alba, e Campinas da alta Roma.  
Fazem-lhe alas <sup>(2)</sup> Palácios, Templos, Túmulos;  
Finda, na eterna <sup>(3)</sup> Capital do Mundo,  
Digna de tal brasão. Com tais portentos,  
Tanto eu me embeveci, quanto impossível  
Fora antevê-lo, fora o suspeitá-lo.

Encanto foi, que, em vão, quebrar-mo intentam  
Amigos, que meu Pai encarregara  
De olhar por mim. Vagueava eu de contínuo,  
Do Foro, ao Capitólio, ao Campo Márcio.  
Do Bairro das Carinas, <sup>(4)</sup> do Germânico  
Teatro à Mole Adriana, ao Circo  
De Nero, ao Panteão de Agripa: e em toda  
Essa ânsia, esse correr curioso, a humilde  
Igreja dos Cristãos, era a olvidada.  
Nem me a vista cansava o grão bulício  
Dum Povo, que é a união dos Povos todos.  
Várias na farda, várias na armadura,  
Germanas Galas, Africanas, Gregas,  
Romanas tropas vão pejando as ruas.  
Calça popúlea alparca <sup>(5)</sup> Ancião Sabino,  
E vai de lado à senatória púrpura;  
Ante o Coche da Meretriz parada,  
Liteira Consular, Bois de Clitumno  
Guião ao Foro o Volsco antigo Carro.  
Do equite Caçador o trem magnífico  
Que atravanca a tão larga sacra via;

---

(1) Damião de Góis, *Vida de El rei D. Manuel*.

(2) A estrada Ápia.

(3) *Æterna Civitas Roma*.

(4) Onde varavam em terra os Navios, e pousavam os estaleiros.

(5) Que da cortiça de Choupo é fabricada.

Correndo Antistes vão, a incensar Numes;  
E a abrirem as Escolas, os Retores.

Quanto vos visitei, Termas ornadas  
Com Livrarias? Quanto, esses Palácios  
Já aluídos uns, já mal cadentes outros  
Dando pedras a novos, que se erguiam?  
O Horizonte Romano iguala, em grande  
Ao grande da Romana Architectura.  
Raios, que ao centro vêm, as águas guiam  
Sobre arcos de Triunfo, os Aquedutos.  
Ao Povo, à larga, <sup>(1)</sup> Rei perenes Fontes  
Bramam ruidosas; státuas a milhares  
São Povo quedo, entre cursivo Povo.  
Monumentos de mil Nações, mil Eras,  
Lavor <sup>(2)</sup> de Reis, de Cônsules, de Césares,  
E, roubados a Egipto, os Obeliscos,  
E à Grécia confiscadas sepulturas.

Já, não sei qual formosa ideia rompe  
Da Luz, <sup>(3)</sup> Vapor, <sup>(4)</sup> delineados <sup>(5)</sup> Montes,  
Da rustiquez do Tibre, e torta <sup>(6)</sup> veia;  
Armentos de Éguas meio-montezinas,  
Que, em suas águas, a abreviar-se <sup>(7)</sup> acorrem;  
Das Campinas, que o Cidadão Romano  
Desdenha cultivar, dando-se o timbre  
De, às Cativas Nações, ditar, cada ano,  
Qual fértil Chão, de alimentá-lo, se honre...

---

(1) *Populum late Regem.* — VIRGIL.

(2) Fabricados sob Reis, Cônsules, Césares.

(3) Da claridade do dia, no Clima de Roma.

(4) Que a terra ali exala.

(5) Que formados disseras pelo desenho do Pintor.

(6) Que vários colos faz.

(7) De verbo *abreviar* usa Samuel Usque Escritor Português do 16.º século no seu Livro das Tribulações judaicas, mui pouco conhecido. O único exemplar que dele vi, mo emprestou o Cavalheiro Francisco José Maria de Brito.

Que vos direi? Em tudo estampou Roma  
Cunho, de perdurável Sob'rania.  
Em penhascos de mármore vi sculpido  
No Capitólio, o Plano dessa eterna  
Cidade, a fim que a estampa, eterna dure. (1)

Quão bem que conheceu o peito humano  
A nossa Religião, quando pôs fito  
Em nos manter em paz, em pôr barreiras  
Às humanas Paixões, curioso anelo!  
Viva a Imaginação me fez culpado.  
Encetando o teor de meus estudos,  
Dei tino, que perdera a assuntos graves  
O usado aferro; e tive inveja à sorte  
Dos Mancebos Pagãos, que davam rédea  
Aos juvenis prazeres, sem remorsos.

Pôs aula (2) de Eloquência, em Roma, Eumenes,  
Que, co' Aluno mais célebre, que o Filho  
De Quintiliano dera, estudou Jovem.  
Ouviam-lhe as lições muitos ilustres  
Assíduos Moços; e eu travei, não tarde,  
C'os Condiscíp'los meus, trato de Amigos.  
Com jucunda união, me foram sócios,  
Mormente três, de mente sã, sincera;  
Jerónimo, e Agostinho, e Constantino  
Nobre Príncipe, prole de Constâncio.  
De Panónia família garfo egrégio  
Hierónimo indiciou, de tenros anos,  
Co'as mais vivas Paixões, insigne Ingenho;  
Nímio, no estudo, e nos prazeres nímio,  
Nega-lhe, a Impulsos, a Índole repouso;  
Iracível, sublime, inquieto, bárbaro,  
No perdão implacável, se ofendido:  
Com sina a pôr padrão, nas mores culpas,

---

(1) Inda hoje existe.

(2) Aula, que depois veio abrir nas Gálias.

Nas mais gradas Virtudes; Roma, ou Ermo  
Competem sós, a um Génio todo incêndios.

Ao meu segundo Amigo, um Lugarejo  
Da alçada do Procônsul de Cartago  
Berço foi. Agostinho é dos humanos  
O mais amável; comparado a Hierónimo,  
E em Paixões vivo, é mais suave em índole;  
Doma as vivas Paixões contemplativo.  
Só lhe alcanço um desar; do Ingenho abusa,  
De mui terno subindo, a encarecido.  
Profundo em conceber, fino em dizê-lo,  
Tudo enfeita, e abrilhanta, com imagens; <sup>(1)</sup>  
Sob o fervor, nascido, do Sol de África,  
Naufragou, com Hierónimo, no escolho  
Do trato feminil; de lá romperam  
Nascentes de erros tais. Sensibilíssimo  
À donosa Eloquência; mal que influa,  
O Céu, num Orador, <sup>(2)</sup> vê-lo-eis, que abraça  
A Fé Cristã; e, em grémio, então, da Igreja  
Um Platão virá a ser da sã doutrina.

Constantino, de César nobre prole,  
Já ostenta condições de Herói prestante;  
Exterior senhoril (aos Reis tão útil!)  
Ajunta ao vigor da alma; e dá realce  
Ao lustre das acções de mor renome.  
Oh quão ditosa Mãe Helena Augusta,  
Que, no seio nasceu da Lei de Cristo!  
E, à qual, como Constâncio, o Filho pende.  
Transluz neste, <sup>(3)</sup> por entre grã doçura,  
Inata heroicidade; <sup>(4)</sup> sinal ínclito,

---

(1) *Rerum imagines ostendit.*

(2) Como lhe veio a suceder, quando, em Milão ouviu a Santo Ambrósio.

(3) Constantino.

(4) Os Virgílios, os Ovídios, etc., que sabiam quanto desagrada a monotonia nos versos, os quebravam de indústria: se eu errei em imitá-los com Camões, com Ferreira, que os quebravam; com eles, que assim erraram me consolo.

Que estampa o Céu, nos Homens, que destina,  
A dar ao Mundo nova face. Oh grande!  
Oh feliz! se não cede a impulsos da Ira,  
Tão de temer, nos peitos reportados!  
Oh que lástima é serem tão cumpridas,  
E mais que muito-presto ordens de Príncipes!  
Quanto indulgentes cabe, co' eles, sermos!  
E ao ver de ímpetos seus o efeito infausto,  
Pormos olhos, em Deus, que os toque, e instrua,  
A que enfriem Paixões; lhe alongue o prazo,  
Entre a pensada culpa, e efeitos dela.

Com tais sócios fugia o tempo, em Roma.  
Como eu, stava em reféns, o Jovem Príncipe.  
E o conformar comigo, em transe, <sup>(1)</sup> e em anos,  
Deu porta a mor estreiteza de Amizade.  
Nada dispõe melhor a unir dous ânimos,  
Que iguais Fados, que Fados de infortúnio!  
Por dar-me ala à Privança, ala à Opulência,  
Me introduziu, na Corte, Constantino.  
Declinava, quando eu cheguei a Roma,  
Diocleciano, em poder (bem hoje o vemos)  
Com Maximino o parte, e o chama Augusto,  
E a Galério, e Constâncio nomeou Césares.  
Entre quatro Reinantes repartido,  
Um só Senhor reconhecia o Mundo.

Releva afigurar-vos essa corte  
Longe da qual vivendo, sois felizes,  
Oh nunca ouçais de seus Trovões o estrondo!  
Quais volve ondas o Alfeu, por esse vale,  
Tais volvam vossos dias chãos, e obscuros.  
Bem, que não salve sempre obscura vida  
Contra absolutos Reis. Oh mortais míseros!  
O Torvelino, que desraiga a penha  
Leva de igual rondão, ao grão de saibro;  
Fere, c' o ceptro, um Rei ignota fronte;

---

(1) Conformando comigo na aflição de se ver vigiado, por ciúmes de Governo.



Nem, se o trono o vibrou, o golpe evita  
Na mão, que irá ferir-nos, pormos tento  
Sempre será caução de Homem sisudo.

Diócles (d'outrora) que hoje é Diocleciano  
Em Diócles nasceu, Cidade Dálmata:  
E os de Probo pendões seguiu Mancebo.  
Foi hábil General, perfez encargos  
De porte, sob Carino, e Numeriano. <sup>(1)</sup>  
Deste a morte vingou, ao sólio, apenas  
Que as Legiões do Oriente o sublimaram  
Contra Carino, que do Ocaso o Império  
Regia, obteve tão cabal vitória  
Que do Orbe ei-lo Senhor, valente e próspero.

Ele é tal, que eminente em qualidades,  
Logra possante, hardido, vasto ingenho:  
De índole porém frouxa, mais que a miúdo,  
Não aguenta o pendor de alma tão grande.  
Dessas duas nascentes lhe deriva  
Quanta acção grande faz, quanta apoucada.  
Compõem-lhe a vida disparados feitos;  
Ora é Príncipe egrégio, e forte, e firme,  
Que afronta a Morte, e a quem compete um trono,  
Que obriga a que o triunfal Carro, lhe siga  
Galério, a pé, qual vai raso soldado;  
Treme ora dele; e ondeia irresoluto  
Entre projectos mil, ou já se encosta  
Em vãs superstições, se abate, e avilta.  
Contra o terror da Morte estriba afouto  
Em que o adorem por Deus, por Deus eterno.  
Impio! mas puro, e são nos bons costumes,  
Activo é, no que empreende árduo, e sofrido.  
Sem buscar ilusões, buscar prazeres.  
Sem gratidão sperar, sem crer virtudes, <sup>(2)</sup>  
Vê-lo-eis, um dia, quando o atineis menos,

---

(1) Imperadores.

(2) Nos Homens.

Despir, desassombrado a Imperial púrpura;  
Dizer ao Mundo (tendo em pouco os Homens):  
Tão fácil, hoje, me é descer do trono,  
Quão fácil me foi já sentar me nele.

Fraqueza fosse, ou fosse alta Política,  
Com Galério, Constâncio, e Maximino  
Quis seu Poder partir. Talvez lhe pese  
Dessa, que o mal-forçou, Razão de Estado.  
Com lhe ser inferiores esses Príncipes,  
Quis-se a si realçar. Longe da Corte, <sup>(1)</sup>  
Pôs Constâncio, que lhe era sombra escassa;  
E, só, consigo, conservou Galério.  
Maximino é Guerreiro, é Valoroso,  
Mas bronco, ignaro, em Corte nada influi.  
Nasceu Galério, em Dácicas palhoças,  
Pastor de gado, desde os verdes anos,  
No cinto de Vaqueiro, <sup>(2)</sup> apertou sempre  
Ambição desconforme, e desbocada.  
Tal cai, no Império, praga desastrosa,  
Quando não regram Leis Reais heranças!  
Não há peito, que, então, se não abaste  
Das mais largas tenções, não arme ao sólio.  
Que, nem sempre a Ambição talento inculca.  
Por um, que ao trono alçou Virtude, e Ingenho,  
Cem Tiranos ruins dão lida ao Mundo.

Traz, na frente sinal (antes ferrete)  
De seus vícios Galério; a voz medonha,  
Hórrido o olhar, Golias na estatura.  
Desquita-se dos sustos, que ele inspira,  
A Romana ufania desbotada <sup>(3)</sup>  
C'o baldão de Armentário, <sup>(4)</sup> com que o mofa.

---

(1) Encantoando-o no Governo das Gálias.

(2) Que um tanto lhe dava *ciúme*.

(3) Mui descaída de seus antigos foros.

(4) *Ab armentis*: motejando-o assim de ter guardado gados.

Despende à mesa o Dia; e a Noite emprega-a  
Em vis, obscenas Orgias embriagadas;  
Faustuosos saturnais, em que ele estuda  
Delir, com luxo insano, a relé torpe:  
Mas, das pregas do alarde de ouro e púrpura,  
Lhe sai (mau grado) o pegural pelico.

À sede ardente de Domínio, ajunta  
A nativa crueza, e o furor cego  
Contra os Cristãos (no Império grã tormenta!)  
Bronca Vilã, a Mãe desse Armentário,  
Sacrificando aos montanhesez Numes,  
Irou-se, que os Discíp'los do Evangelho,  
A tais superstições não acudiam;  
Contra eles, (qual lho têm) deu ódio ao César. <sup>(1)</sup>

Enquanto este não dobra, em Diocleciano,  
O génio, que a violências não propende,  
A Augusto <sup>(2)</sup> impele, a que os Cristãos persiga.  
Diocleciano os Cristãos tem muito em preço,  
Por mais firme porção de seus Exércitos:  
Em nós descasa, em nossa Fé <sup>(3)</sup> confia,  
A seu lado nos quer. Do seu Palácio  
Doroteu é Veador, (Cristão virtuoso!)  
Cristãs, do Imperador, a Sposa, <sup>(4)</sup> a Filha, <sup>(5)</sup>  
A ocultas são fiéis à Lei Divina.  
Os Cristãos, penhorados da confiança  
Que neles tem, <sup>(6)</sup> e do bom termo, que usa, <sup>(7)</sup>  
São muro a Diocleciano. Raiva o César, <sup>(8)</sup>

---

(1) Galério filho seu.

(2) Maximino.

(3) Fidelidade.

(4) Prisca.

(5) Valéria.

(6) O Imperador.

(7) Os Cristãos soldados.

(8) Galério.

Ao ver, que para alar-se ao trono ansiado, <sup>(1)</sup>  
Lhe é força (ingrato!) por no extremo exício, <sup>(2)</sup>  
Os Cultores do vero único Númen.

Tais os Príncipes são, que, ambos, no Império,  
Quais Orosmaes, e Arimânio spargem  
Faustos, infaustos dias, à medida,  
Que perde, ou ganha um deles, a Vitória.  
Como é que Diocleciano, tão agudo  
No discernir os Homens, quis tal César?  
Decretos são, dessa alta Providência,  
Que esvaece os projectos vãos dos Príncipes,  
E os Conselhos dos Povos desbarata.  
Feliz Galério, se entre armadas hostes,  
Só, e retraído, ouvira o clamor bélico  
Da Fama a Tuba, e do inimigo o *a l'arma*.  
Não dera em lisonjeiros, que contendem  
A Virtude apagar, soprar-lhe o vício.  
Negara-se a conselhos, com que um pérfido  
Valido o impele ao Mal. Ele <sup>(3)</sup> é da Classe  
Dos que têm de influir nesta Era, muito,  
Na sorte dos Cristãos. Vereis cumprido  
O presságio. Notai-o, na lembrança.

Roma envelhece, e no seu grémio, nutre  
Coortes de Sofistas; de Porfírios,  
De Jamblicos, de Máximos, Libânios,  
De cujas opiniões, cujos costumes  
Riríeis mais que muito, a não brotarem  
Dessa loucura humana, humanos crimes.  
Os Sofistas, após de vãos axiomas,  
C'os Cristãos arremetem, gabos dando-se,  
De que fogem do Mundo, e os Bens desprezam;  
Eles, que, aos pés dos Grandes, o ouro esmolam!

---

(1) Ao qual anseia de subir.

(2) Seu *exício* afigurado disse Camões.

(3) Hierocles.

Sérios <sup>(1)</sup> traçam fundar uma Cidade,  
Que a habitem sábios, <sup>(2)</sup> por Platão moldados;  
Lá disfrutem seus anos, com delícia,  
Como Amigos, e Irmãos: da Natureza  
Soltem o arcano, que ata o Egipto em Símbolos, <sup>(3)</sup>  
Delira um *Tudo é corpo*. Outro, *Ideia*. <sup>(4)</sup>  
No Orbe, que regem Reis, clamam República.

Tais, querem despeçar a Sociedade,  
Para armá-la, de novo, a jeito deles.  
Outros, os Cristãos usos remedando,  
Vão nos Templos, nas Praças, em Tablados,  
Vender virtudes, desmentidas de Obras. <sup>(5)</sup>  
Moral pregando à, que apinharam, Turba.  
De orgulho himpando, Ingenhos de alto porte,  
Crêem, que dão mate à publica doutrina,  
Co'as tontices cabais, dislates sérios,  
Doutos abortos que em bulhões, lhes rompem.  
Guia de bando tal (mui digno! <sup>(6)</sup>) é Hierocles.

Vale, com César, e governa, a Acaia.  
É dos que inspiram Grandes, que aconselham  
Revolução no Estado; e são-lhes úteis  
Por tal qual tino, em triviais negócios,  
Por certo aso em falar, que eu não lhe invejo.  
Grego o suspeitam, e re-nato infante  
Em ondas do baptismo. Humanas Letras  
Dando-lhe orgulho, a mente lhe estragaram,  
E às seitas o arrojam dos Filósofos.  
Se conservou da Fé Cristã vestígios,

---

(1) Tratando com muita seriedade esse ponto.

(2) Os tais Sofistas.

(3) Os Hieroglifos.

(4) Sentenças de Filósofos: uns que deliravam que tudo no Universo era matéria; e que a matéria, em nós fazia as vezes de espírito ou ideia. Outros negavam que existisse matéria, e que a Ideia operava tudo sem existência de matéria.

(5) Virtude pregam, que suas acções desmentem.

(6) Ironia.

Na raiva o ostenta, e no delírio em que arde  
No ouvir, do Deus que mal deixara, o nome.  
Tomou, da Escola da falaz ciência  
O afectado teor, razoár de Hipócrita.  
Liberdade, Sapiência, e sã Virtude,  
Luz de Ingheno, que aumenta, e que alumia,  
Que adita as Gentes, vos borbota, a fio.  
E soez Cortesão, postiço Bruto,  
Catão, que ameiga, na alma, Paixões torpes,  
Benigno Pregoador da Tolerância,  
Dentre os Homens, é o mais intolerante.  
Esse pio Cultor da Humanidade,  
É quem, com mor crueza, a aflige, e avexa.

Constantino o aborrece. Diocleciano  
Teme-o, e despreza-o. Astuto <sup>(1)</sup> se deu traças  
De entrar, no íntimo peito de Galério.  
Priva: só lhe dá susto um Rival único,  
O Prefeito de Roma, <sup>(2)</sup> na privança.  
Infeliz César, torpe cena, ao Mundo  
O Pseudo-sábio <sup>(3)</sup> dá, quando empeçonha  
Co'á falsa voz da ciência, o teu esp'rito, <sup>(4)</sup>  
Que há-de imperar, nos Povos do Universo!

Na Aula de Euménes, se encontrou comigo  
Com Agostinho, e Hierónimo. É, nas falas,  
Sentencioso, e fero, e decisivo,  
Afecta Homem de porte. A ingénuos, lhanos <sup>(5)</sup>  
Nos foi relé ruim. Ele, <sup>(6)</sup> e tais artes <sup>(7)</sup>  
À confiança, à afeição a entrada tolhem.

---

(1) Hierocles.

(2) Públío.

(3) Hierocles.

(4) O Esp'rito de Galério.

(5) Como nós éramos.

(6) Hierocles.

(7) Manhas más.

Estreita, e comprimida, a fronte inculca  
Sistemático génio, porfioso:  
Vibra olhos, quais os vibram Feras bravas;  
Quanto é, no olhar, feroz, tanto é cobarde.  
Grossos lábios, que quasi sempre fende  
Num vil, cruel sorriso; a rara grenha  
Sem alinhio, na frente, se lhe espeta;  
E desmente, a não mais, da coma ondeante  
Que em jovens ombros Deus debruça; ou véu  
Que a Anciãos, qual C'roa cinge. Um certo ar cínico  
Das feições do Sofista <sup>(1)</sup> exala, e clama  
Que a espada mãos des-nobres mal empunham.  
Impia pluma de Ateu mais lhes conforma,  
Ou do Verdugo o cortador cutelo.  
Tal (porque o diga assim) o Homem se afeia,  
Se, todo ao Corpo, da Alma se descuida.

Certo agravo me fez, de que eu, no Paço  
Me despiquei airoso; e todos riram:  
Cru rancor contra mim lhe acendi na alma.  
De ponto lhe subiu, seu desar <sup>(2)</sup> vendo,  
Vendo-me a Constantino caro, e a Augusto.  
Rebenta a Inveja, que o sossego espanta,  
E manhas de arruinar-me studa ansioso.  
Quem? Eu? alvo de Inveja? Eu, que, em verduras  
Juvenis, anos três, volvidos tinha!

Sobre descuido ruim, seca indif'rença,  
Oh falaz segurança! E oh quanto as Cartas  
De Séfora, e meu Pai, com sãos avisos,  
Ma <sup>(3)</sup> turbavam com ríspidos rebates!

Entre os que, inda saudosos, se lembravam  
De Lastenes, conto eu a Marcelino,  
Da Igreja Universal visível Cabo,  
No que ao de Pedro, e Paulo Cemitério,

---

(1) Hierocles.

(2) O desar de que todos riram.

(3) A segurança.

Sacro túmulo, entesta, além do Tibre  
Seu Quarto lhe compunham dous Cubículos, <sup>(1)</sup>  
Co' a Capela, nos muros, encostados.  
Pende à porta do asilo do remanso  
Campana humilde, dando parte ao Bispo, <sup>(2)</sup>  
Que entra <sup>(3)</sup> vivo Cristão, Cristão defunto.  
Quem do Céu abre a porta, abre a da Terra. <sup>(4)</sup>

Que vês, de lado, entrando o Cemitério?  
Alparcas, Bagos vês, dos que dão conta,  
Bispos, da Grei Cristã deste Universo.  
Pafnúcio vês, que, no alto da Tebaida,  
Co' a voz de Deus, Demónios afugenta,  
Vês Cíprio Spiridião, Pastor de Ovelhas,  
Em milagres preclaro; Ózio de Córdova,  
Que a Fé confessou já, <sup>(5)</sup> Jacob de Nísibe,  
Que Deus prendou c' o dom de Profecia,  
João, que, em Pérsia espargiu luz do Evangelho;  
Arquelau, <sup>(6)</sup> que a Manés venceu, <sup>(7)</sup> Frumêncio  
Fundador das Igrejas da Etiópia,  
Tornado a Roma, das Missões Indianas.  
Teófilo, e a Scrava, a quem Deus tanto estima:  
Cativa, fez Cristã a Ibéria toda.  
Tecem-lhe, ao Bispo, Sala de Concelho,  
Sombreando-lhe em lamedas, Teixos fúnebres.  
De passeio, c' os Bispos, conferia,  
Em precisões da Igreja; destruir erros

---

(1) Cubículos chamavam os Padres do Oratório as suas celas.

(2) Marcelino.

(3) Ou quer entrar.

(4) Já, numa nota do primeiro livro deste Poema, adverti, que usava de hipérbatos por dar ar de verso, e rebuçar desse modo, quando não tinha outro, o dissabor da prosa.

(5) Começou a padecer martírio.

(6) De Cáscares.

(7) Venceu, por convenceu; o positivo pelo composto.



De Novaciano, de Ário, e de Donato,  
ConcÍlios congregar, instituir Cónones,  
Cativos resgatar, fundar HospÍcios,  
Socorrer Pobres, Peregrinos, Órfãos;  
Apóstolos mandar às Nações Bárbaras,  
Dos Bispos cifra a Alçada, e o que consultam.

Bem vezes, ao cerrar da Noite escura,  
Marcelino, que vela por nós todos,  
Desce à Campa de Pedro, ora <sup>(1)</sup> humilhado,  
Té que surja, e roxeie a Aurora o Mundo.  
Então descobre a fronte encanecida,  
Põe, no chão, a lanosa alva tiara,  
(Pontífice ignorado!) <sup>(2)</sup> as mãos pacíficas  
Estende, e co'a bênção cobre o Universo.

Se da Corte Imperial, à Cristã Corte  
Declinei, causa foi, que do Evangelho  
Na pobreza, encontrei, maravilhado  
Traços de polidez do antigo século  
Dos Palácios de Augusto, e de Mecenas;  
Jucunda a Gravidade; nobres, lhanas  
As Falas; Gosto são, Juízo sólido,  
Ampla, e vária a Instrução. Ali, (disséreis),  
Ter Deus fadado à Casa Pontíficia,  
Ser berço de outra Roma, e único asilo  
Do Civil tratamento, Ciências, e Artes.

Marcelino traçava quantos meios  
Pudessem revocar-me a Deus. Guiava-me  
Aos Jardins de Salústio (abas do Tibre)  
Posto o Sol; praticava-me a miúdo,  
Como bom Pai, de assuntos, que entranhassem  
A luz da Fé, no horror de meus delitos.  
Tédio à Verdade eu tinha, iluso Jovem,  
Lucrar não sube os úteis do passeio.  
Tirava-me a alma, no íntimo, aos Plátanos

---

(1) Faz oração.

(2) No Mundo, quase todo idólatra.

Decorrer de Frontónio, <sup>(1)</sup> e de Pompeio,  
Às Arcadas de Livia, guarnecidas  
De antigos Quadros de ínclitos Pintores...  
Sem vergonha o não digo: iam-me os olhos  
A Adónias Festas, Aras de Isi, <sup>(2)</sup> ou Telos,  
Teatros, Circos, donde, há longo prazo,  
Fugira (aos brandos sons de Ovídio) o Pejo.  
Baldadas vendo, em mim, tão pias práticas:

MARCELINO

«Porfias, no esquivar-te aos Sacramentos!  
Pões-me no transe de lançar-te anátema,  
E te excluir da Igreja.» Ri da ameaça,  
Não lhe escutei (errado!) os são conselhos;  
Foi aos Fiéis a minha vida scândalo.  
Vibrou, por fim, o temeroso raio. <sup>(3)</sup>  
Vou, como de uso, a Casa do Pontífice;  
Dou o sinal: — as Cemitérias portas,  
Nos férreos gonzos, regemendo, ringem.  
Ei-las de par em par. Mitrado o Papa  
O avisto, em pé, entre os umbrais da Igreja,  
Livro aberto, nas mãos (livro terrífico!)  
Bem comparado ao livro septi-selo,  
Que ao Cordeiro só dado o abri-lo fora.  
Levitas, Sacerdotes, Bispos, tácitos  
Em duas alas, fitos sobre as Campas,  
Figuravam os Justos, que ressurgem,  
Que vêm, com Deus, sentar-se, no Juízo. <sup>(4)</sup>  
Do Papa os olhos fuzilavam chamas!...  
Ah! que o brando Pastor, então, não era,

---

(1) *Frontonis Platani*. — JUVENAL, *Satyr.* 5.

(2) OVID. *De Arte amand.* Suprimi o s de Isis por causa da medida do verso. Exemplos citar pudera de semelhantes supressões de letras; mas o caso não pede tanto.

(3) O anátema.

(4) A julgar os Homens no Dia do Juízo.

Que ao redil traz a Ovelha desgarrada:  
Era Moisés, quando fulmina morte  
Ao Cultor infiel do áureo vitelo.  
Era Cristo no Templo, azorragando <sup>(1)</sup>  
Profanadores seus. Adianto o passo...  
Eis me tolhe ir avante um Exorcista.  
Súbito os Bispos, contra mim os braços  
Estendem, erguem mãos, desviam rostos;  
Solta medonho, a voz o Antiste: — «Anátema  
Ao que a Fé pura mancha mal-morígero,  
E ao que iras de Deus Santo esquiva, Anátema.  
Anátema ao que vê com olhos quedos  
Gentílicas funções abomináveis.»  
Confirmam Bispos, sem tardança o Anátema.  
Marcelino recolhe-se, no Templo.

    Fecham-se contra mim, as sacras portas:  
Dispartem-se os Fiéis; de mim squivando-se,  
Fogem de m'encontrar. Falo: não me ouvem;  
Qual, se eivado fora eu de ruim contágio;  
Como Adão, do Éden foi, outrora expulso,  
Des-bemdito eu dos Céus, por meus delitos,  
Ermo, e só me achei no Orbe; e a Terra!... abrolhos.  
No ameaço dum delíquio, ao carro lanço-me;  
Rejo aos Corcéis, desatentado, as rédeas;  
Entro em Roma, e me perco. Longas voltas  
Me afrontam <sup>(2)</sup> com o Circo Vespasiano,  
Dou pausa aos brutos, cândidos de spuma;  
E à Fonte, em que superstes Gladiadores  
Pondo termo à refrega, a sede matam,  
Vou refrescar os lábios meus ardentes.  
Nesse execrando sítio, então deserto,  
Dera Aglai <sup>(3)</sup> rica, o dia dantes, Ludos. <sup>(4)</sup>

---

(1) Verbo de que Vieira usou, num sermão, vertendo este passo da Escritura.

(2) Me põem frente a frente com, etc.

(3) Célebre Romana.

(4) *Ludos* convém a quantos jogos divertidos, ou bárbaros se davam no Circo.

Lá me avexa a, que eu Réu, imolei, vítima  
Sem mancha. <sup>(1)</sup> Qual Caim; me entranho, torvo  
Na soidão dos escuros corredores: <sup>(2)</sup>  
Não surde ruído algum; Só, nas abóbadas  
Restruge, reboando, o rebatido  
Golpe da asa da lóbrega Coruja.  
Andares de alto a baixo corro atónito,  
E canso, e anelo... Pouso, enfim, num mármore. <sup>(3)</sup>

Por me olvidar, que um Deus me há condenado,  
Me olvidar de Cristão, c'os olhos cerco  
O idólatra Edifício. Esforço inútil!  
Que, ali Deus vingador, a gente Hebreia  
(Cristo o vaticinou) lavrando o Circo  
Me pôs claro, ante os olhos, castigada.  
Dos Filhos de Israel fatal destino!  
Scravos, a Faraó o Alcáçar erguem;  
Scravos, a Vespasiano, inda constroem  
Da Romana pujança o Monumento.  
Entre misérias mil aos Hebreus cabe  
Meter a mão enquanto há hi grande no Orbe.

Enquanto assim medito, as brutas Feras  
Nos Covis desse Circo, <sup>(4)</sup> rugem, <sup>(5)</sup> urram.  
Confesso-o, stremeci. Fitando os olhos  
No Corro, sangue avisto, há pouco sparso  
Por míseros golpeados, nesses Ludos.  
Quão turbado fiquei! Já, pelas carnes  
Cravadas dos Leões garras sentia,  
Se exposto eu, nesse Corro, não desnego  
Cristo, morto por mim, não caio idólatra.  
Idólatra, eu! Qual fim é o que me espera?

---

(1) Jesus Cristo que, como S. Paulo diz, novamente sacrificamos a cada pecado mortal, em que caímos, *rursum crucifigentes*.

(2) Do Anfiteatro.

(3) Num marmóreo degrau do Circo.

(4) Hoje Coliseu.

(5) Os Leões rugem, os Elefantes urram.

Ergo-me, e fujo da Área, <sup>(1)</sup> ao Carro subo,  
Arrebato-me a Casa; a noite inteira  
Dá-me o Remorso golpes, que retumbam  
Na profundez do peito. Oh fúnebre ânsia!  
Que a mim, que a todo o instante, dos Céus desces,  
E que a alma, inda hoje, embebes-me de sustos»!...

Disse Eudoro, e ficou, c'os olhos fitos  
Na visão, que lhe a ideia afigurava.  
Fica o Congresso tácito, e suspenso:  
Só do Ládon, do Alfeu se ouve o murmúrio,  
As margens da Ilha lúbricos banhando.  
Entre temores, se ergue a Mãe de Eudoro,  
Quando este, a si tornado, o des-sossego,  
Com disvelo filial, traça aplacar-lhe:  
E, logo, atou a série ao seu discurso

FIM DO LIVRO IV.º

---

(1) Do areado Corro.

---

---

NOTAS DO LIVRO IV.º

Pág. 111, verso 7. Zagais humildes.

*Genesis Capit. 12, verso 8.*

Pág. 112, verso 3. As Andorinhas.

*Eneid. 8, vers. 454. Hæc Pater Æolus, etc.*

*Ibid.*, verso 23. Evandro.

*Eneid. 8. Cum muros arcemque procul, etc.*

*Ibid.*, verso 28. De Desditas.

Quando Eneas lhe contou a ruína de Tróia, que vem descrita no 2 livro da *Eneida*.

Pág. 113, verso 22. Em galos borzeguins.

*Eneid. 8. Et Thyrræna pedum, etc.*

*Ibid.*, verso 33. Contas de cristal.

A maior parte dos Gregos traz ainda hoje contas nas mãos, *beatæ virginis Coronam*.

Pág. 115 verso 21. O leme, os remos.

Como os navios dos antigos não avultavam além de grandes barcas, que no inverno jaziam varadas nos portos; recolhiam os Mareantes em suas Casas as velas, remos, leme, etc. Virgílio diz nas *Georg. Invitat genialis hymens*.

*Ibid.*, verso 28. Arcádia Gente.

Estavam os Arcádios na crença de serem filhos da terra, e terem nascido dos Robres, *duro robore nati*. — STAT.

*Ibid.*, verso 29. Faias.

*Pocula ponam*, etc. — VIRG. *Eclog.* 3.

Pág. 116, verso 7. Longa Canoa.

Ainda hoje usam os Gregos Canoas a que chamam *Monoxylon*.

*Ibid.*, verso 11. Árcades.

Recenseiando Homero o arraial dos Gregos, diz que Agaménon dera aos Árcades navios em que navegassem a Tróia. *Iliad.* Liv. 20. De volta à Pátria conta Ulisses a Penélope que não são ainda findos seus trabalhos, enquanto com o remo na mão, não haja peregrinado no Orbe até entrar num Povo que notícia não tenha do Mar; povo, que ao ver-lhe o remo ao ombro, grite «ei-la a Pá de Ceres?» Lá tem de acabar a peregrinação, cravando o Remo em terra, e sacrificando a Neptuno. (*Od.* 23). Essa Pá de Ceres tem dado lida aos Comentadores. Vai cravada na Arcádia, com fundamento em Homero, que diz serem os Árcades tão alheios em Marinha, que foi forçoso a Agaménon mandar-lhes *Naus*.

É notável o que se lê em Pausanias: «no tope do monte Bóreas, na Arcádia, aparecem ainda estragos dum templo antigo, que Ulisses voltando de Tróia fabricou a Palas, e a Neptuno.» Com passagem tal, bem se pode explicar este ponto mui curioso que até agora não achou explicação tão genuína.

Pág. 117, verso 17. Deu a *Cicuta*.

Plutarco *in Vita Phocionis*.

*Ibid.*, verso 28. Dos Áticos hodiernos.

Plutarco., *ibid.*

*Ibid.*, verso 29. Reintegram.

Fala Pausanias dalgumas estátuas de grandes Varões Atenienses, que em seu tempo, mutilavam, para em seus bustos encravarem as Cabeças de algum liberto.

Pág. 118, verso 1. Repousou, no monumento.

Pouco depois nas maiores calamidades da Grécia, quando queimada e destruída foi Corinto pelo Procônsul Múmio, um caluniador Romano fez quanto pôde pelas derribar (falo das Estátuas de Filopœmen) e o acusou criminalmente, como se vivo fora, de ter sido inimigo dos Romanos, e em toda a sorte, mal intencionado acerca do Império. Subiu a causa ao tribunal de Múmio. Expôs o Caluniador todos os artigos do Libelo a que deu toda a amplidão. Mas logo que Políbio o refutou, nem Múmio, nem os seus lugares-Tenentes, quizeram dar ordens, nem consentir que destruíssem os monumentos de glória desse varão prestante; dado que houvesse ele oposto barreira às prosperidades de Flamínio, e de Acílio. —PLUTARC.

Pág. 120, verso 23. Jacinto, Viola, Rosa.

Voyag. de M. Chevalier, e o liv. 24 da *Odiss.*, verso 80.

Pág. 121, verso 4. E o monte.

Houve Grego escultor, que ideiou talhar do Monte Atos estátua, que representasse Alexandre Magno, e vencesse essa ideia executada, a das Pirâmides do Egipto. A morte do Conquistador estorvou que se executasse a obra. Olímpia, Delos, Tempe, Naxos, conhecidas são. Cecrops Egípcio foi o primeiro Legislador de Atenas. Dava às vezes Platão, no Cabo Súnio lições aos seus discípulos. Demóstenes, por se acostumar a falar ante o Povo, ia declamar ante o rumor das ondas. A Frine, que se estava banhando um dia, nas praias próximas de Eleusia, tomaram-na os Atenienses pela Deusa Vénus: tão divina julgaram a sua formosura.

*Ibid.*, verso 19. Egina.

Vid. *Litteram Sulpitii ad Ciceronem*.

Pág. 122, verso 28. Teória.

Procissão ou pompa Religiosa. Vid. Peregrinação d'Anacharsis Júnior.

Pág. 123, verso 19. Brundúcio.

Hoje Brindizi, célebre pela morte de Virgílio, etc. Via Ápia é a de Roma até à ponta da Itália: dela restam vestígios entre Roma, e Nápoles. Do bairro das Carinas fala Virgílio, *Eneid.* 8. Teatro de Germânico, Mole de Adriano, Circo de Nero, Panteão, são monumentos de todo o curioso conhecidos.



Pág. 126, verso 3. Em penhascos de mármore.

Existe ainda hoje.

*Ibid.*, verso 16. Eumenes.

Um dos sábios dessa era. Nasceu em Autun, de Pais Gregos. Restaurou nas Gálias as Escolas. Temos de Eumenes um Panegírico, que ele pronunciou diante de Constantino.

Pág. 128, verso 3. Da Ira.

Alusão à morte que deu a sua mulher, e a seu filho.

Pág. 135, verso 31. Marcelino.

Bispo, não Papa, de Roma.

Pág. 138, verso 1. Frontónio.

JUVENAL, *Sátira 1.<sup>a</sup> Ovid. De Arte amandi.*

FIM DAS NOTAS DO LIVRO IV.º



---

---

# OS MÁRTIRES

## LIVRO V.º

### ARGUMENTO

*Continua Eudoro a narrativa. Vai a Corte passar o Estio a Baias. Neápoli. Casas de Aglai. Passeios de Eudoro, Agostinho, e Hierónimo. Conversação que tiveram no moimento de Cipião. Tráseas, Eremita do Vesúvio. Sua História. Separam-se os três Amigos. Volta Eudoro, com a Corte, a Roma. Acontecimento da Imperatriz Prisca, e de Valéria sua Filha. Eudoro banido da Corte, desterrado para o exército de Constâncio. Deixa Roma, atravessa a Itália, e as Gálias. Chega a Agripina, nas abas do Reno. Acha o exército Romano a ponto de ir guerrear c'os Francos. Serve como simples soldado entre os Besteiros Cretenses, que com os Galos compõem a vanguarda do exército de Constâncio.*

«O terror, que em meu peito, alto cravara  
O tal Dia, e que eu tão vivo o finto,  
No âmago da alma, Amigos dessa idade,  
Zombando de meus sustos, meus remorsos,  
Soltando-me motejos, se iam rindo  
De anátemas dum Bispo desvalido.  
Pouco, a pouco, o meu susto amorteceu!  
A corte, que passou, de Roma a Baias,  
Se me arranca ao Teatro de meus erros,  
Também me enubla as varas do castigo.  
Vendo-me, entre os Cristãos, desabonado,  
Sem regresso, aos Deleites dou-me todo.  
Como Quadra, a melhor, da minha vida

Conto <sup>(1)</sup> o que desfrutava, Estio em Néapoli, <sup>(2)</sup>  
Com Agostinho, e Hierónimo. E há hi Quadra,  
Que em grémio das Paixões mais illusórias,  
Em descuido de Deus, dê Sóis de estima!

    Faustosa a Corte, splêndida brilhava:  
Todo o Príncipe Amigo fosse, ou Filho  
Dos Césares versava, áulico, o Paço.  
Víreis Licínio, víreis lá Severo,  
Víreis Daia, dos matos inda bronco, <sup>(3)</sup>  
Sobrinho de Galério, e enfim Maxêncio  
Filho de Maximino. E ora, contudo  
A nossa Companhia, Constantino  
A antepunha à dos Príncipes, ciosos  
Do seu valor, virtudes, e Renome;  
Já públicos, já ocultos inimigos.

    Em Néapoli, o Palácio frequentávamos  
(Mais que o de outrem) de Aglai Romana Dona.  
Já vo-la-ei nomeado. É do Procônsul  
Arsaces Filha é Senatória prole,  
Rica, a não saber quanto: Veadores  
Setenta e três seus bens feitorizavam.  
Nela, correm de par, co'a Formosura  
Graças, e Prendas: junto dela víreis  
Quanto, inda hoje, das Letras, e das Artes  
A elegância conserva, e o gosto, e o uso.  
Feliz, se nessa Roma decadente,  
Ser segunda Cornélia <sup>(4)</sup> antes quisesse,  
Que imitar Cíntias, Délias, que os Tibulos  
Ovídios, e Propércios afamaram.

    Pacómio, e Sebastião, de Constantino  
Centuriões da Guarda; o Actor famoso

---

(1) Contava, na cegueira de seus erros.

(2) Ainda então se não chamava Nápoles.

(3) Recém-vindo dos matos.

(4) Mãe dos Gracos.

Ginês (de Róscio herdeiro) <sup>(1)</sup> e Bonifácio  
Do Palácio de Aglai Veador mais digno  
(Da sua Ama, talvez, nímio-prezado)  
Em gala, e ingenho, as Festas formoseavam  
Da voluptuosa Dona. Mas esse último  
Home' a delícias dado possuía  
Três, sobre-modo honestas <sup>(2)</sup> qualidades;  
Liberal, Hospedeiro, Compassivo.  
Dos Banquetes, das Orgias sai às Praças  
Pobres, e Peregrinos, e Estrangeiros  
Os acareia todos, e os socorre.

Nos transvios conserva Aglai Fé pura  
As relíquias, <sup>(3)</sup> e a nós <sup>(4)</sup> acatamento.  
Ginês, dessa fraqueza a motejava,  
Como Homem, que aos Cristãos jurava guerra.»

AGLAI

«Seja superstição: .... Beijo a virtude,  
Nas cinzas dum Cristão, por seu Deus, morto.  
Traz sempre relíquias, Bonifácio.»

BONIFÁCIO (*rindo*)

«Se, Ama ilustre, ouro, aromas te hei trazido  
Também relíquias te hei trazer dos Mártires.  
Se eu Mártir morro, as minhas ser-te-ão gratas?»

«Parte da Noite, nessa companhia  
(Por donosa, arriscada) enchia o Tempo  
Que habitei com Hierónimo, e Agostinho,  
Quinta, que sobre a encosta Pausilipa  
Constantino possui. Ao romper da Alva,  
À, que, em frente do Mar, devolve um Pórtico,

---

(1) Herdeiro do talento de Róscio.

(2) No sentido, que Cícero 1.º *de Officiis* dá a *honestus*.

(3) Dos Mártires.

(4) Os Cristãos.

Longa arcada, ia eu ver, como surgia  
Por detrás do Vesúvio, o Sol dourando  
Com meiga luz, Salérneas presas <sup>(1)</sup> penhas;  
Dourando o azul das ondas, mosqueadas <sup>(2)</sup>  
De barcas de pescar, com brancas velas;  
Praias dourando a Cáprea, a Aenária, a Prócida,  
E o de Miseno Promontório, e Baías,  
Com todos seus encantos, e delícias.

São menos frescas, menos são suaves  
As flores orvalhadas pela Aurora  
Que os contornos de Neápoli, no prazo  
De descoser-se a treva, e abrir-se o Dia.  
Sempre absorto fiquei, no olhar, do Pórtico  
Longa beira de Mar; e, qual murmura  
Mansa Fonte, ouvir-lhe ondas espriaiar-se-lhe.  
Numa Coluna, me encostando, extático,  
Não penso, nada anelo: o Quadro rouba-me  
Squecidas horas: com delícia extrema  
Bebo dessa aura tragos prolongados,  
Tão interior, me enlevo, que, nessa aura  
Me esvaece o corpóreo; e me afiguro  
No inefável prazer divinizar-me,  
E alar-me o Sp'rito puro à pura sfera.

Potente Deus, quão longe então me via  
De soltar-me a Divina Providência  
Dos cepos das Paixões! Oh! quão grosseiro  
Meu corpo ao baixo lodo se prendia!  
Cerrada a Deus, minha alma abria as portas  
Aos encantos mortais, da Criatura.  
Enquanto eu, de tão livre, devaneava  
Nadar em Mar de luz, gemia em ferros,  
Pela Fé, nas prisões, algum Católico,  
Que, o Chão deixando, aos Céus se ia, em seu voo,  
Entre nuvens resplêndidas de glória.

---

(1) Como encadeadas umas com outras.

(2) Como as manchas em pele de Tigre.

Após falsos prazeres (quão misérrimos!)  
Corríamos então com ânsia, em busca  
De erradias Beldades: ir-lhe ao encontro,  
Quando, a nós, vem sorrindo, em gentil Gôndola;  
Vogar com elas, flores desparzindo,  
Pela tona do Mar; ir-lhes no alcance  
Por entre Murtas de embrenhadas selvas,  
Onde Elísios ditosos pôs Virgílio.  
Lá deleitosos dias deslizávamos,  
Que, de Dor, nos não ser, fontes perenes.

    Talvez, que Climax há de tais delícias  
Que obstam às forças de viril virtude.  
Na campa das Sereias, ser Parténope <sup>(1)</sup>  
Fundada, Fábula é, que ingenho inculca,  
Que o brilho aveludado de seus Campos,  
A tepidez do Clima, Outeiros, Montes  
Boleados a prazer, Rios coleando,  
Quais serpes, molemente, na verdura  
Da feiticeira Neápoli, onde tudo  
Repousa, tudo é meigo, faz que coem  
Mil deleites, por todos os sentidos.  
Meio nus, desse Elísio os moradores,  
De tão propícios Céus gozam o influxo,  
Põem contento em viver. Trabalho os pena;  
Mal, que ao diário pão, lhes luziu o <sup>(2)</sup> Óbolo.  
Meia vida, ao soalheiro lhes resvala,  
Rodando em carros, <sup>(3)</sup> outra meia volvem,  
Jubilando, entranhado o regozijo.  
Degraus dos Templos tem, por leito, à Noite,  
E aos pés, dormem, de Státuas de seus Ídolos,  
Descuidados das névoas do Futuro.  
Nesse assunto versávamos assíduos,  
Invejando (quão fátuos!) os que enjeitam

---

(1) Nome dado a Nápoles antigamente.

(2) Toda e qualquer moeda, que anda correntia, luz.

(3) Tirando, como os rapazes, uns pelos outros.

Cuidar no de amanhã, vivem gozosos.  
Nós, da Ventura no auge os contemplávamos.  
Quando, para acoutar-nos dos ardores  
Do meridiano sol, nos retraíamos  
Do Paço às Salas, sob o Mar cavadas,  
Em leitos de marfim deliciando-nos,  
Ouvíamos as ondas revolver-se,  
Sobre as rochas do tecto, em grão sussurro.  
Ronca o Trovão, sem nos dar susto o Raio.  
Vêm Scravos, prestes, acender-nos lâmpadas,  
Em que arde Árabe Nardo, o mais precioso.  
Entram Ninfas de Néapoli, trazendo-nos  
Rosas de Pesto, em púcaros de Nola.  
Enquanto, fora o Mar brama, e rebrama  
Encapelado, cantam dentro as Ninfas,  
Travam danças, que em concertado enleio,  
Nos lembram Grécia, lembram-nos seus usos.  
Tanto as ficções Poéticas realizam,  
Que eu me crera, na Gruta de Neptuno,  
E, lá, as Nereias renovando os Jogos.

Quando o Sol se escondia atrás do Túmulo  
Da Ama Troiana, <sup>(1)</sup> e o Monte Pausilipo  
As sombras, pelo Golfão alongava,  
Separados, cada um seu gosto segue.  
Hierónimo, a quem praz curioso estudo,  
Vai trilhar praias, que acolheram Plínio,  
(Cultor de estudos, e de estudos vítima!) <sup>(2)</sup>  
Indo inquirir as cinzas de Herculano,  
Do ronco ameaçador de Solfatara,  
A origem pesquisava. Pelas ribas,  
Que o Vate discantou de imortal fama,  
Com a Eneida, nas mãos, ia Agostinho  
Ao Lago Averno, à Grata da Cumeia, <sup>(3)</sup>

---

(1) Da Ama de Eneias.

(2) Plínio, histórico.

(3) Sibila de Cumes.



A Elisíós Campos, a Aqueronte, à Stige;  
De Dido acerbos Fados ler, mormente,  
Folgava, sobre a loisa desse Ingenho <sup>(1)</sup>  
Terno, e sublime, quando os transes narra  
Da lastimada, mísera Rainha. <sup>(2)</sup>

Com nobre, ansioso ardor de lucrar ciência,  
Me empenhava a passeio, Constantino,  
E a ver padrões, que informam dos sucessos;  
A costear, num baixel, Golfão de Baias;  
Ver ruína o que foi mansão de Cícero,  
Ver praia, que a Agripina salvou náufraga,  
Mais longe, o Alcáçar, onde o ímprobo Nero  
Ver completo, aguardava, o matricídio;  
E, inda mais longe, o sítio, onde aos Verdugos  
Prestava o seio, em que trouxera o Monstro. <sup>(3)</sup>  
Ver de Tibério, em Cápria, os subterrâneos,  
De tais devassidões envergonhados.  
“Que desditoso que é (dizia o Príncipe)  
Quem, do Mundo Senhor, se vê forçado  
Por crimes seus, a se ocultar, em rochas!”  
Assomos tão briosos, num herdeiro  
De Constâncio, e quiçá, do Império do Orbe,  
Num sócio, e amparo de meus verdes anos...  
Tão nobre Príncipe a querer mo davam.  
Portanto, eu modo, ou lance não perdia  
De altas ideias lhe avivar na mente.  
Que, se ambições, em Constantino acendo,  
Em Constantino ponho o alívio do Orbe.

Ao voltar do passeio nos aguarda  
Voluptuoso banho: e lá, no centro  
Dos Jardins, lauta mesa, entre áureos pomos,  
Entre Flores; delícias prolongadas,

---

(1) Virgílio.

(2) Quis pôr *mísera* e *mesquinha*, como pôs Camões. Tomá-lo-iam bem os Críticos, ou não?

(3) Nero.

Em varandas, às ondas, sobranceiras.  
Qual, entre Cortesãos, se alça Rainha,  
Co'a argêntea luz, c'o séquito stelante,  
Nos alumia, desnublada a Lua.  
Desmaiava, a seu brilho, o flâmeo arrojo,  
Que o Vesúvio dos topes borbotava:  
Do Vulcão azulando o roxo fumo,  
Debuxava os listões de Íris Taumância.  
O semblante pacífico de Febe,  
Reluzindo (Fenómeno donoso!)  
Reflecte, sobre o pélago spellhante,  
As crespas costas de Sorrento, e as ribas  
De Heracleia e Pompeia. Ao som das ondas,  
O ledo Pescador, ao longe, canta.

Nós, em tanto, vertíamos nas taças,  
Falerno idoso, acaso descoberto,  
Nas Ânforas de Horácio; e, alçando os brindes  
Às três Irmãs do Amor <sup>(1)</sup> Venustas Filhas  
Da Beleza, e Poder, <sup>(2)</sup> c'roada a frente  
De Aipo, e de Rosas breve-duradouras, <sup>(3)</sup>  
Dourávamos, da vida, o estame curto.»

#### CÂNTICO

Este Chão, este Alcáçar, e a adorada  
Dama deixar convém. Nem destas Árvores,  
Que, breve Dono, amanhas, a não serem  
Ciprestes exequiais, te segue alguma.  
Paixões rompem da Lira, logo, incastas.

#### CÂNTICO

Longe, oh do Pejo adorno, sacras vendas;  
Longe, Opas, que encobris virgíneas plantas.

---

(1) As três Graças.

(2) De Vénus e Júpiter.

(3) *Nimium breves rosæ.* — HORAT.

Que eu, de Amor roubos, dons de Vénus canto.  
Mares sulque, tesouros do Hermo, e Ganges  
Outrem junte; em discrimos de Mavorte,  
Lide, o que honras cobiça: que eu só fama  
Quero, de Escravo ser da Formosura.  
Quanto me apraz, em plácidas campinas,  
Matiz de Flores, trépido Ribeiro! <sup>(1)</sup>  
Dai-me, que eu volva a vida, em selva opaca.  
Que gosto! ir-me, entre prados, após Délia,  
O Anho levar-lhe, recental, ao colo!  
E se, à noite a Cabana me estremecem,  
Com refregas, os Ventos iracundos;  
Se a Chava, em lanças de água fere o Colmo...

«Mas, porquê, de três loucos, aporfio  
Devassidões narrar? Descubra-se, antes,  
O Enojo, que se encerra, em tais Venturas.  
(Venturas vãs!) Nessa ilusão tão vária  
Dos sentidos, não fomos, não felizes.  
Incrível des-sossego, em nós, lavrava.  
Toda a Dita, no amar, e em ser amados  
Pendia: e o galardão, que as Damas davam,  
Em câmbio da Verdade, e da Lisura,  
Era Engano, Indif'rença, Pranto, e Zelos.  
E nós, ora infiéis, ora traídos,  
A Dama, a quem dar culto, íamos, prestes  
Era, a quem sempre amar fora devido.  
Numa o garbo no Corpo, ou dotes na Alma  
Faltando, à afeição nossa, atalho punham.  
Se o Objecto ideal dos devaneios nossos  
(Por sorte) se encontrou, com imprevistos  
Senões, que o coração, nele, scrutava;  
Desgostados de novo, dó nos vinha  
Da desleixada Vítima. Incompletos

---

(1) *Trepidare rivo.* — HORAT.

Tais motos, só imagens deixam turvas,  
Que o prazer momentâneo desconfortam;  
Tropel de pesadumes entranhando,  
A aguardar actuais prazeres. Podeis crer-nos  
Desgraçados, no grémio da Ventura?  
Deixámos da Virtude, os são ditames  
Formosura do Céu, sustento da alma,  
Que todo o anelo humano preenchem únicos,  
Da Graça um raio, em provida Bondade,  
Na treva rutilou de nossos peitos.  
Brotou logo, dos nímio-vãos, prazeres,  
Em renovos, a Fé, e o pio Culto.  
Tão remotos caminhos toma o Eterno!  
Por Baias, e contornos vagueando  
Chegamos a Líterno. <sup>(1)</sup> Com respeito  
Olhámos do Africano <sup>(2)</sup> a Sepultura,  
Que, na ourela do Mar, erecta jaz.  
Mas, pôs-lhe a Státua <sup>(3)</sup> um furacão, por terra.  
Lemos inda, o seu lema, no Sarcófago:  
*Não possuirás, meus ossos, Pátria ingrata.*  
De lágrimas, os olhos se nos nublam,  
Lembrados da virtude, e do Desterro  
Do Vencedor de Aníbal. O brutesco  
Do jazigo, que tanto contrastava  
C'os Mausoléus soberbos, com que ignóbiles,  
Honrou a Itália, cinzas, mais nos dói.  
Nefária culpa fora o profaná-lo.  
Qual, se a Campa fosse Ara, mudos, pios  
Tomámos, por assento o supedâneos  
Depois que meditou, espaço curto,  
Ergue Hierónimo a voz, e assim nos fala.

---

(1) Hoje *Pátria*, derivando esse nome do dito de Cipião quando saíu de Roma:  
*ingrata Patria, non possidebis ossa mea.*

(2) Públio Cipião, que venceu a Aníbal.

(3) Que estava em pé sobre a sepultura, como remate dela.

“As cinzas do maior Herói Romano  
Põe-me à mais viva luz o quanto, Amigos,  
É mesquinha esta vida, é vida inútil.  
Que me cansa; e lhe falta um certo abono...  
Cada hora, vezes cem, me punge, há tempos,  
Agudo instinto de ir lustrar <sup>(1)</sup> este Orbe.  
Já, peregrino, parto; e adeus vos digo.  
Não pula esta ânsia inquieta de ser frívolas  
Nossas opiniões, nossas vontades?  
Cipião, c’o seu viver, o nosso acusa.  
Não vos lastima, e assombra o alto conceito,  
Que outra Ventura) inda há, que alto discrepa  
Dessa, em que pomos fito? Basta olharmos  
Cipião, que ao Sposo entrega a scrava <sup>(2)</sup> Sposa:  
Ver Cícero, que o põe entre os Celícolas,  
Em sonhos demonstrando a Emiliano, <sup>(3)</sup>  
Outra vida, em que dão c’roa à Virtude.”

AGOSTINHO

“Ideia, à que expuseste, igual, revolve.  
Não me instiga a vaguear, repouso pede.  
Se alcanço, qual Cipião, pousar meus dias,  
Na alta, e queda mansão?... Languidez suma  
O coração me embebe, e esgarro o tino  
No onde é que a Dita jaz. Quanto mais sondo  
O que é a vida, mais frouxos nós me prendem,  
A haver uma Verdade, no Orbe, oculta,  
Em algum de Afeição profundo Oceano,  
Como a empegar-me eu, nele, correria!  
Se não erra, oh Cipião, teu sonho Etéreo...”

---

(1) *Lustrar* é aqui tomado na sua genuína significação, *Lustrare terras*, diz Virgílio, em lugar de *peregrare*, que era prosaico.

(2) Prisioneira de guerra.

(3) Segundo Cipião Africano.

HIERÓNIMO (*atalhando-o a brados*)

“Ribeiras <sup>(1)</sup> do Jordão, Betleemia Gruta,  
Onde Cristo nasceu, haveis de ver-me,  
Na de Eremitas vossos sacra lista.  
Lá me chamais, lá a vós corrida arranco.  
Oh Montes de Judeia, heis-de ver juntos  
A penitência minha, e os sertões vossos.”

Hierónimo arrojou este discurso  
Tão veemente, que em todos pôs espanto.  
Latejava-lhe o peito, como ao Corço  
Sedento, que açodado à Fonte corre.

EUDORO

“O que de vós ouvi, me admira, e move,  
E os golpes, que sentis, muito há, que os sinto,  
Com vaivéns de o Orbe ver, de achar remanso.  
Essa esquisita Dor põe Norte aos olhos  
Na Fé, que, infante, professei, Divina.”

AGOSTINHO

“Mil vezes minha Mãe, na Fé fundada,  
Me intimou, do seu culto a formosura,  
E certa, nele, a Dita. Além-Mar vive.  
Figuro-a estar (talvez) saudosos olhos,  
Para mim, dessas margens, alongado.”

Dera apenas tais vozes Agostinho,  
Que detrás do mento um Homem rompe  
(De Epicteto, no traje, o eu crera Aluno)  
Menos ancião que jovem, mas cordato,  
Vertia do semblante riso angélico.  
Disseras, que seus lábios só se abriam  
Para amáveis soltar, dignos discursos.

---

(1) Ribeiras, ou Ribeiros são os Rios de mediano cabedal; também Ribeiras as margens dos Rios.

“Disculpai <sup>[v]</sup> (nos diz logo) ilustres Moços  
Tolhei, que vos indigne o meu arrojo.  
Desculpai, se, a mau grado meu, ouvir-vos  
Pude, assentado, no revés do túmulo.  
Mas, pois sei vosso caso, dos meus quero  
Dar-vos conta. Quiçá que úteis vos sejam;  
E que aos pesares, que ora vos afligem,  
A Refrigério encontreis não importuno.”

Sem resposta aguardar, com termo lhanho,  
Toma assento, entre nós, e assim começa:

“Talvez ouvísseis, que um Anacoreta  
Cristão, mora, nas cimas do Vesúvio.  
Sou eu: que de Cipião desço ao jazigo,  
Lembrado, que esse Herói saiu de Roma  
(Ingrata Pátria!) procurando alívios  
À Virtude, nos Campos de Litemo.  
Abicaram Piratas, nesta Costa,  
(Ignoto lhe era o Dono e assalto deram  
Nas Casas deste ilustre Desterrado. <sup>(1)</sup>  
Já os muros escalavam: Eis que os servos  
A defender seu Amo acodem, gritam,  
*O asilo de Cipião ousais violá-lo?*  
Mal que esse nome soa nos Piratas,  
Tomados de respeito, armas em terra  
Arremessam: por gran mercê, lhe imploram  
Do Vencedor de Aníbal ver a face:  
E, de a verem absortos, à Nau tornam.

Entre os Piratas se encontrava acaso  
Tráseas, meu nobre Avô, Sidónia prole  
(Servia, em seu <sup>(2)</sup> Baixel, roubado, invito)  
Lance achou de ficar, no asilo <sup>(3)</sup> oculto.  
Já, aos pés do Herói, partidos os Piratas,

---

(1) Assinalado vem na História este acontecimento.

(2) No Baixel dos Piratas, que o roubaram infante.

(3) Em Casa de Cipião.

Se arroja, e seus sucessos e reconta.  
Condoído o Herói, à pátria envia Tráseas,  
E o informam lá, que enquanto Escravo esteve,  
Mortos seus Pais, dos Bens o destituíram.  
Volta a Cipião, que deu-lhe Chão contíguo  
Do prédio seu, lhe deu dum Cavaleiro  
Romano, e pobre, por Consorte, a Filha.

Deles venho, e por tal motivo desço  
A esta Campa render-lhe gratos cultos.  
Tormentas aguentei, na verde idade;  
Deu-me a Eloquência nome. Entre mim disse:  
*Nome ilustre que val, letras que valem?*  
*Se tas pleiteiam vivo, e in-certam <sup>(1)</sup> morto?*  
Ambicioso, ocupei posto eminente,  
Disse mais: *Vale o posto mansa vida?*  
*Ou substitui o posto o Bem que perco?*  
Tanto disse ao demais. Já, nesses anos,  
Sacado de prazer, sem que o Futuro  
Me contente melhor a ideia ardente,  
Se me aguava esse pouco Bem restante.  
Nobres Moços, grão mal é, que Homem vença  
Dos Desejos a meta; e, verde, abranja  
Quanta ilusão se estende, em longa vida!

Eu turbado, e revoltado, em tal enleio  
De Roma atravessando, um Bairro escuso,  
De muita, e pobre gente povoado,  
Rara vez, pelos Grandes, decorrido;  
Certo edifício me feriu <sup>(2)</sup> nos olhos  
Em forma peregrino, em estilo grave.  
Demostravam, no pórtico, alguns Homens,  
Em pé, e imóveis, meditar profundos.  
Enquanto o fito investigar-lhes traço,  
Passa um Grego, que, em Roma, como eu, vive,  
(De Perseu descendia Macedónio)

---

(1) Põem dúvidas na certeza delas.

(2) Já, noutra nota disse, que esta frase é de Fr. Luís de Sousa.



Seus Avós, já, n'outrora, ao Carro presos  
De Paulo Emílio, a ser, depois, baixaram  
Rasos, em Roma, Scribas. Junto à rua  
Sagrada, <sup>(1)</sup> esse baldão da sorte esquiva  
No pardeiro <sup>(2)</sup> em que mora, mo mostraram,  
E é Perseu, com quem muito hei praticado.  
Inquiro, a que uso dão o Monumento,  
Que ante olhos tenho!»

PERSEU

«Nele, em pleno olvido,  
Depus, Cristão, o Sólido <sup>(3)</sup> de Alexandre.»  
Eis que os degraus transpõe <sup>(4)</sup> do Templo, e passa  
Por entre os catecúmenos, penetra  
No ândito. <sup>(5)</sup> Eu o vou, com comoção, seguindo.  
Disproporções, irmãs da face externa  
Lavravam, no exterior da estranha Fábrica:  
Senões, que bem remia o estilo, <sup>(6)</sup> o arrojado  
Das bóbadas, e a sombra sacra, e nua. <sup>(7)</sup>  
Não vês Orgias ali, nem correr sangue, <sup>(8)</sup>  
Que Aras manche, qual mancha Aras dos Ídolos.  
Vela, encolhida em si, a casta mente,  
No santuário <sup>(9)</sup> Cristão: mal se interrompe,  
No Congresso, <sup>(10)</sup> o silêncio, c'ó vagido  
Do inocente, que a Mãe, no colo, ameiga.

---

(1) *Ibam forte via sacra.* — Horat.

(2) *Crónica de D. Manuel*, por Damião de Góis; outros dizem *pardeiro*. Vem de casas caídas, como se disséramos *paredeiro* ou desmoronadas paredes.

(3) Os direitos que podia ter ao trono Macedónio.

(4) Perseu.

(5) Espaço que decorre em torno do altar.

(6) Termo técnico em Architectura.

(7) De propósito fabricavam sombrias as Igrejas, e as paredes nuas.

(8) Das vítimas.

(9) Na Igreja, que substitui o Santuário Judaico, no nome.

(10) Congregação dos Fiéis.

Vinha próxima a Noite: a luz das lâmpadas  
Lutava, c'ó crepúsculo das naves.  
Os Cristãos, nos retiros das Capelas,  
Oravam. Já completo o Ofício usado,  
Inda o exalado incenso ares perfuma,  
Co'a aromática cera, há pouco extinta.  
Rompe do íntimo, um santo Sacerdote;  
Traz, nas mãos livro, e luz; subindo ao púlpito,  
Lavra rumor do Povo, que ajoelha.  
Já lê devotas preces, já respondem  
Unânimes Fiéis, por todo o Templo,  
A meia voz; e as réplicas tornavam  
A intervalos iguais; não sei quais toques  
Dando, nos corações, quando mormente,  
Nas vozes do Pastor a atenção punhas,  
E, da Grei, no submisso acatamento.

SACERDOTE

«Consolação de angústias.» Ao sentido  
Suspensão dessa frase põe remate  
Os Fiéis tribulados, proferindo:  
«Intercedei por nós», a Deus orando.

Na longa série das humanas penas,  
Cada um, na aflição sua escuta, e sente,  
E, no clamor, que rompe os céus, aplica  
Senso ao que mais lhe punge. Vêm-me alternos  
Os abalos, no peito; e, a voz, <sup>(1)</sup> que clama:  
«Providência de Deus, Descanso da alma,»  
Apazigua a tormenta. A voz fenece;  
E, a mim, nadam-me, em lágrimas, os olhos:  
Que o alvo me creio, em que está fita a turba,  
E só, por mim derrama a Gente preces.  
«Por ele oremos todos a Deus sumo.»  
Diz o Pastor, e desce; o Povo sai,  
E eu no imo peito ansiado, busco o Antiste,

---

(1) Do Sacerdote.

Descubro da alma a viva chaga aberta,  
E ele os mistérios me abre do seu culto.  
Saem logo, fora da alma, as amarguras  
Dês que lhe entrou, no seio <sup>(1)</sup> o Amor de Cristo.”

A narração do ingénuo Anacoreta,  
Filósofo Cristão, de amável índole,  
Foi nosso encanto. Vários perguntamos. <sup>(2)</sup>  
Fiel, sincero nos responde a tudo.  
Não nos cansava ouvi-lo. Tal concerto  
Tinha na voz, que os peitos comovia.  
Nobre, e lhana (se flórida) a Eloquência,  
Dos meigos lábios lhe vertia pura,  
Boleio antigo dava à menor frase,  
Que enlevava os sentidos, com delícia.  
Como os antigos repetia os termos,  
Repetição, que em outrem, desar fora;  
Mas, nele, dava a seus discursos, gala.  
Legislador da Grécia o houvéreis crido,  
Desses, que dedelhando em liras de ouro,  
As Leis, outrora, às Gentes discantavam,  
E a dos Deuses suprema Omnipotência,  
E a da virtude excelsa Formosura.

Nós, até então, mancebos indevotos,  
(Tráseas partido apenas) eis-nos firmes  
Em que sanear-nos só o podia o Culto,  
Do verdadeiro Deus. Alto conceito,  
Que a Campa de Cipião nos inspirava.  
As cinzas desse Herói, vexado a acinte  
Viravam-nos, aos Céus, os pensamentos.

Tristes deixamos praias de Litemo.  
Ginês, Veador, <sup>(3)</sup> no alegre sentem quebras;  
De remorsos eivada, Aglai (a ditosa)

---

(1) Da alma.

(2) Variamente perguntamos: ou várias perguntas lhe fazemos.

(3) Bonifácio.

Em pesada caiu, melancolia.  
Pacômio, Sebastião vão-se aos Exércitos.  
A Neápoli torvados não sentimos  
Os mesmos incentivos nos prazeres.  
Certo pressentimento, na alma, oculto,  
Entre estreitos abraços, nos dizia;  
Que era esse abraço o extremo adeus, a todos.

De Baias, pouco após, partiu a corte:  
Foi-se a Roma Agostinho, foi-se Hierónimo,  
E foi, comigo, a Tibur, Constantino.  
Lá a carta recebi, em que me instrui  
Agostinho, que às lágrimas de Mónica  
Cede; e que vai morar, co' ela, em Cartago  
Que em Panónia, e nas Gálias vai Hierónimo  
Peregrinar, vai ver nos santos páramos <sup>(1)</sup>  
Os Cristãos, seus primeiros Eremitas.

Não sei (dizia a carta saudosa)  
Se, inda hemos de nos ver. Ai! que esta vida  
Não leva outro teor: compõe-se toda  
De curtas alegrias, longas mágoas,  
De encetadas, rompidas amizades.  
Por fado! nunca, na hora as começamos,  
Que as tecera de dura, a dar a ponto  
Co' Amigo, que dourar-nos possa a vida,  
E o dá só, quando a sorte no-lo ausenta.  
Co'a alma, que quadra à nossa, hoje, acertamos?  
Eis que amanhã desmaia, amanhã morre.  
Mil casos, mil desvios nos separam  
Dos que possuí-los fora eterno gozo.  
Des-dá, a Morte, por cabo, os nós da vida,  
Quanto anelo, ao porvir frechamos, dana. <sup>(2)</sup>  
Lembre-te o dia, em que avistando o Golphão  
De Neápoli, dizíamos: — É a vida;

---

(1) Na Tebaida.

(2) *Quid brevi fortes jaculamur ævo multa?* — HORAT. Lib. 2. Od. 16.

Como um Porto de Mar, onde, ancorando,  
Tomam terra Estrangeiros, ali vindos  
De quantos Climas há, de quantas línguas.  
Retumba a praia, c'ó clamor confuso  
Dos que vão, dos que chegam. Daqui lágrimas  
Gostosas dos que acolhem seus amigos;  
Lágrimas lá saudosas dos que eterno  
Adeus se dão. No porto desta vida  
Nunca mais torna a entrar, quem dele parte.  
Soframos, pois, Eudoro, sem queixume  
Golpe, que ou tarde, ou cedo hão dar os anos  
Quando a Ausência, já dantes, o não dera.»

Contava Eudoro; e eis servos de Lastenes  
Refeição matutina, sobre a relva  
De trigo espigas põem, de leve tostas,  
De Faias lande, requeijões, que os cinchos,  
C'os intertextos vimes sinalaram.  
Variada comoção volve nos ânimos.  
Cirilo, (sem dar mostras) pensa, admira.  
C'ó Rei Profeta, exclama humilde Eudoro:  
«Apiada-te de mim, oh Deus, acuda-me  
Tua misericórdia excelsa, ingente.»

Da narração de Eudoro alcançou pouco  
Demódoco, que a ouviu de Encantos nua,  
De Naufrágios, de Circes, Polifemos.  
Só cai <sup>(1)</sup> nuns sons, que toam vir de Homero.  
Bem a compreende a Filha: só lhe é árduo,  
Que Eudoro amasse, e que de amar lhe pese.

---

(1) E que ainda bem não *caio* nos sonetos, diz Ferreira, numa Carta (creio que a Bernardes, ou a Caminha) não posso averiguar a Citação, porque há mais de quatro anos que estou privado dos poucos livros que tinha; e cito, e escrevo à toa.

Bem o sabem quantos viram a injustiça que se me fez, depois da perfídia com que tratado fui. <sup>[vi]</sup>

[vi] Alusão ao processo que a justiça francesa lhe moveu por instigação de uma sua criada, do qual resultou a apreensão dos seus poucos bens que foram vendidos em hasta pública, apesar de, *a posteriori*, ter sido dada razão ao poeta.

Reclinada, no peito de Demódoco,  
E erguida a mesa, diz-lhe, em voz submissa:  
«Nem, que eu fora Cristã, lágrimas verto.»

DEMÓDOCO

«A tua narração me encanta, Eudoro;  
Bem que não colha o seu cabal sentido.  
A linguagem Cristã me é um certo género  
De poética Razão, da qual Minerva  
Não me abriu, por inteiro, o oculto senso.  
Oh não te atalhe o ver que há aqui quem chore; <sup>(1)</sup>  
Os teus sucessos de narrar conclui.  
Viram-se exemplos tais, de Alcínoo à mesa,  
Quando infortúnios discantou de Tróia,  
Vate, de Apolo Filho. Um Estrangeiro <sup>(2)</sup>  
Cobriu c'ó manto a face, e abrolhou <sup>(3)</sup> lágrimas.  
Deixa a minha Cimódoce apiedar-se.  
Moldou Jove à piedade os anos tenros:  
Se nós outros Anciões, vergando curvos  
C'ó pendor <sup>(4)</sup> de Saturno, agasalhamos  
Na alma a Justiça, e a Paz, privados somos  
Da Compaixão, dos meigos pensamentos,  
Que ornam da vida os mais formosos dias.  
Assemelharam a Velhice os Numes  
A hereditários ceptros; se baixando  
De Pais a Filhos, desde a stirpe antiga  
Desflorecidos <sup>(5)</sup> vêm, dela muito murchos,  
Longe da vida, que lhes dava o tronco.»  
Disse: e Eudoro, a narrar assim prossegue:

---

(1) Cimódoce.

(2) Ulisses.

(3) Como abrolham na Primavera as Árvores.

(4) O cárrego dos anos.

(5) Os ceptros dos Reis da *Iliada* e da *Odisseia* eram varas de Árvores.

«Privado ali, de Amigos, me foi Roma  
 Vasto deserto. Andava inquieta a Corte,  
 Força foi transferir-se Maximino  
 De Milão à Panónia, ameaçada  
 De invasão, pelos Cárpios, pelos Godos.  
 Batávia, que Constâncio defendia,  
 Por Francos foi tomada. Os Quinquegênios  
 (Povo ignoto) ei-los na África, de súbito  
 Aparecem armados; boato corre,  
 Que agra revolta do Tirano Aquiles  
 Pede achar-se, no Egipto, Diocleciano;  
 Galério a combater Narsés se apresta.  
 Ao velho Imperador mormente assusta  
 A Guerra contra os Partos: que lhe lembram  
 De Valeriano os Fados. Neste ensejo,  
 Em que o Império lhe implora o Ingenho, e o braço,  
 Galério (como Hierocles lho insinua)  
 Toma ansa de apossar-se, a inteiro, <sup>(1)</sup> do ânimo  
 De Augusto; nem já teme, que lhe avistem  
 A inveja, com que o sangue ilustre, e os méritos  
 De Constâncio, há assaz tempos, o importunam.  
 Nessa inveja envolvendo a Constantino;  
 E Amigo eu desse Príncipe, e eu mais fraco,  
 Fui algo peculiar do ódio de Hierocles,  
 E, em mim pasceu o seu rancor Galério.

Fui visitar, um dia, a Egéria Fonte,  
 Enquanto, no Senado, Constantino  
 Assistia às Consultas. Como a Noite  
 Lá me colheu, voltei sobre a Ápia via,  
 De Metela costeando a Sepultura,  
 De Elegância, e Grandeza Obra mui prima,  
 Esses Campos maninhos travessando,  
 Coser-se alguns, c'ó a sombra, vultos vejo,  
 Parar, desaparecer, uns, após outros;  
 Curioso invisto, emboco ousado a furna,

---

(1) A pleno, ou inteiramente.

Onde os vultos se entranham misteriosos.  
Que vejo! subterrâneos subterfúgios,  
De perdido estirão, mal-lumiados;  
Lâmpadas raro-pendem: ataúdes  
Tríplice-enfileirados, uns sobre outros  
Muros vestem dos corredores lóbregos.  
Por bóbadas se esvai luzeiro fúnebre,  
Em fio dos sepulcros, balançando-se,  
Turvo clarão comunicando trémulo.

Aplico (em vão o acautelado ouvido)  
A colher algum som, que guiar-me possa  
Na medonha mudez desse remanso...  
Só sinto o coração, que me lateja.  
Quis-me volver atrás: baldei o intento,  
Que entrei em senda falsa, e encruzilhei-me  
Num Dédalo, <sup>(1)</sup> que, nunca fora surge.  
Surdiam, ante mim, sendas, e sendas,  
Que umas, noutras revolvem: mais me enleio,  
Cada passo que dou, mais perco o rumo.  
Afrouxo, apresso os pés... mais desatino.  
Ouvindo uns ecos oucos, me afiguro,  
Que, trás mim, corre alguém. Afio o ouvido: <sup>(2)</sup>  
E o que eu ouvi — foi o eco dos meus passos.

C'o longo error, as forças quebrantando-se-me,  
Dou num quadrívio, em fim do ermo funéreo:  
Paro — a tomar alento. À luz das lâmpadas,  
Que, em delíquio, dão vascas... Noto eis súbita  
Harmonia cruzar lúgubres côncavos,  
Concentos Divinais renascem — morrem.  
Qual, se Sp'ritos Celestes modulassem,  
Vêm longe-ressoantes, devolvendo-se,  
Por subtérreos trasvios tortuosos.  
Quão mor o giro, tanto mais suave,

---

(1) Num Labirinto. Toma-se o Autor pela Obra: o Artífice peto artifício.

(2) LUCENA, *Vid. de S. Xavier*.

(3) Angélica a *toada*, disse Camões.



Me era meiga a toada. <sup>(3)</sup> Ergo-me activo,  
E ao sítio, que os sons mágicos me envia,  
Açodado me arrojo. Com mil flores,  
Vejo ornado um sepulcro: em sala acesa, <sup>(1)</sup>  
Cristãos mistérios celebrava o Antiste. <sup>(2)</sup>  
Junto da Ara, em véu branco, as Virgens cantam;  
Povo assiste, aos mistérios, numeroso.

Conheço (e turbam-me a alma) as Catacumbas.  
Pejo, Arrependimento, Assombro, Enlevo  
Me entrou, do que me ostenta a Sala aos olhos.  
Avisto a Imperatriz, Valéria avisto,  
Distingo-as ajoelhadas, entre a turba;  
Sebastião, Doroteu, ajoelham co'elas.  
A humanos olhos maravilha ingente!  
Nunca foi, no Orbe a Deus, mais digno culto  
Dado em adoração. E oh! que grandeza  
Patenteava ali Deus! Oh poderosa  
Religião, que a excelsa Esposa arrancas  
Do Tálamo Imperial! Que, a furto, ao Templo  
(Qual corre incasta Dama, ao prazo dado)  
A trazes a adorar a Paixão santa! <sup>(3)</sup>  
Na Ara ignóbil dum Mártir, a Deus busca,  
Entre Campas de míseros, proscritos,  
Filha, e Esposa Imperial! Soltava eu rédea  
A reflexões... Verte um Levita, súbito,  
No ouvido ao Bispo, uns sons. Acena: extinguem-se  
Luzes, dum golpe: e o Canto, emudeceu.  
Já a brilhante visão se esconde, e foge.  
Entre ondas de Cristãos de rondão venho,  
Té que dou c'ó lumiar das Catacumbas.

Lance foi, que abriu série a novos Fados,  
Sem que eu arguir-me possa de erro, ou crime;

---

(1) Dizemos vulgarmente: Vai acender o salão, por vai acender as luzes do salão, usando (por figura) do continente pelo conteúdo.

(2) O Papa Marcelino.

(3) Figurada no mistério do altar.

Bem que fui dum, e doutro, Réu julgado.  
Punidos não são, sempre, em seu flagrante  
Nossos erros; e Deus, para o castigo  
Ser mais sensível, faz, que naufraguemos  
Na empresa mais cordata; ou nos comete  
A quem (sem merecer-lho) nos maltrate.  
Por minha impiedade, <sup>(1)</sup> me encobriram  
Os Fiéis, que eram Cristãs Prisca, e Valéria,  
Grande troféu da Cruz! Vinham de noite  
Temerosas das fúrias de Galério,  
Por Doroteu, guardadas, virtuoso,  
Orar a Deus, nas dévias <sup>(2)</sup> Catacumbas.  
Guiou-me o caso ao Santuário lôbrego.  
Tendo eu, ante os Levitas, sido excluído  
Do Templo, e dos mistérios, por sacrílego,  
Por Espia me houveram, que scrutava  
O arcano, que prudente a Igreja encobre.  
Apagam luzes, tolhem-me que eu veja  
A, mais que muito, Imperatriz, já vista.

Nas suspeitas, de que ela se inclinava  
À nova Religião, pusera o César <sup>(3)</sup>  
À Prisca Augusta Espiões. Dispôs Hierocles  
Quem siga ao Culto sacro a Imperial Sposa.  
Viu-as, <sup>(4)</sup> e a mim sair; disse-o ao Sofista, <sup>(5)</sup>  
Este ao César, e o César disse-o a Augusto. <sup>(6)</sup>

GALÉRIO (*a Diocleciano*)

“Não crês, inda, o que passa ante os teus olhos?  
Tua Filha é Cristã, Cristã tua Sposa.

---

(1) Por me saberem excomungado.

(2) Dizemos *ínvia* a Terra falta de estrada, e *dévia* a estrada que nos desencaminha.

(3) Galério.

(4) O Espia.

(5) Hierocles.

(6) Diocleciano.

Lá, na fuma, que mancham, execrandos  
Os ímpios da ruim seita, hão assistido.  
Esse Grego traidor as guia astuto  
(Da Grei Romana rebelada prole)  
Que por paliar melhor seus maus desígnios,  
Finge abrir mão do culto sedicioso,  
Que, não-público observa, e não descansa  
No empeçonhar a mente a Constantino.  
Vês clara a trama contra ti urdida,  
Por Cristãos, e teu sangue, é nela, cúmplice.  
Prenda-se Eudoro; e à força de tormentos  
Seus crimes, e seus cúmplices confesse.

As aparências contra mim clamavam,  
Odioso à Lei pagã, à nossa odioso  
Crêem-me os Fiéis traidor, e crêem-me apóstata;  
E os Gentios me crêem de Cristo apóstolo,  
Que a família Imperial perverto: mofam-me,  
Se as salas piso, os Cortesãos, sorrindo;  
Tanto mais vis, quanto himpam mais severos.  
Na rua o Povo stólido, sem pejo,  
Um me faz ameaça, outro me insulta.  
Transe amargo! À Amizade, a Constantino  
Devi não dar à vida insano corte.  
Sem me deixar (brioso!) <sup>(1)</sup> no infortúnio,  
De Amigo meu fazia alarde, em público,  
Em público, affectando ter-me ao lado.  
Destemido, ante Augusto, e contra César, <sup>(2)</sup>  
Me amparou, me aclamou zelada <sup>(3)</sup> vítima  
Dum Sofista, Privado de Galério.

Na Corte, e em Roma, debatido assunto  
Éramos nós: <sup>(4)</sup> Assunto perigoso!

---

(1) O Príncipe Constantino.

(2) Galério.

(3) Vítima dos ciúmes de Hierocles.

(4) Os Cristãos.

Que a nós (a Imperatriz comprometendo)  
Designava importância e tinha ambíguo  
Qual teor tomaria, nele, Augusto. <sup>(1)</sup>  
Mas nunca o Imperador teve tal índole,  
Que a violências de grado propendesse:  
Recorreu, sim, a termos, que em Política,  
Seu sentir, plenamente pregoassem.  
Declarou, ser engano, quanto boato  
Se divulgou, em Roma; e que as Princesas <sup>(2)</sup>  
São saíram do Paço, a errónea noite,  
Em que as idearam ver, nas Catacumbas:  
Tanto não ser Cristãs Prisca, e Valéria,  
Que, antes, do Império aos Numes imolavam.  
Que castigar severo havia, a quantos  
Tal boato assoalharam. Que tolhia  
Falar em tão ridículos escândalos.

Como é de uso, que um só, por todos pague,  
Deu-me <sup>(3)</sup> ordem, que, deixando Roma, o Exército  
Vá demandar do Pai de Constantino,  
Que os seus quartéis mantêm, junto do Reno.  
Contente em ir às Gálias, me aparelho;  
Armas vestindo, dum viver despojo-me,  
Que, mal, c'ó génio meu, compadecia-se  
Mas, que força, não tem costumes, vezos!  
Que encanto a insignes sítios nos não prende!  
Deixo Roma: mas quão saudoso a deixo!  
Saio, alta noite, após que me hão cingido  
De Constantino os últimos abraços.  
Ruas ermas discorro, e as Casas, onde  
Morei com Agostinho, e com Hierónimo.  
Mudez, soidão, no Foro, em Rostros, e Aras <sup>(4)</sup>  
Da Paz, de Stator Jove, e da Fortuna,

---

(1) Diocleciano.

(2) Prisca, e Valéria.

(3) O Imperador.

(4) Templos. O conteúdo, pelo continente.

Nos, sem conto, Edifícios, que ornam Roma,  
Quais ruínas, os Arcos <sup>(1)</sup> se dibuxam,  
De Tito, e de Severo, a meia sombra,  
Qual Cidade possante, que há muito ano,  
Desprovida a deixou seu Povo, e nua.  
Longe, um tanto, de Roma, volto a vista;  
Descubro o Tibre (ao lume <sup>(2)</sup> das Estrelas),  
Profundado, no enleio de Edifícios,  
E o fastígio do ufano Capitólio,  
Vergar c'ó peso dos despojos do Orbe.

Na Etrúria, foi meu Norte a Via Cássia:  
Vão-lhe mingando <sup>(3)</sup> os raros Monumentos,  
Com que se arreia, e corta a Selva antiga,  
Volsínio Lago, negros Montes, cujas  
Cimas abafam densos nevoeiros:  
Salteadores a infestam, de contínuo.  
Confim da Etrúria é um Serro, que se espinha  
De abastados penhascos ponteagudos;  
Despede uma torrente, que cem vezes  
Sobre si volta, e a madre em fúrias rasga,  
Moitas de Urzes, iguais, no verdor pálido  
Ao verdor da Oliveira; estreitos Vales  
Subseguiam Romanas vastas veigas.  
Dos Apeninos desço à Cisalpina. <sup>(4)</sup>  
Oh como o azul dos Céus é lá mais áspero!  
Em vão deparar quis, por tais montanhas,  
C'ó chuveiro de luz, que veste as serras  
Da Grécia, da alta Itália. Ao longe afronto-me  
Co' as alvas cãs dos alterosos Alpes,  
Não tardio em trepá-los, pela encosta.

Quanto, em tais rochas, cria a Natureza,

---

(1) Triunfais.

(2) À luz sidérea.

(3) À medida que se alonga de Roma.

(4) Gália Cisalpina.

Blasona duração, grandeza inculca.  
Quanto é de Homens feita, é fraco, é mísero,  
Lá Troncos centenários, lá Cascatas,  
Que, há cem anos despenham grossos Rios;  
Penhas, do Tempo, e Aníbal vencedoras. <sup>(1)</sup>  
Aquém sublícias pontes, térreas choças,  
Redis de Ovelhas. Vendo o enorme, o eterno  
De Obras da Criação, diz, assombrado  
O Pastor: — “Como dura quanto avisto,  
E é tão mesquinha a minha vida, e curta!”

Por um portão rasgado, em tão gigantes  
Penedos, saio de Alpes; a Viena,  
Em que Vocónios moram, perpassando,  
À Colónia (dali) cheguei de Lúcio. <sup>(2)</sup>  
Quanto eu (se a visse) a de Ireneu, Potino <sup>(3)</sup>  
Veneraria a Sé! e ondas do Ródano  
Caudais, do sangue tintas desses Mártires!  
Remonto o Arar, <sup>(4)</sup> que alegam lindos cômaros,  
E tão manso, e tão lento se desliza,  
Que não direis para onde inclina a veia.  
Vem-lhe o nome de Arar, dum Jovem Galo,  
Que, após do Irmão, nele <sup>(5)</sup> afogado, afoga-se,  
E o seu nome lhe dá. Passo à mais bela  
Cidade ampla de Tréveris, nas Gálias;  
Do Reno, e da Mosela as vagas sulco.

Constâncio me acolheu, <sup>(6)</sup> disse benévolo:  
“C’os Francos, amanhã, se afronta o Exército. <sup>(7)</sup>

---

(1) Que nem o Tempo, nem Aníbal vencer pôde.

(2) Lião de França.

(3) Dous Bispos de Lião, ambos mártires.

(4) *La Saône*.

(5) No mesmo Rio em que se afogara o Irmão, se afoga.

(6) Em Agripina.

(7) Romano.

Serve Arqueiro Cretense, na vanguarda,  
Que os Quartéis, noutra margem, tem, do Reno.  
Sê digno da Amizade de meu Filho:  
Tens de medrar em postos; vai seguro.”  
Dão nova face, à minha vida, os Fados.  
De Arcádios, mansos vales, transferido  
À tempestuosa Corte; dela, aos duros  
Discrimes de Mavorte, os mimos deixo  
Sociais; vou-me a Nações, no trato Bárbaras.»

FIM DO LIVRO V.º

---

---

## NOTAS DO LIVRO V.º

Pág. 148, verso 17. Aglai.

*Vid.* História de San Aglai e de S. Bonifácio.

Pág. 149, verso 26. Ao romper da Alva.

Esta descrição de Nápoles, e a de Roma, escrita foi nesses próprios sítios.

Pág. 151, verso 13. Parténope.

Os Gregos a fundaram: e as danças Napolitanas recordavam as da Grécia.

Pág. 152, verso 13. Rosas de Pesto.

Diz Virgílio que duas vezes no ano floresciam as Rosas. Sabidos são os formosos Templos, que assinalam ainda o sítio que ocupava esta pequena Colónia Grega. Os vasos de Nola enriquecem hoje os Gabinetes dos Curiosos. Nessa Cidade, que era nas abas de Nápoles, morreu Augusto César.

*Ibid.*, verso 22. Da Ama Troiana.

*Tu quoque littoribus nostris Æneia nutrix,  
Æternam moriens famam, Caieta, dedisti.*

Ao Oeste de Nápoles vês Gaeta; e o Sol quando declina, passa por detrás de Pausilipo, que é um alto e comprido Outeiro, pelo âmago do qual romperam a estrada que vai a Puzuolo. Na embocadura jaz a campa de Virgílio.

Lavas do Vesúvio afundiram Plínio na margem de Pompeia. Solfatara é uma como planície, ou foco de Vulcão cavado nas entranhas dum monte. Andai por cima, e ouvireis o eco do subterrâneo. A certa profundez o solo queima: cobre-se de enxofre a prata, etc., etc. Aqueronte, Averno, Stige, célebres no Egipto e em Grécia, aqui se encontram pelas ribas do Mar de Baias.

Pág. 153, verso 15. O Monstro.

*Vid.* TACIT.



Pág. 154, verso 18. Às três Irmãs.

As Graças, Filhas de Júpiter e Vénus.

*Ibid.*, verso 22. Este chão.

Tirado é de Horácio, Virgílio, Tibulo e Ovídio, em grande parte o que é aqui cantado.

Pág. 166, verso 13. Um Estrangeiro.

Era Ulisses que chorava, ouvindo a Demódoco, no banquete de Alcino, cantar as proezas dos Gregos.

Pág. 167, verso 15. De Valeriano os Fados.

Valeriano Imperador vencido pelos Partos; estes o esfolaram, uns dizem que vivo, outros que depois de morto.

Pág. 169, verso 8. Catacumbas.

As catacumbas de que fala o Poema são as de S. Sebastião, que nelas foi enterrado.

Pág. 174, verso 18. Remonto o Arar.

*Flumen est rar... incredibili lenitate, ita ut oculis, in utram partem fluat, judicari non possit. — CESAR, de Belo Galico.*

*Ubi Rhodanus ingens amne prærapido fluit,  
Ararque dubitans quo suos cursus agat,  
Tactus, quietus alluit ripas vadis. — SEN. in Agricol.*

*Fulmineis Rhodanus qua se fugat incitus undis,  
Quaque pigro dubitat mitis Arar;  
Lugdunum jacet, etc. — JUL. CÆS. SCALIG.*

*Ibid.*, verso 24. À mais bela Cidade.

Treveris.



---

---

## OS MÁRTIRES

### LIVRO VI.º

#### ARGUMENTO

*Continua a narração. Marcha para a Batávia o exército Romano, e lá se encontra com o dos Francos. Campo de batalha. Ordem e recenseamento do exército Romano, e dos Francos. Faramundo, Clodião, Meroveu. Cânticos guerreiros. Barditos dos Francos. Trava-se a peleja. Acometida dos Galos contra os Francos. Combate da Cavalaria. Combate entre Vercingetórix, Caudilho dos Galos, e Meroveu, Filho de El-rei dos Francos. Vercingetórix é vencido. Fraquejam os Romanos. Desce da emposta a Legião Cristã, e restaura o Combate, então mais renhido. Retiram-se os Francos ao seu acampamento. Obtém Eudoro a coroa cívica, e Constâncio o nomeia Caudilho dos Gregos. Ao romper do dia se renova a batalha. Atacam os Romanos o campo dos Francos. Levantam-se ondas. Fogem dos mares os Romanos. Eudoro longamente pelejando, cai por fim cortado de feridas. Um Escravo dos Francos o socorre, e o leva a uma caverna.*

«SELVÁTICO terreno, acobertado  
De Florestas é a França, <sup>(1)</sup> a qual começa  
Além do Reno; corta por Batávia  
Ao Poente, e lhe fica a Scandia ao Norte,  
Gálias ao Sul, Germânia pelo Oriente.  
Moram, nesses sertões, Povos ferinos  
Em sumo grau. Co' a carne se alimentam  
De brutas alimárias, sempre o ferro  
Empunhado na dextra, a Paz <sup>(2)</sup> contemplam  
Indócil cativo, áspero jugo.

---

(1) O País que habitavam os Francos, que conquistaram as Gálias.

(2) A Paz é para os Francos horrível calamidade. — LIBÂNIO, *Orat. ad Constant.*

Neves, gelo, granizo é seu recreio;  
Afrontam mares, <sup>(1)</sup> zombam dos negrumes.  
Disséreis, que lhe é patente, e clara  
Do Oceano a profundez, e os seus baixios.  
Tão sabidos lhe são! Do Império as raias  
Não cessam de as talar, de assolar túrbidos. <sup>(2)</sup>  
Sob Gordiano pio, se mostraram  
Pela primeira vez, na Gália atónita.  
Combatendo-os, morreu um e outro Décio. <sup>(3)</sup>  
Probo, <sup>(4)</sup> que os afastou, do Império (apenas)  
De Triunfador dos Francos tomou título. <sup>(5)</sup>  
Formidável Nação, Nação tão nobre,  
Que, a favor deles, foi a Lei quebrada,  
Que, entre o sangue Imperial, e o sangue Bárbaro,  
Conjugais alianças proibia.  
Remate ponho, com dizer, que os Francos  
Vinham de se apossar da Ilha Batávia,  
E, para os despossuir dessa Conquista,  
Tinha junto Constâncio o seu exército.  
Marchámos, alguns dias, té que entrámos  
Nos Bátavos paúis (não dura côdea  
Que, em peço undoso, soltamente bóia.)  
Paz, que o Reno cinge com dous braços,  
E o sevo Oceano o lava, e, há vez, que o inunda.  
Com brenhas, com Pinhais, fecha o caminho,  
E, ao passo, insuperável, se atravanca.  
Aos membros lassos, co'a diurna lida,  
Mesquinhas horas sós, da Noite, dava  
Desfalecido; e nesse prazo curto,  
Acaso, vinha o grato Esquecimento

---

(1) Em alto mar, os Francos, no rijo das tormentas, vivem tão sossegados, como em terra. Antepõem o gelo hiperbóreo ao mais meigo clima. O mesmo Libânio.

(2) Turbulentos. O passivo pelo activo; como usam os nossos Clássicos à maneira dos Latinos.

(3) Pai, e Filho, e ambos Imperadores.

(4) Também Imperador.

(5) VOPISC. *in vita Prob.*

Da minha nova sorte; e quando da Alva  
Aos primeiros clarões, Trombetas ferem  
C'os sons de Diana, <sup>(1)</sup> os ares, despertando,  
Pasmava eu de me ver, em selvas brancas.  
Contudo, ao acordar, folga o Guerreiro  
Em se ver salvo dos nocturnos riscos.

Belígero prazer me deram sempre  
Os Clarins, co' as festivas alvoradas,  
Que reboam, nas cavas penedias;  
Cavalos, c'os relinchos, que saúdam,  
Em seu Oriente a Aurora. Era um contento  
Ver os Quartéis, no sono, inda empegados,  
Das fechadas barracas, vir, saindo  
Ora um soldado, ora outro, inda sem farda,  
E o Centurião, que a fléxil vara <sup>(2)</sup> verga,  
Ante os feixes das armas, passeando;  
O sentinela, imóvel, que porfia  
Em relutar c'o sono, o índex erguendo; <sup>(3)</sup>  
(Emblema do silêncio) o Cavaleiro <sup>(4)</sup>  
Atravessando o Rio, que roxeia  
Co' arrebol da manhã; e o Vitimário  
Para as funções do Templo, haurindo <sup>(5)</sup> a linfa;  
Ver o Zagal, ao báculo arrimado,  
Que olha abreviar-se <sup>(6)</sup> as cândidas Ovelhas.

---

(1) Sons da alvorada entre os Romanos.

(2) A vergasta, insígnia do seu posto.

(3) *Vid. Antiquités Romaines*, de Montfaucon.

(4) Soldado de Cavallo, ou Équite.

(5) Este verbo *haurir* (donativo, que à Língua Latina fez a Língua Portuguesa, Filha sua) devemos aceitar-lho com agradecimento, porque nos poupa uma circumlocução; e como já possuímos *exaurir* e *exausto*, necessidade fora fecharmos portas ao positivo. Além do muito útil que é o *haurir* para a tradução do *puiser* dos Franceses. Demos mais essa ajuda de custo aos que amam esquivar-se a Galicismos. Quererem os que mais Português não sabem, que o da corrente conversação, que um Poema Épico não empregue frase, que não seja do seu alcance, é quererem, que com dous negalhos de retrós lhe bordem de ouro e prata um magnífico dossel.

(6) *Vid. nota 5. pág. 138.*

Oh vida campesina, nunca os olhos  
Me torceste <sup>(1)</sup> saudosos, para os mimos  
De Neápoli, ou de Roma. Outras lembranças  
Me alumias, na alma. Oh quantas vezes,  
Nas longas noites outonais, olhando-me  
Soldado raso, em solitária vela, <sup>(2)</sup>  
Nos avançados postos, contemplava  
Quão perfilados os Romanos fogos;  
Quão sparsos os das Frâncicas Cabildas!  
O arco afrouxando a meio, o ouvido à escuta  
Do sussurro do Exército inimigo,  
Do bulício das ondas, ou dos pios  
De Aves bravias, que, no escuro, voam;  
De meus Fados volvendo os devaneios,  
Disse entre mim: — Eu pelejar por Bárbaros, <sup>(3)</sup>  
Por Tiranos da minha amada Grécia,  
Com Bárbaros, que nunca me ofenderam!

Então, em labaredas, se me ateava,  
No peito o amor da Pátria, A Arcádia vinha  
Dar-me, co' encanto seu, agros rebates.  
Quantas vezes, por lameirões, por chuvas,  
Afanando em marchar, pela Batávia...  
Quantas vezes, nas choças dos Pastores  
(Desabrigado abrigo em noite hiberna)...  
Quantas, rodeando os acendidos fogos,  
Na frente do arraial, para as vigias...  
Quantas (digo) entretenendo-me c'os Gregos,  
Como eu, da Pátria separados, Jovens,  
(Saudosíssima Pátria!) ora contávamos  
Juvenis jogos, juvenis sucessos,

---

(1) Consentiste, que eu torcesse.

(2) Vigia, ou atalaia.

(3) Os Romanos, a quem os Gregos consideravam como bárbaros. Esse uso lhe tomaram depois os Romanos, nomeando Bárbaros todos os Povos que não eram Romanos. Ainda depois da perda do Império Romano, ficou em Roma esse mau uso; pois que a um Bispo Português que orou em latim ante o Papa, certo sabichão que o ouviu exclamou: *Quam bene Latine loquitur barbarus iste!*

Ou da nossa linhagem longa história!  
Artes gabava, e polidez de Atenas  
O que lá viu a luz. <sup>(1)</sup> Já lhe antepunha  
Algum Lacedemónio a sua Sparta.  
A Falange à Legião sobre-exaltava  
O Macedónio, e denegava a gritos  
Ousarem a Alexandre igualar César.  
Um soldado Smirneu clamava a todos;  
A Smirna as graças dai, se haveis Homero.  
E ei-lo, que entoa as Naus, <sup>(2)</sup> entoa as rixas  
Ou de Ajax, ou de Heitor. Assim, outrora  
Em Siracusa presos os de Atenas,  
Para, a seu cativo dar alívio,  
De Eurípides os versos discantavam.

Mas, quando nós, os olhos rodeando  
Por esses negros, chatos horizontes, <sup>(3)</sup>  
Da Germânia, e de seus Céus o aspecto brusco  
Que co'a agachada abóbada, parecem  
Querer-vos abafar; e um Sol sem posses,  
Que a nada aviva a cor... Como nos vinham  
À lembrança os da Grécia tão lustrosos  
Sítios, c'os horizontes pavonados,  
E os aromas de Hercúleos <sup>(4)</sup> pomos de ouro,  
Matiz das Flores, Céus, onde áureas luzes  
No aveludado azul retouçam splêndidas... <sup>(5)</sup>  
Qual nasce em nós então saudade súbita

---

(1) O Ateniense.

(2) Os versos de Homero, em que recenseia as Naus dos Gregos.

(3) Quais são os de Holanda, onde montes não há. <sup>[vii]</sup> *Applatis*, diz o Original.

(4) Hércules os trouxe dos jardins das Hespérides à Grécia.

(5) *Splendet tremens sub lumine*. — VIRGIL.

[vii] Esta comparação foi-lhe motivada pela sua estadia na Holanda (Haia) entre os anos 1792-96, onde esteve a convite do seu amigo António de Araújo de Azevedo, então aí embaixador. Araújo (ao qual é dedicada esta tradução dos *Mártires*) convidara Filinto para que ele se afastasse de Paris onde se viviam os tempestuosos tempos da Revolução; mas, se houve país de que Filinto não gostou foi a Holanda, uma terra de charcos, águas mal cheirosas e de gente que falava uma algarviada incompreensível.

Da Terra Maternal? Em pouco estriba  
Desampararmos Águias, e ir de golpe  
Saudar nativos Lares! Um só Grego  
Houve, entre nós, que arguiu tão ruim despeito.  
Cumpri (nos diz) vosso dever sagrado,  
Curvando à sorte, e ao seu arbítrio a fronte.  
Cobarde o cremos nós: <sup>(1)</sup> mas desmentiu-nos,  
Morrendo como Herói, numa batalha,  
Pouco depois; e ser Cristão soubemos.

Colhidos, por Constâncio, de improviso  
Evitaram os Francos a peleja  
De princípio: mas logo que juntaram  
Suas Hostes, vieram destemidos  
Ante nós, e a batalha provocaram,  
Junto à beira do Mar. Passou-se a Noite  
Em aprestos dum lado, e doutro. A crástina <sup>(2)</sup>  
Aurora, ambos os Campos <sup>(3)</sup> viu presentes.  
Co' a Férrea Legião, a Fulminante <sup>(4)</sup>  
Formam centro do Exército a Constâncio.  
Compõe primeira linha a Vexilária  
Insigne, em que, de Leão, lhe cobre os ombros,  
E cabeças, a coura. Lá floream <sup>(5)</sup>  
Águias, Lobos, Minotauros, Serpes,  
Hasteadas insígnias das Coortes.  
A faltar flores, que os pendões perfumem,  
Com ramas de Pinheiro as ataviam.  
Cargados c'os broquéis, co'as grossas lanças,  
Detrás dos Vexilários, vão Hastatos.

---

(1) O cremos então.

(2) *Crástino Sol.* — CAMÕES.

(3) Ambos os Exércitos.

(4) *Vid.* Newport, Rosino, etc.

(5) Dizemos *Florear as bandeiras*; e as Águias, Dragos, etc., eram as bandeiras dos Romanos.



Com gládios, <sup>(1)</sup> na segunda forma, os Príncipes  
Triários, na terceira, balançavam  
Pilos <sup>(2)</sup> e seus broquéis dos pilos pendem;  
Em terra o joelho, e no sinal <sup>(3)</sup> os olhos.  
Nos vãos das linhas, Máquinas, Trabucos.  
Os Esquadrões aliados, na ala esquerda,  
Desfraldavam pendões. Nos tigri-cores  
Corcéis (no veloz, Águias) bandeavam  
Com gala o corpo Archeiros de Sagunto,  
De Numância, (donosas margens Béticas!)  
A frente ensombream, c'um cocar de plumas.  
Escura, breve capa lhes ondeia  
Com graça, das espáduas à cintura;  
Donde um terçado pende estrepitoso.  
No colo do Corcel pousando a fronte  
Prendem na boca a rédea, e à pugna investem.  
Dous venablos, nas duas mãos brandindo,  
Viriato jovem, após si levava  
O furor desses Cavaleiros rápidos <sup>(4)</sup>;  
De corpo giganteu alguns Germanos,  
No luzido esquadrão entresachados,  
Eram dele os Torreões. Numa gualteira

---

(1) Os dous gládios, *spiritual e temporal* deu o Vieira ao Papa, num sermão. Outros Clássicos escreveram também *gládio*.

(2) *De pilos* fala Luís de Vascolcelos, na *Arte da guerra*.

(3) Do General.

(4) Este verso parece imitar no desarcado, dous outros versos do *Poema do Uruguay*. [viii]

Tropel confuso de Cavalaria,  
Que combatem desordenadamente.

O Autor desse Poema, me afirmou que de indústria os desarcara para imitar o desmancho e confusão dessa tropa.

[viii] Poema de José Basílio da Gama, amigo de Filinto e um activo participante da Guerra dos Poetas que opôs o grupo da Ribeira das Naus, liderado por Francisco Manuel, à Arcádia Lusitana. Foi contra Correia Garção que Basílio da Gama escreveu um violentíssimo soneto que ficou célebre.

Sumiam <sup>(1)</sup> as cabeças esses Bárbaros,  
Montando, em osso, garanhões das brenhas,  
Clavas de Enzinha têm, que elmos abolam. <sup>(2)</sup>  
Logo, após eles Cavaleiros Númidas,  
Por armas arco, por roupagem Clamide,  
Em tão gelado Clima, tiritavam. <sup>(3)</sup>

Romanos Esquadrões, na ala direita,  
Elmos de argento, e por cimeira a Loba, <sup>(4)</sup>  
Ascuca de ouro faíscam-lhe as couraças.  
De largo azul talim, lhes pende à cinta,  
Talhante Ibéria espada; sobre as selas  
(De embutido marfim) teliz purpúreo  
Se ensanefa; <sup>(5)</sup> resguardam-lhe as manoplas  
As mãos, com que sustêm séricas rédeas;  
Altas Éguas, regendo, cor da Noite.  
De Creta Arqueiros, Vélites Romanos,  
Vários terços de Galos se esparziam,  
Pela frente do Exército. Esses Galos  
Nascem com Márcio instinto, (e a que alto ponto!)  
Soldados, na refrega, em tino Cabos.  
Tanto a unir valem sparsos Companheiros,  
Tanto dar sabem providos alvitres! <sup>(6)</sup>  
Tanto indicar qual posto é bem se ocupe!

Nada há, que o ímpeto iguale, com que investem;  
Delibera o Germano, quando o Galo  
Há já transposto rochas, e torrentes.  
Aos pés da Cidadela os crês? A ameia  
Tem cavalgada já. Stão na trincheira.  
Em vão, na arremetida, os de Cavallo

---

(1) Tão profunda era a gualteira.

(2) *Abolam*, talhão. — CAMÕES.

(3) Como nascidos e criados no ardente clima de África.

(4) Dourada.

(5) Cai em roda como sanefas ou rodapés.

(6) Aos seus Generais.

Põem ânsia em lhe ir diante: os Galos riem  
Dessa ânsia vã; volteando ante eles,  
Os vão dissaboreando, com motejos:

OS GALOS (*correndo cantam*)

“Dareis antes, no Campo, alcance aos Nortes.  
Antes, nos Ares colhereis as Aves.”

Rosto altivo, azuis olhos, tez corada, <sup>(1)</sup>  
Vibram vista feroz ameaçadora. <sup>(2)</sup>  
Com um couro, os quadris arrodelando,  
Premem, na dextra, a fiel amiga espada.  
Fiel, que nunca os deixa; e (val dizê-lo)  
Camarada, ou já sposa, vai, c’o Sposo,  
À fogueira, ou, co’ Sposo, vai à Campa.  
Tal sorte, em Gália, outrora, a Mulher tinha,  
E, inda hoje, em margens do Indo, não difere.

Qual sobranceira, carrancuda nuvem  
Amarrada ao recosto da montanha  
A Legião Cristã (Pudica há nome)  
Compunha da hoste o Corpo de reserva,  
E substituía a Guarda de Constâncio,  
Legião Tebana; (Agauno a enterrou Mártir.) <sup>(3)</sup>  
Rege-a <sup>(4)</sup> Víctor, <sup>(5)</sup> egrégio nos combates.  
Traja airosa <sup>(6)</sup> com gardo, e com nobreza,  
Guerreira farda sobre o sacco ascético. <sup>(7)</sup>  
Dá aos olhos pasto o abalo da hoste inteira.  
Aqui o Alferes a baliza crava,

---

(1) Vid. Comentários de César; Diodoro de Sicília, Strabo.

(2) *Luminum torvitate terribiles*. — AMMIANUS MARCEL.

(3) Maximino a mandou matar, porque não quis sacrificar aos Ídolos. *Vid.* livro 7.º.

(4) Rege a Cristã Legião Pudica.

(5) Natural de Marselha.

(6) A Legião Cristã.

(7) Que usavam os Penitentes e os Anacoretas. *Indutus est sacco et sedit in cinere*.

Que estorce a linha à Tropa: além campeia  
O Équite hardido; ondeia a peã turma  
Sempre de lado olhando a pôr-se em fila  
Ao recto da vergasta do Centúrio;  
Lá, dos Corcéis, arranha o rincho ríspido;  
Grilhões, de rastos, rugem, rodam lentas  
Graves Balistas, brutas <sup>(1)</sup> Catapultas.  
Vai a medido passo a Infantaria.

Já a voz do Cabo, e transmitidas Ordens;  
Já o retintim <sup>(2)</sup> das lanças, que o Tribuno  
Manda abaixar, ou manda pôr a prumo;  
Já se forma em batalha a hoste Romana,  
Ao stridor das Trombetas, Cornos, Lítuos:  
Nós Cretenses, entre esses Povos Bárbaros,  
Fiéis à nossa usança, os nossos postos  
Tomávamos aos sons Marciais da Lira.

Tanto aparato do Romano Exército  
Que val, quando o comparas c'ó a selvática  
Singular do inimigo. Ela vislumbres  
Dá de mais agra em armas, mais medonha.  
Envergados em couros de Uros, <sup>(3)</sup> de Ursos,  
Lontras, ou Javalis, de longe, os Francos  
De brutos animais o vulto imitam.  
Estreita e curta a túnica, alardeia,  
Sem que esconda o joelho, a alta estatura:  
Seus verde-mares olhos não desmentem  
Da cor, que toma o Mar, nas tempestades.  
Loura a coma, que, em ondas, se devolve,  
Sobre o peito tingido em cor vermelha,  
Dá visos de abraçar-se em sangue e fogo.  
No lábio superior crescer consentem

---

(1) De madeiras grosseiramente lavradas, ou brutas.

(2) *Vid. Apólogos Dialogais*, de D. Francisco Manuel de Melo.

(3) Casta de Bois selváticos.

Longa barba (a mor parte) <sup>(1)</sup> que arremede  
Buço de Lobo, ou de Mastins a tromba.  
Longa Frâmea <sup>(2)</sup> a alguns pende de cintura,  
Broquel à esquerda, que, qual veloz roda  
Rápidos remoinham; dum venablo fléxil <sup>(3)</sup>  
(Chamam-lhe *Angon*, duas farpas curvas o armam)  
Rodeando-o, brandindo-o broquel fazem. <sup>(4)</sup>  
Cingem todos (cruel arma!) a Frâncica  
Machada de dous gumes: tem o cabo  
Chapeado de aço duro; o Franco a atira  
C'um grito matador; rara vez falha  
Do alvo, que lhe apontou a mira intrépida.

Seguindo fielmente os Francos Bárbaros  
Dos antigos Germãos o uso guerreiro,  
Formaram a batalha em Cúneo. <sup>(5)</sup> Esse ângulo  
Medonho, em que só vedes selvas de armas,  
De frâneas, brutas peles, corpos quasi  
Nus, que o ímpeto regulam, no investirem,  
No romperem as linhas dos Romanos,  
Formam-no os mais valentes. Longas barbas  
Bastas, emaranhadas apascentam;  
Com manilhas de ferro, por pulseiras,  
Jurados vêm, tais ferros <sup>(6)</sup> não deporem,  
Que a algum Romano não derrubem morto.  
Cada Cabo, à porfia, nesse Cúneo,  
Se ladeia de intrépidos Parentes,  
Que, na refrega o escorem, e que o ajudem  
A vitória ganhar, com força, e brios;  
Ou, se morre, c'os seus Amigos, morra.

---

(1) Dos Francos.

(2) Espada de certo feitio.

(3) Que facilmente brandem.

(4) Do venablo tiram outros o mesmo préstimo, que do broquel.

(5) Vid. *Polybio*, du Chevalier de Follard.

(6) Tais manilhas.

Cada Tribo a seu símbolo, <sup>(1)</sup> se aduna.  
Abelhas tem, por símbolo, a mais nobre, <sup>(2)</sup>  
Ou três choupas de lança. Faramundo <sup>(3)</sup>  
Rege (idoso) a Sicambra, <sup>(4)</sup> ao Neto <sup>(5)</sup> dando  
Algum terço a reger. Esquadrões Francos,  
De frente da Roman Cavalaria,  
Duma ala, e doutra a péditte hoste cobrem.  
Ao ver-lhe elmos abertos em bocarra, <sup>(6)</sup>  
Cossoletes de ferro, alvas rodela,  
Certo é, que os tomaríeis por Fantasmas,  
Ou por louco arremedo das figuras  
Que bosquejam as nuvens, nas procelas.

Clodion, que dele <sup>(7)</sup> é dito Pai, e é prole  
De Faramundo, à testa rutilava  
De seus feros e horríveis Cavaleiros.  
Faz costas ao cardume de inimigos  
Um brejo, arraial seu. <sup>(8)</sup> Di-lo-íeis Feira,  
(Antes mercado) de ervas, fruta, peixe,  
Coalhado de Mulheres, de Crianças.  
Batéis de sola, por tranqueiras, usam,  
E, com possantes Bois, jungidos Carros.  
Não longe do arraial, três feiticeiras  
Andrajosas <sup>(9)</sup> estavam provocando  
Os Poldros, a sair da sacra selva,  
Para, do seu correr, tirar presságio  
De, a qual partido, o ganho da Vitória

---

(1) Insígnia, ou bandeira.

(2) Tribo.

(3) Rei dessa Tribo.

(4) Tribo.

(5) Meroveu.

(6) Não fechados com delgadas barras de aço.

(7) Dele Meroveu.

(8) Onde os Francos assentaram o seu arraial.

(9) Sá e Miranda, *Eclog.*

Prometia Tuiston. <sup>(1)</sup> Quadro vastíssimo  
Que o Mar dum lado emolda, <sup>(2)</sup> doutro as brenhas  
    O matutino Sol, abrindo se área  
Pelos seios das nuvens de ouro, as luzes  
Nas Florestas, no Mar, nos dous Exércitos,  
Disparava de súbito. A Campina  
C’o fuzilar das lanças, das cimeiras,  
Afigurava arder. Clarins Mavórcios  
Ressoando o Cesáreo <sup>(3)</sup> antigo Canto  
Lembravam o como à Gália encetou via. <sup>(4)</sup>  
Já se empossa o Furor de todo o peito,  
Já volve ama e outra hoste olhos sanguíneos...  
Na dextra a espada treme: a areia escarva  
Insofrido o Corcel; sacode as crinas,  
Co’a barbela spumante os peitos fere,  
Das ventas fúmeo alento resfolgando,  
Os belígeros sons, por elas sorve.  
Os Romanos, de Probo o Canto, entoam:  
“Vencidos mil guerreiros destes Francos  
Que, de Persas, milhões não venceremos!”  
    Cantam, em Coro os Gregos o seu Pœan:  
O Hino Galos cantão dos seus Druidas,  
(Canto de morte!) Os Francos lhes respondem.  
Dentes ferrando, nos broquéis, rebramam,  
Como o Mar, quando, em rochas, se espedaça.  
E logo c’o Bardito, em grito agudo,  
Louvando os Heróis seus os ares rompem.

---

(1) Deus da guerra.

(2) Serve de moldura.

(3) O Cântico, que os soldados entoaram quando Júlio César partiu com eles para Gália.

(4) Júlio César.

CÂNTICO DOS FRANCOS

“Co’a espada, Oh Faramundo, combatemos.  
Nossa ancípite Frâncica arrojámos;  
Goteava o suor das nossas fronte béclicas,  
Dos pulsos, em regatos nos corria.  
Águias, Corvos flavípedes nadavam  
Dos Cadáv’res no sangue, alto-grasnando.  
Da praia, o Mar bebia ondas sanguíneas;  
E as Virgens, longamente lagrimaram. <sup>(1)</sup>

C’o espada, oh Faramundo, combatemos  
Nossos Pais, em batalhas mortos foram.  
Abutres os carpiram; que os cevavam  
Nossos Pais, com perene morticínio.  
Escolhamos Esposas, que dos peitos,  
Sangue, e valor, não leite aos Filhos, manem.  
Cessa o Bardito. À vida as horas fogem;  
E nós, sorrindo, a Morte acolheremos.”

Francos quarenta mil assim cantavam,  
Alvos broquéis erguendo, alvos baixando.  
Co’a choupa do Venablo, a cada Coplá  
A ponto os Cavaleiros cadenciam,  
Sobre o peito, as couraças rebatendo.  
Já a tiro os Francos stão dos leve-armados; <sup>(2)</sup>  
Uma hoste, <sup>(3)</sup> e outra hoste <sup>(4)</sup> pára. Alto silêncio!  
César <sup>(5)</sup> manda à Cristã Legião, que arvore  
(Sinal do prélio) a roxa Cota de armas.  
O arco atesa o Besteiro, a seta embebe,  
Enresta a tropa infante a lança; os Ares  
Relampejam, fuzilam, quando a espada

---

(1) A morte dos que haviam de ser Esposos seus.

(2) *Levis armaturæ milites*. — TIT. LIV.

(3) Os Francos.

(4) Os Romanos.

(5) Constâncio.



Despe, dum tracto, a cavalgada Turma.  
Do seio das Legiões rompe o alarido:  
VITÓRIA AO IMPERADOR. Clamor, que os Francos  
Rechaçam, horribilíssimos rugindo.

Trovão não stala, e ronca em Alpes duros,  
Nem com mor estampido o Etna devolve  
Abrasada aluvião, do cavo seio:  
Com mais fragor, não quebra, em crespas Costas  
Sanhudo Mar, quando o Tufão rebenta,  
E o Céu desaba, à voz do Eterno, em chuva.

Já dardos contra os Francos, Galos vibram;  
Co' a ardente nua espada, se arremessam.  
Os inimigos se lhe opõem impávidos:  
Três vezes dão assalto, impetuosos;  
Três vezes vêm do assalto repelidos,  
Qual repele o rochedo a fúria às ondas.  
Tão firme é o Cúneo hostil! Tal vai vogando  
Alteroso Baixel, com travessias,  
Cospe, dum bordo e doutro escarcéu spúmeo,  
Que pelo bojo ronca, e sai fugindo.  
Mais destro <sup>(1)</sup> o Grego, e igual no destemido,  
Flechas graniza, no feroz Sicambro.  
Lentos recuando, e sem romper a linha,  
Avexamos uma ala, e outra ala ao Cúneo.  
O Touro vencedor, em cem pastios,  
Que se ufana do Corno desmochado, <sup>(2)</sup>  
No meridiano ardor acolhe indócil  
O dardo do Tavão. Assim os Francos  
De nossos dardos, com despeito sofrem  
Golpes, de glória vãos, vãos de vingança.

Cegos, co'a dor, nos peitos, a hástrea aos dardos  
Quebram: por terra os corpos vão rodando,  
Anelantes de angústia, em mortais vascas.  
Vão, de abalada, os Esquadrões Romanos

---

(1) Que o Galo.

(2) Que perdeu nas batalhas que ganhou.

Romper o Cúneo. Opõem-se-lhe improviso  
Clodion amplo-crinito Rei Sicambro,  
Que os roliços ilhais, soberbo, preme  
De Égua stéril rodada albi-nigrante,  
Criada entre Capréolos, e Hipéfalos, <sup>(1)</sup>  
Nas vastas Paternais Caudelarias.  
Ser raça de Rinfax, Corcel da Noite  
De regeladas clinas, crêem-na os Francos,  
E raça de Skinfax, Corcel do Dia,  
De clinas luminosas. Quando o Dono,  
No, sem rodas, sem eixo, arcaz cortíceo, <sup>(2)</sup>  
Tirava, em rijo inverno, à Égua, nunca,  
Na alta geada, os pés se lhe atolavam:  
Que, mais leve, que a folha da lameda,  
No veloz curso apenas punha rasto,  
Pela das novas neves crespa face.

N'ambas alas, peleja mui ferida  
Se trava, entre uns, entre outros Cavaleiros.  
Nem menos, vindo a nós ganha terreno  
Da Infantaria Franca a mole <sup>(3)</sup> horrífica.  
Abrem-se as Legiões; forma diversa  
Toma a batalha. A ruins lançadas pungem  
Dum lado, e doutro o Cúneo; Gregos, Vélites  
E os Galos, pela base, o investem, bravos. <sup>(4)</sup>  
Qual Castelo roqueiro, o forte Cúneo  
Sofre assalto; a briga se afervora:  
O pó sanguíneo se revolve em nuvens,  
Por elmos, plumas sobe enovelado.

Qual Cheia engrossa em diluvioso Inverno  
E quais, no Euripo, encarneiradas ondas,  
Corre empolado Mar de quente sangue.  
Blasona o Franco, dos rasgados golpes,

---

(1) Entre *Chevreuils et Rennes*, diz o Original.

(2) Traîneau.

(3) O Cúneo.

(4) Com braveza.

Que no alvo corpo, quasi nu, resplendem.  
Qual o spectro, da Campa ressurgido  
Ruge o Franco, e roxeia, entre cadáveres.  
A baça cor do pó empana o lustre  
Às armas. Rotos elmos, broquéis rotos  
Rotas couras, cocares destroçados;  
De guerreiros cem mil o hálito ardente,  
Corcéis, em suor, em sangue, resfolgando,  
No ardor da lide; o alfange, que lampeja  
Na cutilada, é raio, em rota nuvem  
De lívida procela. Entre o alarido  
De ameaças, de insultos, e umas noutras,  
Espadas, lanças retinindo, e os silvos  
Das flechas, e as Balistas, que remugem...  
Gritam ordens os Cabos. Não lhas ouvem.

Espantosa matança, nos Romanos  
Meroveu faz. Em pé desmesurado, <sup>(1)</sup>  
C'os doze Pares, sócios nas pelejas,  
Num Carro, cumulado de despojos,  
Lhes sobrestá, de ombros acima. O bélico  
Auriflâmeo tremula. Três bravios  
Touros, sangue escorrendo, o Carro tiram;  
Dos cornos, membros crus humanos, pendem-lhes.  
Heróis, <sup>(2)</sup> que a espada herdou de Faramundo,  
Em porte, e idade, e em fúria atroz compete  
C'ó Demónio da Trácia, <sup>(3)</sup> que a Ara acende  
Com tições de Cidades abrasadas.

Os Francos têm, que Meroveu é fruto  
Da Sposa de Clodion, e um Monstro Oceânico,  
Por occulto teor miraculoso.  
Loura a madeixa do Sicambro Jovem  
Que de Lírios, enfeitada, uma grinalda,  
Macio linho iguala auri-luzente,

---

(1) De agigantada estatura.

(2) Meroveu.

(3) O Deus Marte.

Que, em roca de barbárica Rainha,  
Listão virgíneo <sup>(1)</sup> enrola. Dá vislumbres  
De haver-lhe alpestre Rosa tinto as faces,  
C'ó carmim, que reluz, entre altas neves,  
Nas matas da Germânia: a Mãe cingiu-lhe  
De Conchas um colar; como à vergôntea  
Mais formosa das suas sacras selvas  
Prendem os Galos cintos de relíquias.

Quando aos ares desfralda a alva Bandeira,  
E os Sicambros Marciais Meroveu chama,  
Nada os atalha, em disferir clamores  
De Guerra, e de Afeição. Tanto os admiram  
Três gerações de Heróis, regendo o Exército;  
O Filho, o Pai, o Avô, <sup>(2)</sup> que ante eles marcham.

Imóvel Meroveu no ufano Carro,  
Cansado de matar, descia os olhos  
Ovantes, aos cadáv' res dessangrados,  
Com que juncara o chão, da espada aos fios.  
Um Leão da Numídia assim repousa,  
Depois que em grei de Ovelhas fez estrago:  
Repleta a fome, <sup>(3)</sup> exala-lhe carnívoro  
Do peito o bafo; a lassa boca, a trechos  
Maranhada nos velos Ovelhunos  
Abre, e cerra; e entre Anhos mortos jaz:  
Orvalhadas de sangue lhe descaem  
Do colo as jubas; cruza as garras cruas,  
E sobre elas alonga, e pouosa os queixos:  
Mal cerrados os olhos, stá lambendo  
Moles velos, que a língua inda lhe alcança.

Logo que a Meroveu, em tal remanso  
Soberbo, e insultuoso viu de longe  
O Galo General, se acende em iras:

---

(1) De cor branca, cor que compete às Virgens, e é Símbolo da Inocência.

(2) Meroveu, Clodion, Faramundo.

(3) *Postquam repleta fames epulis.* — VIRGIL. *Æneid.*

De Faramundo ao Neto arremetendo,  
Lhe despede este irónico discurso,  
    “Amplio-crinito Cabo, eis vou sentar-te  
Noutro sólio diverso do de Alcides.  
Levar mereces destemido Moço  
Sinais de ferro, <sup>(1)</sup> aos Paços de Teutates.  
Não te hão-de envergonhar idosas rugas.” <sup>(2)</sup>

MEROVEU (*com amargo riso*)

“Quem és, Vens tu de antigo, nobre tronco?  
Romano Escravo, o gládio meu não temes?”

O GALO (*com ira*)

“Só temo aluir-se o Céu, e que me <sup>(3)</sup> esmague.”

MEROVEU (*com feridade*)

“Cede-me a terra.”

O GALO

“Que te cubra eterna.”

Meroveu, que tal ouve, afinca <sup>(4)</sup> a Frâmea;  
Por sobre os Touros salta, e aguarda, ante eles,  
O Galo, que arremete, de corrida.

Para uma e outra hoste, a contemplar o duelo  
Dos dous Cabos. Co’ a espada feita, o Galo  
Investe ao Jovem Franco; e entrando o aperta: <sup>(5)</sup>

---

(1) Assinalado com arma de ferro.

(2) Tinham por glória morrer nas batalhas, e a velhice era entre eles injuriosa.

(3) *Si fractus illabatur orbis.* — HORAT.

(4) Afincando-lhe a ponta no pavimento do Carro, faz firmeza na frâmea, para se abalançar por cima dos Touros, a dar mais seguro, e mais alongado o salto.

(5) O põe em aperto.

Fere-o no ombro, o recua, e o arrima aos Touros.  
Lá lhe atira o bicórneo <sup>(6)</sup> dardo o Franco,  
E lho encrava, na solidez do escudo.  
Então dá Meroveu um pulo de Onça,  
Põe pé na hástea do dardo, e o calca firme.  
Calcado o dardo traz consigo o escudo,  
Que desguardada deixa ao Galo a frente.  
Sobre ela, a frâmea Meroveu sacode;  
Ela voa zunindo, e enterra o gume,  
Qual, num Pinho, se enterra o do machado.  
Do General <sup>(7)</sup> se escacha a frente, em duas,  
Cobre o cérebro o chão, os olhos rodam-lhe;  
Inda, um átomo, o corpo, em pé sustenta  
Convulso, estira as mãos, vacila, cai.  
Que lagrimoso, mísero espectáculo!

Viram-no os Galos. Clamam condoídos:  
“Caudilho sem ventura! Último garfo  
De Vercingentórix, que tanto a César  
A vitória altercou!” Com essa morte  
Dos Galos, denotou, a Sob’rania  
De Romanos sair e entrar em Francos.  
Logo estes, num pavês, erguem, com júbilos,  
Meroveu (como o Pai, e o Avô) o proclamam  
Rei Sicambro, e o mais forte dos Sicambros.

Já das Legiões se apoderava o susto.  
Constâncio, que do centro da reserva,  
Vê, nas tropas, abalo perigoso,  
E colhe das Coortes o desânimo,  
Na Legião Cristã, pondo olhos, brada:  
“Libra a sorte de Roma, em vossas lanças;  
Corramos, gente forte, aos inimigos.”  
Súbito, ao César, os Cristãos inclinam  
As Águias, rematadas co’ estandarte

---

(6) O venablo das duas curvas farpas.

(7) Do General Galo.

Da nossa Redenção. <sup>(1)</sup> Dá as ordens Víctor; <sup>(2)</sup>  
Da encosta arranca, e desce a Legião; leva  
Tácita a tropa, nos broquéis leteiro:  
*Sinal, com que hás vencer.* <sup>(3)</sup> Mártires eram  
Lavrados com brasões de ferro, e fogo, <sup>(4)</sup>  
Dessa hoste os Centuriões. Susto há, que influam  
Em tais soldados, golpes, sangue, ou morte?

Que terna Lealdade! Esses Guerreiros  
Verteram de seu sangue a gota extrema  
Em pró dos mesmos Príncipes que hão quasi  
Nas veias, esgotado-lhe <sup>(5)</sup> a nascente.  
Desses Heróis Cristãos no manso vulto,  
Nem prazer, nem temor lhes ressumbrava:  
Sim, cordato valor, bem parecido  
C'o Lírio sem senão. Mal trilha o Campo  
A Legião, foge aos Francos a vitória.  
Vem-lhes, diante, Coluna de ígneas nuvens,  
E, trajado de branco, um Cavaleiro:  
De ouro tinha o broquel, e a lança de ouro.

Voltam rosto os Romanos, que fugiam;  
No peito do mais frouxo, do mais tímido  
De golpe entra a Esperança. Tal, no Eoo,  
Se assoma matutino, na tormenta,  
O Sol; e o Lavrador, que alentos cobra  
Admira o como, em toda a Natureza  
O meigo brilho espalha; Heras, <sup>(6)</sup> que abraçam  
A Choça antiga, o Rouxinol que canta,  
O Velho, que, no umbral, se assenta, a ouvi-lo,

---

(1) Anacronismo. Começou-se a arvorar a Cruz nas insígnias imperando Constantino.

(2) S. Víctor de Marselha, Mártir.

(3) *In hoc signo vinces.*

(4) Ufanando-se os soldados Cristãos, com as cicatrizes que lhes ficaram dos martírios.

(5) O sangue que em guerras, e nos martírios derramaram.

(6) O Lavrador admira as heras, etc.

E os que, Hinos, Aves, soltam pelos ramos,  
Que ensombram suas cãs: e a Deus adora.

Eis se arrosta a Legião <sup>(1)</sup> co'a Franca turma  
Densam-se os Francos, densam-se os Romanos.  
Dobram joelho os Cristãos, venerabundos  
Do sacro Antiste aceitam sacra bênção.

Até Constâncio <sup>(2)</sup> o louro <sup>(3)</sup> arreda, e inclina-se.  
Cristãos, sem vibrar lanças vão marchando,  
Co'a espada feita, aos bandos inimigos.  
Já se trava o Conflito em todo o Exército;

Larga brecha, no centro dos contrários  
Abre a Legião Cristã. Entramos todos  
Após Víctor, Romanos, Galos, Gregos,  
Nos rotos batalhões. Eis já duelos, <sup>(4)</sup>

Eis ataque universo, em ambas hostes  
Mil troços de guerreiros se abalroam,  
Premem, ferem-se, e se rechaçam: lavra  
No Campo <sup>(5)</sup> a Dor, a Desperança, <sup>(6)</sup> a Fuga,

Em vão, Filhas dos Francos aptais Bálsamos,  
Com que os golpes saneeis. Vedam-no os Fados.  
Co'a choupa do venablo, um jaz ferido,  
No coração. Já dele foge mesta <sup>(7)</sup>

Da Pátria a tão querida imagem sacra.  
Outro, a quem férrea Clava ambos os ombros  
Rompeu, não mais tem de apertar ao peito  
O Filho, que lhe a Esposa está criando.  
Este chora o Palácio, aquele a Choça,  
Tal os prazeres, tal os pesadumes;

---

(1) A Legião Cristã.

(2) Que não era Cristão, mas que talvez pendia a sê-lo.

(3) A coroa de louro.

(4) Como no assédio de Ilion.

(5) De batalha.

(6) Bernardim Ribeiro. Lib. 1. cap. 3.

(7) De *mesta* usa Camões várias vezes.



(Que um às mágoas se afaz, como outro ao gozo).  
De Constâncio e dos Céus, aqui blasfema  
Entre os seus sócios o pagão soldado:  
Morre além o Cristão; co'a esquerda entranhas  
Recolhe, e arvora a Cruz <sup>(1)</sup> na exangue dextra,  
E (ao desamparo) inda ora pelo Augusto:  
Roto o seio, mostra inda hórrido o aspecto,  
Morto o Franco, e de o ver se esquiva o intrépido. <sup>(2)</sup>

Não vos olvido, oh Francos Jovens, que ambos  
Amigos ternos, firmes, não prudentes  
(Entre os mortos, no Campo, <sup>(3)</sup> os vi liados,  
Com férreo nexos, avaros de igual sorte).  
Já dum <sup>(4)</sup> cortara a vida, em Márcio jogo,  
Cretense flecha, co'a afilada farpa;  
Curto alento mortal concede ao outro.  
Eis se ergue a meio corpo: "Ora adormeces  
Do Márcio afã descansas, caro Amigo:  
E, nem à minha voz, olhos descerras.  
Não é rota a cadeia da Amizade,  
Ei-la; que, ao lado teu, me cinge, e aperta."  
Disse: e sobre o do Amigo, peito inânime,  
Se debruça, e dá fim. As aneladas  
Madeixas de ambos, germanais se enleiam,  
Quais se entremeiam flamas undulosas  
De duas piras, que, num Templo, brilham,  
Ou se apagam num ponto: ou quais os raios  
De Pólux e Castor húmidos, trémulos,  
Quando ao pego descaem. Juntou a Morte  
Aos férreos nós, que os dous Amigos cingem,  
Mais fortes nós, que nunca hão-de romper-se.

---

(1) O Crucifixo, que lhe pendia ao peito.

(2) O que na guerra arrosta quantos perigos nela há, desvia os olhos da horrenda ferocidade do Franco já ali morto.

(3) Da peleja.

(4) Dos dous Amigos.

Já afrouxam golpes os cansados pulsos;  
Põem na alma dó, contínuos ais, e angústias  
Dos feridos, co'as vascas dos que morrem;  
Mudez funérea abafa o campo, <sup>(1)</sup> a instantes:  
Logo ressalta aos Céus dorido brado.  
Vão Cavalos, sem dono, atropelando  
Cadáv'res; uns caindo, outros morrendo.  
Ardem aqui Trabucos, além Máquinas <sup>(2)</sup>  
Desamparadas. Tantas tochas lúgubres,  
Que as sanguentas exéquias alumiam!

Com negro manto, vem cobrir a Noite  
O Teatro, <sup>(3)</sup> em que Homens seu furor cevaram.  
Vencidos, mas temíveis sempre, os Francos,  
Se entrincheiram no brejo: e a que devera  
Ser noite de repouso, o foi de alerta,  
Sustos de ataque a cada instante surgem:  
No lamento que aos fortes, Francos que Átropos  
Tragou na guerra, dão (qual rompem uivos  
Raivosos animais) — *Tais morreremos.* —  
Não há despirmos armas, dispor fogos. <sup>(4)</sup>  
Nós fremendo, buscamos, nós chamamos  
Os nossos: <sup>(5)</sup> um pede água, outro comida;  
Feridas se atam com rasgões das fardas;  
Sentinelas transmitem duma a outra,  
O grito, a cada vela, e se respondem.

Morto na acção, todo o Cretense Cabo,  
(Duma voz) por seu Cabo a Eudoro escolhem;  
Que fausto o sangue crêem de Filopœmen. <sup>(6)</sup>  
Posto de galardão, que me foi dado,

---

(1) Da peleja.

(2) De guerra.

(3) Arraial.

(4) Acender cada Companhia seu fogo. Tanto temiam, que alumizados por esses fogos, viessem os inimigos acometê-los.

(5) Que feridos, ou mortos jaziam no sítio, em que se deu a batalha.

(6) Avô de Eudoro.

Por ter salvado a Férrea, <sup>(1)</sup> a mim chamando,  
Chamando aos meus, as forças do inimigo.  
Foi um lance feliz; que lucrei nele,  
De Constâncio o louvor, de Enzinha a c'roa.  
Da leve-armada tropa, havendo o mando  
Indócil aguardei, que a Aurora surja...  
Surgiu. Eis descobrimos... Que espectáculo!  
Fronteiros do arraial dos Francos, vemos  
O que vence em horror, quanto se há visto.

Tinham, de noite os Francos degolado  
Os Cadáv'res Romanos, e as cabeças  
Ante o arraial, em lanças hasteado,  
Rostos, em frente a nós. Fogueira enorme,  
Lá no centro do encerro adereçada  
De selas, broquéis rotos se compunha:  
Faramundo, rodeando olhos medonhos,  
Sparsas as cãs aos ventos matutinos,  
Assentado <sup>(2)</sup> no tope da fogueira,  
A vista debruçava ao Filho, ao Neto.  
Nas mãos tem pronta, a дума rota lança  
Hástea acesa, a por fogo ao trono-fúnebre,  
Apenas, que os Romanos conseguissem  
Romper dos liados Carros a tranqueira.

Nós, com espanto, e dor, emudecemos  
Ao ver tal barbaria, tão magnânima!  
Que, vencida ares dá de vencedora.  
Vêm lágrimas aos olhos, quando os pomos  
Nos (Sócios de armas) desangrados vultos.  
Mudos, sem cor então, aqueles lábios  
Ontem, soltavam inda amigas vozes!  
Veio assentar-se a Sede da Vingança  
Onde ímpetos saudosos residiam.  
Que aguardamos? Sinal de irada Tuba? <sup>(3)</sup>

---

(1) A Férrea Legião que se compunha do 17.º e do 64.º regimentos.

(2) Em que sentado estava Faramundo.

(3) Que a Tuba soe a vingar nos inimigos, a morte dos companheiros?

Co' a torrente caudal, rotos os Carros,  
A nossa hoste alagou o encerro Franco.

Eis de encontro nos vem novo inimigo.  
Em negro traje, as Bárbaras Mulheres,  
Se arremessam a nós, ferir se deixam  
Da nossa espada; feras no-la arrancam.  
Ao Sicambro, que foge, a fuga tolhem;  
Da barba o travam, volvem-no ao conflito.  
Ébrias Bacantes, estas despedaçam  
Maridos, Pais, afogam Filhos outras,  
Ou que o tropel dos Homens, dos Cavalos  
Os conculque, os esmague. Há tais, que ao colo  
Cingem laço fatal, e aos cornos prendem-no  
De Bois, que a rastos (miseras) as matam.  
Tais vão gritando em bandos turbulentos:  
“Nem todos vossos dons nos são, Romanos,  
Dons fatais; se dais ferro que agrilhoa, <sup>(1)</sup>  
Também dais ferro que desprende a vida.”  
E, dizendo, punhais, no peito encravam.

Destruído era, c'os Francos, Faramundo,  
Se o Céu, que a insignes Fados os reserva, <sup>(2)</sup>  
Lhes não salvasse o Exército restante.

---

(1) De que são forjados os grilhões, com que cativas nos prendeis. Toda esta explicação compreende o verbo agrilhoar, com que se estremunham certos Censores que lêem pouco, e em muito votam.

Ora saibam, que todos os termos da Língua Portuguesa que vêm nos Dicionários, não são às vezes, suficientes, para verter assuntos, que nunca em nosso idioma, tratados foram: e esse é o caso, que fez dizer a Lucrécio *proter egestatem linguæ et rerum novitatem*. E os meus Críticos arguem-me, de que me sirvo de algumas palavras Clássicas, ou de outras compostas. A estas compostas dá muitos gabos Horácio *Dixeris egregie notum si calida verbum reddiderit junctura novum*. Arguem-me pela grande razão (digo) de que não andam correntes na língua, que eles falam tão acanhada, e tão bastarda. Ponham-se a peitos com a tradução do Poema dos Mártires em verso, acomodem-se com tantos objectos, que não andam versados no uso comum da nossa língua, e que nunca Autores nossos modernos escreveram; e verão esses críticos então, depois de terem vezes dado cinzas na versão, se é possível acabar com a Obra, como eles a requerem.

(2) A possessão das Gálias, etc., etc.

Eis, que entre o Norte, e o Ocaso Eolo ronca,  
Revolve, impetuoso, o Oceano aos brejos;  
Entre alva spuma, engrossa um desses estos,  
Que arremessa a tais Climas o Equinóxio.  
Inteiro, e fora do álveo, o Mar rebenta!  
Qual possante aliado desses Bárbaros,  
Pelo Franco arraial, roda Neptuno;  
C'um Exército de ondas empoladas,  
Varre fora os Romanos, que recuam.  
Certos, que o Pai de Meroveu intrépido,  
Marinho Monstro, sai das grutas cérulas,  
A lhe acudir, a pôr-nos em derrota:  
A favor do alto Mar, nos rechaçaram.

Flébil cena magoa, ao perto, e ao longe.  
Nadando, os Bois, c'ó susto, os Carros <sup>(1)</sup> tiram:  
Sós, fora da água, os cornos lhe aparecem.  
Semelham Rios, que o tributo undoso  
Emborcam no alto pego. Arrojam Sálíos, <sup>(2)</sup>  
Ao Mar batéis; espancam-nos, c'os remos.  
Numa Concha, que foi vimíneo escudo,  
Se embarca Meroveu, traz a acossar-nos,  
De escolta os Pares seus (Tritões, nos pulos,  
De leves, pareciam). Batem palmas  
Mulheres, dão benções, <sup>[ix]</sup> em louco <sup>(3)</sup> júbilo,  
Às redentoras vagas. Medra em torno  
O acapelado Mar; em flor rebenta  
Contra as armas: <sup>(4)</sup> sumido o Cavaleiro, <sup>(5)</sup>  
E o Peão, que se afunda, única a espada  
Lhe transluz a flor da água. Nem Cadáveres

- 
- (1) Que serviam de tranqueira,  
(2) Nação aliada c'os Sicambros.  
(3) Que enlouqueciam de alegria.  
(4) Dos combatentes.  
(5) Entre vaga, e vaga.

(No vulto quasi vivos) aboiando,  
Rodando, pela areia, entre alga, e limos.  
Do corpo das Legiões me achei distante,  
De alguns raros guerreiros só seguido,  
C'um grosso terso, combati, dos Francos,  
Largas horas, até que assoberbado  
Pela quantia, e retalhado a golpes,  
Entre estendidos, mortos Companheiros  
Exânime, no chão, caí cansado.  
Quando, após do delíquio meu prolixo,  
Abri olhos à luz, vi-me na praia  
Mal enxuta do Mar, que escoara ao longe;  
Corpos sem vida, imersos, mal-sepultos  
Na areia (e ao longe) uma azulada linha,  
Que o Mar sinala em páramos longíssimos.  
De costas, cravo inerte, <sup>(1)</sup> olhos no Empíreo;  
E, enquanto, a alma bandeia em vida e morte,  
Ouso Latina voz: *Quem vive, fale.*  
Volto, com custo, o rosto, avisto um Servo,  
Com saio casca de Álamo. <sup>(2)</sup> Ouve, <sup>(3)</sup> corre...

#### ESCRAVO

“Cobra animo, oh Mancebo Grego.” (O traje  
Grego noto me fez). Ajoelha, curva-se,  
Tenta as feridas: pensa um tanto, e diz-me:  
“Não as creio mortais.” Bálsamos, ervas  
Tira experto do seu costal <sup>(4)</sup> Capréolo,  
E de água pura um vaso. Lava os golpes, <sup>(5)</sup>  
Meigamente os enxuga. Com um gesto, e

---

(1) Sem poder mover-se.

(2) Tecido da entre-casca do Álamo.

(3) Os gemidos de Eudoro.

(4) Espécie de surrão de pele de Cabra montês lançado a tiracolo.

(5) As feridas, que os golpes tinham aberto.

C'ó pasmo <sup>(1)</sup> que indiquei, nos mortos olhos,  
Me mostrei o mais grato que então pude.  
No levar-me dali, pensa, e se enleia.  
Olha inquieto, se avista bando Bárbaro...  
A maré vai encher: urgente é o p'riço;  
E o p'riço lhe deu traça de salvar-me.  
Chega-se a mim, sopesa-me nos ombros.  
Bem que velho, era verde. <sup>(2)</sup> Ergue-me, embarca-me.  
Não tarda a praia, a acobertar-se de ondas;  
Stá de nado o batel. Acha <sup>(3)</sup> um Zarguncho,  
Na areia, desferrado, hábil Piloto  
Dele faz leme, ou remo, e com o auxílio  
Da maré, presto abica o Escravo à margem  
Dum Rio avizinhado de Florestas.  
Sítio, que noto lhe era. Salta na água,  
Carga-me em ombros, vai, num subterrâneo,

---

(1) De me ver socorrido por um inimigo meu (como então julguei).

(2) Traduzindo João Franco Barreto o lugar de Virgílio, em que, falando de Caronte, diz: *Senior, sed cruda Dei viridis que sensctus*, verte ele: — Velho, mas inda verde para o remo.

Pela quarta vez, me vejo destituído de livros e obrigado a citar de memória. Perdi, pelo terremoto, quantos livros, então possuía. Pela segunda vez perdi quanto meu Pai ganhou no serviço d'El Rei em 60 anos que foi marítimo, <sup>[x]</sup> e os bons livros Clássicos Gregos, Latinos, Italianos, alguns Franceses, Castelhanos, e muitos Portugueses, que com bem custo, e trabalho tinha junto, lá mos sequestraram em Portugal. Pela terceira vez, perdi móveis, e 700 volumes, o mais injustamente, desde que o mundo é mundo, penhorado por sentença de Juízes Pela quarta e última vez (digo última, porque já não tenho que me penhorem) a minha tal, e qual Livraria, fato, e móveis os perdi, pela perfídia duma Mulher que tomei para me servir, a qual os Juízes condenaram a restituir tudo, e a dous anos de prisão; e outros arbitraram, que ela ficasse com tudo; e a querer eu resgatar o que era meu, pagasse 940 francos, que eu nunca devi. <sup>[xi]</sup>

(3) O Escravo.

[x] Referência óbvia ao Patrão-mor João Manuel, seu protector (talvez seu pai natural) e não a Manuel Simões, seu pai de registo. Sobre este assunto ver o nosso livro *Filinto Elísio: o exílio ou o regresso impossível*, Braga, APPACDM, 2000.

[xi] Alusão às desavenças tidas por Filinto com duas das suas serviçais ao tempo do seu exílio em França e que o processaram com os resultados que a nota refere.

Depor-me. Lá, na guerra o trigo escondem. <sup>(1)</sup>  
Deita-me em musgo, alenta-me com vinho,  
Diz-me em Grego: "Forçoso me é deixar-te;  
E te é, na solidão, passar a Noite:  
Mas dar-te-ei novas, amanhã, mais ledas. <sup>(2)</sup>  
Colhe algum sono." Eis despe o pobre saio,  
Me cobre; e através matas, corre, vai-se.»

FIM DO LIVRO VI.º

!

---

(1) Os Francos.

(2) Forçoso.



---

---

## NOTAS DO LIVRO VI.º

Pág. 179, verso 2. França.

A França não é o País dos Francos; sim o que eram Gálias para os antigos. Entre os Saxónios, e Germanos, deparas c'uma nação pouco numerosa, bravíssima porém. Chamam Historiadores Germânia a terra em que ela mora; mas hoje a nomeiam França (S. JERÓNIMO, *in Vit. Hilarion*).

Acima do Reno, e costas do Oceano, moram Celtas, chamados Francos, pelo bem que sofrem marciais fadigas (LIBANUS, *in Basil.*)

*Ibid.*, verso 8. Alimárias.

No feroz (diz Nazário) vencem os Francos quantos Bárbaros há. Não é fácil (diz um Panegírico anónimo) vencer os Francos que se cevam de ferozes alimárias.

*Ibid.*, verso 9. Paz.

Para os Francos é a Paz calamidade horrenda (LIBANUS, *Orat. ad Constantin.*)

Pág. 180, verso 2. Mares.

No mar, e entre tormentas, tão descansados estão os Francos, como em Terra: e preferem eles os gelos do Norte, aos climas de mor amenidade.

*Ibid.*, verso 7. Se mostraram.

Desde o ano 241 até 247. (Flav. Vopisc. cap. VII.)

*Ibid.*, verso 13. A Lei.

Diz Porfirogenete que fora (facto curiosíssimo!) Constantino magno o Autor da Lei que permitia aos Imperadores Romanos casamentos com a Nação dos Francos.

*Ibid.*, verso 21. Côdea.

*Terra non est... Aquis subjacentibus innatat et suspensa late vacilat.* — EUMEN. *Panegy.*

Pág. 181, verso 15. Vara.

Usava o Centúrio duma vergasta de videira, com que alinhava os soldados, ou os punia.

*Ibid.*, verso 21. Vitimário.

Coroado de Louro aprestava o vitimário meio-nu cutelos, água, e bolos (*farre pio*) para o sacrifício. Cada arraial Romano continha uma Ara, junto do Tribunal de céspedes, cadeira do General. As tendas eram de peles (*sub pellibus habitare*) e as ruas em seu estorcimento paralelo se cortavam em rectângulos. Os arraiais Romanos eram quadrados; quando os dos Gregos, e mormente os dos Lacedemónios eram redondos.

Pág. 183, verso 14. Eurípides.

Derrotado e morto Nícias ante Siracusa, muitos Atenienses aí escravos, c'os versos de Eurípides que cantavam a seus senhores, ganharam alforria. Que começava a lavrar já na Sicília a reputação desse grande Trágico.

Pág. 184, verso 22. A coura.

*Vid.* Polib. e Vegec. acerca do exército, e armadura dos Romanos.

Pág. 185, verso 5. Trabucos.

Catapulta, Balista, Guindaste, Ariete, Torres rodantes. Nas Batalhas só usavam Catapultas e Balistas; as outras máquinas só nos Cercos as usavam.

*Ibid.*, verso 8. Corcéis.

A crermos em Strabo, <sup>[xii]</sup> tão velozes eram os cavalos de Espanha (Celtiberos) como os dos Partos: e segundo o mesmo Strabo, e Diodoro, vestiam os Celtiberos capa ou saio preto, gualteira tecida de nervos, com três airões escarlates. É famosa a têmpera das espadas Ibérias, a cujo corte nem casco, nem broquel, nem coura resistia.

---

[xii] Estrabão.

*Ibid.*, verso 10. Numância.

Várias pedras esculpidas, várias moedas antigas de África, já Púnicas já Romanas, retratam assim os Cavaleiros Númidas.

Pág. 186, verso 11. Selas.

Não selas como as de agora. As dos Romanos no século 4.<sup>o</sup> eram uns assentinhos presos ao peitoral e ao rabicho sobre o espinhaço da cavalgadura, e sem estribos. Fala Virgílio em freio; mas duvida-se que dele usasse a Cavalaria Romana. Luvas ou manoplas têm por si remotíssima antiguidade. Homero as dá a Laertes; e os Persas delas usavam por asseio.

Pág. 187, verso 7. Vista feroz.

*Luminum torvitate terribiles.* AMMIAN. MARG.

*Ibid.*, verso 8. Arrodelando.

Chamou-se *braccata* a Gália Narbonesa em razão, como diz Diodoro, que os Galos usam túnicas multicolores, e saios listados, e bandados a trechos. Saio vem do latino *sagum*; e o *sarrau* dos Aldeões franceses do genuíno *sagum* dos antigos Galos.

*Ibid.*, verso 9. Espada.

A espada distinguia os Galos, como a Frâncica, ou ancípite acha, os Francos. A espada vinha pendurada por cadeia de ferro sobre a coxa direita, ou apertada pelo cingidouro. Pela espada juravam; no meio do *mallus* ou Conselho era cravada; não podiam tomá-la por penhor; co'as mais armas a queimavam nos enterros de fogueira; c'ó defunto queimavam também as pessoas que ele amara, *quos dilectos esse constabat*, e até a Mulher às vezes.

Pág. 188, verso 14. Cretenses.

Os Cretenses regravam a marcha a compasso da Lira.

*Ibid.*, verso 24. Túnica.

*Vid.* SIDÓNIO. *Panegy. de Majoran.* E também *Anna Comnen.* Lib. XIII. cap. VI.

Pág. 189, verso 15. Cúneo.

TACIT. *de morib.*

*Ibid.*, verso 25. Cada Cabo.

*Tacit. ibid.*, cap. I.

Pág. 190, verso 1. Símbolo.

*Tacit. ibid.*, cap. VII.

*Ibid.*, verso 8. Bocarra.

PLUTARCH., *in Vita Marii*.

*Ibid.*, verso 20. Batéis.

Fala desses leves batéis Tácito; que tinham duas proas. Sidónio diz que os baixéis Saxónios tinham por forro externo peles de Alimárias; e que encontraram nos carros dos Francos vencidos por Majorano, aprestos de voda, iguarias, enfeites, e vasos coroados de flores, e uma noiva, Rainha talvez dos Francos. *Omnem aciem suam circum rhedis et carris circumdederunt... eo mulieres imposuerunt.* — CÆS.

*Ibid.*, verso 22. Feiticeiras.

Germanos (diz Tácito) outorgavam espírito divinatório às mulheres. Os Galos tinham Druidas (fatídicas). *Proprium gentis, equorum quoque presagia ac monitus experiri. Publice aluntur iisdem nemoribus ac lucis, candidi et nullo mortali opere contacti, quos pressos sacro curru Sacerdos ae rex vel prinreps civitatis comitantur, hinnitusque ac fremitus observant* (TACIT.) *Celebrant carminibus antiquis Tuistonem Deum* (*Id.*, 11).

Pág. 191, verso 19. Vencidos.

*Mille Francos, mille Sarmatas semel occidimus, Mille, mille, mille, mille, mille Persas quærimus.* — FLAV. VOPISC., *in Vit. Aurel.* 7.

*Ibid.*, verso 21. Pæan.

Na retirada dos dez mil vem este Pæan como Hino de combate.

*Ibid.*, verso 22. Druidas.

*Bardi qui de laudationibus rebusque poeticis student.* (STRABO).

*Ibid.*, verso 24. Dentes ferrando.

*Adfectatur præcipue asperitas soni, et fractum murmur objectis ad os scutis, quo plenior et gravior vox repercussu intumescat* (TACIT.).

Pág. 192, verso 1. Combatemos.

*Pugnāvimus ensibus.  
Virgo pluravit matutinam lanienam.  
Multa præda dabatur feris.  
.....  
Quid est viro forti morte certius?  
.....  
Vitæ elapsal sunt horæ,  
Ridens moriar.*

Pág. 194, verso 2. Amplo-crinito.

*Vid. Gesta Dei per Francos*, por S. Gregório Turonense.

*Ibid.*, verso 7. Rinfax.

*Vid. EDDA. Introduction à l'Histoire de Danemarck*, Saxo Gramaticus sur la mythologie des Scandinaves.

Pág. 195, verso 8. Resfolgando.

Observação que se pode fazer num Campo de batalha.

*Ibid.*, verso 28. Fruto.

*Vid. Epitom. Hist. Franc. cap. IX.*

Pág. 196, verso 2. Enrola.

Quando em S. Dinis, se abriu a sepultura de Joana de Bourbon mulher d'El Rei Carlos V achou-se um resto de coroa, um anel d'ouro, pedaços de cadeias ou braceletes, um fuso ou roca de pau dourado, já meio apodrecido, sapatos de mulher mui pontiagudos, em parte consumidos, bordados de ouro, e prata.

*Ibid.*, verso 8. Relíquias.

Vid. PELLOUTIER, lib. IV. cap. II. e lib. III. cap. IV.

Pág. 197, verso 10. Esmague.

Tal resposta deram os Deputados da Gália ao grande Alexandre.

*Ibid.*, verso 11. A terra.

Assim respondeu Mário aos Cimbros.

Pág. 198, verso 2. Bicórneo.

Servem-se de achas de dous gumes: suas lanças são medianas, nem sobejam de compridas, nem de curtas minguan; aptas ao arremesso, e ao jogo cerrado no conflito. Tais folhas de ferro as forram que lhe escondem a madeira da hástea. Abaixo da choupa lhe saem duas afiadas farpas, curvas como anzóis. Se o dardo que o Franco atira, não vara o broquel, nele se prende, e lhe descai a terra o punho. Nulo é arrancá-lo: morde fixo, co' as duas farpas. Cortá-lo, tão pouco; que o resguarda o férreo forro. O Franco então finca o pé no conto do venablo que roça pelo chão, força a pender o broquel do inimigo, cansa-lhe o braço que o sustenta; pendente o broquel já não defende a cabeça nem o estômago, que deixa descoberto; e fica à discrição do Franco enterrar-lhe no peito o outro venablo, ou com a acha escachar-lhe em duas a cabeça (AGATH., lib. 2. cap. 3.)

*Ibid.*, verso 22. Num pavês.

Eleitos que eram os Reis ou Duques franceses, elevavam-nos num pavês, que tomavam nos ombros, e o amostravam ao Povo.

Pág. 199, verso 17. De ígneas nuvens.

Milagre que nos Macabeus se lê; lê-se nas Actas dos Mártires, e até na História das Cruzadas.

Pág. 203, verso 7. Que espectáculo!

Tácito, na descrição do arraial de Varo, Salviano, *de Gubernatione Dei*, Idácio na Crónica, Isidoro de Sevilha, Victor, *de Persecutione Africana*, descrevem horríveis crueldades dos Povos que derribaram o Império Romano. Que mais?

degolavam os prisioneiros em redor da Cidade que cercavam, para que mortos e apodrecidos atexassem peste nos sitiados.

Pág. 204, verso 4. Em negro traje.

*Stabat pro litore diversa acies, densa armis virisque, intercurtantibus fœminis, in modum furiarum quæ, veste ferali, crinibus dejectis, faces præferabant. Draudæque circum, preces diras sublati ad cœlum manibus fundentes, novitate aspectus perculere militem.*

*Ibid.*, verso 9. Despedaçam.

*Vid.* PLUTARCH., *in Mita Marii*. Merece que se leia toda esta passagem, em que fala da inaudita, e desatinada crueza das mulheres desses Bárbaros. Por ser de nímia extensão a não traslado.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO VI.º





---

---

## OS MÁRTIRES

### LIVRO VII.º

### ARGUMENTO

*Continua a narração. Eudoro escravo de Faramundo. Quem é o Escravo. Zacarias. Clotilde, mulher de Faramundo. Começam a ser Cristãos os Francos. Costumes seus. Volta a Primavera. Caça. Bárbaros setentrionais. Sepultura de Ovídio. Eudoro salva a vida a Meroveu, que lhe promete a liberdade. Voltam os Caçadores ao Campo de Faramundo. A Deusa Herta. Banquete dos Francos. Deliberam paz, ou guerra c'os Romanos. Disputa de Camulógenes com Cloderico. Assentam os Francos em pedir pazes. A Eudoro forro encarregam os Francos que vá requerer a Constância a paz. Zacarias conduz Eudoro até os confins da Gália. Despedida.*

DE Eudoro interrompendo a narrativa,  
Demódoco exclamou: «Voto eu a Alcides,  
Que estimei sempre os Filhos de Esculápio.  
Pios c'os Homens, muito arcano atingem.  
Entre Heróis co'eles dais, dais entre os Numes;  
Entre os Quirons, também, e entre os Pastores.  
Que nome, oh Filho meu, tinha o Divino  
Bárbaro, a quem verteu (se eu bem o julgo)  
Júpiter bens escassos da Urna de ouro?  
Da sorte dos mortais Jove nubí-cogo <sup>(1)</sup>  
Dispõe, a grado seu. Colma um de Ditas,  
Outro assoberba com desgraça a montes.  
Em lance tal, sentiu o sábio Ulisses

---

(1) Muitíssima vez usa Homero deste Epíteto *ajunta-nuvens*, característico do poder de Júpiter. Os Latinos o traduzem por *nubícogo*, anuviador.

Aragem de ventura, ao reclinar-se  
No leito, que de folhas, recamara. <sup>(1)</sup>  
Entre os Varões d'outrora mais famosos  
Um Valido do Númen de Epidauro,  
Bem que Escravo vivesse, em Terra inóspita,  
Prazer a Heróis por Sócio, e por Amigo.  
Mas dá-te pressa, oh Filho de Lastenes;  
De quem te assim salvou, me indica o nome,  
Que assim como Nestor, Macáons prezo.»

EUDORO (*com ar de sorriso*)

«Entre os Francos, de Harold o nome tinha.  
Veio, qual prometera, ao romper da Alva,  
Com Dama, que inculcava alta progénie.  
De linho a veste, que arde em roxa púrpura;  
Braços nus, quasi nu (qual Franca) o seio,  
Feições, à prima vista, meigo-bárbaras, <sup>(2)</sup>  
Bronco o gesto e feroz. Estranha mescla  
De condoimento, inserto em peito Bárbaro.

ES CRAVO

“Dá graças, Jovem Grego, à Régia Esposa.  
Clotilde orou ao Rei, <sup>(3)</sup> salvou-te a vida.  
Mais fez: que vem, dos Francos acoutar-te  
Cuida, em lhe ser fiel, e grato servo,  
Quando são te conheças das feridas.”  
Eis que entram, na caverna, outros Escravos,  
Que, numas andas de travados ramos,  
Me põem no arraial de Faramundo.

---

(1) Leito composto de camadas e camadas de folhas.

(2) Com a meiguice que caber pode em peito bárbaro.

(3) Faramundo.

Mau grado ao valor Franco, e estofas ondas <sup>(1)</sup>  
Força lhes foi, no adverso do Conflito,  
Às instructas legiões <sup>(2)</sup> ceder vitória.  
Ditosos, no evitar plena ruína,  
Traçam deixar-lhe o Campo; <sup>(3)</sup> e no ir-se em fuga,  
Lançado eu fui no Carro dos feridos.  
Dias quinze marcharam, quinze noites,  
Entranhando-se ao Norte; e alta fizeram,  
Quando se creram salvos de Constâncio.  
Téli, quanto era horrendo o meu desastre  
Não compreendi. Mas logo que as feridas  
Entraram a fechar-se, lanço os olhos...  
Oh que horrores! Descubro-me entre brenhas,  
E cativo de Bárbaros, no cárcere  
Duma palhoça, à qual travados ramos  
Fraco amparo não-de ser (crescendo) e muro.  
De trigo a soez bebida; <sup>(4)</sup> e o comer era  
Esmagada Cevada, ou já fragmentos  
De Cabrito montês, ou já de Corço,  
Que, por mísera esmola me arrojavam.  
Ali, só (mais sofrido, que em ver Bárbaros  
Entrar na Choça) eu sobre marchas folhas,  
Mediava o dia; <sup>(5)</sup> ali, desamparado,  
Me sufocava o fumo das unturas,  
Com que de Freixos amassavam cinzas,  
(Pomada de tais grenhas) e o ruim cheiro  
Das carnes que grelhavam; e o ar cativo <sup>(6)</sup>  
Da Choça, em fumo perenal densada...  
Que assim paguei, por justa Providência

---

(1) O esto, que alagou o arraial.

(2) Romanas.

(3) Em que se deu a batalha.

(4) Cerveja, ou birra.

(5) Passava metade de dia.

(6) Sem desafogo.

Os regalos de Neápoli, e os aromas,  
E as delícias, que lá me embeveceram!  
Dado aos deveres seus, o Escravo idoso,  
Prazos curtos cedia à minha angústia.  
Mas, com que pasmo eu via o rosto alegre  
Dum velho assoberbado de fadigas!

ESCRAVO

“Quasi, que essas feridas sãs as vejo:  
A novo afã te apresta, Grego Jovem.  
Amanhã, entre as neves da espessura,  
Buscar lenha te enviam, com mais Servos.  
Cobra virtude, oh Companheiro, oh Filho;  
Que há-de acudir-te Deus, se ardente o imploras.”

Deixou-me, <sup>(1)</sup> em Mar revolto, submergido  
Oh que Noite curti aflita e hórrida!  
Teço projectos mil, e mil desteço.  
Dar-me a Morte? Fugir? Como a caminho  
Eu fraco, e incerto expor-me, em tais devesas?  
Ai! mísero de mim! que as padecidas  
Penas, tendo eu em Deus, seguro amparo,  
Esse único olvidei. Fatal descuido!

Colher-me veio, em tal afogo, o Dia;  
E, co’ ele, vozes: “Sus, Romano Escravo.”  
Pele de Javali, com que me cubra,  
Corno de Boi me dão, por onde beba,  
E um seco peixe, para o meu repasto.  
Já os servos, que me a estrada apontam, sigo,  
Chegados à espessura, murchas folhas,  
Ramos, que Éolo lascara, em pró do apanho, <sup>(2)</sup>  
Vão pondo em montes, na abastada neve;  
Com lios de enredição <sup>(3)</sup> os feixes atam.

---

(1) O Escravo que se foi.

(2) Porque mais fáceis de apanhá-los fossem. Dizemos por contracção, em lugar de enterramento, *enterro*, porque não diremos em lugar de apanhamento, *apanho*?

(3) *Lianes* em francês.

Gestos me fazem, que os imite na Obra;  
Mas vendo, quão bisonho eu era e lerdo,  
E o meu grande desaso, conhecido,  
Dispõem-se a me cargar do junto mato.

Força humilhar-me foi a altiva fronte  
Ao jugo, à escravidão. C'os pés descalços,  
Pisava o gelo, e as comas ouriçavam-se-me,  
Co' a apolvilhante geada; o cru Nordeste  
Me dessecava as lágrimas, no rosto.  
C'um, que tirei do feixe, tosco ramo,  
Abordoava os passos mal seguros.  
Vergando, qual caduco, ia seguindo  
Tardo, e pesado, o trilho da espessura,  
Fraqueando ao peso, e à mágoa. A um lado avisto  
O Escravo ancião, mais que eu, cargado em dobro:  
Sorrindo vem, com meigo, e manso gesto,  
Que, nele, nunca muda. Ali se tinge  
Meu rosto de vergonha, e assim me arguo:  
"E eu forte, e eu moço, choro, quando um velho,  
Curvado pelos anos! vem sorrindo  
Sob carga, tanto à minha desconforme!"  
O meu Libertador me diz: "Eudoro,  
Qual te vai, co' esse feixe? É bem pesado!  
Resignado te aveza; e ei-los mais leves  
Te serão, Camarada, os depois vindos.  
Que assim, a cabo vim, nestes meus anos,  
Deste cargo aguentar de tanto vulto."

EUDORO

"A mim cabe esse cargo, com que vergas  
Morra eu, sob ele, e a pena te alivie."

ESCRAVO

"Não me pena. Com que ânsia a morte anelas! <sup>(1)</sup>  
Vem; que eu, co' a vida, congraçar-te quero.

---

(1) O cargo.

Daqui não longe, um pouco pousaremos,  
Nossas falas travando ao pé do fogo.”

Trepámos combros desiguais na forma  
Que descobri depois serem ruínas  
De derrocadas Fábricas <sup>(1)</sup> Romanas;  
Altos Robres, progénie doutros Robres,  
Que aos pés têm inda os troncos, que os geraram  
Esse sítio povoam. Nós subidos,  
Vejo antigo arraial dado ao descuido.

#### ESCRAVO

“Foi de Varo. Eis o Bosque, <sup>(2)</sup> essa Pirâmide  
Que, em meio, erguida vês, é a Sepultura  
Onde os restos do sevo morticínio  
Das Legiões mandou jazer <sup>(3)</sup> Germânico.  
Depois a <sup>(4)</sup> abriram (Bárbaros!), e os Campos  
Rejuncaram c’os ossos des-sepultos.  
Pregadas, pelos troncos dessas Árvores  
Essas alvas Caveiras to confirmam.  
Mais longe, as Aras vês, onde aos do Exército  
Centuriões mais insignes morte deram.  
Olha o sugesto <sup>(5)</sup> ervoso, donde Armínio  
Ao Congresso Germano fez a fala.” <sup>(6)</sup>

Então à neve arremessando o feixe,  
Nos ramos, que lhe arranca, lume acende,  
E, a sentar-me ao pé dele me convida.  
Enquanto as mãos aqueço regeladas,  
Assim me dá razão dos seus sucessos.

---

(1) Edifícios.

(2) De Teutberg.

(3) Depor como em jazigo.

(4) A sepultura.

(5) Lugar elevado, donde os Generais falavam às Legiões.

(6) *Vid.* Tacit.

“Podes dos males teus doer-te ainda,  
Falar de mágoas, Filho; os olhos pondo  
Nesse arraial de Varo? Não te inculca  
Quão missérrimo Fado aflige os Homens?  
Quanto o recalitrar nos seja inútil  
Contra o mal, que os Céus vertem sobre a Terra?  
Em mim te aponto Quadro, que alto ostenta  
Quão falsa é a ideia do que chamam Dita.  
Dói-te esta escravidão? Que me disseras,  
Vendo Escrava a de Cássio prole lídima?  
E essa prole ser eu? espontâneo Escravo?  
Quando os Maiores meus bania Roma,  
Por haver defendido a Liberdade;  
E que até, nas exéquias lhe tolhia  
Imagens de Heróis seus <sup>(1)</sup> levar diante,  
No aprisco dos Cristãos (santo refúgio  
Da Independência), entrou minha Família.

Da Lei Divina em máximas criado,  
Bom trato, <sup>(2)</sup> na Legião, servi, Tebana,  
Raso Peão, por nome Zacarias.  
Sabes, que ela negou dar culto aos Ídolos.  
Maximino a passou inteira à espada,  
Junto aos Alpes, no Agauno. O mancebo  
Cristão, deu mostra no Orbe estranha e pródiga.  
Guerreiros quatro mil, em fama ilustres,  
Na lida militar encanecidos,  
Tendo na mão robusta, a lança, a espada  
O peito, o colo a Alagozes of’reciam,  
Com mansidão de Ovelhas; sem que a mínima  
De as vidas defender, lhe assume, ideia.  
Tanto, na alma, têm fixo, que seu Mestre <sup>(3)</sup>  
Lhes manda obedecer, tolhe vingarem-se!

---

(1) Vid. Just. Lips., Rosin., Newport.

(2) *Longo temporis tractu.*

(3) Jesus Cristo.

Cabo da Legião, Maurício cai; <sup>(1)</sup>  
Cai, após a mor pare, a frio ferro.  
Já, trás das costas maniatado, eu quedo,  
Entre a turma das Vítimas sentado,  
Pelo golpe aguardava... Qual desígnio  
Fosse o da Providência, inda hoje o ignoro.  
Na matança, calou de mim descuido!  
Cadáv'res em montão, muralha foram,  
Que me encobriu aos olhos dos Centúrios.  
Maximino, cumprida a atroz proeza,  
Co' a mais hoste, se despediu de Agauno.

Lá, no segundo quarto da nocturna  
Vigia, em que não ouço outro ruído,  
Que a torrente, dos Alpes despenhada,  
Ergo a frente... Oh prodígio! Oh raro assombro!  
Rompem luzeiros, grato aroma exala!  
Dos prodígios adoro o Deus, que enjeita  
Da minha vida a of'renda. Eu, que não valho  
A corpos sepultar de tantos Mártires,  
O de Maurício, em torno, atento busco.  
Co'ele deparo em recém-vindas <sup>(2)</sup> neves.  
Eis forças, mais que humanas, se me acrescem:  
Desdou meus nós, c'ó ferro duma lança,  
Cavo ao meu General, fundo jazigo.  
Uno a cabeça ao tronco; e de joelhos,  
Ao novo Macabeu, peço, que aliste,  
Nas milícias do Céu, o seu soldado.

Desse arraial de pranto, e de triunfo,  
Às Gálias me encaminho, e busco amparo  
Em Dinis, Proto-Bispo de Lutécia.  
Com lágrimas de gosto o Antiste Santo  
Me acolheu, me aceitou por seu Aluno.  
Quando digno me viu de eu ajudá-lo,  
Subido ao Sacerdócio: 'Oh Zacarias,

---

(1) Cai morto, e Mártir.

(2) Neves que tinham caído depois do morticínio.



Sê humilde (exclamou) sê caridoso;  
Toda a instrução, neste ditame encerro.  
Fado foi sempre meu perder Amigos,  
E às mesmas cruéis mãos. Degolar manda  
Maximino a Dinis, e aos Companheiros, <sup>(1)</sup>  
Por última facção. <sup>(2)</sup> Rendeu-o Constâncio.

De contínuo, o ditame do meu Bispo  
Ante olhos tinha; instava-me o Desejo  
De socorrer, com pia dextra, os míseros;  
E pedia, em mercê, lance oportuno  
Me deparasse Deus; interessando  
Com Cristo, ao bom Dinis, seu tão valido.  
De Lutécia os Cristãos, num antro <sup>(3)</sup> escuro,  
Junto ao Monte onde consumou Martírio,  
(Monte de Marte) deram-lhe jazigo.  
No travessar paúis, travessar Séquana, <sup>(4)</sup>  
Lastimada uma Dama, a mim, acorre:

‘Sou Cristã sem ventura, oh Zacarias:  
Levam-me o Esposo os Francos, e me deixam  
Três filhinhos, sem posses de criá-los.’  
Improviso rubor me sobe às faces,  
Vejo que esse favor, mo hão de Deus sumo  
Obtido os rogos do precioso Mártir;  
Mas escondo à Mulher minha alegria.

“Deus se apiade de ti (disse) e cobra ânimo.”  
E parto, sem tardar, para Colónia.

Fora o Marido seu, meu sócio em armas,  
Cristão, temente a Deus, na vida próspera,  
Mas apto a fraquear, co’ ar dos reveses,  
E, a Fé temi que a perca, no infortúnio.  
Soube, em Colónia, que em poder caíra  
Do General dos Sális. Paz c’os Francos,

---

(1) Rústico e Eleutério.

(2) Nas Gálias, onde Constâncio o veio substituir no governo.

(3) Lembra-me que de *antro* usa Gabriel Pereira de Castro, na *Ulisseia*.

(4) Hoje Rio Sena.

Pouco há, firmara Roma. Lá <sup>(1)</sup> me envio;  
Em resgate me of'reço a Faramundo,  
Pelo Cristão cativo. Que outro preço  
Eu, que nada possuo, dar não posso.  
Fácil <sup>(2)</sup> a troca foi, fácil <sup>(3)</sup> me aceitam.  
Sendo o outro débil, e eu robusto e válido.  
Só quis, por condição, que se lhe oculte  
Por quem remido foi; e o mandem livre.  
Foi feito assim. Entrou gozoso e ledó  
Esse Pai de família, nos seus Lares;  
À Sposa alívio, aos Filhos alimento.

Fui Scravo, desd'então. Galardão sumo  
De Deus o tenho, em conseguir a Dita  
De semear de Jesus Cristo a crença,  
Na Bárbara Nação, em que ora existo.  
Pelas margens dos Rios vou atento  
Remir (quanto é em mim) as desventuras  
Da provança execrável. Têm os Francos,  
Por uso, tentear, nos próprios Filhos,  
Se têm de ser valentes. Sobre as ondas,  
Se, em broquel postos, à flor da água, nadam;  
Recolhem-nos, e os salvam: os mais... morrem.  
Larga messe deparam-me as Campinas,  
Onde houveram batalhas. Alta noite,  
Qual vai Lobo roaz, vou rastreando,  
No morticínio, onde haja moribundos:  
Dou-lhes brados; e quando mais receiam,  
Que a despojá-los venha, então lhes falo  
Doutra vida melhor, e traço que entrem  
No repouso de Abraão. Quando as feridas  
Mortais não são, lhe acudo, e espero ansioso  
Lucrá-los, por bom preço, ao Deus dos míseros.

---

(1) Ao quartel general dos Sálíos.

(2) É aqui adjectivo.

(3) Aqui advérbio.

Das conquistas, que hei feito, a mais preclara,  
 É Clotilde, do idoso Faramundo,  
 Meu Senhor, Jovem Sposa, que, em seu peito,  
 Abriu porta a Jesus. Violenta, e crua  
 Hoje é maviosa e branda: e, cada dia,  
 Me ajuda a resgatar algum, que pena;  
 E a vida, que eu te dei, dela dimana.  
 Quando açodado fui noticiar-lhe,  
 Que, entre Cadáv'res deparei contigo,  
 Dispôs logo ela o te ocultar, na gruta,  
 Te salvar, lá. Como, depois, soubesse  
 Que a retirada os Francos prosseguiam...  
 Que regresso? Revela o arcano ao Sposo,  
 E te alcança mercê. Amam os Bárbaros  
 Escravos fortes, sãos. De impacientes  
 Que os fez Natura, e do quão pouco entre eles  
 Monta a vida, descargam-se do empacho  
 Dos feridos, matando-os sem piedade.

Tais, Filho, os casos são de Zacarias:  
 Se útil te hei sido, em recompensa, outorga-me  
 Não sofreres te acurvem teus pesares.  
 Se o Corpo te salvei, salve eu teu Sp'rito.  
 Nasceste, Eudoro, no mimoso clima  
 Junto ao Chão <sup>(1)</sup> dos portentos, entre Povos  
 Polidos, que as Nações civilizaram;  
 Nessa Grécia, onde Paulo <sup>(2)</sup> spargiu luzes  
 Da Fé. Quanta vantagem tens de sobra,  
 Se, c'os do Norte confrontar-te queiras,  
 Todos de boto Ingenho, e usos ferozes!"

Como acicates, na alma me pungiam  
 Do pio Ancião os últimos acentos.  
 Da indigna vida o muito réu segredo  
 Me assoberbava o peito; erguer os olhos

---

(1) Comparada com o país dos Francos; avizinhava com Judeia, a Grécia.

(2) De quem diziam alguns de Atenas: «Que nos vem dizer esse Seminivérbio?»  
 (semeador de palavras.) — *Act. Apostol.*, cap. 17.

Ao meu Libertador, não me atrevia,  
Eu, que, sem me turvar, sustive o entono  
Dos Sob'ranos do Mundo, eu me apoucava  
Perante a Majestade encanecida  
Dum Levita Cristão, scravo de Bárbaros!  
Do Culto, e Ensino, que esqueci, grão Pejo  
Me acanha. Ímpetos válidos me abalam,  
A tudo patentear-lhe. Oh que soçobro!  
Zacarias o aventa: <sup>(1)</sup> crê rasgadas  
Novamente as feridas, roga inquieto  
Qual me impele, razão, a assim penar-me?  
Venceu-me tal bondade! A meu despeito,  
Me lanço, em roto pranto, aos pés do Escravo.

EUDORO

“Do corpo, oh Pai, não vertem sangue os golpes:  
Mais mortal chaga sinto, e mais profunda.  
Tu, que acções obras tais, Cristãs, sublimes  
Ao ver-me tão dissimil de ti mesmo,  
Poderás crer que a Fé, que segues, sigo?”

*Zacarias (co'as mãos ao Céu)*

“Oh Cristo Deus! Oh meu Senhor Sob'rano!  
C'um Servo teu me encontro, em tais desertos!”

EUDORO

“Sou Cristão.” Eis que terno, eis que piedoso,  
Me toma ao peito, orvalha-me de lágrimas,  
Cinge-me à branca ondeante barba, e solta,  
Em soluços de júbilo, estas vozes;  
“Deparei c'um Irmão!... Irmão que eu prezo!”

---

(1) Este verbo, sem razão afastado do uso literário, quando, mormente, não temos outro que o supra, com a mesma energia, vem a propósito usado por Frei Luís de Sousa (bom contraste), na *Vida do Arcebispo*.

EUDORO

“Cristão; de Pais Cristãos; oh varão justo!”  
Mais queria eu dizer. Mas desce a Noite.  
À Choça Real, c’os nossos feixes vimos.  
Leva-me, ao romper da Alva, o Escravo aos Bosques;  
No cavo tronco duma anosa Faia,  
Onde Secóvia, dos Germanos Pítia,  
Já oráculos rompeu, breve transunto  
Vi da Mãe de Jesus. C’um ramo de Era  
Deram à Mãe, e ao sacro Infante adorno  
Os maduros Corimbos tremulantes,  
Que o insulto inda não sentem das geadas.

ZACARIAS

“À Sposa do Monarca dei a nova  
Que um nosso Irmão de mais temos em posse.  
Toda júbilos quis, na treva escura <sup>(1)</sup>  
Vir, com Reais mãos ornar esta Ara santa,  
E abonar, sem demora o seu contento,  
Co’ esse ramo...” Eis, correndo, vem Clotilde  
À Virgem ajoelhar-se, ante esse tronco,  
E, entre nós, sobre a neve alvi-rigente,  
Ei-la, em bronca linguagem, <sup>(2)</sup> proferia,  
A brados, a que Deus nos ensinara  
Proveitosa Oração. <sup>(3)</sup> Oh Fé Celeste,  
Qual te avistei, no Franco Povo, entrada!  
Quem digno entoará, como nasceste  
Tão Divina em Bethlem, <sup>[XIII]</sup> raiando luzes,  
Nos Pastores Hebreus! Igual prodígio,  
Ao que atónito vi, nas Catacumbas,

---

(1) Alta noite.

(2) Linguagem bárbara dos Sicambros.

(3) Padre nosso.

[XIII] Sic.

Humilhando-se à Fé Valéria e Prisca.  
Quem não vertera lágrimas, olhando-te  
Acatada, num tronco da Germânia,  
Dum scravo Grego, dum Romano scravo,  
E duma egrégia Bárbara Rainha?

Como é que inda eu tardava a entrar no aprisco!  
Eu, a quem já de Tédio assomos vinham,  
Disgostos de vaidades! E a quem dera  
Toques na alma o Eremita do Vesúvio?  
Mas vinha escrito, que eu, para a Verdade <sup>(1)</sup>  
Tomasse o trilho, à custa de escarmentos,  
No prolongado fio de infortúnios.

Comigo o Ancião dobrou de empenho, e zelo;  
Voz do Céu era a sua, em mim troando.  
Que lição me não era o vê-lo, o ouvi-lo?  
Ver Cristão, quem prole é de Cássio e Bruto?  
Do Stoico Bruto, matador de César!  
Possante, <sup>(2)</sup> em curta vida ufana e livre,  
Dá por vã a virtude! E o velho Escravo  
Caridoso, Discípulo de Cristo,  
Desconhecido e pobre, à sã Virtude  
Chamava um Bem, que existe real <sup>(3)</sup> neste Orbe!  
Dando ar simples dum Pio Sacerdote  
Perito era, não menos, e era culto  
Nas Artes, nas Ciências; muito lido  
Na Antiguidade Hebreia, e Grega, e Lácia.  
Encantava; narrando as priscas Gentes <sup>(4)</sup>  
Pastoreando o gado: usos narrando  
Dos Francos, de seus Reis, Senhores nossos. <sup>(5)</sup>

---

(1) Para J. C. que de si disse: *Ego sum veritas*.

(2) O stoico Bruto.

(3) Realmente.

(4) Os Patriarcas, e os antigos Reis.

(5) De quem ambos escravos eram.

## ZACARIAS

“Quando à Grécia voltares, caro Eudoro,  
 Far-te-ão cerco os Ouvintes, quando os usos  
 De amplo-comados Reis lhes referires,  
 Quando gratas <sup>(1)</sup> lembranças te pularem  
 Dos pesares de agora. A Grega Gente  
 Engenhosa <sup>(2)</sup> há-de olhar-te novo Heródoto. <sup>(3)</sup>  
 Hão-de enlevá-la as raras maravilhas,  
 Que de tão longes Terras, lhes contares.  
 Dirás, que existe, nas Germanas brenhas,  
 Povo, que descender, se diz, dos Teucros.  
 Tanto as, dos Gregos, Fábulas donosas  
 Namoram as Nações, que enxertar nelas,  
 Amam a origem sua! É ora esse Povo  
 Mesclado de Germãos, Sicambros, Sálíos,  
 Bructerres, Catos, se apelida Franco;  
 (Quer dizer Livre), e digno é de tal nome.

Seu governo se escora, no Monárquico,  
 Partido em vários Reis. Se urgente é o p’rigo,  
 Se une em um só. Blasona a Tribo Sália  
 De mais nobre; e em tal conta a têm os Francos.  
 Faramundo é seu Rei. Todo esse Povo  
 Se ufana (e o uso usado se lhe deve)  
 De ao sexo feminino privar do mando;  
 E, só, quem for guerreiro, o Ceptro empunhe.  
 Cada ano, em mês de Marte abrem congresso,  
 E, lá se delibera em bem dos Povos.  
 Armados vêm, ao prazo assinalado;  
 E o Rei, sentado à sombra duma Enzinha,  
 Os, que lhe dão, presentes, ledos aceita;  
 Também, dos seus Vassallos (antes sócios)  
 As queixas ouve, e inteiro faz justiça.

---

(1) *Forsitan meminisse juvabit.* — VIRGIL.

(2) Povo de agudo ingenho.

(3) Que leu as 9 Musas da História que compôs, no congresso do Povo.

São os prédios anuais. Cada Família  
Lavra as Terras, que lhe demarca o Príncipe;  
Finda a Ceifa, à Comum, revira o prédio.  
Tem, dessa singelez ressábio grande  
Os mais costumes. Qual o vês, dos Amos,  
Nos é o saio igual, igual o leito,  
Queijo, Cama de peles, térrea Choça.  
De Meroveu as vodas, onte' as viste;  
Um Broquel, urna Frâncica, uma Nassa,  
Dous Bois jungidos, os presentes foram  
Nupciais do que há-de herdar o Franco Ceptro.  
Se, em jogos juvenis, saltou por cima  
Das lanças, gládios nus, mais alto que outros;  
Se é mais valente em guerra, em paz mais justo,  
Pode, em morte, esperar fogueira fúnebre,  
Sobre a Campa Pirâmide relvosa."

Às Selvas Boreais veio dar vida  
A flórea Primavera: montes, vales  
Trajaram de esmeralda, os topes negros  
Dos penhascos alarde se faziam  
Da brancura uniforme das geadas.  
Logo apontaram as rosadas flechas  
Do Pinho alvar; vimos festões de flores  
Brotar, da copa dos vernais Arbustos,  
Donde agudos cristais téli pendiam.  
Vêm claros Sóis, e, co' eles, vêm batalhas. (1)  
Dos Francos boa parte as armas toma,  
Outra à Caça dos Uros se encaminha,  
E à dos Ursos, em sítios mais remotos.  
Dos Caçadores Meroveu é o Cabo:  
Na conta entrei dos Servos que o seguiram.  
Despedir-me de Amigo tão virtuoso  
Força, então, me ali foi, por longo prazo.

Com rapidez incrível, decorremos  
Terras, que ao longe estão da Scandia praia,

---

(1) Que, todo o inverno o passavam os Exércitos, em seus quartéis.



Até ver os parcéis do Ponto Euxino.  
Por essas brenhas passam quantos Bárbaros  
Povos despejam as caudais torrentes, <sup>(1)</sup>  
Uns após outros, nos Romãos contornos.  
Creras que, a vir do Norte, e Eoo, ouviram  
Meridiana, <sup>(2)</sup> excelsa voz, que os chama.  
Qual Nome é o seu, qual Pátria, qual Progénie,  
Aos Céus, que os trazem tais ireis pedi-lo.  
Tão estranhos nos são, como as Cabildas  
Donde vêm, como as Terras que perpassam.  
Tudo acham pronto, em sítios onde chegam;  
Dão-lhe os ramos Quartéis, Caminho os páramos.  
Sós dão senhas do sítio em que aquartelam  
Montões de ossos de Reses degoladas,  
Troncos lascados, nem que os lasque o Raio,  
Queimados bosques, alastradas cinzas.

Dita nos foi, não darmos, na Caçada,  
Com turmas de tais Bárbaros, migrantes;  
Só demos com famílias vagas, rústicas,  
A cuja vista, os Francos são polidos.  
Desabrigados quasi nus tais míseros,  
Bem vezes, sem sustento, se consolam  
Co' a inútil Liberdade, e solta dança.  
Quando tão bruta dança anda travada,  
Junto ao Rio, ou no centro da Devesa,  
O Eco se espanta, humana voz ouvindo.  
O Urso, que ouvindo-os stá, na alpestre rocha,  
Pasma da tosca dança do Homem bruto.  
Quadro é rústico, sim; mas Quadro enérgico!  
Piedoso é ver o Filho dos Desertos,  
Que ignoto vive, ignoto pisa o vale,  
Que a repisar não volta, e a Campa esconde,  
No musgo dos sertões, sem que gravado  
Lá fique o trilho ao menos, de seus passos.

---

(1) Em tanta afluência vinham, que pareciam aluviões.

(2) Voz que clama lá dos Austrais contornos.

Tendo o Istro, junto à foz, passado, um dia,  
Me transviei da Caçadora Turba...  
Eis que do Ponto Euxino avisto as ondas,  
E deparo co' a loisa dum jazigo,  
E um Loureiro, que a cobre com seus ramos.  
Arranco erva que aflora um Lácio <sup>(1)</sup> lema,  
C'um verso inteiro dou, saudoso, e triste  
De Elegia dum Vate desterrado:  
*Vai (não t'ó levo a mal) meu livro, a Roma.* <sup>(2)</sup>  
Dar cor, ao que eu senti na alma, é negado.  
Dar co' a campa de Ovídio, num deserto!  
Quão mavioso pensei na angústia amarga  
Dum desterro, c'ó meu tão parecido!  
Que inúteis, para a Dita, são talentos!

Roma pasce inda a ideia, nas pinturas  
Do seu Vate mais florido, e engenhoso:  
Roma, que o viu (sem dó) no seu desterro,  
Verter saudoso pranto, quatro lustros!  
Os broncos Povos das ribeiras do Istro,  
Menos ingratos que as Nações da Ausónia,  
Memoram inda o Orfeu que honrou seus bosques;  
Tecem-lhe, em torno do jazigo, danças,  
E tem do seu falar ressábio ainda.  
Tão meigo lhe é de Ovídio, inda, lembrar-se!  
Com dor se arguia o Vate, então, de os Bárbaros  
Não o compreender: <sup>(3)</sup> e inda hoje, o choram Sármatas.

Trilhando os Francos vão tão vastos soutos,  
Com fito de lustrar as Tribos Francas,  
Que Probo transplantou, na orla do Euxino. <sup>(4)</sup>  
Faltas, des-parecidas <sup>(5)</sup> as soubemos;

---

(1) Latino.

(2) *Parve, nec invideo, sine me liber ibis in Urbem;  
Hei mihi, quod domino non licet ire tuo!*

(3) *Barbarus ego sum, qui non intelligor illis.*

(4) EUMENES in *Panegyric. Constantin.*

(5) Por desaparecidas.

Sem que, a quais Terras fossem, nos segurem.  
Meroveu, por tal falta, <sup>(1)</sup> sem demora  
Pôs a mira, em voltar a Faramundo.

Dispôs a Providência, que eu, na Campa  
De Ovídio, a Liberdade recobrasse.  
Quando, à volta costeamos o Moimento, <sup>(2)</sup>  
Recém-parida Loba atira o pulo,  
Desatinada, ao Rei; <sup>(3)</sup> acudo, e mato-a:  
Interceder co' Avó, que me dê livre,  
Meroveu jura; e em restos da Caçada, <sup>(4)</sup>  
Quer-me ao lado, de Dia, e à Noite ao lado. <sup>(5)</sup>  
Falei-lhe, na cruel batalha, e lance  
Que o vi, por Touros três, tirado, indómitos:  
Seu grão valor... De alegre estremecia,  
Da Grécia, ouvindo Tradições, Costumes,  
De Teseu grato lhe era o afã, e o de Hércules.  
Gregas Artes nomeei: brandia a frâmea,  
E bramava insofrido: "Grego, Grego,  
Põe sentido, em que o teu Senhor te escuta."

Ausentes, alguns meses, eis-nos vindos  
De Faramundo ao campo. A Régia Choça  
Erma estava; que o Rei de ampla madeixa  
Teve hóspedes, e pródigo no honrá-los,  
Despendeu quanto tinha de mais custo;  
E foi morar, na Choça de outro Cabo,  
Que, por ele arruinado, foi-se a longe.  
Gozava, quando o vimos, Faramundo,  
Num grão banquete, o encanto da singela  
Lhana hospitalidade; e o rito, o assunto,  
Nos contou ele próprio, do Festejo.

---

(1) Das Tribos desaparecidas.

(2) A sepultura de Ovídio.

(3) Meroveu.

(4) Todo o tempo que restasse da Caçada.

(5) Que de dia seja seu sócio e à noite junto dele, durma.

## FARAMUNDO

“Numa Ilha, em Mar Suevo (*Casta* a chamam)  
 Reside (e lhe é dicada) o Númen Herta.  
 Em Carro, que um véu cobre, assente é a Státua;  
 Passeiam-na, em Germânia, ora <sup>(1)</sup> alvas vacas.  
 Já toda a inimizade, entre nós cessa,  
 Nem, nas Selvas, retine de armas ruído.”  
 Passara, há pouco a Deusa misteriosa  
 E, inda durava o regozijo, e festa,  
 De que, a nós, que chegámos, porção coube.  
 Mal teve, breve instante Zacarias  
 De ao peito me cingir com terno abraço.  
 No banquete a que todo Cabo assiste,  
 Se alterca a Paz, ou Guerra c’os Romanos.  
 Meroveu, c’os mais Cabos, toma assento,  
 E a mim, do emprego de Escanção me incumbem.

Armados, como em guerra, e em semicírculo,  
 O lar circundam, que o manjar lhes guiza.  
 Erbóreo feixe, ou rolo já de peles  
 É assento aos Cabos. Põe-lhes mesa breve  
 Ante cada um, e da Rês, a, que compete,  
 Porção, a seu valor, sua Nobreza.  
 Como ao Campeão mais forte, o posto de honra  
 Cedem a Meroveu. Colmadas trípodes  
 De vianda, armados de broquel, de lança,  
 Trazem Libertos, trazem cornos de Uros,  
 Vasos de líquido, agro, spúmeo Trigo.  
 Nos postres do banquete, deliberam.

Entre os Francos Aliados, Camulógenes  
 Progénie é Gala desse Ancião famígero  
 Que, contra César, <sup>(2)</sup> defendeu Lutécia.  
 Entre Scolares mil sobre quarenta,

---

(1) *Ora*, contracção de agora, e usado pelos melhores Clássicos.

(2) Contra Labieno, General de César.

Augustoduno <sup>(1)</sup> instruíra a Comulógenes;  
De Burdig'la <sup>(2)</sup> e Marsília <sup>(3)</sup> Lentés ínclitos  
Precioso ensino, (após) nele poliram.  
Mas dos Galos a ingénita inconstância,  
E o selvático Ingenho o arremessaram  
Na Rebelião Bagaude, <sup>(4)</sup> e Camulógenes  
Aos Francos se passou, que o acolheram,  
Por seu alto valor, suas riquezas.  
Intimando silêncio os Sacerdotes;  
Do Real repasto se ergue Camulógenes,  
(Desabrido talvez do longo exílio)  
E propõe, que a Constância se depute.

CLODERICO <sup>(5)</sup>

“Que um Galo assim discorra não o estranho:  
Dos seus antigos Amos prêmio espera.  
Confesso, que a vergasta do Centúrio  
Mais fácil, que esta frâmea se meneia;  
E que é menos p'rigoso adorar Césares,  
Em purpúreo splendor, no Capitólio,  
Que em Choça tal, sobre Lupinas <sup>(6)</sup> peles,  
Sabê-los desprezar. De mágoa dignos  
Em Roma os vi. De alcáçares faustosos  
Senhores ávidos, ansiavam inda  
Destas nossas devesas os tugúrios.  
Tão terríveis não são (dai-me alta crença)  
Quanto um Galo, que treme, vo-los pinta.  
Paz peçam Galos, Galos subjugados  
Por feminis Romanos. Cloderico

---

(1) Autun.

(2) Bordéus.

(3) Marselha.

(4) Aldeões rebelados, que Maximino domou.

(5) Cabo dama Tribo Franca.

(6) Peles de Lobo.

De ir queimar Capitólios sente o impulso,  
E de Roma, delir, no Mundo, o nome.”  
A tal dizer todo o Congresso aplaude,  
Brandem lanças, broquéis com elas ferem.

CAMULÓGENES (*falando a Cloderico e aos da sua opinião*)

“Vós, que o submisso Reno atalha, e impede; <sup>(1)</sup>  
Que proezas borbotais, que afrontais Tibres,  
Em brenhas homiziados, <sup>(2)</sup> ide a Roma,  
Esses Galos servis, que jugo houveram  
De feminis Romanos, oh! não stavam  
Sentados, mui de espaço a fartas mesas,  
Quando arrasavam Roma; a quem, de longe  
Conquistas, com a ameaça. A espada observa  
Que contrapeso <sup>(3)</sup> foi do Império do Orbe.  
Conclua-se no Mundo acção ilustre,  
Lá deparas com Galos, de quem venho.  
Eles sós, do conspecto de Alexandre, <sup>(4)</sup>  
Não cobraram terror. Vercingentórix,  
Se o não baldassem Galos desunidos,  
Frustrara a Júlio <sup>(5)</sup> dez guerreados anos.  
Quanto há famoso, os meus Avós domaram.  
Grécia assolam, Bizâncio rendem, pousam  
Quartéis, nas ruínas de Ilion; de Mitrídates  
Conquistam o domínio; aos dalém Tauro  
Scitas duros, jamais vencidos, vencem.  
Como a Nação fatal, aos meus Maiores,  
Lhes pôs misterioso selo, o Fado,  
Nela, do Orbe os Acasos consignando.

---

(1) Aos Romanos.

(2) Os Francos refugiados nas brenhas, depois de vencidos pelos Romanos.

(3) A espada de Breno, General dos Galos. — TIT. LIV. *Decad.* 1.

(4) Magno.

(5) César.

De Gente em Gente ressoou preclara  
A voz, que prenunciava Breno, em Roma,  
E clamava a Sedício, na alta noite:  
‘Vai-te aos Tribunos, dize, que infalíveis  
Têm, de amanhã, os Galos ser convosco’.”

Mais ia perorando Camulógenes;  
Mas Clodérico o atalha, desatando  
Ruidoso riso, e dando rijos golpes  
Na mesa, co’a maçã da espada; e entorna  
O vaso, por que bebe, e assim vozeia:  
“Compreendêsteis, oh Reis amplo-crinitos,  
Dessa Pítia das Gálias, algum senso,  
Nas glosas de Alexandre, e de Mitrídates?  
Se arengas longas sabes, Camulógenes,  
Em língua de teus Amos, forra o ouvi-las  
A quem ler, e escrever, (Artes de Escravos!)  
Tolhe a Filhos de Francos aprendê-las.  
Combates, sangue, e ferro, só prezamos.”  
Rumores gritos rompem, no Congresso,  
E com desprezo o Galo insultos vinga.

#### CAMULÓGENES

“Pois que ignora o famoso Cloderico  
Alexandre, e que longa fala o enoja;  
Se Heróis não têm de melhor pulso, <sup>(1)</sup> os Francos,  
Comprem (lhe intimo) a Paz, a todo o custo.”

#### CHLODERICO (*escumando de raiva*)

“Antes que anos, Traidor! volvam prolixos,  
Verás tua Nação mudar de algemas.  
Compreenderás então, quando cultives  
Para os Francos os prédios, quanto monta  
A coragem dos Reis amplo-comados.”

---

(1) Que Cloderico.

CAMULÓGENES (*com ironia*)

“Se a tua hei-de temer, nunca açodado  
Da Serpe o Ovo <sup>(1)</sup> hei colher, em nova Lua,  
Porque às Desditas possa dar de rosto,  
Caso, que mas Teutates aparelhe.”

Da frâmea a vozes tais, a ponta afiada  
Furioso ao Galo, Cloderico alonga,  
Dizendo (bem que a voz lhe atalhe a Cólera).  
“Nem olhos pôr-lhe <sup>(2)</sup> ousaras.”

CAMULÓGENES

“Como mentes!”

Feroz se atira o Franco, <sup>(3)</sup> e nua a espada...  
E a não medeiar a Turba, entre ambos, fora  
De Centauros, e Lápitas banquete.  
Concluem sossegá-lo os Sacerdotes;  
Na luz crástina, em que trajava a Lua  
Todo o splendor, pausados resolveram,  
Quanto ébrios altercaram furiosos.  
Franco o peito a famígeras façanhas  
O que nele labora mal se oculta. <sup>(4)</sup>

Votam a flux proporem Paz a Roma;  
E às promessas fiel, tendo alcançado  
Meroveu, de seu pai dar-me liberto,  
Liberto mandam que a Constâncio eu leve  
Do Conselho a intenção. Vêm dar-me a nova  
Clotilde e Zacarias; presto a estrada  
Querem que eu livre encete: a fim que a ingénita  
Condição inconstante desses Bárbaros  
Não malogre da Paz os áureos frutos.  
Até que eu toque as Gálias, Zacarias

---

(1) PLINII. *Lib. 29. an.*

(2) A Camulógenes.

(3) A Cloderico.

(4) *Perlucidior vitro.* — HORAT.



Me acompanhou; mas quando foi forçoso  
Deixar-me, perdeu preço o ver-me livre.  
Em vão lhe instei, que me seguisse: expus-lhe  
Com dó, quanta fadiga o soçobrava....  
Eis, da estrada ele colhe um Lírio alpestre,  
Que espontava, entre a neve, e assim me fala:

ZACARIAS

“É símbolo esta flor da Sália Tribo,  
E do seu Cabo. Sem cultivo medra,  
Mais linda, em matos, que vedada aos gelos.  
Esta <sup>(1)</sup> escurece a geada, <sup>(2)</sup> que a assoberba  
Que em seu grémio a resguarda, que não murche.  
Tenho fé, que a estação dessa ásp’ra vida,  
Que, na Família de meu Amo, eu soffro,  
Será como esta flor, quando a minha alma  
Ao conspecto de Deus for of’recer-se.  
Que, afim que a Alma desfira o vigor todo,  
Jazer deve alguns tempos soterrada,  
Nos desabridos gelos da Fortuna.”  
Disse; e apontando o Céu, onde nós tínhamos  
De, um dia, nos juntar, tolheu, que eu possa  
Arrojar-me a seus pés. Lição foi última,  
Que, ao despedir me deu. Tomou o exemplo  
De Cristo, que ensinava os seus Apóstolos  
Co’ a voz da ténue ervinha, ou lírio alpestre,  
Passeiando nas margens Tiberíades.»

FIM DO LIVRO VII.º

---

(1) O Lírio alpestre.

(2) Pelo colo, que a neve escurecia. — CAMÕES.

---

---

NOTAS DO LIVRO VII.º

Pág. 218, verso 2. De folhas.

*Odisseia*, liv. v.

*Ibid.*, verso 13. De linho a veste.

*Nec alius feminis quam viris habitus, nisi quod feminæ sæpius lineis amictibus velantur eosque purpura variant, partemque vestitus superioris in manicas non extendunt, nudæ brachia ac lacerts: sed et proxima pars pectoris patet.* — TACIT. *de Mor. Germ.* XVII.

Pág. 219, verso 15. Palhoça.

*Colunt discreti ac diversi, ut fons, ut campus, ut nemus placuit...Suam quisque domum spatio circumdat.* — TACIT. *ibid.*

*Ibid.*, verso 17. Soez bebida.

Cerveja, ou birra (de birra vem birrento). Com a espuma da cerveja esfregam o rosto essas mulheres. Os Padeiros usam dela para fermentar o pão.

Pág. 222, verso 10. De Varo.

*Prima Vari castra, lato ambitu et dimensis principiis trium legionum manus ostentabant: dein semiruto vallo, humili fossa, acisæ jam reliquiæ consedisse intelligebantur. Medio campi albertia ossa, ut fugerant, ut restiterant, disjecta vel aggregata. Adjacebant fragmina telorum, equorumque artus, simul truncis arborum ante-fixa ora: lucis propinquis barbaræ aræ, apud quas tribunos, ac primorum ordinum centuriones mactaverant: et cladis ejus supersites pugnam aut vincula elapsi, referebant, hic cecidisse legatos, raptas aquilas; primum ubi vulnus Varo adactum; ubi infelici dextra et suo ictu mortem invenerit; quo tribunali concionatus Arrninius; quot patibula captivis, quæ scrobes; utque signis et aquadis persuperbiam inluserit* (TACIT. *Ann.* I. 61).

Pág. 227, verso 1. Das conquistas.

Em razão do espírito de mansidão e brandura, se derramou mormente por mulheres, o Cristianismo. Clotilde o fez abraçar a El Rei seu Esposo.

Pág. 229, verso 6. Secóvia.

Profetisa Germânica, de quem Tácito fala.

Pág. 231, verso 10. Dos Teucros.

O Epítome da História dos Francos diz que um certo poeta Virgílio conta a fábula, que Príamo fora o 1.º Rei dos Francos; Friga fora sucessor de Príamo. Queimada Tróia, separaram-se em dous bandos os Francos. Comandava um deles Frâncio: entrou na Europa, e pôs assento nas abas do Reno. *Gesta Dei per Francos* deu Ânio de Viterbo com que compor a lista dos Reis da Gália, e a dos Reis Francos. Numa lista conta vinte Reis Galos anteriores à Guerra de Tróia; Diz, ou Samotes: Sarron, fundador das Escolas Druídicas, Bardo, inventor da Poesia, e da Música: Celtes, Gálates, Bêlgico, Lugdno, Alabrox, Páris, Remo (em seu reinado a ruína de Tróia): Franco, filho de Heitor, escapou-se de Tróia destruída, e veio às Gálias casar co' a Filha de Remo.

*Ibid.*, verso 28. Duma Enzinha.

*Vid.* Joinvile (*Vie de St. Louis*), dá imitação desse uso.

Pág. 232, verso 9. Uma Nassa.

*Munera non ad delicias muliebres quæbita, nec quibus nova nupta comatur, sed boves et frenatum equum, et scutun framea gladioque* (TACIT.).

*Ibid.*, verso 13. Gládios nus.

*Nudi juvenes, quibus id ludicrum est, inter gladios se atque infestas frameas saltu jaciunt* (TACIT.)

*Ibid.*, verso 28. Uros.

*Tertium est genus eorum qui Uri apellantur. It sunt magnitudine paulo infra elephantos; specie et colore et figura tauri. Magna vis est eorum et magna velocitas; neque homini neque feræ quam conspexerint parcunt. Hos studiose foveis captos interficiunt... Amplitudo cornuum et figura et species multum a nostrorum boum cornibus differt. Hæc studiose conquisita ab labris argento circumcludunt atque in amplissimis epulis pro proculis utuntur* (CÆSAR, *de Belo Gal.* Lib. VI).

Pág. 234, verso 6. Lema.

*Hic ego qui jaceo tenerorum lusor amorum,  
Ingenio perii Naso poeta meo, etc.*

Pág. 235, verso 21. A Régia Choça.

*Quemcumque mortalium arcere tecto nefas habetur. Pro fortuna quisque apparatus epulis excipit. Cum defecere, qui modo hospes fuerat, monstrator hospitii et comes, proximam domum non invitati adeunt: nec interest; pari humanitate accipiuntur. Notum ignotumque, quantum ad jus hospitii, nemo discernit* (TACIT. de Mor. Germ. 21).

Pág. 236, verso 19. Assento aos Cabos.

Não se sentam para comer, deitam-se em peles de Lobos ou de Cães no chão. Servem-nos seus filhos e filhas adolescentes. Àilharga Caldeirões e espetos que a grão fogo aprestam quartos inteiros de animais. As melhores postas oferecem-nas aos mais valentes... Não é raro disparar a conversação em briga: e o desprezo em que têm a vida faz que fáceis acudam a desafio (DIODOR. Lib. V).

*Celtæ (inquit Posidonius), fæno substrato a cibos proponunt super ligneis mensis a terra parum exstantibus. Panis, et is paucus, cibus est: caro multa, elixa in aqua, vel super prunis aut in verutis assa. Mensæ quidem hæc pura et munda inferuntur, verum leonum modo ambabus manibus artus integros tollunt, morsuque dilaniant: et si quid agrius divellatur, exiguo id cultello præcidunt, qui vagina tectus et loco peculiari conditus in propinquo est... Convivæ plures ad cænam si conveniant, in orbem considunt. In medio præstantissima sedes est, veluti cætus principi, ejus nimium qui cæteros vel belica dexteritate, vel nobilitate generis anteit, vel divitiis. Assidet huic convivator: ac utrinque deinceps pro dignitate splendoris qua excellunt. Adstant a tergo cænantibus, qui pendentes clypeos pro armis gestent, hastati vero ex adverso in orbem sedent ac utrique cibum cum dominis capiunt. Qui sunt a poculis, potum ferunt in vasis olas similibus, aut fictilibus, aut argenteis* (ATHEN. lib. IV. cap. 12).

*Ibid.*, verso 31. Escolares mil sobre quarenta.

Florentíssimas eram as Escolas de Augustoduno (Autun), restabeleceu-as Eumenes: e quando Sacrovir se rebelou, estudavam ali quarenta mil alunos da nobreza das Gálias (TACIT. An. III).

Pág. 237, verso 9. Sacerdotes.

*Silentium per sacerdotes quibus tum et coercendi jus est, imperatur* (TACIT. de Mor. Germ. II)

Pág. 239, verso 19. Rompem.

*Si displicuit sententia, fremitu aspernantur: sin placuit, frameas concutiunt* (*Id. ibid.*)

Pág. 240, verso 2. Ovo da serpe.

*Angues innumeri æstate convoluti, salivis faucium corporumque spumis artificii complexu glomerantur, anguinum appellatur. Druidæ sibilis id dicunt sublimi jactari, sagoque oportere intercipi, ne tellurem attingat. Profugere raptorem equo: serpentes enim insequi, donec arceantur annis alicujus interventu. Experimentum ejus esse, si contra aquas fluitet vel auro vinctum. Atque ut est magorum solertia occultandis fraudibus sagax, certa luna capiendum censent... Ad victorias litium ac regum aditus, mire laudatur (PLIN. Lib. XXIX. Cap. 3).*

FIM DAS NOTAS DO LIVRO VI.º



---

---

## OS MÁRTIRES

### LIVRO VIII.º

#### ARGUMENTO

*Interrompe-se a narrativa. Começa Eudoro a amar Cimódoce, e esta a Eudoro. Lança mão desse amor o Demónio, para perturbar a Igreja. Inferno. Congresso dos Anjos réprobos. Falas do Demónio do Homicídio, e do da falsa Sapiência, do da Volúpia, e de Satã. Espargem-se os Demónios pelas Terras.*

CONTAVA Eudoro, e o Sol que assinalava  
A nona hora do Dia, e o raio ardente  
Frechava, nas Arcádias serras, mudas  
Ensoadas Aves retraía ao couto  
E caniçais do Ládou. Já Lastenes,  
Convidava ao repasto os seus três Hóspedes,  
Repondo a narrativa <sup>(1)</sup> ao dia próximo.  
As Aras e Ilha deixam em demanda  
Da hospedeira morada, silenciosos. <sup>(2)</sup>  
Todo o mais dia, soltas, e interruptas  
As falas vêm. Cirilo à Igreja, os transes  
Antevê no que narra Eudoro, e assustam-no  
Da Cena as ruínas Figuras; <sup>(3)</sup> as suas índoles  
Prometem um porvir mal assombrado.  
Vinham também de Roma, ao Bispo, novas

---

(1) Dos sucessos de Eudoro.

(2) Pensando no que tinham ouvido.

(3) Quais Eudoro as delineou.

De grão receio, quais não quis, cordato,  
Divulgar à Família virtuosa.

Também longe era Eudoro, de sossego,  
Na ara da Cruz depunha a interna angústia:  
A Deus, que encobre os seus desígnios, preces,  
Austeridades dobra. Mas, vislumbra-lhe,  
Por entre pranto amargo, e penitências,  
Alabastrinos braços, tranças de ébano,  
Meneio airoso, graças, que de Homero  
Ornam a Filha; avista de contínuo,  
Seus meigos olhos, tímidos cravados  
Nele, Eudoro.... Feições?... feições donosas,  
Onde transluzem, quantos, lavram, na alma,  
Movimentos, e os que a alma mais esconde.  
Que pudor tão singelo, e que à Inocente  
Virgé' acresce rubores, quando escuta  
De Roma e Baias des-virtuosos gostos!  
Que mortal palidez lhas não descora,  
Quando o furor lhe troa dos Combates,  
As lançadas, as mortes, os Cativos!

Novo abalo, confusos movimentos  
Já sente em si a Aluna das Piérides;  
Vêm-lhe surgindo, dessa infância dúplice, <sup>(1)</sup>  
O Esp'rito, e o Coração. Da Fé luzeiros  
Põem em fuga a Ignorância: a Alma alumia-se-lhe  
No fervor das Paixões. Sucesso estranho!  
Sentia a Homérea, <sup>(2)</sup> a par, do Amor o enleio,  
E a delicia do virginal recato. <sup>(3)</sup>

#### CIMÓDOCE

«Que divino estrangeiro, oh Pai, nos chama?  
Às mesas nos convida? Oh quanto o Filho

---

(1) Intelectual, e corpórea.

(2) Luzes no entendimento, e afeições na alma.

(3) Imitação de Dido, (já afeiçoada de Eneias), com sua Irmã Ana.



Cresce nos brios, e nas armas cresce! <sup>(1)</sup>  
Não o tens por um desses bons primevos,  
Dos que em Numes, mudou, próprios, Jove?  
A braços, c'os cruéis Destinos, quantas  
Tormentas aguentou, venceu trabalhos!  
Oh minhas castas, poderosas Musas,  
Meus tutelares Numes, onde estáveis,  
Quando ferros magoavam mãos tão nobres?  
Oh! como os eu quebrara, a sons da Lira!

Mas tu, de Homero Antiste omnisciente,  
Como os Anciãos cordato, e manso, expõe-me  
Qual seja a Religião, que Eudoro inculca?  
Que co'a Justiça <sup>(2)</sup> os corações congraça,  
Que apazigua os impróvidos amores;  
Pronto socorro estende aos desgraçados,  
Semelha quem a segue ao bom vizinho,  
Que, afim que ardido acuda ao transe infesto  
Do vizinho, <sup>(3)</sup> apertar o cinto olvida.  
Ovelhas imolar, no Templo vamos  
A Ceres, que as Leis dá, ao Sol, que aventa <sup>(4)</sup>  
Os Casos, que hão-de vir. Rojando as caudas,  
Na dextra as libações, rodeemos o ândito  
Da Ara, a que borrifou sangue das vítimas:  
Pio farro <sup>(5)</sup> se empolme, e averiguemos  
Qual Génio ignoto a Eudoro patrocina.  
Sinto, no peito um misterioso Númen,  
Que me fala... Mas cabe a uma Donzela  
Arcanos penetrar de Jovens? cabe  
Seus Deuses conhecer? E, porque scrute

---

(1) *Quam forti pectore et armis.* — VIRGIL.

(2) Com a virtude da Justiça, e não com os executores dela.

(3) *Opera et dies*, de Hesíodo.

(4) LUCAN. lib. 5.

(5) *Farre pio.* — HORAT.

Do Orác'lo a voz, erguer o véu pudico?»  
Disse: e orvalhou, com lágrimas, o seio.

Dous corações o Céu aproximava  
Que, unidos hão-de alçar à Cruz triunfo.  
Lançara mão Satã do amor amado,  
Dos Dons, que o Céu a si destina; e de ambos  
Tira nuvens com que arme agras tormentas;  
Bem que tudo se guie a ser cumpridos  
De Deus sumo os Decretos. Nesse instante  
A cabo punha o Príncipe das trevas  
A revista de quanto Templo há, no Orbe  
A Mentira, a Impostura visitando,  
E segredos da Cova de Trofónio,  
Spirác'los Sibilinos, Délfeas Trípodas  
Teutátea pedra, subterrâneos de Ísis,  
E Mitra com Vishnou. Suspenso em todos  
O Sacrifício viu, o Orác'lo mudo;  
Em desmaio os idólatras <sup>(1)</sup> prestígios,  
Ante a Fé dos Cristão, Divino Culto.

Geme Satã, que o ceptro se lhe quebra;  
Mas não cede a Vitória, sem combate.  
Pelo Tártaro eterno, acabar jura  
C' o Povo dos Cristãos. Quanto lhe esquece  
Que posses não terão do Horror <sup>(2)</sup> as portas <sup>(3)</sup>  
Contra a Esposa de Cristo a mais amada.  
Esse Arcanjo revel não se afigura  
Quais desígnios Deus tem, quando flagela  
Por culpas os Cristãos. Satã não pensa  
Que se lhe deixa o Céu poder sobre eles  
(Prazo curto) vai condição inclusa  
Que cumprido o castigo, Satã, do Orbe  
Desça, e se afunde, em tenebroso abismo.

Qual o vemos, na c'roa do Vesúvio,  
Calcitrado penedo, mal assente;

---

(1) Tomado como adjectivo o nome idólatra.

(2) *Ubi horror inhabitat.*

(3) *Portæ inferi non prævalebunt.*

Se, no Monte, se ateou bitume, e enxofre,  
Se o fumo, em rolos, sobe, e ao Sol enluta,  
Ferve o Mar, Parténope vacila,  
Qual Bassárida insana, muda as formas  
O cume do Vulcão, desliza a lava...  
Eis desaba o penedo, e roda, no ouco  
Do fogão, que às alturas o arrojara.  
Tal, do inferno, Satã arrebeçado,  
No hiante tragadouro re-profunda:  
Mais veloz, que impetuoso pensamento,  
Todo o espaço transpõe, que inda há-de um dia,  
Aniquilado ser. <sup>(1)</sup> Das rugidoras,  
Do Caos, ruínas, passa; bate súbito  
Nos Confins desses sítios não caducos, <sup>(2)</sup>  
De fundada vingança interminável. <sup>(3)</sup>

Berço e Campa da Morte, diras plagas!  
Não as compassa o Tempo; e durar devem,  
Depois que este Universo for desfeito,  
Qual Tenda, que se armou, para um só dia.  
Quando se ia engolfar Satã, nas trevas  
Implacáveis da Noite, lhe rebenta  
Nos olhos, uma lágrima forçada.  
Dava-lhe, à sombra espessa, que o circunda  
Frouxo clarão a lança flamejante,  
Sem trilho seguir certo, atroz baqueia  
No infernal fogo, e o pendor da culpa.  
Não vislumbrando, nem de longe, as chamuscas  
Que, sem que as cevem, <sup>(4)</sup> sempiternas duram,  
Começou a ouvir gemidos dos prescitos.  
Pára... e ao primeiro, que ouve, brama, e freme;  
Dos suspiros da eterna angústia enraiva;  
E o infernal Reino, ao Rei do Inferno, espanta!

---

(1) No fim do Mundo.

(2) Que tem de eternos durar.

(3) Que Deus fundou para, neles, exercer contra os réprobos, vingança eterna.

(4) Sem precisar de pábulo.

Remorso, e Compaixão, c'um toque, abala  
Do Anjo rebelde o peito empedernido.

SATÃ

«Eu fui, quem há cavado estas masmorras!  
Eu, quem juntou aqui todo o infortúnio!  
Fora ignoto, sem mim, o Mal, nas Obras  
Do Todo poderoso. E a qual queixume  
Me deu motivos o Homem? —Tão formosa,  
Tão nobre Criatura?» Inda os lamentos  
E a não-valiosa mágoa ia alongando  
O exasperado Arcanjo... Eis que o abrasado  
Boqueirão se lhe rompe... Avista o Abismo!...  
E, então, que odiosa ideia lhe ressurgel  
Ao lumiar dessa furna inexorável,  
Se arremessa um Fantasma. E quem? a Morte.

Qual nódoa negra, vem, por entre as chamas,  
Que, em lívida espadana, lhe entreluzem,  
Pelas fendas <sup>(1)</sup> do pálido arcabouço.  
Compõem cambiante c'roa, e a frente cinge  
Com jóias, que furtara a Reis, e a Povos.  
Ora o burel, ora andrajosa <sup>(2)</sup> púrpura  
(Roubado spólio ao Rico, ao Pobre) traja.  
Já voa, já coxeia: nem há forma  
Que ela enjeite, nem mesmo a da Beleza.  
Surda a dizeis? e ela ouve o mais sumido  
Rumor, que vivo alento denuncia.  
Cega? Ela, que distingue e bruxuleia  
O Oução, vivente aresta? Qual Ceifeiro,  
Da dextra a fouce empunha; a esquerda encobre-lhe  
A, que lhe abriu, ferida, no imo peito,  
Jesus triunfador, no Monte Gólgota.

---

(1) Pelas entrecostas do esqueleto da Morte.

(2) *Lambeaux* que vem no Original, não é tão vil palavra em Francês como, em Português *farrapo*, ou *trapo*. De *andrajoso* se serve Sá de Miranda neste sentido.

Portas do Orco abre a Culpa, a morte as fecha.  
Nova aos dous Monstros deu certo Amor hórrido,  
Que é chegado o Pai de ambos. Mal, que ao longe,  
Divisa a Morte o Arcanjo da maldade,  
Lá corre; e, — «Oh Pai (lhe brada, em grito alegre)  
Curvo-te a frente, que a ninguém se inclina.  
Vem, da tua Filha, ah! vem saciar a fome.  
Pasto vulgar me cansa, e a fome acresce.  
Ah! dá-me um Mundo novo que eu devore.»  
Volta o rosto Satã horrorizado:  
Porque do Spectro aos ósculos se furte,  
Co' a lança o arreda, e diz-lhe, perpassando:  
«Serás vingada, e satisfeita, oh Morte:  
Que presto, à raiva tua, infindo Povo  
Te dou desse <sup>(1)</sup> que só domar-te poude.»

Disse: e de arrojio cai, nos sítios, onde  
Soltam lamento eterno as suas vítimas:  
Pela ardente Campina o passo alonga.  
Já, com ver o seu Rei, se abala o Abismo,  
E as labaredas rugem mais ruidosas;  
De esporão mais agudo, a Alma pungida,  
Sente o Réprobo, e medra a Dor em dobro.  
Tal, na deserta Zaara, o Negro anseia-se  
No bochorno da seca trovoadas,  
Entre as Serpes, na areia se arremessa  
Entre Leões, (como ele) assedentados;  
No mor rigor se crê, no mor suplício...  
Eis que um Sol turvo rompe as nuvens áridas  
Tirando o avexa em dobro com seus raios.

Quem há, que o horror descreva dessas furnas  
Onde quanto é pesar, quanto é agonia  
Se ajunta eterno, e sempre eterno avulta?  
Atada, com cem nós adamantinos  
A Desesperação (ruim Génio) em trono  
Brônzeo, sentada, o Império amargo rege.

---

(1) Jesus Cristo: *O mors erro mors tua.*

Satã, afeito à inferna vozeria,  
Cada grito, e a que culpa, ali, dão tratos,  
Distingue, e a dor, que cada um sente, observa.  
Conhece a voz do matador <sup>(1)</sup> primeiro,  
Do Rico ruim, que a gota de água implora:  
Ri do Pobre, que chora, e porfiado,  
Quer assento, nos Céus, por sujo, e roto.

SATÃ

«Cuidavas, insensato, que a Pobreza  
O cabedal valesse das Virtudes?  
Que os Reis, por serem Reis, eram meu lanço?  
E todo o Pobre, ao meu Rival cabia?  
Mesquinha Criatura, e vil, hás sido  
Insolente, embusteiro, desleixado,  
Invejoso do alheio, adverso a quanto  
Sobre ti realçou, por bom ensino,  
Por honra, ou nobre sangue; e o Empíreo anelas:  
Arde, aí, co' esses Ricos despiedosos,  
Que, em te afastar de si, foram prudentes,  
Mas que vestido e pão lhe incumbiu dar-te.»  
Grita-lhe a infeliz grei (dentre os suplícios):  
« Adoramos-te Jove; e tu, maldito,  
Nos Crestas nestas chamas?»

SATÃ (*sorrindo irónico*)

«Bem compete  
A quantos a Jesus me não anteposto,  
Comigo desfrutar tal honra, e júbilo.»

Pena de sangue, inda é menor tormento,  
Para o prescito, que lembrar-lhe os lucros,  
E o Bem, que, em Deus perdeu. Ver de contínuo  
Místicas almas (no Orco <sup>(2)</sup> expiada a culpa)

---

(1) Caim.

(2) No Purgatório místico com o Inferno.

Ir-se ao Céu. Oh pesar de cada instante!  
Pesar mortal, vergonha dos delitos,  
Na vida cometidos! Dobra ao Hipócrita  
Mágoas, ver, que inda lembram, que inda aplaudem  
Suas falsas virtudes, lá, no Mundo.  
Os títulos faustosos, que prodiga  
Iluso o Séc'lo, a Mortos, lá famosos,  
Nesse báratro às Almas, são tormento,  
São Vingança e Verdade. Ver perdidas  
Ternas preces, que ao Céu manda a Amizade,  
Na masmorra infernal, lhe avexa os ânimos.  
Surgem das Campas, vem dar neva às Gentes  
Das penas, que lhe inflige um Juiz justo:  
«Oh não rogueis por mim: *Sou condenado.*»

Lá, no centro do abismo, num Oceano  
Que ondeia, e que se espraia, em sangue, e em lágrimas,  
Se ergue, entre rochas, negro atroz Castelo:  
Da Desesperação, da Morte é fábrica.  
Eterna Tempestade, em roda, ronca,  
Das minaces ameias; stéril Árvore  
Lhe medra à porta; no Torreão tremola  
Hasteado, a meio ardido dum corisco, <sup>(1)</sup>  
O Standarte do Orgulho. Vezes nove  
Cinge o Torreão, recinge-o, torvo muro.  
Demónios, que os Pagãos nomearam Parcas,  
Do Alcáçar do terror às portas velam;  
E erguem-se ao brônzeo Cão, <sup>(2)</sup> que em prego brônzeo  
Dá a lúgubre aldavada, que restruge.  
Logo o flâmeo postigo, outros Demónios,  
(Fúrias outrora) abrindo... Eis que aparece  
Longa fuga de lóbregas Portadas,  
Que às subtérrneas semelham galarias,  
Onde, no Egipto, ocultam Sacerdotes  
Monstros, que ao culto impõem do Povo crédulo.

---

(1) Que um corisco a metade lhe queimou.

(2) Cão de bronze que serve de aldava.

Pelos Zimbórios do fatal Castelo  
Resfolga, e rompe o incêndio strepitoso.  
Amarelento albor descai das bóbadas  
Abraseadas. Deitada em férreo catre  
No primeiro vestibulo se amostra  
A eterna, imóvel Dor. Nunca mudança  
No ansiado coração cobra levíssima;  
Perenal ampulheta empunha; e sabe,  
E pode só soltar dos lábios: *Nunca*.

Logo que o Cabo das Coortes réprobas  
No seu, entrou, impuro domicílio,  
Aos Cabos quatro das rebeldes turmas,  
Convocar a Tartárea Cúria ordena.  
Dão-se, a lhe obedecer, pressa os Demónios.  
Vasto Salão, que é de Satã Conselho,  
Se enche, em tropel; degraus obscuros pejam.  
Da alçada da Impostura insígnias trazem,  
Com que as trajaram, no seu rito as Gentes.  
Um, c'ó tridente, vem ferindo os Mares,  
Que Deus co' aceno empola, ou apazigua;  
Outro Láurea de luz, com que arremeda  
O Astro gigante, quando ufano surge,  
Cada manhã, (cumprindo eternas ordens)  
Dos sítios, donde a Aurora a luz espraia.,

Disserta ali, da falsa Ciência o Génio,  
Ruge o Sp'rito Marcial, <sup>(1)</sup> sorri Volúpia, <sup>(2)</sup>  
(Vénus foi já, e Astarte o Inferno a aclama)  
Volvem-lhe, em meiga languidez, os olhos.  
Co' a voz, turvo alvoroto, na alma excita,  
E é, das posses do Abismo, Obra a mais pérfida,  
O, com que aperta o peito, Cinto lúcido. <sup>(3)</sup>  
Quanto Númen, no Orbe há, vês, nessa turma.  
Moloc, Bramá, Teutates, Mitra, Anúbis,

---

(1) O Demónio que representava Marte.

(2) O que figurava o Deleite.

(3) A cintura de Vénus. *Vid.* Homero.



E Odin, com Irminsul; vês mil Fantasmas;  
Que o Capricho inventou Paixões criaram.

Paixões, (Filhas do Céu) nos vêm, co'a vida;  
Enquanto puras são, Anjos as velam:  
Impuras, aos Demónios são foreiras. <sup>(1)</sup>  
Que há legítimo Amor, Amor culpado,  
Cólera Santa, e Cólera que é crime;  
Nobre Altivez, pecaminoso Orgulho,  
Valor cordato, e bruta valentia.  
Quão grande que és, oh Homem! Tens Virtudes,  
E Vícios tens, que são porção, e empenho  
Dos Poderes do Céu, poderes do Orco.

Não, qual nos brilha esse Astro matutino,  
Mas qual Cometa aziago, e tremebundo  
Satã, na infernal turba, sobe ao trono.  
Tal vês, por cima de revoltas vagas,  
Na tormenta, uma vaga acapelar-se,  
Com scarcéu spúmeo agigantar-se ao Nauta.  
Ou qual a vês no incêndio de Cidade,  
Por entre os tectos, entre o ruivo fumo,  
Lamber merlões da Torre, a Labareda;  
Tal se te antolha o despenhado Arcanjo,  
Entre o Povo infernal. Levanta o Ceptro  
Tartáreo, em que anexou, com subtil fogo  
Quanto há hi Mal; embuça o que lhe rasga  
O peito, agro pesar; e assim discorre;

#### SATÃ

«Oh Deuses das Nações, Ardores, Tronos,  
Guerreiros sem pavor, Hoste invencível  
Nobre-liberta Prole, Vós magnânicos  
Filhos de forte Pátria, eis se avizinha  
De alcançar glória o Dia. A colher frutos  
Da Constância, e Conflitos acorramos.

---

(1) Nesse sentido usa de *foreiras* Fr. Luís de Sousa. Toma-se aqui, pelo *obnoxius* dos Latinos.

Dêsqe eu quebrei desse Tirano o jugo,  
 Tratei desempenhar, com digno efeito,  
 O Poder, que por vós, me foi confiado.  
 O Orbe vos subjuguei. Daqui os prantos  
 Dos Filhos desse Adão, que haviam  
 De ocupar vossos tronos venturosos.  
 Mísera prole, Ela obrigou, que ao Mundo,  
 Nosso Perseguidor mandasse o Filho.  
 Esse Messias veio, e tão ousado,  
 Que entrou no vosso Império... Ah!, que se houvésseis  
 Acudido a meus brios!... ferropiado  
 O houvera eu, nestes tétricos abismos;  
 Finda, entre nós, e o Eterno a guerra fora.  
 Baldo esse lance é força vir às armas.

Os Sectários de Cristo, a vulto, medram.  
 Nós seguros, nos nossos justos foros,  
 Amparar nossos Templos transcuramos.  
 Ponhamos peito, a derribarmos, juntos  
 Essa Cruz, que ameaça destruir-nos.  
 Consultemos, quais meios, quais mais prontos  
 Nos consigam da Cruz vitória egrégia.»

Assim blasfema em treva eterna o Arcanjo  
 Vencido já por Cristo, quando as portas  
 Do Orco aluiu, co'a Cruz, e aos Céus os Justos  
 Subiu. De olhar de Cristo a luz, fugia  
 Pávida a inferna Turba — A Satã mesmo,  
 Nos seios de seus Reinos, aterrado,  
 Lhe trilhou a cabeça, <sup>(1)</sup> Pé femíneo.

Logo que o Pai da Culpa, há assim proposto,  
 Se ergue em pé o Demónio do Homicídio,  
 Tintos de sangue os braços, fúrias o ânimo,  
 Medonho o gesto, a voz troa delitos;  
 Tenções ferinas lhe debatem na alma;  
 Já, na mente, quanto há Cristão, devora.  
 Tal, no pego, que banha o novo Mundo,

---

(1) *Mulier conteret caput tuum.* — GENES.

Tigre do Mar, <sup>(1)</sup> nadando, avexa a presa. <sup>(2)</sup>  
Ave de curto voo, argêntas asas  
Despreza, e os ares (seu refúgio) corta.  
Então, burlado o Monstro, <sup>(3)</sup> na água, aos pulos,  
De spúmea névoa torvelins golfando!  
C'ó impotente furor, assusta os Nautas.  
«Que val deliberar? (atroz exclama)  
Para arruinar Cristãos, Algozes, fogos  
E a mais apta invenção, é a única, é a sólida.  
Dá-me, oh Deus das Nações, que Aras restaure  
Dá-me em poder, que cedo reja o Império  
Feroz Galério; eu pronto morticínio  
Disfiro: em sangue nadam Templos, Flâmines  
Desse inimigo nosso. Arruino-o, alago-o.  
A Adão Satã venceu, Cristãos destruo;  
Vitória ele encetou, Vitória acabo.»

Entra, nesse Anjo atroz, <sup>(4)</sup> Tartárea angústia,  
Dá urros entranháveis, quais arranca,  
O justicado aos fios do cutelo;  
Quais o Homicida às puas do remorso.  
Sangue, espuma, em bolhões dos lábios verte,  
Resvalam-lhe da frente ardentes bagas; <sup>(5)</sup>  
Ao réprobo pendor arqueja, acurva.

Já do pseudo-saber o Génio infido  
(Tétrico insensato) grave se ergue.  
Fingida traz, na voz, severidade,  
Traz, no ânimo, repouso (de aparência)  
Com que a vulgar opinião deslumbra.  
Tal, na hástea envenenada, a Flor formosa  
Confeita em Morte, co' matiz engana.

---

(1) O Tubarão.

(2) Voador lhe chamam os Nautas.

(3) O Tubarão.

(4) Demónio do Homicídio.

(5) Bagas de suor.

Toma o ademan dum Lente idoso, e Sábio  
Cinge as cãs de frondosa Olívea rama,  
Favor (de intrância) cata a calva fronte;  
Mas vê-lo ao perto? Logo, nele, avistas  
Abismos de baixeza, alvor de Hipócrita,  
E ódio, em requintes, à Razão sincera.  
Brotou seu crime, ao vir à luz o Mundo. (1)  
Discutiui, viu Senões, tia Obra Divina.  
Nova orde' (oh quanto orgulho!) ver quisera  
Nos Anjos, no composto do Universo.  
Foi o Pai do Ateísmo, espectro infame!  
(Não gerara tal Filho o próprio Lúcifer!)  
Ele amores travou co' a Morte, apenas,  
No Inferno, a viu: e bem que saiba o muito  
Que as doutrinas ruins danam pelo Orbe,  
Se aplaude, e faz trofeu do mal, que hão feito. (2)

Mais culpado, que o mais revel dos Anjos,  
Se empavona do mal que obrou perverso.  
Co' andar das Eras vieste, oh Saber falso,  
E assim falaste, na Tartárea Cúria:

«Sempre, oh Rei, à violência fui Oposto;  
Na suasiva Razão, num termo brando  
Certa a Vitória tens. Deixa que eu spalhe  
Entre os de Cristo, entre os Cultores nossos,  
Ditames, que os Civis laços destroem,  
Sob-cavam dos Impérios o alicerce.  
Lançou-se-me, nos braços, esse Hierocles,  
Tão prezado Ministro de Galério:  
Gradas, e a vulto, co'ele, as Seitas medram.  
Farei, que os Homens, na Razão só, librem.  
Da Morte amante, adverso da Esperança,  
Lá lhes mando o Ateísmo. Verás o Orbe  
Negar quem o criou do mero Nada.  
Sem te pôr no discrime das pelejas,

---

(1) Na Criação do Mundo.

(2) As doutrinas ruins.

Farei que o Eterno, inda uma vez, destrua  
Do seu mor, do seu Saber o tipo.»

Às falas desse Esp'rito, o mais profundo  
Na corrupção, de quantos o Orco encerra,  
Tumultuosa aplaudiu a infernal turba;  
Lamentável aplauso, que alongando-se,  
Foi coando por lôbregas abóbadas.  
Os Réprobos, cuidando que os Algozes  
Vieram a inventar novos tormentos,  
Des-guardados se vendo, em seus brasidos,  
Rompem cárceres, lançam-se ao Congresso,  
Trazendo, a rastos, traços dos suplícios.  
Um, plúmbeo manto; outro, o sudário ardente,  
Qual traz, no seio as Serpes, que o devoram,  
Outro, as vertentes lágrimas, que pendem,  
Como um ramal gelado, de seus olhos.

Da torva Cúria Spectadores torvos,  
Se assentam nas flamívomas tribunas.  
Satã se assusta. Os Spectros Guarda-Sombras <sup>(1)</sup>  
Chama, e as Quimeras vãs, Sonhos funestos,  
E o Assombro stupefacto, e Hárpias sórdidas,  
Remorso insomne, horrífica Vingança,  
E a descorada Dor, e o Passamento,  
Co' a Loucura inconcepta, e lhes vozeia:  
«Esses malditos ferrolhai; ou, co' eles  
Temei, que eu não ordene aferrolhar-vos.»

Ameça inútil! Mesclam-se os Verdugos  
C'os Réprobos: Pertendem (visto o exemplo)  
Jus de assistir na Cúria do Monarca.  
Renhida fora ali batalha crua,  
Se Deus, que manter quer seva justiça  
(Autor único de ordem, té no Inferno!)  
Não sopeasse o alvoroito. Estende o braço;  
No topo flâmeco do Salão maldito,  
Sua onnipotente dextra se afigura.

---

(1) *Les Spectres gardiens des Ombres*, diz o Original.

Súbito, Anjos revéis, súbito Réprobos  
Se tomam todos de terror profundo.  
Voltam Prescitos a seus crus tormentos;  
E apenas se retira a mão Divina,  
Continua, em Consulta o atro Senado.

No assento, em que, jazia apoltronado  
Faz tal qual sforço o Esp'rito de Volúpia,  
Ergue um tanto a cabeça, ajeita os lábios,  
Para um sorriso. Esse Anjo, o mais formoso,  
(Após Lusbel) de quantos rebelaram,  
Das, com que Deus o ornou, graças conserva  
Assaz porção; mas, lá, no olhar tão meigo,  
Lá, no metal da voz encantadora,  
No sorrir... lhe revê perfídia ervada.  
Quem, para amar nasceu, viver entre ódios!  
Indócil no infortúnio, oh que não clama:  
(De mimoso que ele é) verte só lágrimas.  
E entre cavos suspiros, diz somente:

«Nunes do Olimpo, e vós, que eu mal diviso,  
Divindades do Bracmane, e do Druida  
Ignoto vos não é, nem eu o escondo;  
Despraz-me o vosso Inferno. Nunca eu ódios,  
Contra o Eterno cevei. Na rebeldia,  
Na queda, só me fui co' Anjo, que amava.  
Convosco pois caí, do Céu: c'os Homens,  
Viver quero, no Mundo, longas Eras.  
Oh! não soffro, que do Orbe me desterrem!  
Tiro, Amatunta, Pafos, Heliópolis  
Me estão chamando; e a minha Estrela brilha  
Sobre o Líbano; Templos de alto esmero  
Tenho inda, e tenho Festas tão donosas!...  
Nevados Cisnes, que o meu Carro tiram,  
Mimosas Danças, namoradas Selvas  
Festivais Sacríficios jubilosos...  
E esse leve desconto das Celestes  
Alegrias, virão Cristãos roubar-mo?  
E o mirto de meus Bosques, que de infindas  
Vítimas enche o Inferno, trocar-mo eles

Co' a alpestre Cruz, que o Céu abunda de Almas?  
Quanto inda eu valho, há-de hoje conhecê-lo.

Para vencer quem Leis severas cumpre,  
Não se empenhe Saber, não Força: empenhem-se  
Ternas Paixões; e eu pô-las vou em Campo.  
Neste Cinto <sup>(1)</sup> a Vitória vai segura.  
Com carícias ameigo os duros Servos  
Desse Deus casto; e as relutantes Virgens  
Tomo a peito domá-las. Lá, nos Ermos,  
Irei des-sossegar os Eremitas,  
Que atentam de esquivar-se a meus encantos.  
Esse Anjo da Sapiência se aplaudia  
De que a Hierocles roubara ao Cristão Culto:  
Esse Hierocles é meu; eu lhe hei ateado;  
Pecaminosas chamas, no imo peito  
C'os Rivais, que lhe apresto, a Obra mantenho,  
Transtornarei, por passatempo, o Mundo:  
Hei de carear-te os Homens, co' as Delícias,  
A ter quinhão contigo, nos pesares.»  
Cansada, o corpo descaíu, no leito:  
Quis sorrir; mas prolixa serpe crua,  
Lhe açouta o coração, <sup>(2)</sup> lhe morde na alma.  
De fraca amarelece, e a chaga aventam-lha  
Os, da turma infernal Cabos previstos.  
À Cúria do Orco, alheada, em três partidos  
Lhe impõe Satã silêncio, co' estas vozes:  
«Não cabe escolha, nos arbítrios dados.  
Todos sigo, que em todos jaz prudência:  
Deles tem de brotar ditoso lance.  
O Orgulho, a Idolatria se convidem, <sup>(3)</sup>  
Superstições desperto, em Diocleciano,  
Dou asas à Ambição na alma do César. <sup>(4)</sup>

---

(1) A cintura de Vénus.

(2) Com a cauda.

(3) Para a destruição da Fé Cristã.

(4) Galério.

Meu desígnio ajudai, Deuses do Mundo,  
Ide, voai. Do Povo, e Sacerdotes  
Soprai o zelo, remontai <sup>(1)</sup> o Olimpo;  
Ressuscitai as Fábulas dos Vates.  
Voz de Orác'lo Dodona, e Dafne soltem,  
Parta-se o Orbe, entre Ateus, entre Fanáticos:  
Fervam Paixões ferozes, dê Volúpia  
Envenenados filtros; quanta lavra  
Maldade no Orbe, ao Cristo, aos seus Cultores  
Atroz Perseguição componha, e assalte-o.»  
Disse: e três golpes deu, no trono o Ceptro:  
Três ecos remugiu a Averno fuma.  
Sente o tri-golpe, <sup>(2)</sup> o Caos, próximo do Orco:  
Escacha-se, e a través, calar consente  
Uma réstia de luz, na enleada Noite.  
Nunca rugiu Satã mais truculento,  
Desde a hora, que igualdades com Deus sumo  
Blasonou, insofrido ao jugo leve. <sup>(3)</sup>

Súbito as hostes se erguem, partem súbito.  
Atravessam das lágrimas o pego;  
Já às portas se abalançam, que por Guardas,  
Tem a Morte, e o Pecado. Ao clarão, passa,  
Da fogueira infernal o bando imundo.  
Quais revoam, na Gruta sob-cavada,  
À luz dum fogaréu, sujos Morcegos,  
Ambíguas Aves de asas não mesquinhas,  
Que insecto impuro crês, que as há tecido.  
Desse Alcáçar Tartáreo, no Vestíbulo,  
Ante o leito de ferro, em que a das Penas  
Eternidade jaz, pende uma lâmpada,  
Em que arde a primitiva labareda

---

(1) Restaurai no Olimpo as fabulosas Divindades.

(2) A trina repercussão dos três golpes que Satã no trono deu, com o ceptro. Creio que me será permitido dizer *Trigolpe* que é uma contracção de triple golpe, por dous motivos: a exigência do verso, e *euphonia causa*.

(3) *Jugum meum leve*.



Da Cólera do Eterno, que as do Báratro  
Fornalhas acendeu. Satã recolhe  
Desse lume, uma flama: parte, e à Sfera  
Tachonada, <sup>(1)</sup> do primo arranco assoma:  
Do segundo <sup>(2)</sup> põe pés na humana estância.  
Co' a fatal flama as piras aviventa,  
Em quantos Templos tem, <sup>(3)</sup> amortecidas. <sup>(4)</sup>  
    Já Baco brande o tirso, e a lança Palas;  
Sacode o facho Amor, curva arco Febe,  
E os Penates <sup>(5)</sup> proferem vozes místicas;  
Dão vaticínio os Numes de Ilion alta,  
No Capitólio. Encosta o Pai do Engano  
Um sp'rito <sup>(6)</sup> a cada Simulacro de Ídolo,  
Que previsto, e com manha a Gente iluda.  
Regra o teor das hostes invencíveis;  
E contra Cristo, e contra a amada Esposa,  
As move, e a arremeter as guia afouto.

FIM DO LIVRO VIII.º

---

(1) Céu tachonado de estrelas disse o Autor da *Ulisseia*; tirando a metáfora dos cofres de pregaria dourada, que se chamam Cofres tachonados, e tachões a pregaria. Esta, como muitas outras palavras genuínas da nossa língua faltam no Dicionário melhor que temos: mas quão longe está de ser completo! Que faz a Academia que não acaba o seu?

(2) Do segundo arranco.

(3) Em quantos Templos tem o Demónio.

(4) Pelo descuido de sacrificar aos Deuses.

(5) Que o pio Eneias trouxe de Tróia a Itália.

(6) Infernal.

---

---

NOTAS DO LIVRO VIII.º

Pág. 248, verso 30. Oh quanto o Filho.

*Quam forti pectore et armis!*  
*Heu quibus ile*  
*lactatus factis! quæ bela exhausta canebat! (ÆN. IV)*

Pág. 249, verso 19. Imolar a Ceres.

*Principio delubra adeunt, pacemque per aras*  
*Exquirunt: mactant lectas de more bidentes*  
*Legiferæ Cereri, Phæboque, Patrique Lyæu*  
*luoni ante omnes, cui vincla jugalia curæ.*  
*Ipsa tenens dextra pateram pulcherrima Dido,*  
*Candentis vaccæ media inter cornua fundit;*  
*Aut ante ora Deum pingues spatiatur ad aras. (ÆN IV)*

Pág. 250, verso 1. Com lágrimas.

*Sinum lacrymis implevit obortis.*

Pág. 251, verso 19. Qual Tenda.

*Terra... auferetur quasi tabernaculum unius noctis.*  
(ISAY, cap. 24. verso 10).

Pág. 253, verso 28. Nuvens áridas.

*Nubes arida. (VIRG.)*

FIM DAS NOTAS DO LIVRO VIII.º

---

---

# OS MÁRTIRES

## LIVRO IX.º

### ARGUMENTO

*Ata Eudoro a interrupta narrativa. Entra na Corte de Constâncio. Passa à Ilha dos Britões. Obtém honras de triunfo. Volta às Gálias. Vai governar a Armórica. Gálias. Armórica. Episódio de Veleda.*

ÀS promessas fiel, Volúpia Deia  
Descende aos artesões dourados, onde  
Dos Pseudo-sábios tem pousada, o Aluno. <sup>(1)</sup>  
Co' a Homérea Filha, que lhe ali pintava,  
Sopra, e ressurge a chama, em cinzas, morta.  
Vara-lhe o peito, com ervada flecha,  
Tinta, nos torpes lagos de Gomorra,  
Se vira então Hierocles a Cimódoce  
Ferida de outro amor, com farpões de ouro,  
Em Eudoro, olhos fitos, que aventuras  
Vai recontando suas, que de zelos  
Na alma do Anti-Cristão, não se ateariam!  
Zelos, que estragos não fareis bem próximos?  
Lograi da última paz, <sup>(2)</sup> Lastenes, e Hóspedes.

Rompia a Aurora. Eis do vergel à entrada,  
Vêm, com ânsia de ouvir, Lastenes, Séfora

---

(1) Hierocles.

(2) Dos últimos dias de sossego: que é próxima a Perseguição contra os Cristãos.

E Filhas; vem Cirilo, e os dous Messénios; <sup>(1)</sup>  
E o compungido Eudoro, que, assim, ata  
A seus sucessos, o quebrado fio.

«Dito deixei, que nos confins das Gálias,  
De mim se despedira Zacarias.  
Morava então o César <sup>(2)</sup> em Lutécia. <sup>(3)</sup>  
Longos dias cansado, enfim aos Belgas <sup>(4)</sup>  
Do Séquana cheguei. A Torre octógona <sup>(5)</sup>  
Foi quem, nos olhos, me feriu, primeira,  
Entre os frequentes Parisinos pântanos.  
Dous mil passos ao Austro de Lutécia,  
(O Rio o abraça) avisto o Templo de Heso;  
À beira o de Ísis; num meião Outeiro,  
Templo a Teutate', em ruínas dum de Marte,  
Lá, a Dinis deu o Céu de Mártir c'roa.

Chego ao Rio, <sup>(6)</sup> por entre sumilheres  
De Nogueiras, de Cenceirais, descubro  
As transparentes águas saborosas,  
Que raro crescem, raro diminuem.  
Ornam margens do Séquana, alguns Hortos,  
Com Figueiras, que abrigam das geadas,  
Com mantilhas de palha. Não, sem custo,  
Descortinei a aldeia, que eu buscava.  
Lutécia tem por nome; quasi dita

---

(1) Demódoco, e Cimódoce.

(2) Constâncio.

(3) Paris.

(4) Das três Gálias Céltica, Aquitânica e Bêlgica falou Júlio César nos seus comentários. A Bêlgica estendia-se desde Sena e Marne até ao Rhin.

(5) Consagrada aos 8 Deuses da Gália.

(6) Rio Sena. Contra vontade, notas ponho, que a muitos (e com razão) têm de parecer escusadas: mas ponho-as, porque Leitores tive, que do sentido mais óbvio, dos termos mais vulgares me pediam explicação. Igualmente me forçam Leitores tais a prodigalizar acentos, para os encaminhar a que não leiam à francesa, o que foi escrito em Português.

*Bela Pedra* (ou também) *Bela Coluna*,  
Numa Ilha, que feição tem dum Navio.  
Mesquinha Aldeia! À praia, duas pontes  
A prendem, por dous Fortes, defendidas,  
Onde o Tributo a César se arrecada.

Na Capital entrei desses Parísios <sup>(1)</sup>  
Pela ponte do Norte, e não vi dentro  
Mais que Choças de taipa, ou de madeira;  
De colmo o tecto, e fornos as aquecem.  
C'uma Ara, a Jove erecta, pelos Nautas,  
Na Aldeia deparei, Monumento único.  
Cortando o braço Austral do Rio Séquana,  
Saio da Ilha, e no Lucotício <sup>(2)</sup> avisto  
O Circo, o Anfiteatro, e o Aqueduto,  
E as Termas, hoje Paços de Constâncio.

Ouvira que eu cheguei: mandou benévolo  
No Quarto entrar o Amigo de seu Filho.  
Lancei-me aos pés de César. Com louvores  
Me ergueu, me honrou perante a Corte toda.  
Deu-me a mão; quis, na sala do Conselho,  
Que lhe eu refira, o que passei c'os Francos.  
Folgou, que às armas dêem repouso os Bárbaros.  
E a ferir, co' eles Paz, manda um Centúrio.  
Com mágoa ali notei muito medradas,  
No César, a má cor, e a gran fraqueza.

C'os mais nobres Cristãos da Itália e Gálias,  
Deparei, nessas Termas, Rogaciano  
Donaciano. Oh que Irmãos de amar-se dignos,  
Gervásio com Protásio (o Oreste, e o Pílades  
Da Fé Cristã) o Massiliense Prócula, <sup>(3)</sup>  
Com Justo, de Lugduno, e Ambrósio, Filho

---

(1) Os Parísios demoravam nos arredores de Lutécia; e compunham um dos 64 Povos das Gálias.

(2) *Montagne de Ste. Geneviève*.

(3) Bispo de Marselha.

Do Prefeito das Gálias. Que compêndio  
De Saber, de Constância, e de Candura!  
Qual, doutro Xenofon, contavam dele,  
Que Abelhas o nutriram. Nele, a Igreja  
Varão insigne, alto Orador aguarda.

Da boca de Constâncio ouvir anelo  
Mudanças, que, na Corte Diocleciana,  
Enquanto Escravo estive, aconteceram.  
Convida-me aos Jardins das Termas, César.  
Descem eles da emposta, em semicírculo,  
Ao prado, abas do Rio, e Templo de Isis.

CONSTÂNCIO

“Vamos dar aos Britanos liberdade;  
Vencer Carráusio, que usurpou a púrpura. <sup>(1)</sup>  
Justo é, que saibas Roma, antes que partas,  
Porque atines melhor, no que te ordeno.  
Quando às Gálias vieste, Augusto o Egipto  
Ia aplacar, guerrear Galério os Persas.  
Galério os subjogou: e desse prazo,  
Não pôs termo à Ambição, termo à Soberba.  
Desposando Valéria, <sup>(2)</sup> aspira às claras  
A se empossar do ceptro, e impele o Sogro  
A, do trono descer, porque ele suba.  
Augusto, que envelhece, e a quem desfalca  
A infirmitade o Ingenho, mal repulsa  
O afogo desse ingrato. Logra Hierocles,  
Teu Contrário, a privança mais insigne.  
Feituras <sup>(3)</sup> de Galério, hoje, triunfam;  
Da tua Pátria, Hierocles é Procônsul.  
Corre meu Filho p’rigos mil. Galério

---

(1) Que, de General, se intitulou Augusto.

(2) Filha de Diocleciano.

(3) Feitura de Deus, chamam ao Homem Fr. Amador Arrais, Vieira e Fr. Luís de Sousa; Feituras de Galério são os validos, e os que ele levantou aos pés do Império.

Expôs-mo à morte, c'um Leão na luta:  
Depois (facção p'rigosa!) a ir guerrear Sármatas,  
Maxêncio de meu Filho o maior Êmulo, <sup>(1)</sup>  
Por franco Protector tem a Galério.  
Quanto ouço, Eudoro, e quanto vejo, inculca  
Revolução, no Império, e não remota.  
Mas, enquanto me pulsa o sangue, e a vida  
Nada temo os ciúmes de Galério.  
Escape a ruins Sicários Constantino,  
Venha a meu lado, e soará no Mundo,  
Que, se a assaltar-me vem, é dos bons Príncipes  
Inexpugnável muro, o amor dos Povos.”

Poucos dias depois, a Ilha Britana,  
Que o Mar, do Orbe, separa, <sup>(2)</sup> demandámos.  
A muralha de Agrícola, a quem Tácito  
Deu nome eterno, <sup>(3)</sup> os Pictos a investiram,  
Carráusio, opondo forças a Constâncio,  
Boadíceia <sup>(4)</sup> amotinou os sparsos restos  
Das antigas facções de Caractaco.  
D'um golpe, envoltos, por então nos vimos  
Nas discórdias civis nos alvorotos,  
E nos horrores de estrangeira guerra.  
Valor, que côa ingénito, em meu Sangue, <sup>(5)</sup>  
Longo tracto de acções de Avós egrégios  
Davam-me ala a subir de posto, em posto.  
Fui primeiro Tribuno da Britana, <sup>(6)</sup>  
Logo após Mestre de Équites, <sup>(7)</sup> nomeado.

---

(1) Filho de Maximino Augusto.

(2) *Totos divisos orbe Britanos.* — VIRGIL.

(3) Escrevendo-lhe a vida.

(4) Rainha Britana.

(5) Como quem descendia de Filopœmen e de outros Heróis illustres.

(6) Legião.

(7) Capitão dos Ginetes o chama Luís Mendes de Vasconcelos, na sua *Arte da Guerra*.

Na orla do Abus, <sup>(1)</sup> e muros de Petuareia,  
Colónia, ali, fundada por Parísios,  
(Eu comandando <sup>(2)</sup> as hostes) derrotados,  
Por nós, os Pictos, combati Carráusio,  
Sobre o Tâmesis, caniçoso Rio,  
Que os paúis da Londina Aldeia abraça.  
Esse Campo escolheu, <sup>(3)</sup> para a peleja  
Crendo invencíveis, lá, os seus Britanos,  
Duma Torre apontava certo Bardo;  
Profético, Católicos jazigos, <sup>(4)</sup>  
Que algum dia, o lugar fariam célebre.  
Vencido o Cabo seu <sup>(5)</sup> a Tropa o mata,  
E em mim depôs Constâncio, o aplauso, e a glória.  
Mandou laureada <sup>(6)</sup> a minha Carta, <sup>(7)</sup> a Augusto.  
Solicitou e obteve erguer-me Státuas;  
Honra egrégia, que iguala c'ó triunfo.  
Vimos de volta as Gálias, onde o César  
Me abona seu poder, sua amizade,  
Provendo em mim, da Armórica o Governo.  
Eu logo, para as terras me encaminho,  
Onde a crença dos Druidas mais lavra,  
E cujas praias sofrem tanto insulto  
Das Armadas dos Bárbaros do Norte.  
Tendo aprestado já, para a jornada,  
Acorrem a me dar as despedidas  
Pacómio e Sebastião, <sup>(8)</sup> com quantos servem  
Cristãos, no Paço, ao César: “Ver-nos-emos

---

(1) Hoje Humber.

(2) De Tito Lívio se colhe, que o *Magister Equitum*, comandava, às vezes o Exército.

(3) Carráusio.

(4) Westminster.

(5) Carráusio.

(6) Significando vitória.

(7) Em que lhe dava conta da Batalha.

(8) E Gervásio, e Protásio, e Rogaciano, Donaciano, etc.



Em Roma (me clamavam) entre as provas,  
Entre as perseguições. Oh junte um dia,  
Na Morte, a Religião, os que uniu longa,  
(Dignos Cristãos!) santíssima Amizade.”

No visitar as Gálias, gastei meses,  
Té vir tomar meu Cargo, na Província.  
Terra não há, que of'reça mor complexo  
De usanças, culto, polidez, barbárie.  
Galos, contrastam com Romanos, Gregos;  
Uns, que adoram Teutates, outros Jove.  
Devolvem-se Romanas longas vias  
Por Druidas florestas. Nas Colónias  
Dos Vencedores, entre alpestres brenhas,  
Monumentos se avistam mui formosos  
Da Grega, da Romana Architectura;  
Aquadutos pênsis, <sup>(1)</sup> tri-sobrancelheiros  
A mui caudais torrentes; Capitólios,  
Anfiteatros, Templos elegantes.

Não longe das Colónias, vês tugúrios, <sup>(2)</sup>  
Baluartes de pedra, de madeira;  
Pés de Lobo, ossos Homens, Mochos mortos,  
Pregados nas portadas. Em Massília,  
Em Lugduno, Narbona, e Burdigália,  
Feliz a Mocidade se exercita,  
Dos Demóstenes na Arte, Arte dos Cíceros.  
Se um passo alongas, ouves entre as Serras,  
Tosca alg'razia, qual a grasnam Corvos.  
De alto pico, Romão Castelo avistas,  
E a Capela Cristã, no fundo vale,  
Vizinha do sanguento altar dos Druidas,  
Em que degola o Eubage humanas Vítimas.  
Num Campo militar, vi, sobre o muro,

---

(1) Aquedutos de três andares de arcos sobrepostos uns e outros; como o de Nimes.

(2) Em forma circular como usam os Galos.

Atalaiando esse ermo, um legionário;  
E vi, no mesmo prazo, emaranhar-se  
Nas sarças da espessara, Lácia toga  
Dum Senador, progénie desses Galos.

Os cachos de Falerno vi maduros  
Em Massília, e na encosta Augustoduna. <sup>(1)</sup>  
Florescer de Corinto as Oliveiras,  
E Abelhas de Ática aromar Narbona,  
Mas o que, em toda a Gália mais se admira,  
E ali mais vulto fazem, são Devesas.  
Vêm-se Arraiais Romanos derelictos;  
E, em sítios vários desses vastos Campos,  
Do Cavalo, e do Dono os esqueletos,  
Mal sepultos, entre ervas. Vi legumes  
Do cultivo, e sustento dessas hostes. <sup>(2)</sup>  
(Di-los-eis <sup>(3)</sup> Colónias estrangeiras,  
Polidas, entre o bronco <sup>(4)</sup> das nativas.)  
Caseiros vegetais de origem Grega,  
Que eu, sem saudade interna ver não pude.  
Qual do nativo Chão traziam o uso;  
Debruçados da encosta, a várzea enfeitam.  
Assim usam Famílias desterradas,  
Pousar, em sítios, que lhe a Pátria avivem, <sup>(5)</sup>

Lembra-me, inda hoje, que encontrei, nas ruínas  
Dum desses arraiais da hoste Romana,  
Um Pegureiro. Enquanto derrocavam  
A Obra restante dos Senhores do Orbe,  
Co' as trombas, os seus Porcos esfaimados  
Roendo, nas raízes entaladas,

---

(1) CÆSAR, de Belo Gallico.

(2) Cultivados pelos soldados ali aquartelados.

(3) Os legumes.

(4) Entre os grosseiros legumes nascediços nas Gálias.

(5) Sítios, que tenham semelhança com os que deixaram, na Pátria, e que lhos tragam à memória; ou levantando Monumentos imitadores, dos que eram habituados

Nas juntas da muralha, ele, na porta  
Decumana sentado, dava alento  
C'ò sopro, ao túrgido odre, que apremava,  
C'ò braço, e à bronca avena inchava as vozes,  
À feição do seu Canto. Esse desleixo,  
Com que o Zagal, de César trilha o Campo,  
E o como ele antepõe a avena rústica,  
E o saial tosco de Caprina pele,  
Às pomposas lembranças, <sup>(1)</sup> me deu lume  
De quão pouco falece à nossa vida,  
Para a passar contente: e que val pouco  
(Sendo tão curta!) haver atroado o Mundo  
C'ò clangor dos Clarins, ou ameigado  
Os Bosques, c'os suspiros duma Avena.

Entro, enfim, nos Redons. <sup>(2)</sup> Que me afigura  
A Armórica? Florestas, Brenhas, Vales  
Acanhados, profundos, retalhados  
De Riachos, que as Barcas não remontam,  
Que ignotas, no Oceano, ondas desaguam.  
Solitária Região! sempre embuçada  
Em névoas; tempestuosa, entristecida,  
Foreira a ventanias clamorosas.  
Espinham-se-lhe as Costas, com penhascos,  
Que açouta o Mar com látegos spumantes.  
O Castelo, donde eu regia os Povos,

---

a ver. Bem o advertiu Virgílio, quando conta de Heleno e de Andrómaca, que por entreter saudosas lembranças, vinham sacrificar à beira do arremedado Simoente.

*Falsi Simoentis ad undam  
Libabat cineri Andromache, manesque vocabat.  
Hectoreum ad tumulum.*

E noutro lugar ajunta o Poeta:

*Et parvam Trojam, simulataque magnis  
Pergama, et arentem Xanthii cognomine rivum.*

(1) Lembrança das pompas, que viu na Cidade.

(2) Em Rennes.

Foi dos Galos antiga Fortaleza,  
Fundada numa rocha: acometendo  
Júlio César Venetos Curiosólitos,  
Lhe deu aumento. Poucas milhas longe  
Do Mar, tem pé num Lago, e encosta em brenhas.

Separado eu do Mundo, largos meses,  
Vivi, na solidão. Útil retiro,  
Que a mão me fez entrar no íntimo da alma!  
Sondei a chaga, em que tocar temia.  
Depois que me apartei do Escravo Franco, <sup>(1)</sup>  
Da Religião rememorei o studo,  
E pouco a pouco, o amargo des-sossego,  
Que, em tratar Homens, no imo peito, lavra,  
Começava a amansar. Quasi eu cantava  
Triunfo, dado a forças mais robustas,  
Que as minhas, de ruins sestros alquebradas.  
Punham dúvidas, na alma, antigas névoas;  
Peias sofria o mole pensamento;  
Eram minhas paixões, qual Maga Armida,  
Quais attractivas Damas; que, colhido  
Com meiguice, em grillhões me tinham preso.

Um caso, ao sondar meu, pôs feio atalho,  
Quando eu lucrava em profundar a sonda.  
Avisam-me os soldados, que uma Dama,  
Depois de certo prazo, mal, que é noite,  
Arranca dentre as brenhas, e se embarca  
Num baixel raso, e corta o Lago, afouta;  
Que mal poja, além Lago, desaparece.  
Certo eu, que o arcano é de mais porte; e os casos  
Mais graves do Conselho, os Galos fiam  
Das Donas, e Donzelas; mais certo inda,  
Que guardavam seus usos os Armóricos,  
Insofridos do jugo dos Romanos...  
Di-los-ei temerários? ou intrépidos?  
Todos o são: e muito se distinguem

---

(1) Zacarias.

Na franqueza do génio, inata em Galos.  
Violentos no Amor, violentos no Ódio,  
Tenazes, na opinião, não torcem, quebram. (1)

Dar-me-ia segurança, haver na Armórica,  
Gran cópia de Cristãos (leais Vassallos!)  
Mas Claro, Rhedon Bispo, (2) Homem virtuoso,  
Que luzes mais cabais dar-me pudera,  
Em Condevinco, (3) então, se achava ausente,  
Arruinava-me o mínimo descuido,  
No conceito de Augusto; e era nocivo  
A Constâncio, meu César, meu amparo.  
Não desprezando, pois, o dado aviso;  
Certo do quão brutal, é a soldadesca,  
Dei-me o disvelo de espreitar a Dama.  
Armas visto, que c'um saial encubro,  
Deixo o Castelo (a ocultas) vou sentar-me  
Nas ribeiras do Lago, em próprio sítio,  
Que indicado me havia a Sentinela.

Encoberto, co' a rocha, ali vigio..  
Nenhum rumor, que importe. Eis traz-me o vento  
Sons, lá do Lago, e os pousa em meus ouvidos.  
Apuro o ouvir: distingo voz humana  
Olho. Eis numa onda acapelada, assoma  
Batel, que ora resvala, ora se enterra,  
Entre uma vaga, entre outra. Eis sobe, eis surde  
Sobre um rolo spumante, e poja (4) em terra.  
Rege-o uma Dama, e co'a tormenta lata;  
E canta, e zomba do arrojado Eolo.  
Vassalo dela o crêreis! Tanto impávida,  
Arrosta o Mar, que brama, o vento, que urra.

---

(1) Antes quebrar, que torcer, diz Sá de Miranda.

(2) Bispo de Rennes.

(3) Nantes.

(4) Até que poja.

Vinha lançando ao Lago, em sacrifício,  
 Tosões <sup>(1)</sup> de Ovelhas, teias de alvo linho,  
 Ruelas de ouro, e prata, e pães de cera.  
 Já a praia, c'os pés trilha; e num salgueiro  
 Prende o batel, se embrenha pelo mato,  
 Abordoada, num popúleo ramo. <sup>(2)</sup>  
 Sem dar tento de mim, junto a mim passa.  
 Curta, sem mangas, túnica enlutada  
 Mal lhe cobre a nudez, e a alta estatura:  
 De aéneo cinto pende-lhe áurea fouce,  
 E dum ramo de Enzinha faz diadema.  
 Alvo rosto, alvos braços, azuis olhos,  
 Roxos lábios, madeixa loura e longa,  
 Que sparzida lhe ondeia, e a ponto a inculca  
 Das Gálias Filha, em quem contrasta o afago  
 Co' altivo porte, co' ademan selvático.  
 Com voz melodiosa ia cantando  
 Medonhas Coplas. Níveo seio imita  
 Onda spúmea que empola, onda que abate.  
 De perto a sigo. Corta <sup>(3)</sup> um souto, cujos  
 Troncos co' a Criação <sup>(4)</sup> pleiteavam Eras;  
 Eras, que lhe hão os topes ressequido.  
 Mais de uma hora, calcámos Fetos, Musgo,  
 No spesso Bosque os passos entranhando,  
 Té darmos num arneiro, acobertado  
 De milhares de seixos, porque a fouce  
 Nunca espigas lhe ceife. Muitas milhas  
 Disfere em arredor. Baliza lhe era  
 Penhasco, a pino, e nu; *Dolmin* lhe chamam;  
 Dalgum Guerreiro Galo sepultura.  
 Dias virão, que o Lavrador atónito,

---

(1) Tosão de ouro, ou velocino foi uma pele de Carneiro, com seus velos, qual, inda hoje é insígnia da Ordem do Tosão.

(2) Ramo de Coupo.

(3) Corta caminho por um souto.

(4) Do Mundo.

Rasgando a terra, dê co' essas Pirâmides,  
(Jazigo enorme e bronco) e que as impute  
A funestas Potências invisíveis,  
Essas, que dão somente abono claro  
Da força, e da rudez de seus Maiores.

Descera a Noite já. Junto ao Rochedo <sup>(1)</sup>  
Pára: três vezes fere a Dama <sup>(2)</sup> as palmas,  
Com misteriosa voz, alto profere:  
*Ano novo, ano novo. Ao Visgo, ao Visgo.* <sup>(3)</sup>  
Lanças mil, na Floresta brilham súbitas:  
Brotar (disseras) cada Enzinha, um Galo.  
Correm do Souto em grão tropel, os Bárbaros,  
De harto escond'rijo: uns vêm armados, outros  
Têm na esquerda brandão, <sup>(4)</sup> na dextra Oliva.  
Mesclar-me, em meu disfarce, entre eles, pude.  
Segue ao tropel, com que entram, pausa, e norma,  
Recolhimento santo. Eis já aprestam  
A dar princípio a Procissão solene.

Vão diante Eubages, e consigo levam  
Dous alvos Touros (Vítimas votadas),  
Bardos cantando vêm, ao som das Cítaras,  
Louvores de Teutates, vêm Alunos,  
Em alvas roupas; um Arauto <sup>(5)</sup> os guia;  
Galero alado traz; na destra um ramo  
De Verbena com Serpes retorcidas. <sup>(6)</sup>  
Logo três Senanis (figuram Druidas)  
C'um Pão, c'um Jarro d'água, e a Mão ebúrnea. <sup>(7)</sup>

---

(1) Dolmin.

(2) Que veio no batel.

(3) Gai de Chêne, *visco*. Grude vegetal, com que os Caçadores untam as varas, para prenderem as Aves, que nelas pousam. — *Dicionário de Moraes*.

(4) Aceso.

(5) Figurando Mercúrio.

(6) Caduceu.

(7) Nas insígnias dos Francos Soberanos figura ainda hoje essa mão.

No couce a Druida (que eu seguido tinha) <sup>(1)</sup>  
Ocupa o posto insigne do Arquidruida,  
De quem descende, prole genuína.  
    Já vão chegando ao Robre de trinta anos,  
Onde têm descoberto o sacro Visgo.  
Altar de relva, ao pé do tronco erigem,  
Nele, um corte do pão, Senanis queimam,  
E o borrifam com lágrimas de vinho.  
Logo dealbado Eubage, à Enzinha sobe;  
Co' a fouce de ouro, que lhe dera a virgem, <sup>(2)</sup>  
Devoto raspa o venerando Visgo.  
Branco saiu estendido à raiz da Árvore  
Recolhe a benta planta. Outros Eubages  
As Vítimas degolam. Iguais partes  
Cortam do Visgo, e ao Povo o distribuem.  
    Cerimónia acabada, ao *Dolmin* voltam.  
Do Malo <sup>(3)</sup> o centro c'uma espada nua,  
Enterrada no Chão, o assinalaram.  
Nas faldas do *Dolmin*, com duas pedras  
E outra, em través, compõem tosca Tribuna;  
Lá sobe a Druida, cercam-na guerreiros: <sup>(4)</sup>  
Eubages, Senanis brandões <sup>(5)</sup> hasteiam,  
(Saudosa Cena das libertas Eras!) <sup>(6)</sup>  
Aos Veteranos caiem grossas lágrimas,  
Que, das faces, nas alvas cãs da barba,  
Deslizam, nos broquéis burnidos rodam.  
Pendem da hástea da lança; e olhos cravados  
Na Druida, os ouvidos afiavam  
As vozes que, do peito, ela rompesse.

---

(1) Depois que do batel desembarcou.

(2) Druida.

(3) Cortes, ou Congresso dos três Estados.

(4) Armados.

(5) Aceso.

(6) Em que os Galos não eram sujeitos aos Romanos.



Tendo a Druida os olhos espalhado  
Nos Guerreiros, transunto desse Povo,  
Que *Ai dos vencidos!* <sup>(1)</sup> proferiu primeiro,  
(Impia voz, que estalou neles, ultrice)!  
Ressumbrava no rosto à Druida a Mágua,  
Tal Quadro olhando, e os lances da Fortuna:  
Eis rompe as reflexões, e assim perora:

“Não posso, oh leais Filhos de Teutates,  
Ver-vos, neste lugar sem verter lágrimas,  
Guardar na Escrava Pátria, Leis, e Culto,  
Dos Avós nossos, da Nação que dava  
Ao mundo leis. Sois vós relíquias <sup>(2)</sup> deles?  
Que é dos, da Gália, Estados florescentes?  
Do feminino Conselho, ao qual submisso  
O Grande Aníbal viram? Que é dos Druidas,  
Que em seus sacros Colégios, doutrinavam  
Infanda Juventude? Ai! que proscritos  
Por Tiranos, no alpestre das Cavernas,  
Um foragido resto vive incógnito.  
Veleda, débil Druida, que exerça  
Os vossos sacrifícios, restou única.  
Oh Virgens de Saina, (Ilha sagrada)!  
Das servas da Ara tua (Virgens nove)  
Única eu vivo. Não terás, Teutates,  
Nem Templos, nem Ministros. É pois morta  
Toda a Esperança em nós? Dai-me alvissaras:  
Sei, qual livrar-nos vem potente Aliado. <sup>(3)</sup>  
Porque armas empunheis, julgais, que eu tento  
Traçar do que sofreis, a agra pintura?  
Escravos, (mal nasceis) mal que desponta  
Da Infância o viço, levam-vos a Roma.  
E que é de vós, então? Oh Céus, ignoro-o.

---

(1) *Væ victis!*

(2) *Reliquias Danaum.* — VIRGIL.

(3) Os Francos.

Orçais anos viris? Morrer vos mandam  
Em defender Tiranos, nas fronteiras,  
Ou a sulcos <sup>(1)</sup> rasgar, que os alimentem.  
Danados <sup>(2)</sup> às mais ásperas fadigas,  
Vossos Bosques destruis, e rompeis neles,  
Com angústia e suor, essas estradas,  
Pelas quais entra à larga o Cativoiro,  
Nas entranhas dás Gálias. Açodado <sup>(3)</sup>  
Corre, mal se abre a estrada, e traz na dextra  
O jugo, a Morte, alegres gritos dando.  
Se a vida assim salvais, bebendo insultos,  
Lá está Roma, lá está o Anfiteatro,  
Que vos força a gladiar, servir de jogo,  
Com mortais vascas, ao feroz vulgacho.  
Alais brioso meio há-de ir a Roma. A Breno  
Tomai por norte. Ao Capitólio súbitos  
Mostrai vossos pendões. Viandai a Roma:  
Que soa *viandante* o nome *Galo*.  
De lá vos clama o Coliseu de Tito.  
Parti. Obedecei a Spectadores,  
Que vos mandam morrer. Morrei diversos. <sup>(4)</sup>  
Vertei sangue, triunfando, e não nos ludos.  
Muito há, lições lhe dais, como se morre.  
Dêem prova das lições profícuas. Morram.  
    Difícil não tendes o que eu proponho.  
Tribos Francas, que a Espanha avassalaram,  
Vêm de volta aos seus Lares. Daqui vedes  
Cruzar, no Oceano vosso, a Armada sua.

---

(1) Lavrar a terra para as sementeiras.

(2) *Mihi castæque damnatum Minervæ.* — HORAT. lib. III. od. 3. Dirão que cito Latinos para escorar frases Portuguesas? E quem melhor podia eu citar, que os mais illustres Autores daquela Língua Mãe que nos dotou com as mais nobres frases que possuímos; e que nos abre os seus mais preciosos cofres, quando, com seus tesouros queiramos enriquecer-nos?

(3) O cativoiro.

(4) Diversamente.

C'um sinal, que lhes deis, vêm resgatar-vos.  
Ou bem! Do Orbe explorar, <sup>(1)</sup> c'os Francos, vamos  
Um canto, onde não lavre Cativoiro.  
Dêem-nos, ou neguem Pátria, estranhos Povos,  
Nunca terá de falecer-nos terra,  
Que pisar vivos, que cobrir-nos mortos.”

Retratar-vos não posso o efeito horrífico,  
Que este discurso fez; pronunciado  
Num Zorzal, <sup>(2)</sup> ao clarão de infindas tochas,  
Junto a um mortal jazigo!... Touros mugem  
Aos fios dum cutelo... Ventos silvam.  
Figurai, que assistis, à meia noite,  
Num revolto congresso de Demónios,  
Por Magas convocado, em brenha escura.  
Não consente à Razão autoridade  
Da Mente o turvo ardor. Não deliberam,  
Bramam, de golpe vão <sup>(3)</sup> juntar-se aos Francos.  
Quis do peito romper oposto voto  
Um Guerreiro três vezes; três o Arauto  
Lhe corta o saio, <sup>(4)</sup> e a que emudeça o obriga.

Tal prelúdio tomou Cena mais hórrida.  
Pedem, com grandes brados, sacrifício,  
E que arranque dos Céus, humana vítima  
A encoberta vontade. Outrora os Druidas  
Davam, para o holocausto, um Réu julgado.  
Como, porém, faltasse a usada Vítima,  
Deu parte a Druida, que era grato ao Númen <sup>(5)</sup>  
(E o rito o pede) se imolasse um Velho.  
Já a férrea Cuba em que a Veleda cabe  
O Velho degolar, trazem Ministros.

---

(1) Imitação do Épodo 16 de Horácio.

(2) Dá esse nome João de Lucena a matos bravos de Urzes, de Tojos, etc.

(3) Mostram ímpetos de irem.

(4) *Vid.* STRAB. pág. 135.

(5) Teutates.

Não deste, donde orou, Tribuna fúnebre.  
Desalinhada a veste, sparsa a coma,  
Em brônzeo trígono assentada a Druida,  
Tocha ardente a seus pés, punhal na dextra...  
Não sei qual fora o fim da Cena Bárbara:  
Sei bem, que por tolher o infando rito,  
Dera eu a vida ao corte duma espada.  
O Céu (irado? — ou brando?) pôs limite  
À minha perplexão. Para o Poente  
Já os Astros propendiam; já receiam  
Os Galos, que os descubra a Luz do dia.  
Para of'recer essa hóstia abominável,  
Resolvem aguardar, que o negro Dite  
Na Noite, que há-de vir, os Céus enlate.

Derrama-se o tropel, pela devesa;  
Os fachos morrem: mal, por densas ramas,  
Dos Ventos sacudidas, transparecem  
Fagulhas dos brandões. Ao longe soa  
Bardo Coro, que vai cantando lúgubre:  
*Teutates sangue quer. Falou, na Enzinla  
Dos Druidas. Raspou-se o Sacro Visgo,  
Com fouce d'ouro, em sexto lunar dia,  
Primeiro deste séc'lo. Quer Teutates  
Sangue; e falou, dos Druidas na Enzinha.*

Prestes volto ao Castelo. As convocadas  
Tribos Galas em frente estão do Forte. <sup>(1)</sup>  
Ser-me claro lhe intimo, o sedicioso  
Congresso, e trama urdida contra César.  
Víreis susto em tais Bárbaros, envoltos  
De hoste Romana! Crêem, no talho, as vidas.  
Rompem gemidos. Turba de Mulheres,  
Cristãs, que em braços têm os tenros filhos,  
(Nas águas baptismas, pouco há, renatos) <sup>(2)</sup>

---

(1) Do Castelo, em que morava Eudoro.

(2) *Nisi quis renatus fuerit*, etc.

Ante mim se arremessa ele joelhos,  
Perdão, entre o tropel, me implora, aflita,  
Para Filhos, e Irmãos, e Pais, e Esposos.  
Mostram a pia Infância, <sup>(1)</sup> e me suplicam,  
Que, a favor dos Filhinhos inocentes,  
Me apiade de quem lhes deu a vida.  
Quem há, que repulsar tais rogos valha?  
Quem deslembre o piedoso Zacarias?  
*Eu, por amor do Cristo vos perdoo,*  
*De Cristo, meu Senhor, e Senhor vosso.*  
*Mas, de Esposos, de Irmãos caução me sede.*  
*Assossego-me em vós, em vós me fio,*  
*Se me abonais, que não ser fiéis de César.*

Em grito alegre rompem os Armóricos:  
Clemência (em mim tão fácil!) põem nas nuvens  
Requeiro-lhes promessa antes que partam,  
De abjurar tão horrendos sacrifícios,  
Que um Cláudio, que um Tibério proscreveram!  
Fica em reféns, co' a Filha, em homenagem  
Segenax, seu mais nobre Magistrado.  
Mandei sair a Armada, que encontrando-se  
Co' a dos Francos, a afugentou da Costa. <sup>(2)</sup>  
Tudo às normas tornou; e essa aventura,  
Só teve, para mim, amargo séquito.»

Confuso Eudoro abaixa a vista, e invito  
Na Homérea a põe, que de entendida, <sup>(3)</sup> cora.  
Notando o Bispo o enleio de ambos:

CIRILO

«Séfora

Quando fim ponha Eudoro, quero o augusto  
Sacrifício of'recer, em tenção dele.»

---

(1) Os seus Filhinhos baptizados.

(2) Dos Armóricos.

(3) Dando assim indício de que colhera o sentido.

Sai Séfora co' as Filhas, sai Cimódoce,  
Por mor recato. <sup>(1)</sup> A Dor seta é que a punge.  
Demódoco, que a vê, qual ágil Corça  
Transpor lamedas do Horto, na corrida,  
Conter não pode o gosto, e de contente:

DEMÓDOCO

«Que ufania a dum Pai, que doce enlevo,  
Na prole, que lhe medra em formosura!  
Sentiu ternuras, sentiu sustos <sup>(2)</sup> Jove,  
Amando o Alcides seu. Imortal era;  
Pulsou-lhe amor de Pai, não menos, na alma.  
Caro Eudoro, igual susto, igual delícia  
Entra, em teus Pais. Prossegue a narrativa.  
Confesso, que amo os teus Cristãos, que os prezo,  
Filhos das Preces, como as Mães acodem  
A reparar o Mal, que o Agravo há feito,  
Ternos quais Pombas, quais Leões valentes  
Têm brando o coração, o ânimo forte,  
Que mágoa é, que eles Jove não conheçam!  
Mas eu falo, em despeito da vontade,  
Que anela de te ouvir. Uso é de Velhos.  
Embebem-se na glória do que sabem;  
Pôr-lhes, só o pode um Deus, atalho às vozes.»

FIM DO LIVRO IX.º

---

(1) Por não ficar só em companhia de Homens.

(2) Quando Hércules se expunha a trabalhos perigosos.

---

---

NOTAS DO LIVRO IX.º

Pág. 268, verso 6. Lutécia.

Segundo vários Autores, Lutécia (Paris) vem do latim *lutum*, que diz lodo, ou lama: e de duas palavras Célticas, que significam a *bela pedra, ou pedra branca* (DUPLESSIS, *Annal.*).

*Ibid.*, verso 7. Os Belgas do Séquana.

Havia três Gálias: Céltica, Aquitânica, e Bêlgica. Esta se estendia desde Séquana, e Matrona (Sena, e Marna) até o Oceano, e o Reno.

*Ibid.*, verso 12. Heso.

O Templo de Heso ou Mercúrio ficava onde depois as Carmelitas do subúrbio S. Tiago (LAMARE, tom. 1, pág. 267).

*Ibid.*, verso 13. Ísis.

O Templo de Ísis passou a ser Abadia de S. Germão dos Prados. O Colégio dos seus Sacerdotes demorava em Issy (LAMARE e SAINT-FOIX).

Pág., 269, verso 6. Parísios.

Os Povos Parísios habitavam os redores de Lutécia, compondo um dos 60, ou 64 Povos da Gália: *Optima gens flexis in gyrum Sequana frænis*. Pelejaram com Labieno, Logo-tenente de César: e nessa peleja, morreu o velho Camulógenes, que os capitaneava: e Lutécia a quem eles mesmos queimada tinham, entrou no jugo dos Vencedores (CÆSAR, *de Belo Gallico*, lib. 7). A Torre octógona dicada a crêem a 8 Galos Deuses, e ser a do cemitério dos Inocentes (BRETON, *apud* DUBREUIL, 830).

*Ibid.*, verso 10. Os Nautas.

Eram uma Companhia de Mercadores, que os Romanos fundaram em Lutécia. *Nautæ Parisiaci*. Presidiam ao Comércio do Rio Sena, e na oriental ponta da Ilha ergueram Ara a Jove; ruínas da qual se descobriram em 15 de Março de 1711, abrindo alicerces ao Coro da Sé.

*Ibid.*, verso 13. Lucotício.

Hoje montanha de Santa Genoveva. O aqueduto é o de Arcueil, fundado antes de Juliano Imperador. Circo, fundado (diziam) por Quilpérico V.º que mais não fez que restaurá-lo. Monumentos, que todos ocupavam o que depois foi Abadia de S. Victor, até muros da Universidade, com nome de *Clos das Chênes* (cerca dos Robres). Palácio das Termas, de fundação de Juliano (o diziam) que somente o restaurou.

*Ibid.*, versos 27 e 28. Donaciano e Rogaciano.

Eram de Nantes (*Acta martyrum*, tom. 1. pág. 398).

*Ibid.*, verso 21. Jardins.

Eram os do Palácio das Termas.

Pág. 270, verso 9. Boadiceia.

Dessa diz Tácito (*in Vita Agricol.*) que defendera com viril coragem os Bretões contra os Romanos.

Pág. 271, verso 16. Os Pictos.

Eram uma Nação da Escócia, ou da Caledónia, que pintavam a pele, como ainda hoje os Tapuias fazem.

Pág. 272, verso 4. Carráusio.

Era um hábil Oficial de Marinha, que sob Maximiano, serviu nas Gálias. Rebelado, se empossou da Britânia, conservando domínio no Porto de Bolonha nas Gálias. Maximiano, que não pôde castigar esse rebelde, lhe deixou o título de Augusto. Com melhor ventura o acometeu Constâncio Cloro, que lhe tomou Bolonha: e como quer que Alecto, outro tirano, que lhe sucedeu matasse Carráusio, passou à Britânia Constâncio, derrotou Alecto e reconquistou essa Ilha a Roma.

*Ibid.*, verso 5. Tâmesis.

*Aer apud eos imbribus magis est quam nivibus obnoxius: ac sereno etiam cælo caligo quædam multum temporis obtinet; ita ut toto die non ultra tres aut quatuor quæ sunt circa meridiem horas, conspici sol possit* (STRABO, *Geogr.* lib. 4. p. 200).



*Ibid.*, verso 14. Laureada.

Houve esse uso: e diz Tácito, que depois das conquistas que na Britânia fizera, evitara Agrícola juntar laurel às Cartas, por não despertar ciúmes em Domiciano.

*Ibid.*, verso 19. Armórica.

Compreendia a Armórica o que hoje é Normandia, Bretanha, Saintonge, e Poitou; tinham por centro a Bretanha, por antonomásia, Armórica. Quando os Numes dos Romanos, e Éditos dos Imperadores expulsaram das Gálias a Religião dos Druidas, acolheu-se esta às espessuras da Bretanha, onde longas eras seu Império exercitou. Lá crêem que se assentou o grão Colégio Druídico. O certo é que de pedras Druídicas está mui cumulada a Bretanha: e que Pompónio, e Strabo dão nas Costas da Bretanha a Ilha de Sayna consagrada ao culto dos Numes Galos.

Pág. 273, verso 14. Monumentos.

A tríplice Ponte, o Anfiteatro de Nimes, a Casa quadra, e o Capitólio de Tolosa, etc.

*Ibid.*, verso 19. Tugúrios.

*Muris autem omnibus gallicis hæc fere forma est. Trabes directæ, perpetuæ in longitudinem, paribus intervallis, distantes inter se binos pedes, in solo collocantur. Hæ revinciuntur introrsus et multo aggere vestiuntur; ea autem quæ diximus, intervalla, grandibus in fonte saxis effarciuntur, etc. (In Bell. Gall.).*

*Ibid.*, verso 21. Pés de Lobo.

Ao pescoço dos Cavalos penduram as cabeças dos soldados, que mataram na guerra: e os Criados vão diante deles com os despojos tintos de sangue. Pregam os troféus nas portas, como o fazem das Feras que caçaram (DIODOR. *Sicul.* livro 5). Inda se vêem às portas das Casas nobres, pela campanha, pregados pés de Lobos, de Raposos, e Aves de rapina.

Pág. 274, verso 4. Senador.

A cremos Suetónio, viram-se em tempo de César, Galos despir os saios, para se cobrir com laticlavo. Mas sob Cláudio é que os Galos tomaram assento de Senadores.

Pág. 275, verso 2. Decumana.

Tinham quatro portas os arraiais Romanos; Pretória, Principal, Esquerda, Decumana.

Pág. 276, verso 31. Donas.

A administração dos negócios políticos e civis foi assaz longamente confiada a um Senado de Mulheres escolhidas em diferentes comarcas. Deliberavam acerca da paz, da guerra; e julgavam os pleitos entre os Vergoberts, ou entre Cidade e Cidade. Cita Plutarco um artigo do tratado de Aníbal com os Galos, que dizia: A queixar-se um Galo dum Cartaginês, recorra à Cúria de Cartago estabelecida em Espanha: e a se achar um Cartaginês lesado por um Galo, tomará por juiz o Conselho supremo das Mulheres Galas (SAINT-FOIX, *Essais sur Paris*).

Pág. 278, verso 1. Ao Lago.

Vid. Possidónio citado por Strabo, e Gregor. Turonen.

*Ibid.*, verso 15. Das Gálias Filha.

Vence em forças a seu Marido a Mulher Gala; e mais bravios que ele volve os olhos; incham-lhe, quando irada, as cordoveias do pescoço: pancada que ela dá, vale tiro de trabuco (AMMIANO MARCELINO).

*Ibid.*, verso 31. O Lavrador.

*Scilicet et tempus veniet cum finibus illis  
Agricola, incurvo terram molitus aratro,  
Exesa inveniet scabra rubigine pila,  
Et gravibus rastris galeas pulsabit inanes,  
Grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.* (VIRG. *Georg.* verso 493).

Pág. 279, verso 19. Eubages.

*Nihil habent Druidæ (ita suos apellant magos), visco et arbore in qua gignatur  
(si modo sit robor) sacratius. Jam per se roborum eligunt lucos, nec ulla sacra sine  
ea fronde conficiunt, ut inde apellati quoque interpretatione græca possint Druidæ  
videri. Enim vero quidquid adnascatur illis, e cælo missum putant, signumque esse  
electæ ab ipso Deo arboris. Est autem id rarum admodum inventu, et repertum magna  
religione petitur: et ante omnia sexta luna, quæ principia mensium anorumque his  
facit, et sæculi post tricesimum annum, quia jam, virium abunde habeat, nec sit sui*

*dimidia. Omnia sanantem apellantes suo vocabulo, sacrificiis epulisque rite sub arbore comparatis, duos admovent candidi coloris tauros, quorum cornua tunc primum vinciantur. Sacerdos candida veste cultus arborem scandit; falce aurea demetit: candido id excipitur sago. Tum deinde victimas immolant, precantes ut suum donum Deus prosperum dederit. (PLIN. lib. XVI).*

Pág. 280, verso. 16. Dolmin.

Sítio das Fadas, ou dos Sacríficios. Assim nomeia o Vulgo certas pedras a prumo com outras chatas assentadas em cima. Mui óbvias na Bretanha são, e nelas dizem que ofereciam outrora sacrifícios os Pagãos (Dicionar. franc. celt. do P. ROSTRENEN).

Pág. 281, verso 3. Ai dos vencidos!

Disse-o o Galo que carregou com a sua espada a cuia da balança que contrapesava a outra que continha o ouro que os Romanos lhe haviam de pagar por seu resgate. *Væ victis!* Ai de vós, que vos deixastes vencer.

*Ibid.*, verso 15. Druidas.

*Illi rebus divinis intersunt; sacrificia publica ac privata procurant, religiones interpretantur: ad hos magnus adolescentium numerus, disciplinæ causa, concurrunt; magnoque ii sunt apud eos honore: nam fere de omnibus controversiis, publicis privatisque, constituunt; et, si quod est admissum facinus, si cædes facta, si de hæreditate, si de finibus controversia est, iidem decernunt: præmia pænasque constituunt: si quis aut privatus, aut publicus, eorum decreto non stetit, sacrificiis interdiciunt. Hæc pæna apud eos est gravissima: quibus ita est interdictum, ii numero impiorum ac sceleratorum habentur; ab iis omnes decedunt, adytum eorum sermonemque defugiunt, ne quid ex contagione incommodi accipiant: neque iis petentibus jus contagione incommodi accipiant: neque iis petentibus jus redditur, neque honos ullus communicatur. His autem omnibus Druidis præest unus, qui summus inter eos habet auctoritatem. Hoc mortuo, si quis ex reliquis excellit dignitate, succedit. At, si sunt plures pare, suffragio Druidum adlegitur; nonnunquam etiam de principatu armis contendunt. Ii certo anni tempore finibus Carnutum, quæ regio totius Galliæ media habetur, considunt, in loco consecrato. Huc omnes undique, qui controversias habent, conveniunt; eorumque judiciis decretisque parent. Disciplina in Britannia reperta, atque inde in Galliam translata esse existimatur; et nunc, qui diligentius eam rem cognoscere volunt, plerumque illi, discendi causa, profisciscuntur.*

*Druidæ a bello abesse consueverunt; neque tributa una cum reliquis pendunt; militiæ vacationem; omniumque rerum habent immunitatem. Tantis excitati præmiis, et sua sponte multi in disciplinam conveniunt, et a parentibus propinquisque mit-*

*tuntur. Magnum ibi numerum versuum ediscere dicuntur... In primis hoc volunt persuadere, non interire animas, sed ab aliis post mortem transire ad alios; atque hoc maxime ad virtutem excitari putant, metu mortis neglecto. Multa præterea de sideribus atque eorum motu, de mundi ac terrarum magnitudine, de reum natura, de Deorum immortalium vi ac potestate disputant, et juventuti tradunt (CÆSAR. Commentar.).*

Ocupam-se os Bardos em compor poemas adjectivados à sua música, cujo canto acompanham com instrumentos, que arremedam as nossas liras, dando convícius a um, louvor a outros. Há também Filósofos entre eles, e Teólogos, Sarónides chamados, e a quem têm grande veneração. É de usança que sem Filósofo consigo, não sacrifique alguém, persuadidos que esses tais conhecem cabalmente a Divina Essência; e lhe alcançam seus segredos; razão de ser por intervenção deles, gratos com os Deuses, e por eles haver os bens que imploram. Sucede a miúdo, que no rompimento da peleja, se arremessam esses Filósofos entre as lanças, entre as espadas dos dois exércitos. Súbito, e como por encanto, se aplaca o bélico furor, e põem por terra as armas. Assim, nos povos mais bravios sobre-excele a Sabedoria à Cólera, e as Musas a Mavorte (DIODOR. SICUL. lib. 5).

*Apud universos autem fere tria hominum sunt genera quæ in singulari habentur honore: Bardi, Vates et Druidæ: horum Bardi hinos canunt poetæque sunt; Vates sacrificant et naturam rerum contemplantur; Druidæ præter hanc philosophiam etiam de moribus disputant (STRAB. Lib. 4).*

*Ibid.*, verso 22. Saina.

*Sena in Britannico mari Osismicis adversa littoribus, Gallici numinis oraculo insignis est: cujus antistes, perpetua virginitate sanctæ, numero novem esse traduntur: Barrigenas vocant, putantque ingeniis singularibus præditas, maria ac ventos concitare carminibus, seque in quæ velint animalia vertere, sanare quæ apud alios insanabilia sunt, scire ventura et prædicare sed non nisi deditas navigantibus, et in id tantum ut se consulerent profectis (POMPON. MEL. III. 6).*

Pág. 283, verso 4. Neguem Pátria.

Dito foi de Bojócalo. Tinha esse Velho Germão militado 50 anos nas Legiões Romanas; e como quer que os Anticeários, conterrâneos seus, expulsos fossem de suas terras pelos Cances, Bojócalo os guiou, e estabeleceu em baldios que os Romanos deixaram derelictos. Os Romanos porém, mau grado a quantas razões Bojócalo lhes apontava, lhos denegaram; consentindo somente em lhe oferecer terreno para ele só, que ele aceitar não quis: antes se foi a seus conterrâneos; e indignado do mau proceder Romano, lhes disse: — Terra não faltará, onde vivamos, — ou onde morramos.

*Ibid.*, verso 19. Três vezes.

*Si quis enim dicenti obstrepat aut tumultuetur, lictor accedit stricto cultro. Minis adhibitus tacere eum jubent: idque iterum ac tertio facit eo non cessante: tandem a sago ejus tantum amputat, ut reliquum sit inutile* (STRAB. lib. IV, pág. 135).

*Ibid.*, verso 23. Humana vítima.

Os Druidas sacrificavam vítimas humanas, e com preferência os malfeitores.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO IX



---

---

# OS MÁRTIRES

## LIVRO X.º

### ARGUMENTO

*Continua a narrativa. Fim do episódio de Veleda.*

Vai prosseguindo a narrativa Eudoro.  
«Tristezas, susto, atearam febre ardente  
Em Segenax, que em meu Castelo <sup>(1)</sup> habita.  
C'os socorros, que um Homem deve a outro Homem  
Lhe acudi disvelado, sem que um dia  
Faltasse a visitar o Pai, e a Filha,  
Termo grato aos dous Presos! Termo estranho  
Nos mais Governadores! Não tardio  
O Pai se restaurou. Em ar contente,  
Trocou a Filha o desconforto sumo.  
Co' ela, a miúdo, em passadiços, pátios,  
Galarias, salões, spirais escadas  
Do eirado do Castelo deparava.  
Múltiplice pessoa a via em tudo.  
Quando, ao lado do Pai, de assento a creio,  
Ela, como Visão, se mostra súbita,  
Numa varanda, ou corredor obscuro.

Mulher extraordinária! Possuía,  
Com rasgos de capricho, e de anegaça,  
(Como as da Gália todas) o olhar vivo,

---

(1) Como em reféns.

Subtil, meigo o sorrir, desdém nas falas,  
Voluptuoso, o ademan talvez altivo,  
E, a par c' o senhoril, arte, e descuido.  
Estranhara-me, em Virgem quasi bronca,  
A profundeza, na Grega, e Gala História,  
A não saber, que ela era do Arqui-Druida  
Prole, e que um Senani, a fim que ela entre  
Na Ordem sacerdotal, lições lhe dera.  
Na base da altivez fundada a índole,  
Lhe disparava, às vezes, em desmancho.

Certa noite, que eu, numa sala de armas,  
Fiquei velando, e só; que o Céu luzia,  
Pelas frestas estreitas e alongadas, <sup>(1)</sup>  
Rotas, no spesso muro; e que as Estrelas  
Davam, por tais abertas, brilho às lanças,  
E às Águias arrimadas às paredes,  
O passeio estendia, quasi a escuras,  
Meditando... Na funda Galeria,  
Entra a apontar um pálido crepúsculo,  
Branqueando as sombras: Graduado medra  
O albor; e em breve trato... Eis já Veleda.  
Na mão Romana lâmpada, descida  
Dumas correntes de ouro; a áurea madeixa  
C' um cinto de Verbena (sacra planta)  
Tomada, à Grega, em c'roa: simples túnica,  
Alva de neve, por todo traje, tinha.  
Orna as Filhas dos Reis menos grandeza  
Menos alinhado, e menos formosura!  
Nos braços dum broquel, suspende a lâmpada.  
Chega, e me diz: "Atento me ouve, Eudoro.  
Meu Pai dorme." Descosto <sup>(2)</sup> eu da parede,  
Um troféu de venablos, e de lanças,  
Que ao chão arrojado, e nele nos sentamos  
Face a face da lâmpada.

---

(1) Como seteiras.

(2) Desarrimo, desencosto.



VELEDA

“Ouve, e saibas,  
Que Fada eu sou.”

EUDORO

“Que entendes tu, por Fada?”

VELEDA

“Na Gália, as Fadas podem as procelas  
Mover, ou já amansar; ser invisíveis,  
Tomar dos Animais as várias formas.”

EUDORO

“Falso poder! Não creias, que o possuis:  
Quando, mormente, nunca em uso o hás posto.  
Somente a Deus Procelas obedecem.  
No Culto meu, superstições são culpas.”

VELEDA (*com impaciência*)

“Põe de lado o teu Deus. Dize, se ouviste,  
Na noite de Ontem, suspirar, no Bosque?  
Carpir-se uma Aura? Estar gemendo a Fonte?  
Nessa Fonte, nessa Aura, nas, que crescem,  
Plantas nos teus balcões, dava eu gemidos.  
Suspirava eu, nessa Aura, e nessa Fonte,  
Mal que te sube grato o remurmúrio,  
Que a Fonte faz manando, a Aura correndo.”

Viu Veleda, em meu rosto, que apiedado  
Fiquei do seu falar falto de siso.

VELEDA

“Pena-te o que me ouviste, e me crês louca?  
Culpa-te a ti. Porque, com tal bondade,

Me deste salvo o Pai? Porque comigo  
(Virgem Sayna) usaste tal brandura?  
Meus votes quebre, ou não... morrer me incumbe.  
E a causa és tu. Adeus. Tudo te hei dito.”

A lâmpada arrebatada, e a voo parte.  
Nunca igual dor punziu minha alma, no âmago.  
A que empana a Inocência, é a mor Disgraça.  
No grémio (incauto!) adormeci do p’rigo:  
Sempre advertido a abominar meus erros.  
Puniu-me o Céu, de mal-confiado, e túbio  
Das Paixões, que embalei, com réu deleite,  
Me brotou o castigo, pronto, e justo.

Que mais! Tirou-me Deus os meios todos  
De me arredar da queda. O Bispo Claro,  
Ausente; Segenax, sem cabais forças.  
Cru despedi-lo; cru tirar-lhe a Filha: <sup>(1)</sup>  
Guardar minha inimiga foi forçoso,  
E, mui contra vontade, expor-me ao risco.  
Cerceo (em vão!) a Segenax visitas,  
Desvio os passos de encontrar Veleda:  
E, a fio a encontro. Que ela inteiros dias,  
Me aguardava, nos sítios, nas passagens  
Forçosas. Lá, de amores, me entretinha.  
Certo é, que (em meu sentir) não tinha a Druida  
O atractivo, que impera, e dispõe da alma.  
Mas bela, e em viço de anos, lhe rompia  
Do imo vulcão do peito, o amor, nas falas...  
Assaz, a dar-me enleio nos sentidos.

Não longe do Castelo, havia um Bosque  
Dos que os Druidas — *Castos* — apelidam.  
Despira o ferro a casca a um Tronco seco,  
(De Spectro vegetal tinha a figura  
Na palidez do vulto.) Era adorado  
Sob nome de Irminsul. Tremendo Númen!  
Para Bárbaros tais, que a Morte invocam,

---

(1) Privando dela o Pai convalescente.

No seu pesar, nas suas alegrias.  
Tal simulacro alguns Carvalhos cercam,  
Cuja raiz tingira humano sangue;  
Das ramas pendem-lhe armas, pende a insígnia  
Dos Galos na peleja: ao rijo sopro  
Do vento, armas com armas, balroando,  
Dão sussurro sinistro. Esse Delubro, <sup>(1)</sup>  
Que da Céltica stirpe antiga encerra  
Memórias tantas, visitei frequente.  
Numa noite, que ao longe, remugindo,  
Noto <sup>(2)</sup> arrancava, do Arvoredo, em pastas,  
Musgos, me encontro com Veleda súbita,  
Quando, em al <sup>(3)</sup> devaneava.

VELEDA

“De mim foges?

Porque evites de ver-me, as brenhas buscas?  
Baldada é a fuga. Co’ a tormenta eu corro.  
Ela <sup>(4)</sup> te arroja aos pés, Musgo, e Veleda. <sup>(5)</sup>  
Muito ouvirás de mim. Que amplo discurso  
Contigo anseio ter, bem que te enoje  
Meu penar: nem farei que a amar-me inclines.  
Mas em narrar-te a pena, a alma consolo,  
A alma, que nessa chama se alimenta:  
Do quão violenta que é, dar-te um rascunho.  
Ah! que a teres-me amor... qual Dita a nossa!  
Eu deparara então com termos dignos

---

(1) Tronco adorado com o nome de Irminsul.

(2) O vento Noto.

(3) Porque desprezaremos o *al* que de tanto uso, de tanto préstimo foi aos nossos melhores Autores? Que recorda a nobre Latina origem de *aliud*. Não o despreza o nosso Foro no *al não disse*, não o desprezam os Reis, no *al não façais* das Ordens que dão a seus Governadores e Ministros.

(4) A tormenta.

(5) Cruzando os braços, fitando os olhos em Eudoro.

Do Céu; <sup>(1)</sup> que ora me fogem, porque nega  
Corresponder, co' a minha, a alma de Eudoro."

Um repelão de Vento deu nas Selvas,  
E um gemido saiu das brônzeas armas. <sup>(2)</sup>  
Veleda se assustou, e erguendo o rosto,  
Os pendentos troféus contempla; e diz-me:  
"Gemeram! <sup>(3)</sup> Dão sinal de morte próxima.  
Essa indif'rença tua vem fundada em...  
Que era <sup>(4)</sup> para abrasar-te o amor que sinto,  
E é mais que gelo, o esquivo de teu peito. <sup>(5)</sup>  
Co' a razão dei, <sup>(6)</sup> que te, de mim desvia.  
Não me crês de teus olhos digno emprego. <sup>(7)</sup>  
Teu frouxo coração pulsar tão lento,  
Sentindo a mão do Amor! Se eu lhe acenasse  
C'um trono, pulsaria ele mais rápido?  
Vir-te-ia grato o Império? A Diocleciano  
Gala <sup>(8)</sup> lho prometeu, propõe-to Gala.  
Fada ela foi; e eu Fada, sobre amante.  
Por ti me e fácil tudo. Nós, da púrpura  
Muito, já (como o sabes) dispusemos. <sup>(9)</sup>  
Em segredo, armarei nossos Soldados.  
Teutates tens por ti: que por mina arte,  
Dos Céus conseguirei que te prosperem.  
Farei sair, das brenhas, nossos Druidas;  
E eu própria, um ramo Carvalhal brandindo,

---

(1) E inspirados pelo Céu.

(2) Penduradas nas árvores.

(3) As armas entre as quais estavam as de Segenax seu Pai. Dessas é que tirava o agouro de que tinha de cedo morrer.

(4) Com ímpeto.

(5) Depois de ter emudecido um tanto.

(6) Torna a emudecer, e como que sai de profunda reflexão, continua.

(7) Vem (como em delírio) a Eudoro, e pousa-lhe a mão no peito.

(8) Mulher nascida nas Gálias.

(9) Nomeando alguns Imperadores.

Na dextra, irei diante, nas batalhas.  
Se adverso o Fado for, inda há cavernas,  
Pelos Gálias, onde eu, nova Eponina, <sup>(1)</sup>  
Oculte o Esposo meu. Que digo? Esposo?  
Eu, que amada não sou? Triste Veleda!”

Morre-lhe à Druida a voz, e a mão, que tinha  
Em meu peito, descai-lhe. O rosto pendeu-lhe,  
E num pego de amargas, crebras lágrimas,  
Lhe vai a pique a amante ardente flama.  
Do que ouço me entram sustos. Luz-me na alma  
Quanto me seja a resistência inútil.  
Como eu me enterneci de ouvi-la, e vê-la!  
Todo esse dia, ardeu férvido, o lado,  
Em que Veleda a mão pousou fremente.  
Resoluto empreendi, de amor soltar-me,  
Por talho ao mal, com denodado arrojo;  
E o mal, mais me agravei. Quando punir-nos  
Quer Deus, contra nos volta o saber nosso;  
De prudências tardias motejando.

Não me era honesto (bem julgais) ir súbito  
Despedir Segenax do meu Castelo,  
(Tão débil inda o vi) mas, pouco a pouco,  
Forças cobrou; e, em mim crescendo o p’rigo,  
Fingi Carta, em que os manda o César soltos.  
Antes que partam, quis falar-me a Filha:  
Cortei aso a recíprocos pesares.  
Deixar seu Pai, filial piedade a impede.  
Bem o antevi: mas madrugou-me à porta;  
Onde ouviu, que em jornada, eu era ausente.  
Baixa o rosto, emudece, e entra no Bosque:  
Torna crástina; e igual resposta escuta.  
Inda vem, e então, longo espaço, fica,  
Costas num tronco, e os olhos no Castelo...  
Eu, que (encoberto) a vi, conter não pude

---

(1) Que 9 anos se escondeu num jazigo com seu Esposo Sabino derrotado por Vespasiano, numa batalha.

As lágrimas, que rompem. Tardo o passo,  
Se despegou do tronco; e mais não veio.

Já, pela alma o Sossego esparecia,  
Na fé que essa esquivança o amor lhe expulsa  
Do seio. Mas do encerro <sup>(1)</sup> lasso, ao Campo  
Vou spairecer. Com pele de Urso os ombros  
Cubro; na dextra empunho dous venablos,  
E num morro empinado, escolho assento.  
Qual, de Ítaca saudoso, o triste Ulisses,  
Ou quais Frígias, no Sículo desterro,  
Chorando olhava o amplíssimo das águas;  
E me dizia. Às abas do Taigete  
Nascestes, Eudoro, e o som, que logo ouviste  
Ao ver a etérea luz, foi o murmúrio  
Des-alegre do Mar. <sup>(2)</sup> Em quantas praias  
Não tenho eu visto revolver-se as ondas,  
Como as contemplo aqui? Quem, há alguns anos,  
Me dissera, que em Costas, eu de Itália,  
Em brejos de Bretões, Bátavos, Galos,  
Tinha eu de ouvir gemer as mesmas <sup>(3)</sup> vagas,  
Que eu, nas flavas areias de Messénia  
Espriar vi? Que termo pões, Eudoro,  
Ao teu peregrinar? Feliz! se a Morte  
Tolhesse tanto chão teres trilhado,  
E ver sucessos tais, que ouvido tendes!

Assim dizia: — Eis que ouço, e não distante  
Voz, que à Citara, canta. Os sons lhe quebram  
Ruidoso o Mar, e os silvos da tormenta,  
Que as ramas verga dos robustos Robres,  
E, a pausas, guinchos de agourais Gaivotas.  
Tosca a toada, mas que tosca enleva.  
Veleda avisto, num Zorzal sentada,

---

(1) Em que, em casa se reteve, por não deparar com a Druida.

(2) Messénio.

(3) Vagas dos mesmos mares; mas que mudam de nome segundo os sítios.

Em desalinho tal, que dava anúncio  
Do desalinho da alma. O colo cinge-lhe  
Ramal de bagas de Roseira alpestre;  
Do Era, e de murchos, entrançados Fetos  
Lhe pende do ombro a Cít'ra; aos pés lhe desce,  
Da fronte branco véu. Em tal straneza,  
C'os olhos, de chorar cansados, pálida  
Inda ela (e por extremo) era formosa.  
Qual, entre murtas, mostra o Vate, <sup>(1)</sup> a Dido;  
Qual surge, e cresce a Lua entrenublada,  
Quasi nua de trás <sup>(2)</sup> da Graça, a Druida,  
Quão linda, quão p'rigosa!... <sup>(3)</sup> Estremeci.

Pelo que, ao vê-la, fiz, rumor nas ramas,  
Me volve, entre turbada e alegre, os olhos,  
Nadando-lhe em ternura. Faz-me aceno  
Misterioso, e diz-me: "Certa eu stava  
De acarear-te aqui. Nada resiste  
Aos esconjuross meus." E logo canta:  
"Desceste, Alcides, à Aquitânia relva.  
Pirene, que deu nome a Ibérios montes,  
Do Rei Bebrício Filha, <sup>(4)</sup> deu a Alcides  
De Esposa a mão. Que, em Gregos, sempre é de uso  
Roubar o coração às gentis Damas."

VELEDA (*se ergue e lança-se a Eudoro*)

"Que encanto a ti me prende! Vago, e peno  
Do Alcáçar teu em torno. Ruins mo tolhem.  
Encantos valham. Vou colher *Selago*; <sup>(5)</sup>

---

(1) Virgílio, no sexto livro da *Eneida*.

(2) De trás.

(3) Perigosos,  
Formosíssimos olhos, que a robustos  
Isentos corações dão triste vida. — JERÓNIMO CORTE-REAL, *Cerco de Diu*.

(4) DIODOR. SICUL. lib. 5.

(5) PLIN. lib. 24. cap. 11.

De Vinho, e Pão farei of'renda, e logo  
 Nus os pés, branca a veste, a mão oculta  
 Sas pregas da roupage, arranco a planta,  
 Que a esquerda há-de roubar à oculta dextra.  
 Quem me resistirá? Ninguém. Nos raios  
 Da Lua me deslizo, e em casa te entro.  
 Dum trocaz Pombo hei-de tomar a forma.  
 Ir-me-ei, voando à ameia do Castelo.  
 E, a saber eu qual forma te é mais grata,  
 Fácil me era... Mas não. Que o ser amada  
 Por mim mesma é minha ânsia; e infiel me fora  
 Quem me quisesse bem, em forma alheia:  
 Certo é, <sup>(1)</sup> que as fontes da alma te esgotaram  
 As Romanas! Amaste-las sobejo?  
 Levam-me elas a mim tantas vantagens?  
 Vencem, na alvura, os Cisnes Virgens Galas;  
 Pleiteiam lustro e cor, ao Céu, nos olhos; <sup>(2)</sup>  
 Tão loura, e linda é a coma, que as Romanas  
 Para ufanar as fronte, no-la pedem.  
 Mas, só nos mesmos troncos, em que nasce  
 É airosa a folhage. Estas madeixas  
 Da Imperatriz a fronte adornariam,  
 Se eu lh'as ceder quisera. A ti, Eudoro,  
 Por meu diadema as guardo. Ah! que não sabes  
 Que nossos Pais, e Irmãos, que Esposos nossos  
 Vislumbres Divinais, em nós <sup>(3)</sup> contemplam!  
 Talvez, que mentirosa voz te inculque,  
 Que infiéis, levianas, caprichosas somos.  
 Mas sérias são, de consequência infausta  
 As, que coam, Paixões, no sangue Druida."  
 Nas minhas, tomo as mãos dessa infelice,  
 E, apertando-lhas meigo: "Tens, Veleda,

---

(1) Variando de ideia, e pesquisando nos olhos de Eudoro qual era o pensamento seu.

(2) No azul dos olhos.

(3) *Inesse quin etiam sanctum aliquid et providum putant.* — TACIT.



Lance agora, em que abones quanto me amas.  
Quer-te ao lado teu Pai; querem seus anos  
Conforto, e esteio em ti. Oh! não te entregues  
À acerba dor, que o senso te disturba;  
Que te há-de a morte dar; se a não despedes.”  
Desço do morro: vem trás mim Veleda.  
Por sendas de mau trilho, alto-relvosas,  
Atravessamos ambos a Campina.

VELEDA

“Com que delícia o Campo ora pisáramos,  
A te influir o Céu, por mim, ternura!  
Que Dita a minha, de ir, neste ermo, vaga,  
Braço a braço, contigo! Mas... oh mísera!  
Eu sou essa Ovelhinha, que, nos tojos  
Os velos s’escarpeou.” <sup>(1)</sup> Ali, parada,  
Olha os braços, que Amor lhe emagrecera.

VELEDA (*sorrindo, como sem vontade*)

“Os espinhos deste ermo <sup>(2)</sup> oh como pungem!  
Cada dia me rasgam, me despojam.  
À borda do regato, ou striados sulcos,  
Em que a messe está rindo, e vecejando;  
(Que eu não verei madura!) e ao pé dum tronco,  
E ao longo dum valado, admiraríamos  
O sol, ao ir banhar-se no alto pego.  
Na descampada Granja, ou roto colmo  
Da aluída Choça, a rouca trovoadada,  
E os Ventos debater-se escutaríamos.

---

(1) Compara-se à Ovelhinha, que descuidada do Pastor, se desgarrou por matos espinhosos, onde os velos lhe ficaram pelos tojos, como a lâ escarpeada fica pelos bicos das cardas.

(2) Falando alegoricamente das esquivações de Eudoro.

Crês, que em meus devaneios anelasse  
Faustoso Alcáçar, Pompas, nem Tesouros?  
Modesto é o voto (a despachá-lo os Fados!).  
Nunca avistei, num claro da espessura  
Rodante Choupaninha de Ovelheiro,  
(Bem cabal a nós dous) sem ter-lhe inveja.  
Mais ditosos, que os Citas, de quem Druidas  
Me hão contado as usanças, rodaríamos,  
Dum ermo a outro ermo, a Choupaninha  
Do Mundo isenta, e isentos nós como ela.

Nesta Selva de Teixos, e de Pinhos,  
Sentou meu Pai morada. Oh! mais não entres.  
Que ele, da Filha roubador te acusa.  
Sem grão dó, podes ver-me curtir penas;  
Mas lágrimas dum Velho o peito rasgam.  
Ir-te-ei ver ao Castelo." Eis corre, e embrenha-se.

Deste morte à Razão, incauto Encontro!  
Discrime é das Paixões. Não lhe deis couto;  
Lá vem delas um ar, que a ideia enturva.  
Quanta vez, enquanto ela os tão piedosos  
Tão tristes pensamentos exalava,  
Me não quis a seus pés lançar, vencido?  
E do seu vencimento dar-lhe o júbilo?  
Pendia eu já... E o dó de a haver, no abismo  
Lançado eu mesmo, foi quem só me teve.  
Dó, que ali me salvou; mas foi meu strago,  
Quebrando-me o vigor, que ainda a alma tinha,  
Sem broquel contra as flechas de Veleda,  
De austero me culpei; e que eu fui causa  
De seus descaminhados pensamentos.  
Do valor me anojou o Valor mesmo.  
Eu, na habitual frouxeza descaindo,  
Desconfio de mim, só fio em Claro. <sup>(1)</sup>

Ao Castelo não vem, qual prometera:  
Sustos me dá Veleda. Ausência infausta!

---

(1) Bispo de Redons.

SOLDADO

“Vejeja a Armada Franca, em Mar de Armórica.”  
Súbito parto. Os Céus toldados, bruscos  
Denotam vendaval: e os Francos terra  
Tomam, nos vendavais. Dobro disvelos.  
A l’arma, a l’arma. Com Soldados cubro  
Os postos de mor p’rigo. O Dia volvo,  
Nesse afã. Vem a Noite. E rompe co’ela  
A Tormenta. Eis vem novo Des-sossego.

Jaz, nos confins da perigosa Costa, <sup>(1)</sup>  
Parcel, onde mal cresce erva enfezada;  
Na areia estéril longa fila corre  
De Druídicos penedos, parecidos  
Co’a Campa, <sup>(2)</sup> onde eu Veleda vi outrora:  
Fustigados do Mar, Venos, Salseiros,  
Entre o Oceano, e a Terra, e os Céus, stão ermos,  
São notas de Astronómicos arcanos?  
Mistérios de Deus sumo? Ninguém sabe.  
Lá, nunca, sem terror, os Galos chegam;  
Lá acreditam, que vagos fogos luzem,  
Que fúnebre clamor Spectros regougam, <sup>(3)</sup>  
Por ermo, o sítio, e por terror que influi  
Dá ansa ao desembarque. Ali pus Guardas;  
Lá me correu a Noite; e o Escravo a nova,  
Co’a Carta que levou, <sup>(4)</sup> deu dela ausente  
Do Pai, desde a hora terça. O susto cresce. <sup>(5)</sup>  
Triste eu, alem dos Guardas vou sentar-me.  
Ouço um rumor... Vislumbro, em densa treva...

---

(1) Da Bretanha ou Armórica.

(2) Dolmin?

(3) Arremedando o grito dos Raposos.

(4) Para Veleda.

(5) Do motivo dessa ausência, do estado de desatino amante, em que Veleda laborava.

Aperto a espada, corro à que me foge...  
Alcanço-a. Oh raro espanto! Era Veleda:

VELEDA

“Que era eu soubeste?”

EUDORO

“Oh não. Traidora a Roma,  
Acaso és tu?”

VELEDA

“Não te jurei, que ofensa  
Não cabe em mim? Vem ver o em que me ocupo.”

Da mão me trava, e ao pico derradeiro  
Dos Druidas, e ao mais alto, faz que eu suba.  
Bramava, entre os escolhos o Mar hórrido,  
Nos refolhos das rochas sob-cavadas.  
Furioso o Vento arremessava espúmeos  
Rolos de Mar em flor, (orvalho frio!)  
No Céu, correndo, à desfilada, as Nuvens,  
Pela face da Lua vão fugindo,  
Quais, se a tontas do Caos, o voo arranquem.

VELEDA

“Ouve atento o que ignoras, e eu te explico.  
Por esta Costa habitam Pescadores,  
De ti não conhecidos. Quando em meio  
Gire a Noite, hão-de ouvir bater-lhe à porta,  
(Não sabem quem) que os chame, com voz baixa;  
E à praia irão, em rápida corrida.  
Baixéis (sem chusma <sup>(1)</sup>) hão-de encontrar lá, cheios  
De Almas de Mortos, apinhadas. Fundem,

---

(1) Sem marinharia.

C'ò peso, e apenas surdem à flor da água.  
No cortar esse Estreito, <sup>(1)</sup> (afã dum dia) <sup>(2)</sup>  
Menos duma hora, empenham na viagem.  
E os Pescadores que os Baixéis mareiam,  
Hão-de as Almas pojar no Chão Britano.  
Nem, na passagem, nem no tomar terra,  
Têm de avistar ninguém: têm só de ouvirem  
Uma voz, que ao sair cada Alma a conta  
Ao Guardador de Esp'ritos. Se, nos lenhos <sup>(3)</sup>  
Vai Mulher, essa voz nomeia o Esposo.  
Se o meu há-de nomear, tu cruel o sabes."

Quis-lhe às superstições dar pleno corte  
Mas (nem que ímpio fosse eu, em pertendê-lo)  
A Druida me atalhou.

VELEDA

"Cala: que presto  
Hás-de avistar um torvelim flamívomo,  
Que a passagem das almas te denote.  
Não ouves já gritar?" Eis que Veleda  
Emudece e a escutar o ouvido afia.  
Rompe a mudez, e alucinada exclama:  
"Quando o meu fim vier, dá-me a promessa,  
Que me hás-de enviar de Segenax notícia.  
À pira funeral de alguém que morra,  
Arrojarás as Cartas, que me escrevas;  
Que me hão-de vir ao *Sítio das lembranças*:  
Com delícia as lerei, correspondendo-nos,  
Dum lado tu, e no jazigo, eu de outro."

Nesse átomo arrebenta, no penhasco,  
Grosso escarcéu de Mar embravecido,  
Que lhe abala a raiz; rasga das nuvens

---

(1) *La Manche*.

(2) Para qualquer outro baixel.

(3) Nos Baixéis.

Rijo pegão de vento; sobre as ondas  
Pálida luz resvala a Lua; rompem  
Sinistros alvoroços; pelas praias  
O Lumbo, Ave tristonha dos cachopos,  
Solta o lamento, que assemelha o grito  
De quem se afoga, e por socorro clama.  
Pávido grita o Sentinela: "A l'arma."

VELEDA (*c'os braços estendidos para o Mar, e a tremer*)

"Convosco sou." E às vagas se despenha  
Pela roupa a represo. Oh bom Cirilo,  
Como ousarei contar todo o sucesso?  
De Pejo, e Confusão cores me sobem:  
Mas de meus erros inteirar-te cumpre;  
Nada encobrir ao Tribunal sagrado.  
Submisso as cãs e o cargo acatar devo,  
Caridoso, me acolhe; e Deus Clemente  
A mim náufrago dê porto seguro.

Lasso de combater contra mim mesmo,  
Cedi. Venceu-me Amor tão extremoso!  
Ela tão linda, amando o esquivo amado;  
O juízo meu anuviado, e turvo,  
Alta à Noite, a procela em mor braveza...  
Para invicto Cristão vigor me falha;  
(Disse) e às plantas me arrojo de Veleda.

Deu, do infausto himeneu sinal o Inferno:  
Mil Esp'ritos revéis, no Orco ulularam.  
Desviaram rostos as Esposas puras  
Dos Patriarcas; embuçado na asa  
Remonta-se ao Empíreo o meu Custódio,

Consentiu <sup>(1)</sup> em viver: melhor dissera,  
Não sentiu forças com que dar-se à morte,  
De Segenax a Filha. Muda, e stúpida,  
Como em suplício horrendo, ou sumo gozo,

---

(1) Veleda.

Lhe pelejavam na alma, Amor, Remorsos,  
Medo, e Vergonha, e mais que tudo, Espantos.  
Era eu aquele Eudoro, que insensível?...  
(Dizia, em si Veleda, duvidando,  
Se algum Fantasma a deslumbrou nocturno.)  
E ora as mãos me tenteia, ora os cabelos.  
Em mim tomava a Dita vivos rasgos  
Da Desesperação. Oh! quem nos vira,  
Nesse rato embebidos, nos tivera  
Por dous Réus, a quem toam, nos ouvidos  
Da sentença de morte os Ecos duros.

Reprovação Divina, nesse ensejo,  
Stampou seu cunho em mim. Julguei perdidas  
As posses de salvar-me. Da Clemência  
Do Omnipotente Deus concebi dúvidas.  
Qual fumo espesso enoiteceram-me a alma,  
Cativa a Anjos cruéis, as trevas do Orco.  
Ignoradas téli, noções me surgem,  
Blasfémias, que só, lá, se ouvem nos Cárceres  
De eternals prantos, de eternals gemidos.  
Veleda, ora sorrindo, ora penando,  
Muda jaz mui feliz, ou mui misérrima.

Já estende o Céu albores matutinos.  
Não dando de si cópia alguma os Francos,  
Volto ao Castelo, e a desditosa Vítima. <sup>(1)</sup>  
Dous sóis, <sup>(2)</sup> fechando e abrindo o dia, olharam  
Nosso Pejo e Remorso. À terça Aurora  
Subiu no Carro, a ver seu Pai, Veleda.

Inda, apenas um souto m'a ocultava,  
Que já flamas em fumo enoveladas,  
Por cima do Arvoredo, aos Céus subiam;  
Enquando o noto, um Centurião me adverte,  
Que se ouve o grito, com que os Galos passam  
De Aldeia a Aldeia as novas. Persuadi-me

---

(1) Veleda.

(2) Dous dias, ou 48 horas.

Que hão invadido alguma praia os Francos;  
Presto a encontrá-los vou, com hoste intrépida.

Avisto os aldeões, que a unir-se, correm,  
C'o grosso bando, que me vem fronteiro;  
Contra esse, me adianto, bando rústico.  
Apenas posto a tiro, e, nua a fronte:

EUDORO

“Que vos moveu a tal tumulto, oh Galos?  
Tomaram terra os Francos nas Armóricas?  
Vindes em meu auxílio? Ou contra César?...”  
Sai da fila um Ancião; vergam-lhe os ombros  
C'o peso da armadura; um ferro imbele <sup>(1)</sup>  
Na dextra empunha: e eu cri, que vi as armas  
Que vi pender, na selva. Oh pasmo, e angústia.  
Por elas conheci... E quem?

SEGENAX

“Oh Galos

Estas armas da minha juventude  
Sagradas a Irminsul, por elas juro,  
Que este <sup>(2)</sup> é quem minhas cãs há desonrado:  
Este me alucinou a Filha. Eubage,  
Que a seguiu, perpetrar viu o delito:  
Vingai Filhas, e Esposas, vingai Numes,  
E o ultraje de Veleda.” Com mão débil  
Me atira o dardo, que ante os pés me cai.  
Oxalá me varara o dardo o peito!

Gritam, lançam-se a mim, com fúria, os Galos;  
Acodem-me animosos os Romanos.  
Em vão traço atalhar os Combatentes:  
Que, o que antes era arrojo tumultuário,  
Disparou em batalha mui ferida,

---

(1) *Telum imbelli sine ictu.* — VIRGIL.

(2) Mostrando Eudoro.



Cujo clamor confuso se ia às nuvens. <sup>(1)</sup>  
 Arrancados da brenha, os Galos Divos  
 Creras: e lá do colmo das malhadas,  
 Star provocando os seus ao morticínio.  
 Tanta audácia lavrava, nesses rústicos!

De armas, golpes, e vida des-sentido,  
 Em salvar Segenax só levo o intento:  
 Com custo o arranco da Romana fúria.  
 Dou-lhe asilo, no côncavo dum Robre.  
 Eis vem perdida flecha, no ar, silvando,  
 Que, ao Velho, em seu asilo o peito rompe.  
 Junto ao tronco, por seus Avós plantado,  
 Segenax cai. Tal, junto do Loureiro,  
 Que dos Tróicos Numes a Ara ensombra,  
 À lançada, caíu, de Pirro, Príamo.

Vem, dos Confins do plaino, o Pai buscando,  
 Solto o trançado, e nos Corcéis pendendo,  
 Dando-lhe asas, co'açoute, em Carro, a Druida.  
 Ouviu rumor, que em desagravo da honra  
 Da Virgem de Saina, Aldeões armara;  
 Toda a amplidão do error se lhe afigura.  
 "Traída sou." <sup>(2)</sup> Do Pai rastreia os passos,  
 Rompe as filas fatais dos Combatentes;  
 Arremessa-se ao centro do Conflito.  
 Vê o Pai, em mortais vascas, arquejando;  
 Retém o Carro; abafa em tais pesares.

VELEDA

"Galos, dai tregua ao ferro. Eu vossas penas  
 Causei culpada. Ao Pai dei (ímpia!) a morte.  
 Por mim, que errei, não barateis as vidas.  
 Não é réu o Romano: nem ultraje  
 Se cometeu, na Virgem de Sayna.

---

(1) *It clamor caelo.* — VIRGIL.

(2) Pelo Eubage, que a espreitou.

Eu fui quem me entreguei, e voluntária,  
Os votos infringi. À Pátria, oh venham,  
Co'a minha morte a Paz, venham Venturas."

Da frente a c'roa arranca de Verbena,  
Despe do cinto a afiada fouce de ouro,  
E, na acção de quem sacrifica aos Numes:

VELEDA

"Adornos de vestal, não mais vos mancho."  
Co' Sacro gume, o níveo colo investe,  
E o sangue, em espadana, sai de rojo.  
Veleda verga, e cai. Assim nos sulcos,  
Que há segado, a Ceifeira o colo inclina,  
E, pesada de afã, se entrega ao sono.

Solta, da frouxa mão, a fouce crua,  
No ombro debruça brandamente a face.  
Quer inda proferir o amado nome,  
E, só, nos lábios, volve um som confuso.  
Vaga-lhe Eudoro, nos delíquios da alma,  
Té que olhos lhe cerrou sono invencível.

FIM DO LIVRO X.º

---

---

NOTAS DO LIVRO X.º

Pág. 296, verso 9. Altivez.

Índole orgulhosa atribuída aos Galos pelos livros dos antigos. Diz Diodoro que eles amavam encarecimentos, tumidez, e escuridade na linguagem; e que em seus discursos dominava a hipérbole.

Pág. 297, verso 4. Fadas.

Atribuíaam-se às Virgens de Saina, quanto poder se atribui às Fadas (POMP. MEL.).

*Ibid.*, verso 13. Gemendo a Fonte.

Diz César, que do murmúrio da água, do rumor que nas folhas faz o vento, tiravam presságio os Galos.

Pág. 298, verso 34. Irminsul.

Diz Adam de Breme que adoravam um tronco muitíssimo alto, dito Irminsul e esse Ídolo dos Saxónios é o que Carlos Magno mandou derrubar.

Pág. 299, verso 2. Tal simulacro.

*Lucus erat, longo nunquam taiolatlts ab ævo,  
Obscurum cingens connexis aera ramis,  
Et gelidas alte submotis solibus umbras.  
Hunc non ruricolæ Panes, nemorumque potentes  
Silvani, Ninphæque tenent, sed barbara ritu  
Sacra Deum; structæ sacris feralibus aræ;  
Omnis et humanis lustrata cruoribus arbor.  
Si qua fidem meruit Superos mirata vetustas,  
Illis et volucres metuunt insistere ramis,  
Et lustris recubare feræ: nec ventus in illas  
Incubuit silvas, excussaue nubibus atris  
Fulgura: non ullis frondem præbentibus auris  
Arboribus suus horror inest. Tum plurima nigris  
Fontibus unda cadit, simulacra mæsta Deorum  
Arte carent, cæsisque exstant informia truncis.*

*Ipsē situs, putrique facit jam robore pallor  
Adtonitos: non vulgatis sacrata figuris  
Numina sic metuunt: tantum terroribus addit  
Quos timeant non nosse Deos.* (LUCAN. Ph. Iib. III. v. 399 et seq.)

*Ut procul Herciniæ vasta silentia silvæ  
Venari tuto liceat, lucosque vetusta  
Religione truces, et robora, numinis instar  
Barbarici, nostræ feriant impune bipennes.* (CLAUDIAN. De laud. Stilicon.)

Quanto às armas pendentes dos ramos da floresta, quando Armínio excitava os Germanos à guerra, disse-lhes, que pendurado tinham pelo bosque as armas dos Romanos, *cerni adhuc Germanorum in lucis signa romana, quæ diis patriis suspenderit* (TACIT. Ann. lib. 1.). Esse uso dá Jornandes aos Godos.

Pág. 300, verso 18. Fada ela foi.

Simples Oficial, Diocleciano encontrou nas Gálias uma Fada, que lhe prognosticou o Império, se Apro matasse (*Aper* em latim, diz Javali). Enganou-se no significado, e deu-se a matar Javalis, e ficou o que era. Deu Apro, Prefeito do Pretório, peçonha ao Imperador Numeriano; Diocleciano mata Apro e sucede a Numeriano. A estocada que deu em Apro lhe valeu o Império.

*Ibid.*, verso 20. Dispusemos.

A Cláudio, e Vitélio, etc., nas Gálias os proclamaram Imperadores.

Pág. 301, verso 3. Eponina.

Vespasiano derrotou Sabino, que se intitulava César. O derrotado ocultou-se num jazigo: e lá, com ele viveu nove anos Eponina sua mulher.

Pág. 303, verso 9. Dido.

..... *Qualem primo qui surgere mense,  
Aut videt aut vidisse putat per nubila lunam.* (VIRG.)

Pág. 304, verso 21. Estas madeixas.

Contra a moda de usar de cabelo alheio falou Marcial no livro 8 e 14, Tertuliano e São Jerónimo. E diz Juvenal que foram as Meretrizes quem a introduziu em Roma.

*Ibid.*, verso 26. Vislumbres divinais.

*Inesse quin etiam sanctum aliquid et providum putant.* (TACIT.)

Pág. 309, verso 6. Passagem das Almas.

*Vid.* PROCÓPIO, liv. VI, PLUTARCH. *De Oracul. defect.*

*Ibid.*, verso 23. À pira funeral.

Quando os Galos queimam os seus mortos, deitam cartas na fogueira a seus parentes e amigos defuntos (DIODOR. SICUL.).

Pág. 310, verso 24. O Inferno.

. . . . . *Prima et Tellus et pronuba Juno  
Dant signum: fuisere ignes, et conscius æter  
Connubiis, summoque ululârunt vertice Nymphæ.* (*Æneid.*)

Pág. 311, verso 33. O grito.

*Ubi major atque illustrior incidit res, clamore per agros regionesque significant:  
hunc alli deinceps excipiunt et proximis tradunt* (CÆS. *in Comment. lib. VII*).

Pág. 313, verso 3. Do colmo.

*Ardua tecta petit stabuli, et de culmine summo  
Pastorale canit signum, cornuque recurvo  
Tartaream intendit vocem, etc.* (*Æn. VII*)









# ÍNDICE

|                                                                                                            |       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| NOTA INTRODUTÓRIA .....                                                                                    | VII   |
| CRITÉRIOS DA EDIÇÃO DO TEXTO .....                                                                         | XVIII |
| BIBLIOGRAFIA .....                                                                                         | XXI   |
| AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR ANTÓNIO DE ARAÚJO<br>DE AZEVEDO, CONDE DA BARCA .....              | 3     |
| ODE .....                                                                                                  | 5     |
| LETTRE DE M. DE CHATEAUBRIAND, AUTEUR DES MARTYRS, A<br>M. FRANCISCO MANOEL TRADUCTEUR DU MEME OUVRAGE ... | 7     |
| EPÍSTOLA A FILINTO ELÍSIO, POR ALMIRO LACOBRICENSE .....                                                   | 9     |
| (VALHA COMO PREFÁCIO) DIFICULDADES DE UMA TRADUÇÃO ELE-<br>GANTE E GENUÍNA .....                           | 13    |
| ARGUMENTOS .....                                                                                           | 17    |
| <b>LIVRO I.º</b> .....                                                                                     | 25    |
| ARGUMENTO .....                                                                                            | 25    |
| NOTAS DO LIVRO I.º .....                                                                                   | 51    |
| <b>LIVRO II.º</b> .....                                                                                    | 59    |
| ARGUMENTO .....                                                                                            | 59    |
| NOTAS DO LIVRO II.º .....                                                                                  | 84    |
| <b>LIVRO III.º</b> .....                                                                                   | 89    |
| ARGUMENTO .....                                                                                            | 89    |
| NOTAS DO LIVRO III.º .....                                                                                 | 108   |

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| <b>LIVRO IV.º</b> .....     | 111 |
| ARGUMENTO .....             | 111 |
| NOTAS DO LIVRO IV.º .....   | 142 |
| <b>LIVRO V.º</b> .....      | 147 |
| ARGUMENTO .....             | 147 |
| NOTAS DO LIVRO V.º .....    | 176 |
| <b>LIVRO VI.º</b> .....     | 179 |
| ARGUMENTO .....             | 179 |
| NOTAS DO LIVRO VI.º .....   | 209 |
| <b>LIVRO VII.º</b> .....    | 217 |
| ARGUMENTO .....             | 217 |
| NOTAS DO LIVRO VII.º .....  | 242 |
| <b>LIVRO VIII.º</b> .....   | 247 |
| ARGUMENTO .....             | 247 |
| NOTAS DO LIVRO VIII.º ..... | 266 |
| <b>LIVRO IX.º</b> .....     | 267 |
| ARGUMENTO .....             | 267 |
| NOTAS DO LIVRO IX.º .....   | 287 |
| <b>LIVRO X.º</b> .....      | 295 |
| ARGUMENTO .....             | 295 |
| NOTAS DO LIVRO X.º .....    | 315 |